

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia**



Dissertação

**Frascos de vidro: Uma abordagem sobre a produção e comércio de  
Medicamentos e de seus contentores em Pelotas.  
(Intervalo temporal 1800 – 1950)**

**Jorge Luiz de Oliveira Viana**

Pelotas, 2024

**Jorge Luiz de Oliveira Viana**

**Frascos de vidro: Uma abordagem sobre a produção e comércio de  
Medicamentos e de seus contentores em Pelotas.**

**(Intervalo temporal 1800 – 1950)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (Linha de Formação Arqueologia) do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia (Linha de Formação Arqueologia).

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Peretti Wagner

Pelotas, 2024

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação da Publicação

V614f Viana, Jorge Luiz de Oliveira

Frascos de vidro [recurso eletrônico] : uma abordagem sobre a produção e comércio de medicamentos e de seus contentores em Pelotas. (1800 -1950) / Jorge Luiz de Oliveira Viana ; Gustavo Peretti Wagner, orientador. — Pelotas, 2024.  
242 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Vidros. 2. Medicamentos. 3. Práticas curativas. 4. Pelotas. I. Wagner, Gustavo Peretti, orient. II. Título.

CDD 666.1

**A conclusão deste trabalho é totalmente dedicada a minha esposa Andréa Molina Barbosa Viana. Grato pela sua compreensão com as minhas horas de ausência.**

## **Agradecimentos**

Ao Prof. Dr. Gustavo Peretti Wagner por sua orientação e em especial por sua “convocatória” para esta empreitada.

Ao Bruno de Souza Correa, hoje colega do Programa de Pós-graduação em Antropologia, pelo auxílio na triagem dos materiais.

A Ma. Angela Beatriz Pomatti por sua profícua colaboração.

Ao Gilberto Luís da Silva Carvalho, colega servidor, por sua atenciosa colaboração com os registros fotográficos.

Talvez  
Quem sabe um dia  
Por uma alameda do zoológico ela também chegará  
Ela que também amava os animais  
Entrará sorridente assim como está  
Na foto sobre a mesa  
Ela é tão bonita

Ela é tão bonita que na certa eles a ressuscitarão  
O século trinta vencerá  
O coração destroçado já  
Pelas mesquinhas  
Agora vamos alcançar  
Tudo o que não pudemos amar na vida  
Com o estelar das noites inumeráveis

Ressuscita-me  
Ainda que mais não seja  
Por que sou poeta  
E ansiava o futuro

Ressuscita-me  
Lutando contra as misérias  
Do cotidiano  
Ressuscita-me por isso

Ressuscita-me  
Quero acabar de viver  
O que me cabe, minha vida  
Para que não mais existam  
Amores servis

Ressuscita-me  
Para que ninguém mais tenha  
Que sacrificar-se  
Por uma casa, um buraco

Ressuscita-me  
Para que a partir de hoje  
A partir de hoje  
A família se transforme

E o pai  
Seja pelo menos o universo  
E a mãe  
Seja no mínimo a Terra  
A Terra, a Terra.

(MAIAKÓVSKI, Vladimir, 1923. Trad. Santos, N. C.; Veloso, C., 1981).

## Resumo

VIANA, Jorge Oliveira. **“Frascos de vidro: Uma abordagem sobre a produção e comércio de Medicamentos e de seus contentores em Pelotas. (Intervalo temporal 1800 – 1950)”**. Qualificação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Antropologia, área de concentração em Arqueologia), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, 2024.

Este trabalho se propõe a discutir aspectos de produção e consumo de medicamentos na cidade de Pelotas (Rio Grande do Sul) no século XIX e metade do XX, tendo como amostragem a cultura material vítrea resgatada nos sítios PSGPe 1 – Casa 8, PSGPe 2 – Casa 2 e PSGPe 3 – Praça Cel. Pedro Osório. Os três sítios estão relacionados às primeiras ocupações no segundo loteamento da cidade no século XIX, hoje reconhecido como Centro Histórico de Pelotas. Além da seleção, análise e identificação dos frascos de medicamentos, na perspectiva de um trabalho expositivo e argumentativo, foram analisadas as principais práticas de cura sucedidas no Brasil do século XIX e metade do XX, seus preceitos, contexto político de inserção e popularização do consumo. O segundo loteamento caracterizou-se como o novo e futuro centro urbano, resultado do desenvolvimento econômico que começou a ocorrer com o crescimento das charqueadas. As categorias de uso doméstico como a cerâmica louça histórica e a grés resgatados nas duas residências ratificam o padrão de consumo da elite econômica e social da época, enquanto na Praça, de uso público, localizada numa área baixa, úmida e local de descartes, os depósitos escavados indicaram maior simplicidade destes produtos. No entanto, os artefatos vítreos relacionados aos frascos de medicamentos nos três sítios arqueológicos não indicaram diferenças que possamos atribuir às discrepâncias econômicas e sociais. Tanto pelos contextos das ocupações referidas, como também dos dados analisados na literatura, a produção e disseminação dos medicamentos tiveram grande significado econômico e social. A Teoria do Humores, alopatia, homeopatia e a medicina acadêmica, divulgaram a arte de curar, não apenas nas propagandas, mas também por um número considerável de publicações como manuais e guias médicos familiares. Após examinarmos todo o acervo vítreo dos três sítios, selecionamos dez frascos de medicamentos (fragmentos ou inteiros) com alguma identificação do conteúdo e/ou fabricante em alto relevo. Do catálogo 14 (PSGPe 1 – Casa 8) uma peça; do catálogo 18 (PSGPe 2 – Casa 2) uma peça; dos catálogos 27, 32 e 36 (PSGPe 3 – Praça Cel. Pedro Osório) oito peças. Com esta reduzida amostragem de frascos de medicamentos no segundo loteamento, século XIX e primeiros cinquenta anos do XX, insuficiente para comparativos de hábitos de consumos entre as residências da elite e os despojos públicos na praça, evidenciamos procedências estrangeiras de cinco produtos (um da França e quatro dos Estados Unidos), e nacionais sendo um de Porto Alegre e cinco de Pelotas. Os medicamentos formulados e produzidos em Pelotas foram predominantes nas coletas do sítio PSGPe 3.

Palavras-chave: vidros; medicamentos; práticas curativas; Pelotas (RS).

## Abstract

VIANA, Jorge Oliveira. **“Glass bottles: An approach to the production and trade of Medicines and their containers in Pelotas. (Time range 1800 – 1950)”**. Master’s Dissertation (Postgraduate Program in Anthropology, concentration área in Archaeology), Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas (UFPel), Pelotas, 2024.

This work aims to discuss aspects of production and consumption of medicines in the city of Pelotas (Rio Grande do Sul) in the 19th century and half of the 20th, taking as a sample the glassy material culture rescued at the sites PSGPe 1 – Casa 8, PSGPe 2 – House 2 and PSGPe 3 – Praça Cel. Pedro Osório. The three sites are related to the first occupations in the city's second subdivision in the 19th century, today recognized as the Historic Center of Pelotas. In addition to the selection, analysis and identification of medicine bottles, from the perspective of an expository and argumentative work, the main healing practices carried out in Brazil in the 19th and mid-20th centuries, their precepts, political context of insertion and popularization of consumption were analyzed. The second subdivision was characterized as the new and future urban center, a result of the economic development that began to occur with the growth of charqueadas. Domestic use categories such as historical ceramics and stoneware rescued in the two residences confirm the consumption pattern of the economic and social elite of the time, while in the Praça, for public use, located in a low, humid area and a place for disposal, the Excavated deposits indicated greater simplicity of these products. However, glass artifacts related to medicine bottles at the three archaeological sites did not indicate differences that we can attribute to economic and social discrepancies. Both due to the contexts of the aforementioned occupations, as well as the data analyzed in the literature, the production and dissemination of medicines had great economic and social significance. The Theory of Humors, allopathy, homeopathy and academic medicine disseminated the art of healing, not only in advertisements, but also through a considerable number of publications such as manuals and family medical guides. After examining the entire vitreous collection from the three sites, we selected ten medicine bottles (fragments or whole) with some identification of the contents and/or manufacturer in high relief. From catalog 14 (PSGPe 1 – House 8) one piece; from catalog 18 (PSGPe 2 – House 2) one piece; from catalogs 27, 32 and 36 (PSGPe 3 – Praça Cel. Pedro Osório) eight pieces. With this reduced sampling of medicine bottles in the second batch, from the 19th century and the first fifty years of the 20th, insufficient for comparisons of consumption habits between elite residences and public remains in the square, we evidenced foreign origins of five products (one from France and four from the United States), and nationals, one from Porto Alegre and five from Pelotas. Medicines formulated and produced in Pelotas were predominant in collections from the PSGPe 3 site.

Keywords: glasses; medicines; healing practices; Pelotas (RS).

## Lista de Figuras

Figura 1	Representação dos quatro elementos associados com os quatro humores e as quatro qualidades.....	31
Figura 2	Carta de licença da Fisicatura-Mor para venda de bebidas a José Antônio da Cruz, 1824 .....	38
Figura 3	A' - botica para formulação de medicamento; 'B' – Botica para a comercialização do Laboratório Souza Soares .....	47
Figura 4	Propaganda do Peitoral de Cambará .....	49
Figura 5	Localização das Sesmarias de Pelotas e do Monte Bonito .....	61
Figura 6	Mapa Logradouro Público e charqueadas no Arroio Pelotas .....	63
Figura 7	Localização das estâncias Santa Bárbara, São Tomé, Santana e Pavão .....	64
Figura 8	Localização da charqueada e estância do Fragata .....	65
Figura 9	Divisão municipal no Rio Grande do Sul em 1857, com ênfase ao território administrativo de Pelotas .....	68
Figura 10	Mapa da Colônia de São Lourenço com a localização do Boqueirão.	70
Figura 11	Mapa da Freguesia de São Francisco de Paula – 1º loteamento – 1815 .....	72
Figura 12	Planta do segundo loteamento de Pelotas de 1838 .....	74
Figura 13	Estrada de cima; estrada de baixo, estrada das tropas e Passo dos Negros .....	78
Figura 14	Localização e imagem da ponte do Dois Arcos .....	79
Figura 15	Área central do segundo loteamento - campo (Praça da Regeneração) .....	84
Figura 16	Planta de Tombamentos Pelotas – RS .....	88
Figura 17	Fotografia do sítio PSGPe 1 - Casa 8 após a sua restauração .....	90
Figura 18	Planta baixa com indicação dos porões (numerados) e todas as áreas de intervenções subsuperficiais relacionadas às obras de drenagem pluvial e cloacal identificadas pela cor terracota .....	91

Figura 19	Croqui da delimitação das quadras de acompanhamento e de escavação no pátio do Sítio PSGPe 1 .....	92
Figura 20	Início das intervenções arqueológicas nas quadras A1, A2, A3, B1, B2 e B3 .....	95
Figura 21	Casa 2, década de 1990 .....	96
Figura 22	No primeiro plano da imagem a quadrícula 9.12, no lado direito a demarcação da 3,12 e ao fundo (superior direito) a quadrícula 3.15..	96
Figura 23	Fotografia da Casa 2 após o incêndio na década de 1970, com data de arquivo fotográfico de 1977 .....	98
Figura 24	Imagem da malha, unidades de escavação e perímetro do sítio PSGPe 2 – Casa 2 .....	99
Figura 25	Imagem da localização da estrutura na área escavada .....	100
Figura 26	Fotografia da estrutura escavada no pátio do sítio PSGPe 2 Casa 2.	100
Figura 27	Imagem da Praça Coronel Pedro Osório e seu entorno imediato.....	102
Figura 28	Croqui da dispersão das unidades de escavação na campanha de 2004.....	103
Figura 29	Fotografia de poço teste sendo escavado por estagiários.....	104
Figura 30	Perfil norte do poço-teste 79.101.....	105
Figura 31	Perfil norte da trincheira oeste corroborando os registros de muitos materiais nos níveis 10, 11 e 12 .....	108
Figura 32	Fotografia da exposição na Praça Cel. Pedro Osório .....	109
Figura 33	Croqui da dispersão das unidades de escavação nas campanhas de 2004, 2005 e 2006 no sítio PSGPe 3 .....	112
Figura 34	Prédio da Drogaria e Pharmacia Sequeira na rua Andrade Neves, 571, entre Lobo da Costa e Mal. Floriano, publicada em 1912 .....	115
Figura 35	Fachadas dos prédios da Drogaria e Pharmacia Sequeira. A direita da imagem a ampliação em nova construção, Fotografia indicada com data de 1916.....	116
Figura 36	Prédio onde funcionou Laboratorio Homeopathico Rio-Grandense, localizado na esquina da rua Andrade Neves com General Neto.....	118

Figura 37	Instalações do laboratório e fábrica da Sociedade Medicinal Souza Soares, na rua Caetano Gotuzzo, s/n <sup>o</sup> , inseridas na área do Parque Pelotense .....	119
Figura 38	Jardim do Parque Souza Soares .....	120
Figura 39	Fotografia da Drogaria H. C. Bojunga localizada na rua Gal. Neto, n <sup>o</sup> 60, com data manuscrita de 12 de novembro de 1904 e encaminhamento no idioma alemão .....	124
Figura 40	Prédio da Pharmacia Cortelari na rua XV de Novembro esquina rua Dom Pedro II .....	125
Figura 41	Primeira localização da Farmácia Kautz – sobrado no centro da quadra .....	126
Figura 42	Edifício da Farmácia Khautz na rua Andrade Neves n <sup>o</sup> 1600 <sup>a</sup> .....	127
Figura 43	Folheto de propaganda da “Companhia da Fabrica de Vidros e Crystaes do Brazil” no século XIX .....	132
Figura 44	A da “Companhia da Fabrica de Vidros e Crystaes do Brazil” em 1910 "Almanak Laemmert" .....	133
Figura 45	Sobrado de Manoel Alves da Conceição – data da fotografia estimada como década de 1920 .....	139
Figura 46	Desenho projetado do frasco de medicamento da “Pharmacia A Cornetet” de Pelotas, a partir dos fragmentos 27.492 e 27.1004 colados em escala 1:2; e do fundo em 1:1 .....	149
Figura 47	Desenho de detalhes dos frascos .....	150
Figura 48	Placa de inscrição (gravação elevada dentro de uma placa) e seus pontos de ventilação .....	153
Figura 49	Desenho das inscrições nas três faces do frasco de “Óleo de Fígado de Bacalhau Hogg” .....	154
Figura 50	Desenho das inscrições com letras similares à helvética e contorno no frasco 36.009, conforme placa de gravação elevada (relevo) .....	155
Figura 51	Fragmento 316 do catálogo 14, “Vermifuge” .....	158
Figura 52	Imagem de um frasco completo de produção século XIX .....	158

Figura 53	Apresentação da medicação à venda por Hardaway & Cassel de Vicksburg/Mississippi, em 1827 .....	159
Figura 54	Propaganda veiculada nos Estados Unidos. A esquerda publicada em 1870; a direita em 1858 .....	159
Figura 55	Recorte de propaganda que circulou no Brasil em 1860, anunciava a eficácia no tratamento e advertia sobre as imitações .....	160
Figura 56	Propaganda em revista do Vermifugo de Fahnestock, 1917 .....	160
Figura 57	Desenhos do frasco, da inscrição em alto relevo no entorno da parede e da base .....	161
Figura 58	Peças 1517 do catálogo 18 .....	163
Figura 59	Embalagens do Epigol .....	164
Figura 60	Recortes das capas do Almanaque IZA do Laboratório Kraemer de 1934, 1940 e 1943 .....	164
Figura 61	Almanaque Iza 1941 - O Guia Da Saúde - Laboratório Kraemer .....	165
Figura 62	Anúncio do Epigol em Caxias do Sul .....	165
Figura 63	Desenho do frasco, da inscrição em alto relevo na face da frente e da base .....	166
Figura 64	Reconstituição com os fragmentos 489 e 788 do catálogo 27 .....	168
Figura 65	Recorte do “Relatorios dos Presidentes das Provincias Brasileiras: Imperio (RS). Ano 1867\Edição 00002 (1)” .....	168
Figura 66	Informe sobre a morte da filha do farmacêutico Cornetet .....	169
Figura 67	A. Cornetet em Porto Alegre indica como “Agentes Geraes para o Brasil” .....	169
Figura 68	Desenhos do frasco constituído das peças 27.56.788 e 27.42.489, da inscrição na face de frente e da base .....	170
Figura 69	Reconstituição com os fragmentos 492 e 1004 do catálogo 27 .....	172
Figura 70	Desenhos da projeção do frasco parcialmente reconstituído com as peças 27.42.492 e 27.57.1004, das inscrições em relevo e da base..	172
Figura 71	Frasco 370 do catálogo 32 .....	174
Figura 72	Desenho do frasco 370 .....	174

Figura 73	Peça 028 do catálogo 36 .....	177
Figura 74	Peitoral de Cambará comercializado em Portugal. Expressa no rótulo a 'firma' circundando a rolha para proteção das 'falsificações e imitações' .....	177
Figura 75	Recorte de jornal da propaganda característica de Souza Soares do produto .....	178
Figura 76	Recorte do Jornal com anúncio da 'Pharmacia de Eduardo Sequeira' de Pelotas, propagandeando do Peitoral de Cambará .....	179
Figura 77	Propaganda do Peitoral de Cambará veiculada no jornal em 1908 ..	179
Figura 78	Desenho do frasco, da inscrição em alto relevo na face da frente e da base .....	180
Figura 79	Peça 009 do catálogo 36, Xarope de Henry Mure .....	183
Figura 80	Propaganda do xarope com ênfase ao brometo de cálcio .....	183
Figura 81	Anúncio em revista de 1900 do Xarope de Henry Mure .....	184
Figura 82	Propaganda na língua espanhola .....	184
Figura 83	Desenhos do frasco 009, das inscrições em relevo na face de frente e da base .....	185
Figura 84	Peça 019 do catálogo 36, Xarope de "A Cornetet" .....	187
Figura 85	Desenhos do frasco, da inscrição em alto relevo na face da frente e da base .....	187
Figura 86	Peça 011 do catálogo 36, "Tônico Oriental" .....	190
Figura 87	Anúncio da empresa Murray & Lanman's apresentando 'Água da Flórida Murray & Lanman' e Tônico Capilar Oriental em 1883, com forte apelo cândido .....	190
Figura 88	Divulgação do Tônico Oriental no EUA início do século XX .....	191
Figura 89	Anúncio no 'O Lusitano: orgam da colonia portuguesa no Rio Grande do Sul (RS)'– 1912 (Porto Alegre) .....	191
Figura 90	Folheto publicitário em espanhol do 'Tônico Oriental', indicando fabricação em "San Martin de Provencals, Barcelona .....	192

Figura 91	Anúncio publicitário do tônico para cabelos da “Lanman & Kemp & CO.” produzido no Uruguai em 1870 .....	192
Figura 92	Almanaque de Bristol, Editora Lanmann & Kemp .....	193
Figura 93	Desenhos do frasco 011, das inscrições nas fachadas (esquerda, central e direita respectivamente) e da base .....	194
Figura 94	Peça 012 do catálogo 36, “Óleo de Fígado de Bacalhau Hogg” .....	197
Figura 95	Registro do rótulo Huile Hogg no Coll. Compiègne INPI .....	197
Figura 96	Divulgação do Certificado de Chefe de Trabalhos Químicos da Faculdade de Medicina de Paris .....	198
Figura 97	Propaganda do produto indicando as características angulares do frasco .....	198
Figura 98	Propaganda do produto em Pelotas .....	199
Figura 99	Desenhos do frasco, das inscrições em alto relevo nas três faces e da base .....	199

## Lista de Quadros

Quadro 1	Vidros coletados no cômputo geral de materiais arqueológicos no acompanhamento .....	93
Quadro 2	Vidros coletados no cômputo geral de materiais arqueológicos no monitoramento, sítio PSGPe 3 – campanha de 2005 .....	111
Quadro 3	Localização e atributos da peça 316 .....	161
Quadro 4	Localização e atributos da peça 1517 .....	166
Quadro 5	Localização e atributos do frasco parcialmente reconstituído – Peças 489 e 788 .....	170
Quadro 6	Localização e atributos do frasco parcialmente reconstituído – Peças 492 e 1004 .....	173
Quadro 7	Localização e atributos do frasco parcialmente reconstituído – Peças 370.....	175
Quadro 8	Localização e atributos da peça 028 .....	180
Quadro 9	Localização e atributos da peça 009 .....	186
Quadro 10	Localização e atributos da peça 019 .....	188
Quadro 11	Localização e atributos da peça 011 .....	194
Quadro 12	Localização e atributos da peça 012 .....	199

## Lista de Gráficos

Gráfico 1	Dispersão vertical dos vidros nas quadriculas 3.15, 8.12 e 4.11	97
Gráfico 2	Quantificação dos vidros por níveis (0,10m) considerando as 12 unidades de escavação .....	105

## Lista de Sigla e Abreviaturas

A.C.	Antes de Cristo
AHRGS	Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul
ANL	Aliança Nacional Libertadora
ANVISA	Agência de Vigilância Sanitária
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BNDigital	Biblioteca Nacional Digital
BPP	Biblioteca Pública Pelotense
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CM	Centímetro
CNC	Conselho Nacional do Café
D.C	Depois de Cristo
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
EUA	Estados Unidos da América
HU/CCS-UFSC	Hospital Universitário do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Catarina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICH	Instituto de Ciências Humanas
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LEPAArq	Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia
M	Metro
MAPA	Memória da Administração Pública Brasileira
N/C	Não consta
NE	Nordeste
NO	Noroeste
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PSGPe	Patos, São Gonçalo e Pepino
PSD	Partido Social Democrata
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
Q	Quadrícula
RS	Rio Grande do Sul

SE	Sudeste
SECULT	Secretaria Municipal de Cultura – Pelotas
SO	Sudoeste
UDN	União Democrática Nacional
UFPel	Universidade Federal de Pelotas

## Lista de Símbolos

- < Menor
- ≤ Menor ou igual
- > Maior
- ≥ Maior ou igual
- ∅ Diâmetro
- œ Ligadura do alfabeto latino usada na língua francesa, no inglês, no latim medieval e moderno, e na língua nórdica antiga, ligadura de o + e
- æ Letra do alfabeto cirílico, utilizada hoje em dia no osseto para representar a vogal frontal semiaberta não-arredondada, expressa como /æ/ no alfabeto fonético internacional
- © Copyright (direito autoral)

## SUMÁRIO

Introdução .....	18
1 Inicialmente a <i>arte de curar</i> e mais tarde a <i>medicina</i> .....	26
1.1 As práticas curativas na Europa.....	28
1.1.1 Surgimento e influência da Teoria dos Humores.....	28
1.1.2 A Homeopatia e “ <i>Contraria contrariis curantur</i> ” .....	32
1.2 A arte de curar, sua multiplicidade no Brasil .....	35
1.2.1 Institucionalização da medicina no século XIX.....	37
1.2.2 Chernoviz e manuais da medicina popular.....	41
1.2.3 Dr. Benoît Mure revigorando a Homeopatia .....	43
1.2.4 As caixas de boticas – herança colonial.....	46
1.2.5 Controvérsias no século XIX .....	47
1.3 Mercadores, curandeiros e medicina no Rio Grande do Sul .....	50
1.3.1 Daudt Filho e Felipe Daudt d’Oliveira – indústria e propaganda .....	52
1.3.2 Produção homeopata de Souza Soares de Pelotas .....	53
2 Ocupação e urbanização.....	58
2.1 O engendramento da ocupação histórica no Rio Grande do Sul .....	58
2.2 O início da ocupação histórica na região de Pelotas.....	60
2.2.1 Sesmaria de Pelotas .....	61
2.2.2 Sesmaria de Monte Bonito .....	62
2.2.3 No sudoeste das Sesmaria de Monte Bonito .....	63
2.2.4 No norte e nordeste da Sesmaria de Monte Bonito.....	68
2.3 O desenvolvimento econômico e a Freguesia de São Francisco de Paula.....	70
2.3.1 Segundo loteamento, um novo traçado do padrão senhorial .....	72
2.3.2 O Passo dos Negros – a posse e o comércio dos pretos.....	77
2.3.3 O espaço público e a opulência em seu entorno.....	82
3 Arqueologia Histórica .....	87
3.1 Arqueologia no Centro Histórico de Pelotas.....	87
3.1.1 Sítio PSGPe 1 Casa 8.....	89
3.1.2 Sítio PSGPe 2 Casa 2.....	95
3.1.3 Sítio PSGPe 3 Praça Cel. Pedro Osório.....	102
4 Comércio e produção de medicamentos.....	113
4.1 As primeiras iniciativas em Pelotas .....	113

4.1.1 Pharmacia Caridade.....	113
4.1.2 Pharmacia Romano.....	114
4.1.3 Drogaria Pharmacia Sequeira .....	114
4.1.4 Laboratório e Farmácia Souza Soares.....	118
4.1.5 Pharmacia Popular.....	121
4.1.6 Pharmacia Leite .....	121
4.1.7. Drogaria de H. C. Bojunga .....	123
4.1.8 Drogaria UNICUM .....	124
4.1.9 Farmácia KHAUTZ.....	126
4.1.10 O uso da técnica em prol da saúde.....	127
4.1.11 Fotografia Wetzels e a radiografia .....	128
4.1.12 Laboratório Pasteur.....	129
5 O comércio e produção de vidros no século XIX e metade do XX.....	130
5.1 Oscilações na produção de vidros .....	130
5.1.1 Vidraçarias no Rio Grande do Sul.....	136
5.2 Importação e fabricação de frascos vidro em Pelotas.....	138
5.2.1 Iniciativas de fabricação de vidros na cidade .....	139
6 Entendendo a produção de frasco de medicamentos escavados .....	146
6.1 Métodos e análises .....	146
6.1.1 Em laboratório.....	147
6.1.2 As inscrições em relevo.....	151
7 Trazendo de volta à vida os fragmentos .....	157
7.1 Catálogo 14 – Vermífuge Fahnestock's.....	157
7.2 Catálogo 18 - Epigol ou Linimento Kraemer.....	162
7.3 Catálogo 27 – Xarope A Cornetet (frasco: A – 16,00 x L – 6,17 x C – 3,90).....	167
7.4 Catálogo 32 – Xarope A Cornetet (A – 11,3 x L – 4,80 x C – 2,84).....	173
7.5 Catálogo 36 – Peitoral de Cambará .....	175
Considerações finais .....	201
Referências .....	208
Anexo .....	236

## Introdução

O objeto desta dissertação é a cultura material vítrea de três sítios arqueológicos históricos do século XIX, escavados na área urbana de Pelotas-RS.

A polissemia da palavra “objeto” insere o real, com seus dados, e o abstrato, por desempenhar ações na instância de uma classe social, sob essa perspectiva relacionamos os frascos de medicamentos ao comércio e produção dos preparos farmacológicos e de vidros na cidade, não sem antes contextualizá-los no Brasil.

O grande aporte da pesquisa bibliográfica foi intimamente relacionado aos significados da expressão “Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais” (Heidegger, 1971, p. 149).

O trabalho foca nos medicamentos identificados a partir dos frascos vítreos, coletados nos sítios arqueológicos sítios PSGPe 1 – Casa 8, (residência do Conselheiro Francisco Antunes Maciel); PSGPe 2 – Casa 2 (inicialmente residência de José Vieira Viana e posteriormente adquirida por José Antônio Moreira o Barão de Butuí); e PSGPe 3 – Praça Cel. Pedro Osório, sob guarda e responsabilidade de conservação da Reserva Técnica de Arqueologia do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Estes três sítios marcaram as primeiras escavações arqueológicas históricas desenvolvidas pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAArq), neste tempo constituído como Projeto de Extensão do Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (ICH/UFPel). As atividades de campo foram realizadas no âmbito do Projeto de Salvamento Arqueológico da Área Urbana de Pelotas – RS/Brasil – Programa Monumenta<sup>1</sup>.

A área onde se inicia o segundo loteamento de Pelotas em 1830, então Freguesia de São Francisco de Paula, foi concebida para o entorno da futura praça na confluência do traçado de vias quadriculares. Esta área era conhecida neste período como “campo” e tinha uma topografia baixa e inundável. O “campo”, que passa a ser denominado em 1832 como Praça da Regeneração, recebe grande diversidade de lixo, mas com o predomínio do doméstico de diferentes origens. Os

---

<sup>1</sup> A responsabilidade técnica junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) foi do Arqueólogo Fábio Vergara Cerqueira, conforme processo nº 01512.000083/2002-8 e Portaria Autorizativa nº 165 de 02 de agosto de 2002 e renovação nº 296 de 10 de outubro de 2007.

materiais de uso doméstico, entre eles os vítreos, resgatados nas Casas 08 e 02 estão em parte relacionados aos descartes das famílias possuidoras de status político e econômico reconhecidos no período.

Ao estudarmos este pequeno universo da cultura material, neste caso os frascos de vidro do passado histórico, buscamos elementos para ampliação de conhecimentos sobre a formação da cidade e seu amplo contexto de inserção no século XIX e primeira metade do XX.

A arqueologia em geral nos ajuda não apenas a estudar a cultura, mas a compreendê-la e refletir sobre isso, trata-se de compreender as sociedades passadas e contemporâneas para perceber como foi o seu desenvolvimento, que culminou no que somos hoje como sociedade (Hernández, 1998, p. 266).

Com base em nossas experiências de campo e de laboratório, entendemos que a aplicação de métodos científicos não constitui um processo rígido, mas, pelo contrário, realimentam e são transformados de acordo com as necessidades do pesquisador. Conforme orienta Demo (1995, p. 23), no modelo geral de pesquisa científica existem diferentes versões do método, ou processo de pesquisa proposto por diversos autores, que contribuíram com melhorias na sequência de etapas, aprimoramento de regras, técnicas e diretrizes heurísticas, ainda quando essas melhorias não são aplicadas com o mesmo rigor, pois seu uso depende do tipo de pesquisa que se desenvolve, todas utilizam o método científico como base para a obtenção de novos conhecimentos.

Como em qualquer pesquisa, lidei com as incertezas e ambiguidades científicas, mas como explica Hodder (1999 *apud* Renfrew; Bahn, 2005, p. 156), estas, “[...] não podem ser resolvidas simplesmente através do apelo a dados objetivos, porque o que as pessoas vêem como dados objetivos também varia” (sic).

[...] a interpretação envolve um vai-e-vem entre os dados e a teoria, à medida que cada vez mais pedaços de informação são encaixados num argumento coerente – este processo de encaixe é melhor descrito como “hermenêutico” (Renfrew; Bahn, 2005, p. 156, tradução nossa).

Sobre um passado histórico e maleável, em que buscamos a relação de frascos de medicamentos com práticas de cura, dissertamos sem embates teóricos, mas com ênfase pragmática<sup>2</sup>.

Em se tratando de Arqueologia Histórica, é inevitável incluímos esta subdisciplina em uma esfera mais ampla no que tange aos seus preceitos teóricos-metodológicos, ou seja, com a Arqueologia. Esta relação é indissociável, pois os marcos teóricos da Arqueologia Histórica são, como não poderia deixar de ser, os **marcos teóricos da Arqueologia** (Lima, 2002, p. 7, *apud* Gheno; Machado, 2013, p. 163, grifo nosso).

Com forte disposição às descrições exaustivas de materiais e sítios e relacionado aos preceitos nacionalistas de unidade cultural (Trigger, 2004 *apud* Gheno; Machado, 2013, p. 168), o histórico-culturalismo:

(...) parte do pressuposto de que as pessoas compartilham, de forma homogênea, os traços culturais e que as tradições passam de geração em geração. Todos os indivíduos de determinado grupo compartilham as mesmas ideias e a mesma cultura material. (Funari, 2003, p. 49).

Por sua vez, David e Kramer (2002, p. 25):

Os processualistas e os contextualistas buscam coisas diferentes, os primeiros buscam “explicações” que, mesmo que não mais exprimidas em termos de leis de cobertura, das quais são extraídas deduções, são tornadas concretas no registro arqueológico através de métodos científicos empiricistas. Os contextualistas buscam “entendimentos” e consideram as leis ilusórias ou, no máximo, aparentes apenas como tendências em conjuntos de conjunturas históricas (Grifo dos autores).

Portanto, entendemos que nenhuma das três isoladamente traria uma abordagem da vida sociocultural do período, se não por bases teóricas conjugadas.

Para esta dissertação usamos diferentes fontes históricas, primárias e secundárias, com o propósito de construir uma base de investigação do que foi escrito “pelas e sobre” as práticas de cura e sua inserção no contexto sociocultural no tempo

---

<sup>2</sup> Pragmática: usada como “neologismo” de ‘mediação por fatores contextuais, absorvendo, assim, diferentes conceitos teóricos’.

de longa duração<sup>3</sup>. Conforme Deetz (1988, p. 364): “Enquanto usando o registro material como ponto de partida, os arqueólogos devem buscar explicações para seus dados em termos da história conhecida da região e do tempo representado por seu material”.

A partir de fontes secundárias, trouxemos como prelúdio o período da antiguidade clássica ocidental e a formulação da teoria dos temperamentos. Concebida por Hipócrates como o primeiro conjunto de explicação racional da saúde e da doença, a Teoria dos Humores foi aprofundada por Galeno no século II, e percorreu os períodos históricos até o contemporâneo. No Brasil sua aplicação persistiu até o século XX, se não em suas bases originais, mas com clara inspiração na teoria humoral, como se lê em Lima (1996, p. 52).

Para o período estabelecido neste estudo, as fontes primárias e secundárias foram vitais para a compreensão da história das práticas de cura, produção e comércio de medicamentos e o uso de frascos como seus contentores.

De modo indissociável, as pesquisas em diferentes fontes trouxeram os registros das iniciativas da arte de curar no século XIX e metade do XX. Como bem esclarece Company (2006, p. 15):

[...] o comércio de medicamentos até a década de 1930, tanto no Brasil quanto no resto do mundo, apresentava um processo de fabricação que ainda estava ligado à manipulação de produtos naturais, de origem animal ou vegetal, preparados em pequenos laboratórios ou em boticas e farmácias localizadas nas inúmeras cidades existentes (Company, 2006, p. 15).

Neste intuito buscamos identificar, nos frascos, os medicamentos resgatados nos três sítios; compreender suas orientações de produções e consumos, além do contexto político de inserção; e responder às seguintes questões:

- Qual a diversidade de origens da arte de curar identificada através do material vítreo?
- Quais as circunstâncias políticas e sociais em que estiveram inseridas as diferentes práticas curativas na Europa e no Brasil?

---

<sup>3</sup> O “tempo longo”: a história de longa ou muito longa duração. Esse é o tempo das estruturas, das relações estáveis que se observam na vida social. A história estrutural seria uma história daquilo que tem uma permanência secular – daquilo, portanto, que custa a se modificar. (Braudel *In* Revista Histórica Blog USP, 2020. Disponível em: <http://revhistoria.usp.br/blog/?p=114#:~:text=Finalmente%2C%20o%20E2%80%9Ctempo%20lon%20E2%80%9D,que%20custa%20a%20se%20modificar.>

- Quais as principais práticas de curas ocorridas no Brasil no período compreendido entre o século XIX e metade do XX e seus principais representantes?
- Foram os manuais de cura, guias médicos e propaganda os maiores responsáveis pelo consumo diversificado de medicamentos?
- Houve diferença no consumo de medicamentos oriundos dos sítios PSGPe 1 – Casa 8 e PSGPe 2 – Casa 2, quando comparados com os indicados nas camadas arqueológicas do PSGPe 3 – Praça Cel. Pedro Osório por decorrência do poder aquisitivo?
- O desenvolvimento econômico e o segundo loteamento de Pelotas promoveram maiores cuidados com a saúde ou o contrário?
- Foi significativa a produção de medicamentos em Pelotas no período deste estudo?
- Houve o predomínio no consumo de medicamentos produzidos em Pelotas em relação aos importados?
- Como foram supridas as demandas de frascos de vidros para o envasamento de medicamentos produzidos em Pelotas?

Para responder às perguntas acima referidas, este trabalho está dividido em introdução, sete capítulos e considerações finais. Nesta introdução, apresentamos a escolha do tema, as abordagens arqueológicas, as problemáticas da pesquisa e os seus objetivos.

No primeiro capítulo, traçamos o nosso ponto de partida sobre a arte de curar com algumas alusões à China Antiga e Europa Medieval. Prosseguimos no século XVII, no tempo em que a medicina moderna com seu empirismo substitui a metafísica e a filosofia, conforme Foucault (1977, p. X). No primeiro item tratamos dos primeiros práticos e da influência da Teoria dos Humores na Europa e da fundamentação da homeopatia por Samuel Hahnemann, inicialmente com a sua tradução do artigo “A Matéria Médica” de Cullen em 1790, e depois aprofundando os princípios homeopáticos no “Organon da Arte de Curar”.

No segundo item, buscamos as práticas de cura originárias e persistentes no Brasil Colônia e seus obstáculos impostos pela Metrópole; a institucionalização da medicina no período Imperial e as primeiras escolas de medicina. Fazemos referência

à importância de Chernoviz na propagação dos manuais de medicina popular; apresentamos o fortalecimento da homeopatia nas décadas 40 e 50 do século XIX, em muito creditada ao médico homeopata francês Benîte Jules Mure; analisamos a herança colonial das caixas de boticas; e comparamos as controvérsias entre médicos da academia e homeopatas. Sobre o período da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, transcrevemos as pesquisas sobre os mercadores, curandeiros, a medicina institucionalizada e, por fim, a força da indústria e propaganda de medicamentos de Daudt Filho e Daudt d'Oliveira e de Souza Soares na segunda metade do XIX.

No capítulo segundo, no primeiro item, abordamos sucintamente alguns pontos da disputa pelo domínio do extremo sul da colônia entre Portugal e Espanha, o aldeamento de grupos originários pelos jesuítas e a imigração de portugueses, alemães, italianos, poloneses e, em menor densidade, dos árabes, judeus e russos. Seu propósito foi contextualizar o início da ocupação histórica da região de Pelotas e seu território, que abrangeu os atuais municípios de Morro Redondo, Arroio do Padre, Turuçu, Capão do Leão e São Lourenço do Sul, apresentados detalhadamente no segundo item. No terceiro, tratamos do desenvolvimento econômico da Freguesia de São Francisco de Paula, o segundo loteamento e suas características políticas e sociais, o Passo dos Negros como espaço de exploração da mão de obra escravizada, a centralização da opulência e da política na área central do segundo loteamento.

A Arqueologia Histórica foi abordada no terceiro capítulo com a descrição das atividades de campo desenvolvidas nos três sítios. Inicialmente apresentamos o “Projeto de Salvamento Arqueológico da Área Urbana de Pelotas” e sua atuação junto ao “Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Urbano do Programa Monumenta-IPHAN”; o início tardio das atividades arqueológicas no Sítio PSGPe 1 Casa 8 e sua descrição como acompanhamento das obras de infraestrutura em 2002; e o resgate no pátio interno do Sítio PSGPe 2 Casa 2 (2002-2003) com a devida metodologia e antecedendo às obras de restauração. Terminamos este item e o capítulo descrevendo os trabalhos no Sítio PSGPe 3 Praça Cel. Pedro Osório nas suas três etapas, os resgates de 2004 e 2005 e o acompanhamento das obras de requalificação do banheiro público em 2006.

No capítulo quarto, Comércio e produção de medicamentos, apresentamos cronológica e descritivamente as primeiras e principais farmácias fundadas em Pelotas e suas iniciativas de produção de medicamentos, alguns destes eram

conhecidos e comercializados em diversos estados no século e meio abordado neste estudo. Relembramos a iniciativa pioneira do fotógrafo Jorge Wetzel que – com o apoio de Alexandre Gastaud e do médico Edmundo Berchon – construiu o primeiro equipamento de Raio-X do Brasil, embora seja pouco referido na bibliografia especializada. Finalizamos com uma breve menção ao primeiro laboratório de análises clínicas na região sul e o terceiro no Rio Grande do Sul, o Laboratório Pasteur.

O quinto capítulo, no seu primeiro item, apresenta as iniciativas de produção de vidros no Brasil. A primeira ocorreu no ano de 1637 em Pernambuco no período da Companhia das Índias Ocidentais, com a produção artesanal de copos, jarras, frascos e vidros para janelas e que perdurou até a expulsão dos holandeses. No decorrer do século XIX, surgiram as primeiras fábricas, porém tiveram dificuldades de estabilizarem-se, haja vista a concorrência dos importadores de vidros (planos, garrafas e frascos); sobre o Rio Grande do Sul encontramos situação semelhante e de poucas iniciativas no fim do XIX e início do XX, no entanto, ressaltamos o protagonismo da Casa Genta que iniciou com a produção de vitrais e “tornou-se uma verdadeira oficina de arte. “As esculturas e ornamentos executados pelo Sr. Genta eram magistrais, assim como espelhos, vidros, lamparinas, molduras, flores etc., que reproduzem a mais pura arte veneziana” (Almeida, 2013, p. 22-23).

No item dois do mesmo capítulo, chegamos a um dos principais objetivos deste trabalho: o comércio e a produção de vidros, em especial de frascos contentores de medicamentos em Pelotas. Com muito empenho, mas poucos dados disponíveis, registramos que as demandas por vidros neste século e meio foram atendidas predominantemente pelo comércio de importados, com quinze empresas identificadas. A fabricação de vidros, incluindo frascos de medicamentos, iniciou em 1891 com a Vidraria Pelotense que, apesar do reconhecimento de jornais da capital como uma produção de objetos vítreos de alta qualidade, foi à liquidação em junho de 1895, arrematada pelo Barão D’Alves da Conceição, empresário importador e comerciante de vidros e proprietário da Conceição & Cia. Esta fábrica de imediato inverteu o fluxo da importação para a exportação de seus produtos, no entanto, funcionou até 1900 quando faliu. O retorno das atividades da Fábrica de Vidros Pelotense ocorreu no ano de 1922 com a denominação de “Fábrica de Vidros Pelotense de Forster Berndt & Comp.”. Nesta retomada da área fabril da Vidraria Pelotense, os anúncios publicitários indicavam a fabricação de “todo o tipo de frasco

para farmácias e em todas as cores”. Prosseguindo neste item encerramos com a referência da empresa F. Corrêa & Comp. proprietária da Vidraçaria Luzo Brasileira, que comercializava quadros, vidros gravados e outros, importados e relacionados aos vidros planos. Em 1930, a F. Corrêa & Comp. passou a também fabricar vidros como espelhos cristal bisotê, cristais para vitrines, vitrais e outros, todos relacionados ao vidro plano.

No capítulo sexto em seu primeiro item, Métodos e análises, descrevemos as atividades realizadas em laboratório, que consistiram em: triagem de todas as peças vítreas constantes nos cinco catálogos da Reserva técnica de Arqueologia; seleção do material de interesse desta pesquisa e sua higienização; identificação das patologias comuns nos vidros escavados decorrentes do contexto de deposição; colagem de fragmentos para a recomposição de formas; desenhos técnicos monocromáticos em 2D, inicialmente realizados com grafite sobre papel milimetrado e em escalas – mostrando a projeção frontal dos frascos e fundos e depois sua reprodução com espelhamento em softwares adequados; definição dos elementos morfológicos que orientaram os quadros de “localização e atributos das peças”, constantes no capítulo sétimo.

Tendo como um dos principais objetivos a identificação dos medicamentos e sua procedência, trouxemos ainda neste item os nossos estudos que esclarecem as técnicas de inscrições em relevos nos frascos surgidas no século XIX, registros dos grafemas predominantes, como as serifadas e as helvéticas, seguidas de desenhos de reprodução.

No sétimo capítulo, trazendo de volta à vida os fragmentos, relacionamos, a partir das análises dos frascos (inteiros ou fragmentados), o conteúdo medicinal, sua origem e propriedades curativas, os desenhos de cada peça, inscrições e fundos, assim como os dados de localização da sua coleta e atributos morfológicos.

## 1 Inicialmente a *arte de curar* e mais tarde a *medicina*

Na busca lexicográfica da palavra medicina encontramos no dicionário “Aurélio”: “Medicina: Arte e ciência de evitar, curar ou atenuar as doenças”. (Ferreira, 2004, p. 544).

Segundo Hegenberg (1998, p. 11):

A palavra origina-se de “Medicina”, do Latim, que tem o significado de “arte de curar<sup>4</sup>”. Associa-se ao verbo “mederi”, que corresponde a “curar” (“tratar”, “cuidar”). Encontramo-la em textos espanhóis e italianos do século XII. Em Francês, com forma ligeiramente diversa, “mecine”, aparece na mesma época; logo depois, toma a forma usual, “medicine”. Tomada de textos franceses, surge no Inglês, no século XIV. A palavra “mezinha”, empregada em Portugal desde o século XV, alude a remédios caseiros ou poções; em forma similar, “meezinha”, parece já ter sido usada no século XII. “Medicina”, porém com o sentido comum de “arte de curar” (igualmente presente nos demais idiomas citados), só aparece, em Português, no século XVII. Em alguns casos, a palavra remete a um misto dos itens (1) e (2), acima, ou seja, indicaria “drogas ou substâncias usadas para tratar de doenças e curar ou aliviar a dor”, ligando-se, pois, a “mezinha”. Em casos especiais, também remete a drogas, objetos ou ritos a que se atribuíam poderes especiais - naturais ou sobrenaturais - de cura (sic) (Hegenberg, 1998, p. 11).

Tanto na tradução literal do latim “*ars medicinae*” no passado recente, como na história de muito longa duração, a interpretação da palavra “medicina” inevitavelmente nos leva à “arte de curar”. Desde o passado distante, a medicina foi entendida como arte, para citar, feiticeiros “tratados” como se médicos fossem, ou ainda, a tradição de cura chinesa de quase 2.000 anos com o uso da *Artemisia annua*<sup>5</sup>.

Ao fazermos uma busca pelo usual “significado” da palavra “medicina”, lembramos da distinção entre significado e sentido de Wittgenstein. Segundo Arruda Júnior e Luna (2022, p. 2):

---

<sup>4</sup> Latim: *ars medicina*.

<sup>5</sup> A “*Artemisia annua*”, também conhecida como *artemisia* chinesa, losna-verde e artemisia-doce. *Artemisia annua* é uma espécie do gênero *Artemisia* autóctone das regiões temperadas da Ásia, mas encontrada em todo o mundo. Apresenta folhas semelhantes ao feto e flores amarelo-vivo. O uso da *Artemisia annua* e de seus componentes é uma contribuição muito significativa da medicina tradicional chinesa para o mundo, destaque para o uso no tratamento da malária, potente e eficaz para o tratamento inclusive da malária cerebral e da malária *falciparum*, resistente a múltiplos fármacos. O Brasil criou um pacote tecnológico que inclui pesquisas de adaptação climática, produção e atividades farmacológicas da planta. Horto Didático de Plantas Medicinais do HU/CCS, 2023. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://hortodidatico.ufsc.br/artemisia-chinesa/>

Wittgenstein sustenta que existe uma distinção precisa e fundamental entre o sentido e o significado linguísticos. De acordo com ele, o sentido tem a ver com a proposição, e o significado tem a ver com os nomes que compõem a proposição. Em suas palavras, “Só a proposição tem sentido”, diz ele, e “é só no contexto da proposição que um nome tem significado (TLF, 3.3.2) (Arruda Júnior; Luna, 2022, p. 2).

Posto isso, a cura, mais arte do que técnica, evoluiu lentamente como propósito, por isso entendemos que o significado do nome “medicina” não advém do contexto da proposição, mas sim do “sentido da proposição”. A lenta evolução e o sentido da proposição são perceptíveis quando lembramos que a *Artemisia annua*, usada na China por sua capacidade curativa há mais de 2.000 anos, foi a pesquisa para o desenvolvimento científico de propriedades de cura desta planta, desenvolvida por Tu Youyou, reconhecida com o Prêmio Nobel de Medicina em 2015.

A medicina moderna, conforme Foucault, nasceu no século XVIII em meio ao surgimento da ciência moderna, quando o empirismo substituiu a metafísica e a filosofia.

A medicina moderna fixou sua própria data de nascimento em torno dos últimos anos do século XVIII. Quando reflete sobre si própria, identifica a origem de sua positividade com um retorno, além de toda teoria, a modéstia eficaz do percebido. De fato, esse presumido empirismo repousa não em uma redescoberta dos valores absolutos do visível, nem no resolutivo abandono dos sistemas e suas quimeras, mas em uma reorganização do espaço manifesto e secreto que se abriu quando um olhar milenar se deteve no sofrimento dos homens. O rejuvenescimento da percepção médica, a iluminação viva das cores e das coisas sob o olhar dos primeiros clínicos não é, entretanto, um mito; no início do século XIX, os médicos descreveram o que, durante séculos, permanecera abaixo do limiar do visível e do enunciável (Foucault, 1977, p. X).

Entretanto, concordamos com Company (2006, p. 14) quanto a sua crítica a alguns historiadores foucaultianos, “que afirmam que a inserção da medicina disciplinadora e higienista acabou moldando toda a sociedade a partir do século XIX”.

O que não ocorreu, pois a ampla circulação de conceitos e práticas que faziam parte dos hábitos adquiridos durante séculos, já haviam consolidado a confiança de seus usuários. Entre estas práticas e conceitos estão os vinculados ao consumo de medicamentos ditos populares e a recorrência na atuação das atividades médicas exercidas pelos práticos (Company, 2006, p. 14).

## 1.1 As práticas curativas na Europa

Um breve apanhado dos caminhos da medicina na Europa.

Durante a Idade Média, em Portugal, como em outras partes da Europa cristã, a medicina era estudada em estabelecimentos religiosos. O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho, veio a ser a primeira escola de medicina portuguesa. Na Biblioteca de Évora há tratados médicos manuscritos, datados do século XIII, em língua portuguesa. Durante o primeiro período dos reis Afonsinos (séculos XII a XIV), livros de medicina, originais ou traduzidos, eram escritos nos mosteiros e de lá se recrutavam os religiosos mais peritos na arte de curar, para acudir a nobreza (Herson, 1996, *apud* Teixeira, Pimenta; Hochman, 2018, p. 106).

Em Portugal, no início do século XVI, há a reação da Igreja Católica sobre o ensino médico acadêmico, por julgar desnecessário o conhecimento provindo das pesquisas, uma vez que acreditava que todo o saber necessário estava consolidado pela teoria e prática de Hipócrates, Aristóteles e Galeno.

No limiar da era moderna, gozavam de prestígio os clínicos judeus, dispersos pelo Reino. Na Universidade de Coimbra, criada em 1290, o ensino da medicina era dominado, à semelhança das demais universidades europeias, pelas doutrinas de Hipócrates, Galeno e seus comentadores árabes, como Avicena. Em 1525, todavia, as cortes eclesiásticas pediram ao rei de Portugal que a profissão de médico e boticário fosse proibida aos cristãos-novos. A expulsão dos judeus, ocorrida nesse período, levou à desorganização dos estudos médicos (Herson, 1996, *apud* Teixeira, Pimenta; Hochman, 2018, p. 106).

### 1.1.1 Surgimento e influência da Teoria dos Humores

As origens das doutrinas de Hipócrates e Galeno surgem com o filósofo, cosmólogo e médico Empédocles (495-430 a.C.). Pré-Socrático, afirmava que todas as coisas da natureza eram terra, ar, água e fogo, misturados ou isolados, conforme Lima (1996, p. 47). De acordo com as diferentes proporções em que essas substâncias são combinadas umas com as outras resulta na diferença da estrutura. De acordo com Hanchuck; Almeida (2022, p. 25-26), “Empédocles disse que o amor é uma das forças que tende a unir as coisas até seu ponto culminante que é o Uno, o *Sfero*, e seu contrário é a discórdia, o ódio, que tudo desune tendendo ao caos”.

Neste sentido, podemos pensar, que tudo que é o contrário do Amor, é o Ódio, mas precisamos tomar cuidado, pois eles não são totalmente contrários, mas são complementares um ao outro. Um não pode existir sem o outro, o amor sem o ódio não é amor; a amizade sem a inimizade, não é amizade; a concórdia sem a discórdia, não é concórdia, pois somente sabemos o que é um porque existe o outro, sabemos o que é o bem, pois existe o mal, só sabemos o que é o ódio pois existe o amor. Portanto, são assim, partes inseparáveis, que Empédocles buscou explicar aplicando-os como princípios presentes e atuantes não somente nos quatro elementos, mas em todos em que estes compõem, tudo que vemos, percebemos ou não, aí está o amor e o ódio, ainda assim, vemos ora um ora outro, mas jamais separados (Hanchuck; Almeida, 2022, p. 29-30).

Cabe ressaltar que embora fosse um grande estudioso da natureza, era visto como autor de milagres e revelador de verdades ocultas e mistérios escondidos, o que prestou aspectos lendários em sua biografia. Sua obra escrita em versos tem no tratado “Sobre Natureza”, entre outros conhecimentos, sua teoria dos quatro elementos clássicos, que em alguns aspectos influenciou o pensamento ocidental até meados do século XVIII.

Conforme Regis *et al* (1973, p. 87) – (Metafísica, I, 3. 983 b 6 [DK 11 a 12]), Aristóteles (384-322 a.C.) retomou a teoria dos quatro elementos de Empédocles e acrescentou que cada um desses elementos tinha um devido lugar e procurava no permanecer nele ou encontrá-lo como, a terra estava no centro dos quatro elementos, em seguida tinha a água, acima vinha o ar e, por último, acima de todos o fogo.

Considerado o pai da Medicina ocidental, o médico Hipócrates, (460-377 a. C.), fortemente aliado à filosofia de Empédocles, desenvolveu um modelo médico baseado nestes quatro elementos, atribuindo suas características aos fluidos corporais.

Hipócrates se apoiou nas ideias de Empédocles de que o mundo estava dividido em quatro elementos, que orientavam e explicavam os acontecimentos terrestres: o fogo, a água, o ar e a terra. Agregadas a estes quatro elementos estavam qualidades: quente, frio, úmido e seco. Além destes, existiam as quatro estações, as quatro fases do homem, e os quatro pontos cardeais, que também influenciavam os quatro temperamentos possíveis no ser humano. Este conjunto de atributos favorecia ou dificultava o aparecimento de doenças. Os humores eram especificados, segundo a teoria hipocrática, pela presença destas qualidades e elementos: “De qualidade frio-úmida era a fleuma, a água, o inverno, a infância e o norte. O sangue, por sua vez, era quente-úmido (uma ligação considerada equilibrada e sã), assim como o ar, a primavera, a juventude e o leste; o temperamento sanguíneo era, portanto, o mais

positivo. A bile amarela, o fogo, o verão, a virilidade e o sul eram quente-secos, extremamente insalubres. O temperamento melancólico, frio-seco, era a combinação menos favorável, que sofria da bile negra; nessa categoria também estavam a terra, o outono, a velhice e o oeste (Riha, 2005, p. 56, In: Company, 2006, p. 16).<sup>6</sup>

O corpo do homem contém sangue, fleuma, bile amarela e bile negra – esta é a natureza do corpo, através da qual adoece e tem saúde. Tem saúde, precisamente, quando estes humores são harmônicos em proporção, em propriedade e em quantidade, e sobretudo quando são misturados. O homem adoece quando há falta ou — 51 — excesso de um desses humores, ou quando ele se separa no corpo e não se une aos demais.

Admite-se que a crença na existência de uma bile negra tenha sido fruto da observação clínica nos casos de hematêmese, melena e hemoglobinúria. Segundo a doutrina dos quatro humores, o sangue é armazenado no fígado e levado ao coração, onde se aquece, sendo considerado quente e úmido; a fleuma, que compreende todas as secreções mucosas, provém do cérebro e é fria e úmida por natureza; a bile amarela é secretada pelo fígado e é quente e seca, enquanto a bile negra é produzida no baço e no estômago e é de natureza fria e seca (Rezende, 2009, p. 50).

Foi o médico Galeno (129-201 d.C) quem revitalizou a medicina de base hipocrática levando-a ao seu ápice. Ele expandiu a teoria relacionando-a à personalidade e às inclinações emocionais e comportamentais dos indivíduos, ressaltando a importância dos quatro humores: sanguíneo, fleumático, colérico (de cholé, bile), melancólico (de melânos, negro + cholé, bile)<sup>7</sup>.

Colérico, portanto, é aquele que tem mais bile amarela, e melancólico, o que tem mais bile negra. Transfere-se, desse modo, para o comportamento das pessoas, a noção de equilíbrio e harmonia dos humores (Diepgen, 1932, p. 77). As expressões “bom humor”, “mau humor”, “bem-humorado”, “mal-humorado” são reminiscências dos conceitos de eucrasia e discrasia (Rezende, 2009, p. 52).

Com Galeno foi então desenvolvida a teoria dos humores/temperamentos, cuja hipótese é a de que cada corpo seja formado por misturas dos quatro elementos, de modo que cada indivíduo nasceria com uma combinação e a predominância de algum deles, produzindo um temperamento.

---

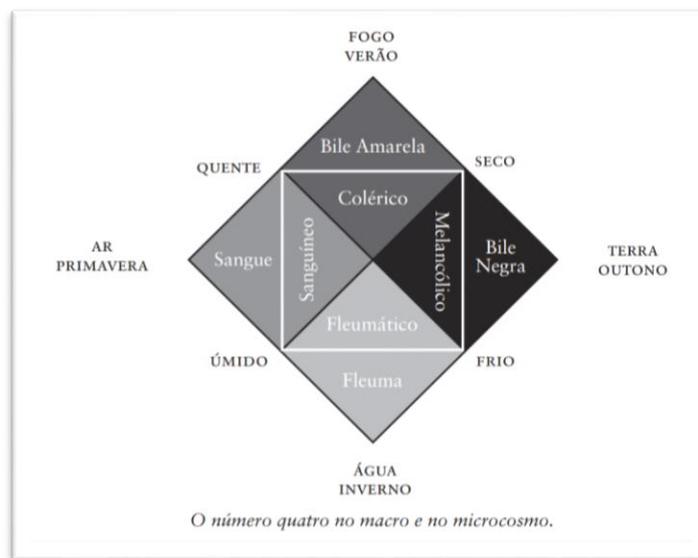
<sup>6</sup> Consideramos profícuo o texto de Company (citação) pela capacidade de síntese, no entanto, esclarecemos que fizemos a substituição do nome Aristóteles por Empédocles, alterando o texto publicizado da Dissertação Company (2006, p. 16).  
Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2279>

<sup>7</sup> Tradução de Rezende (2009, p. 52).

Conforme Rezende (2009, p. 50) dentro da classificação adotada por Galeno, podem ser incluídos os quatro temperamentos básicos que foram adotados pela medicina ocidental durante os vários séculos que se seguiram e que enumeramos a seguir:

- Temperamento sanguíneo: onde há o predomínio do sangue - características seriam alegria, otimismo, confiança e extroversão;
- Temperamento bilioso ou colérico: onde ocorre a predominância da bÍlis amarela - características seriam irritabilidade, intensidade, impulsividade e rapidez;
- Temperamento melancólico: onde há a predominância da bÍlis negra - características seriam inclinação artística, tristeza, medo e introversão;
- Temperamento fleumático: onde ocorre a predominância do muco ou fleuma - características seriam timidez, apatia, lerdeza, cansaço e coerência (Figura 1).

Figura 1 – Representação dos quatro elementos associados aos quatro humores e as quatro qualidades



Fonte: Rezende (2009, p. 51).

Para Galeno, o equilíbrio dos humores do corpo poderia ser afetado pela dieta, drogas, tempo e localização geográfica. Com intuito de conservar (manter o equilíbrio dos humores), ele recomendava que o cuidado e moderação em relação a seis pontos: a) o ar e o ambiente; b) comida e bebida; c) sono e a vigília; d) movimento e o repouso; e) excreções; f) as paixões da alma (Martins *et al*, 1997 *apud* Martins, Silva; Mutarelli, 2008, p. 14). Essas foram consideradas “as seis coisas não naturais” para a conservação da saúde (Martins, Silva; Mutarelli, 2008, p. 14).

Conforme o Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira de 1735 (Org. Furtado, 2002, p. 3), no século XVIII Portugal e seus domínios herdavam uma tradição europeia medieval, seguindo dois ramos:

[...] um erudito, exercido por médicos formados; outro mais prático, desempenhado por cirurgiões, parteiras, barbeiros, que realizavam sangrias e extraíam dentes, e Algebristas<sup>8</sup>, que tratavam ossos quebrados e músculos (Ferreira, 2002, p. 3).

No último quartel do século XVIII, em meio as reformas do Primeiro-Ministro de Portugal Marquês de Pombal, a regulamentação e o exercício de diversos ramos da medicina passaram a ser feitos pela Junta do Protomedicato. Conforme Dutra (In: Furtado, 2002, p. 3), antes destas reformas existiam dois oficiais que concediam licenças a todos os que desejavam exercer a cura e prática da medicina em Portugal e seus domínios, o físico-mor que avaliava os médicos formados e o cirurgião-mor que licenciava as boticas.

### 1.1.2 A Homeopatia e “*Contraria contrariis curantur*”<sup>9</sup>”

Nem sempre referida na historiografia de práticas médicas no período do século XIX e início do XX, se comparada com a Teoria Humoral, a Homeopatia teve suas origens na última década do século XVIII com a tradução do artigo a Matéria Médica de Cullen em 1790, que Cristian Friedrich Samuel Hahnemann iniciou o caminho para o que viria a ser chamada de homeopática.

Na Europa dos séculos XVI e XVII, os avanços na fisiologia, química física e botânica propiciaram o desenvolvimento de sistemas médicos explicativos.

Conforme Luz (2019, p. 154):

Tais sistemas, fossem eles animistas, mecanicistas, vitalistas ou magnetistas, procuravam as causas das doenças deduziam geralmente a intervenção terapêutica a partir de um sistema teórico que aliviava certas hipóteses racionais a observações clínicas em

<sup>8</sup> Algebrista: Pessoa que conserta ossos quebrados ou deslocados. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008. "Álgebra" e "algebrista" são derivados do termo *al-jabr*, que na língua árabe significa "arte de reunir ossos quebrados", aquele que faz "reunião" ou "conexão". No século XVII o historiador norte americano Robert de Chester traduziu a expressão para o latim "*Liber Algebrae et almuqabala*" com o significado de "Livro de Álgebra e Almuqabala".

<sup>9</sup> "*Contraria contrariis curantur*" – 'os contrários curam': Dicionário de Latim Online - © 2007-2023 7Graus. Disponível em <https://www.dicionariodelatim.com.br/>

indivíduos doentes, presos aos leitos nos lares ou nos hospitais da época (Luz, 2019, p. 154).

No século XVIII e início do XIX, os novos sistemas estavam circunstanciados pelo cenário de fome, guerras e de muitas enfermidades como as pestes do cólera e lepra e epidemias de varíola, febres intermitentes e vírus de influenzas e endemias de tuberculose, sífilis e outras doenças venéreas.

Basta assinalar que a gestação do capitalismo se deu em tais condições e que a produção de novas teorias e conhecimentos, seja em física, química, fisiologia, seja, posteriormente, em medicina, não pode ser desligada das grandes urgências que o processo de formação da nova sociedade gerava, seja no nível da produção, seja no nível da reprodução social. Os grandes sistemas médicos dos séculos XVIII e XIX não são exceção a esta regra, ao contrário, beneficiados pelos avanços recentes da farmacologia, que se deram pela manipulação de drogas durante o século XVIII, apoiadas na anátomo-clínica, que dava seus primeiros passos, as grandes teorias médicas constituem-se realmente em sistemas explicativos racionalistas que buscavam o caminho do experimentalismo ainda de forma empírica, utilizando como cobaias os próprios doentes. Era comum, por isso, no século XVIII e ainda durante o século XIX, receitarem-se e aplicarem-se as mais diversas drogas ao mesmo doente que, não raro, “morria da cura”. Por outro lado, tinha-se recém separado doente e doença, caminhando-se, através do exame clínico e da anatomia patológica, no sentido da descoberta de várias patologias, constituindo-se progressivamente um quadro moderno classificatório de doenças (Luz, 1988 *apud* Ávila, 2013, p. 70).

É nesse clima que Hahnemann elabora também o seu sistema médico. Entretanto, pretende que o seu sistema seja diferente em tudo dos que constituíam a medicina da época: no método que ao invés de dedutivo e lógico, pretende-se sistematicamente experimentalista; na intervenção terapêutica que, ao invés de empírica e arbitrária, porque ousa penetrar no “interior invisível do corpo” do doente à procura da causa primeira da doença, pretende mais prática e maior eficácia. Finalmente, na própria concepção do processo saúde-doença, que se pretende mais científica, na medida em que toma como ponto de partida desse processo o homem como totalidade indissociável, o indivíduo doente, e não partes desse indivíduo que são atingidas por alguma patologia que as invade, como um inimigo desconhecido que ataca fortalezas desguarnecidas em pontos-chaves (Luz, 2013, p. 70).

Hahnemann, nascido em 10 de abril de 1755, formou-se Doutor em medicina pela Universidade de Erlangen. Atuou como clínico até 1787, quando “por não se ter conformado com a imprecisão da medicina de seu tempo, e desde então não mais

quis exercer uma arte onde tudo era empírico”, conforme Resumo Biográfico de Samuel Hahnemann em *Organon da Arte de Curar* (Hahnemann, 2013, p. X).

Samuel Hahnemann, o criador da Homeopatia, definiu um processo semelhante de liberação de energia, através da transmutação de determinados elementos pela água, método igualmente hoje questionado pelo “establishment científico” que não consegue explicar a existência de um princípio curativo numa diluição acima do número de Avogadro, preferiu colocá-lo como algo pertinente aos domínios da fé. [...] No entanto, quando no contexto alopatóico não se consegue explicar o “bug” que ocorre na saúde de um indivíduo altamente suprimido, diz-se que a causa é idiopática, ou que o problema é de “fundo emocional”, como se o “fundo emocional” fosse algo não pertinente à Medicina (Amorim, 2000, p. 19).

É inconcebível admitir que nunca houve uma equipe de criptógrafos, historiadores, físicos, biólogos, químicos, linguistas ou cientistas matemáticos, que tivesse se reunido em torno desta biblioteca alquímica completa, com a missão de verificar o que existe de verdadeiro nos velhos tratados (Amorim, 2000, p. 25).

Publicou em 1796 “Ensaio para descobrir as virtudes curativas das substâncias medicinais”.

Em 1805, publica “Esculápio na balança”, em 1806 “Medicina da experiência” e “Fragmenta de *viribus medicamentorum positivis sive in sano corpore humano observatis*”<sup>10</sup>. Em 1810, publica, enfim, sua principal obra: “Organon da Medicina Racional”, mais tarde “Organon da Arte de Curar”, da qual preparou 6 edições. A seguir, iniciou a publicação da “Matéria Médica Pura” e, finalmente, o “Tratado das Doenças Crônicas” (Hahnemann, 2013, p. X).

No prefácio da sexta edição Samuel Hahnemann disse:

[...] essa alopatia eu elucidei mais detalhadamente na introdução das edições anteriores deste livro. Agora, considere apenas seu exato oposto, a verdadeira arte de curar descoberta por mim (agora mais perfeita)<sup>11</sup> (Hahnemann, Prefácio 5ª edição, 1842. In: Castro; Rezende Filho; Curi. “Benoit Mure”, 2013, p. 33).

<sup>10</sup> Tradução para a língua portuguesa: “Os poderes positivos das drogas, observados em um corpo humano saudável”.

<sup>11</sup> Dão-se exemplos para provar que curas surpreendentes obtidas nos tempos passados sempre foram devidas a remédios basicamente “homeopáticos” e encontradas pelo médico por acaso e contrárias aos métodos terapêuticos então predominantes.

E prossegue no que entendo como a síntese de sua base teórica, ou seja, o centro consensual de consciência:

A Homeopatia sabe que uma cura só se pode verificar pela reação da força vital contra o remédio apropriado, e que a cura se opera tanto mais segura e rapidamente quanto mais sua força vital ainda prevalece no doente. A Homeopatia evita, portanto, qualquer enfraquecimento por menor que ele seja<sup>12</sup>, e também, o quanto possível, toda excitação de dor, pois esta também diminui as forças: pelo que ela emprega para a cura apenas aqueles medicamentos cujo poder de modificar e de desequilibrar (dinamicamente) a saúde, ela conhece com exatidão, e escolhe um cujas forças modificantes (a doença medicinal) são capazes de remover a doença natural em questão por semelhança (*similia similibus*<sup>13</sup>), e esse é administrado ao paciente em forma simples, em doses fracas (tão pequenas que, sem causar dor ou enfraquecimento, são, não obstante, suficientes para remover o mal natural); daí se conclui que sem enfraquecer, prejudicar ou torturar o doente, a doença natural é extinta, e o doente, já durante a convalescença, fortalece-se e assim fica curado – algo aparentemente fácil, mas que requer meditação e que é penoso e difícil, mas que restabelece os doentes, em pouco tempo, sem inconvenientes, e de maneira completa – e assim se torna uma tarefa salutar e abençoada (Hahnemann, Prefácio 5ª edição, 1842. In: Castro; Rezende Filho; Curi. “Benoit Mure”, 2013, p. 34).

## 1.2 A arte de curar, sua multiplicidade no Brasil

Sobre o longo período de práticas curativas enraizadas no período colonial.

Até recentemente, a historiografia sobre a institucionalização da medicina acadêmica no Brasil durante o século XIX sugeria a inexistência de qualquer resistência cultural à monopolização, por parte dos representantes do saber médico-científico, da arte de curar (Chalhoub *et al*, 2016, p. 101).

O pouco conhecimento sobre as características socioculturais da medicina do período colonial brasileiro criou a ilusão de que práticas oriundas de outras tradições não teriam influenciado significativamente o processo de institucionalização da ciência médica ao longo do século XIX (Ibidem, p. 101).

<sup>12</sup> A Homeopatia jamais derrama uma gota sequer de sangue, não administra eméticos, purgativos, laxativos ou diaforéticos, não cura mal externo por meios externos, não prescreve banhos minerais quentes ou desconhecidos ou clisteres medicamentosos, não aplica cantáridas ou cataplasmas de mostarda, nem sedenhos ou cauterios, não excita ptialismo, não queima com moxa ou ferro em brasa até os ossos etc., mas sim dá com a sua própria mão, só medicamento simples feito por ela mesma e bem conhecido, não dá misturas, e jamais acalma a dor com ópio etc.

<sup>13</sup> Tradução: “como pessoas que pensam da mesma forma”.

No período colonial as práticas de cura foram baseadas nas culturas indígenas, africanas e europeia, com raríssimos casos de formação acadêmica para os de origem europeia. As práticas cabiam a curandeiros, feiticeiros, raizeiros, benzedores, padres, barbeiros, parteiras, sangradores, boticários e cirurgiões.

No século XVIII e seguindo a orientação da Metrópole, o físico-mor nomeava comissários delegados para a fiscalização das atividades médicas e dos boticários. Em 16 de maio de 1774, foi promulgado um regimento geral para os delegados e juízes comissários do cirurgião-mor e físico-mor no Estado do Brasil, intensificando a fiscalização do exercício das artes de curar na colônia. A ação dos delegados deveria obedecer ao regimento que instituía as normas a serem seguidas para a prática da medicina (Furtado – Apresentação. In: Ferreira, 2002, p. 4).

Neste século XVIII, cabe ressaltar a chegada e permanência do cirurgião-barbeiro Luís Gomes Ferreira em Minas Gerais, atraído pelas descobertas do ouro na região, mas que pelos ganhos pecuniários e falta de médicos levaram-no a seguir com seu ofício. Ferreira, em sua obra “Erário Mineral”<sup>14</sup> (Prólogo, v. 1, p. 184), afirma que “pois em tão remotas partes, que hoje estão povoadas nestas Minas, aonde não chegam médicos, nem ainda cirurgiões que professem a cirurgia, por cuja causa padecem os povos grandes necessidades”.

Na primeira metade do século XIX também eram muito usados os vomitórios, purgantes, laxantes e outros recursos para atividades fisiológicas excretoras, como hábito a todas as classes sociais no Rio de Janeiro. Como diz Ferreira (2016, p. 12), “Este costume popular, de certa forma, evidencia a presença de elementos do humorismo hipocrático na cultura cotidiana”.

No Brasil, supõe-se que os princípios hipocráticos tenham sido induzidos pela medicina portuguesa, na qual tiveram ampla penetração, bem como pelos médicos que acompanharam a colonização holandesa. Constantemente realimentados nos séculos

---

<sup>14</sup> No Erário Mineral estão contidas ao longo das mais de 500 páginas incontáveis experiências inscritas nas possibilidades da medicina e da cura na movimentada Idade de Ouro do Brasil, bem como expressivos testemunhos das condições de vida e de sobrevivência de larga parcela da sociedade colonial. Fragmento que ilumina a complexidade da sociedade mineira à luz de suas condições nosológicas e terapêuticas, reproduziu, numa linguagem específica, as urgências de um universo que se formara abruptamente, um universo que se formara abruptamente, reunindo populações de diferentes origens e classes sociais, sem o enraizamento das zonas de ocupação mais antiga. Movendo-se nesse contexto social com a formação prévia que trazia do Hospital Real de Todos os Santos, de Lisboa, Gomes Ferreira mostrou-se atento às inflexões específicas do clima e das patologias que aqui encontrou, recolhendo concepções de diferentes origens, criando procedimentos de diagnóstico e de cura que, muitas vezes, substituíram os que havia aprendido em Portugal (Santos Filho *apud* Ferreira, 2002, P. 108).

subsequentes pelo fluxo de ideias em circulação na Europa, de onde provinham os médicos e os manuais que difundiam as regras de higiene e práticas curativas aqui adotadas, acabaram se sedimentando, e medidas como sangrias, purgas, vomitórios, suadouros, fumigações etc. foram intensamente praticadas, especialmente no século XIX (Lima *apud* Chalhoub *et al*, 2016, p. 112-113).

No primeiro quartel do século XIX, em meio à diversidade das teorias médicas e às questões que envolviam a institucionalização do profissional da medicina, como afirma Chalhoub (2016, p. 113) “percebe-se uma certa unidade dos padrões terapêuticos proporcionada pela longevidade do humorismo hipocrático”.

A uniformização era viabilizada pelas operações que visavam a facilitar o livre curso da natureza, com a finalidade de expulsar do corpo os humores corruptos, responsáveis pelas doenças. A obediência a esse princípio – que, de algum modo, atenuava a evidente confusão que se verificava quanto à preparação e composição dos remédios – traduzia-se, na prática, em clisteres, purgas e sangrias (Ibidem, p. 113).

### 1.2.1 Institucionalização da medicina no século XIX

No período de transição do século XVIII para o XIX,

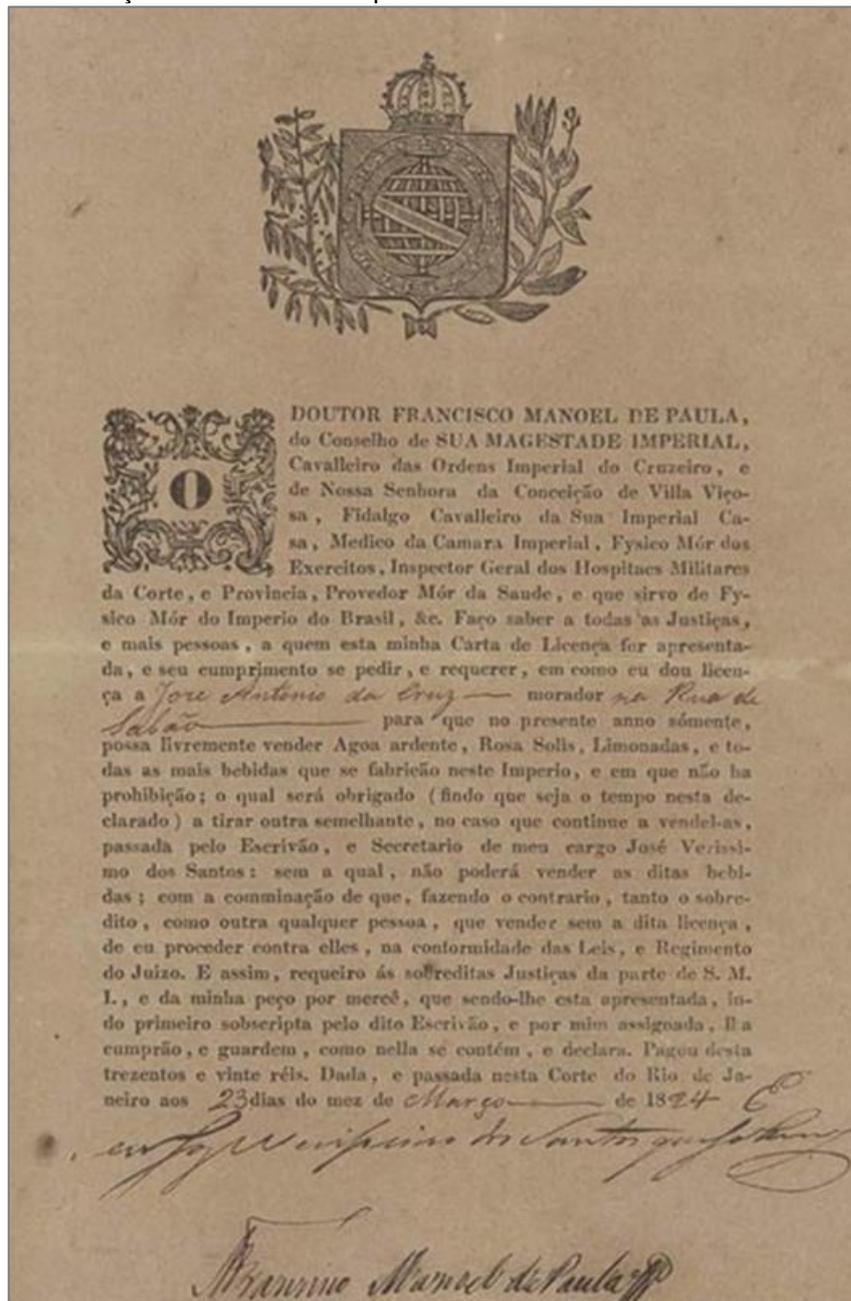
[...] os cargos de físico-mor e cirurgião-mor foram extintos em 17 de junho de 1782, com o surgimento da Junta do Protomedicato, que passou a exercer tais competências por meio de seus delegados, cuja autoridade estendia-se ao Reino e domínios. Com a criação da junta, centralizaram-se em um único órgão atribuições que antes eram desempenhadas tanto pelo físico-mor quanto pelo cirurgião-mor. No entanto, com a vinda da corte portuguesa para o Brasil, em 1808, foram restabelecidos os cargos de físico-mor e cirurgião-mor. Ainda que na prática suas atribuições já estivessem sendo desempenhadas pelos cargos recém-criados, a Real Junta do Protomedicato foi oficialmente extinta somente pelo alvará de 7 de janeiro de 1809 (Cabral, 2011, on-line<sup>15</sup>).

Carta de licença do físico-mor para comércio de bebidas, Figura 2:

---

<sup>15</sup> Arquivo Nacional - MAPA – Memória da Administração Pública Brasileira. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/182-fisico-mor-fiscatura-mor-do-reino-estado-e-dominios-ultramarinos>.

Figura 2 – Carta de licença da Fiscatura-Mor para venda de bebidas a José Antônio da Cruz, 1824



Fonte: Arquivo Nacional - MAPA – Memória da Administração Pública Brasileira<sup>16</sup>. Fundo Fiscatura-Mor, caixa 480, pag. 4.

Inicialmente foi criada a Escola de Cirurgia da Bahia, nos termos do documento de D. João VI em 18 de fevereiro de 1808, depois transformada em Academia Médico-Cirúrgica em 1º de abril de 1813 e em 03 de outubro de 1832 recebeu, por fim, o nome de Faculdade de Medicina da Bahia<sup>17</sup>. A Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, fundada em 30 de junho de 1829 pelo médico Joaquim Cândido Soares

<sup>16</sup> Ibidem.

<sup>17</sup> Faculdade de Medicina da Bahia. Disponível em: <http://www.fameb.ufba.br/institucional/historico>

de Meireles, passou a chamar-se Academia Imperial de Medicina a partir do decreto da Regência de 8 de maio de 1835 e, em 21 de novembro de 1889, pelo decreto nº 9 do Governo Provisório da República Marechal Deodoro da Fonseca, passou ao nome de Academia Nacional de Medicina<sup>18</sup>. Presentes no Brasil mesmo antes das construções da Academia Imperial de Medicina e da Faculdade de Medicina da Bahia, os médicos formados na Europa tinham como referencial a Academia de Medicina de Paris e ideias iluministas.

Com as transformações das precárias escolas de cirurgias do Rio de Janeiro e de Salvador em faculdades de medicina, iniciou-se o distanciamento cultural entre a medicina culta e a popular.

Para seus idealizadores, as faculdades de medicina deveriam assumir a árdua tarefa de cancelar os antigos padrões herdados do período colonial, promovendo uma verdadeira aculturação da medicina local de acordo com as novas tendências da medicina europeia, sobretudo no campo da clínica e da higiene (Chalhoub *et al*, 2016, p. 102).

A exclusividade à medicina para a Corte Imperial, pode ser percebida pelos registros dos periódicos<sup>19</sup> que circularam do final da década de 1820 até o início da de 1840 e, também, pela já referida criação da Academia Imperial de Medicina em 1835. Por outro lado, os interesses dos editores para manterem seus periódicos com publicações relacionadas às artes, indústria e também ciências, para um leitor leigo, abarcou fortemente trabalhos sobre a higiene.

Nestas circunstâncias ocorriam os escritos de médicos-periodistas em confronto com opiniões leigas sobre procedimentos de cura.

As ponderações inseridas nos periódicos a respeito do universo das práticas e valores populares relativos à saúde, além de exprimir o conflito entre os médicos e seus concorrentes, também revelavam a posição da “opinião pública” quanto à pretensão dos médicos em assumir o monopólio da arte de curar (Chalhoub *et al*, 2016, p. 102).

---

<sup>18</sup> Paulino Netto A, Porto J, Santos OR. *History of the National Academy of Medicine. Acta Medica Misericordiae* 2004; 7 (1):7-10. Disponível em: <http://www.actamedica.org.br/publico/noticia.php?codigo=290>

<sup>19</sup> A técnica da litografia chegou em 1817 através do artista francês Arnaud Julien Pallière, contratado por D. João VI, inicialmente contratado para fazer retratos e paisagens. Consistia na técnica da pedra ou placa metálica litográfica como matriz para a impressão em papel. (Martins; Luca, 2012, p. 33).

Com poucos médicos no século XIX, diferente da Europa com sua hierarquia médica estabelecida para a distinção de médicos, cirurgiões e boticários, no Brasil Império os cirurgiões, boticários e leigos assumiram o papel dos doutores em medicina.

Integrada à cultura dos grupos subalternos da sociedade colonial e, também aceita pelas elites, a tradição médica popular influenciou sobre a tardia institucionalização da medicina acadêmica promovida ao longo do século XIX. Mesmo que, do ponto de vista das relações de poder, os praticantes daquela medicina estivessem submetidos ao controle das instituições médicas oficiais, a ação de vigilância dessas instituições foi contrabalançada pelo prestígio social de que gozavam os terapeutas populares. Desse modo, a imposição da autoridade cultural do saber médico-científico exigiu de seus representantes redobrado esforço para que pudessem estabelecer, com nitidez, a diferença entre a medicina acadêmica e a medicina popular (Chalhoub *et al*, 2016, p. 102).

Procedimentos da cultura humoral como vomitórios, purgantes e laxantes eram considerados pela Academia Imperial de Medicina como um grande problema. Na conferência de 1835, a Academia manifesta neste sentido, em particular com o purgativo Le-Roy, condenado pela Academia de Medicina de Paris, mas com grande popularidade no Brasil, decorrente dos anúncios nos jornais, almanaques farmacêuticos e panfletos. Sem a necessidade de prescrição médica, e diferente dos médicos da Academia Imperial de Medicina, o consumo do Le-Roy envolveu médicos, cirurgiões, boticários e curandeiros interessados nos proveitos da crença popular.

Durante a maior parte do século XIX, a renovação epistemológica prevista foi muito tímida. O controle político-administrativo exercido pela burocracia imperial limitou a intenção da adoção do modelo clínico-hospitalar francês, e com um inexpressivo estabelecimento de uma cultura científica, prevaleceu o clientelismo assumido por professores e alunos.

Enquanto Chernoviz obteve respaldo oficial da Junta de Higiene, criada em 1851, para seus manuais de apoio aos boticários, a primeira Farmacopeia Brasileira só foi criada em 4 de novembro de 1926 pelo Decreto 17.509. Conforme a Agência de Vigilância Sanitária – ANVISA, “essa 1ª edição foi atualizada em 1943 - 1º suplemento - (Portaria nº 42, de 2 de março), em 1945 - 2º suplemento – (Portarias nº 24, de 14 de abril) e em 1950 – 3º suplemento – (Portaria nº 39, de 13 de junho<sup>20</sup>)”.

---

<sup>20</sup> Agência de Vigilância Sanitária – ANVISA. GOV.BR – Ministério da Saúde. Disponível em:

### 1.2.2 Chernoviz e manuais da medicina popular

Com processos ainda pouco conhecidos da institucionalização e desinstitucionalização da cultura médica acadêmica no Brasil Imperial, assim como os aspectos negligenciados sobre os saberes de alívio individual ou coletivo dos nossos antepassados no enfrentamento do sofrimento físico, resume proficuamente Edler (2016, p. 9): “Não homogêneo, mas sim diversos e controverso, o processo de secularização cultural a que se convencionou denominar de medicalização sempre comportou fissuras, negociações e reservas”. Cabe inferir que a medicina oficial fora mais heteróclita e heterogênea do que as práticas terapêuticas populares e subalternas.

Nesse contexto os interesses de editores de manuais intensificam as publicações de uma “medicina popular” apostando numa medicina de autoajuda, ampliando a autonomia dos indivíduos, como o Chernoviz<sup>21</sup> e outros.

Bem que o pleno exercício da medicina exija estudos profundos e atilado critério, não é menos verdade que existem muitas coisas relativas à arte de curar, cujo conhecimento pode ser facilmente adquirido por todos os homens, e em que podem noções muito simples pô-los em estado de serem úteis à sociedade. É certo, portanto, que há coisas que deveriam ser conhecidas de todos os homens, e que toda a obra que tiver por objeto popularizar a medicina fará sempre um verdadeiro serviço à humanidade (Chernoviz, 1851, p. 10-12. In: Medeiros, jan./mar., 2018, p. 41).

Vale lembrar que os manuais e guias médicos não surgem no século XIX; presentes nos anos setecentos, estavam “calcados em teorias astrológicas e mágicas, e conviviam com manuais de cunho animista e de fortes conceitos higiênicos” (Guimarães, 2003, p. 27). No século XIX, várias foram as publicações de manuais e guias, como: o “Manual do Fazendeiro” ou “Tratados Domésticos sobre as enfermidades dos Negros” de Imbert em 1839 (Taunay, 1939 *apud* Schnoor, 2007, s.p.; Peruchi, 2023, p. 344); ou “A Guia Médica das Mães de Família” ou “A Infância Considerada na sua Hygiene, suas Moléstias e Tratamentos”, de Imbert em 1843 (Souza, 2018, p. 2); o “Médico e o Cirurgião da Roças: novo tratado completo de medicina e cirurgia doméstica, adaptado à inteligência de todas as classes do povo”,

---

<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/acessoainformacao/perguntasfrequentes/farmacopeia/>.

<sup>21</sup> Pedro Luiz Napoleão Chernoviz nasceu na cidade polonesa Luków, e imigrou para o Brasil em meados do século XIX. Médico, acadêmico e editor consolidou carreira e fama no Brasil Império.

por Bonjean em 1847 (Peruchi, 2023, p. 347); os “Primeiros Socorros ou a Medicina e Cirurgia Simplificada”, também de Bonjean em 1866 (Academia Nacional de Medicina, 2024, on-line), o “Dicionário de Medicina Doméstica e Popular” de Langgard em 1873 (Pôrto, 2006, p. 1026). Conforme documentação pesquisada, Chernoviz<sup>22</sup> foi o de maior aceitação nas diferentes camadas da população da época.

O Formulário e Guia Médico, publicado por Chernoviz em 1841, teve grande popularidade, pois servia aos pobres das áreas urbanas, que então podiam recorrer às variações polimorfas das tradições de cura e práticas artesanais que remontavam ao período colonial. No início da segunda metade do século XIX, com a sua publicação de 1851 na seção “Livros Modernos” do Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, conhecido por *Almanak Laemmert*, além de elevar o ímpeto comercial dos editores, fortaleceu a produção de medicamentos com novas fórmulas e processos de soluções, tinturas, extratos, xaropes etc., para os quais, em muito, valeram-se dos confeitos de purgativos e laxantes de referenciais humorais de Hipócrates e Galeno.

Ao pesquisarmos a “19ª” edição do Formulário e Guia Médico (Chernoviz, 1920: 87-219), vimos o capítulo “Fórmulas pharmaceuticas dos medicamentos”, na contínua orientação minuciosa de práticas farmacêuticas para a elaboração de medicamento incluindo instruções para uso de equipamentos. De fato, Chernoviz popularizou os xaropes, vinhos, extratos, tinturas, conservas, emplastos e unguentos vendidos prontos nas boticas.

Chernoviz e outros serviram aos proprietários de terras e escravistas na perspectiva de manter a saúde dos seus escravos com um mínimo de custos. Mas é importante frisar que o mesmo ocorre com as publicações de Jean-Baptiste Alban Imbert, membro da Academia Imperial de Medicina, como o “Manual do Fazendeiro ou Tratado Doméstico sobre as Doenças dos Negros” (1839), o “Guia Médico das Mães de Família” (1843) e o “O Médico e o Cirurgião das Roças, ou tratado completo de medicina e cirurgia doméstica, adaptados à inteligência de todas as classes do povo” (1857). Ambos buscavam, de modo diverso, atender a diferentes grupos sociais.

O Chernoviz, enquanto medicina de cabeceira, mostrou-se condizente com a estrutura social patriarcal, na medida em que seu conteúdo acadêmico se

---

<sup>22</sup> Imbert, Bonjean, Langgard e Chernoviz eram estrangeiros radicados no Brasil, dentre outros.

contaminaria de uma medicina doméstica, já familiar aos leitores (Guimarães, 2008, p. 830).

### 1.2.3 Dr. Benoît Mure revigorando a Homeopatia

A homeopatia era praticada no Brasil Império por entusiastas desta prática curativa como Germon e Castro, mesmo antes da chegada do Dr. Mure em 1840.

Luz (2013, p. 39) considera que as décadas de 1840 e 50 foram o período da implantação da homeopatia, a partir do trabalho do Dr. Benoît Jules Mure e culminando com o funcionamento do Instituto Hahnemanniano do Brasil em 1859. Chegado ao Brasil em 21 de novembro de 1840, o médico homeopata francês Benîte Jules Mure pretendia criar uma colônia de representação de *Union Industrielle de Paris*, na forma da organização de um falanstério<sup>23</sup>.

Inserida na sua proposição ideológica, Mure era um entusiasta da homeopatia, o que ficou claro, na publicação de 28 de dezembro de 1841 do Jornal do Comércio, em sua afirmação:

Conquanto eu muito zele a reforma tão desejável da arte médica, foi com pesar que vi enunciado o meu nome em alguns artigos que na sua folha foram a dias publicados sobre a propagação homeopática na Europa. [...] A causa da colonização que defendo neste momento parece-me de igual interesse para a humanidade. Temo não venha ela sofrer algum dano da parte dos interesses comprometidos pela reforma da medicina e que esses interesses não a impliquem no seu ódio comum, nas suas agréssões sistemáticas, etc (Jornal do Commercio, Anno XVI, 28 de dezembro de 1841, N. 334).

Preocupado com o desenvolvimento da homeopatia no Brasil nos padrões de Hahnemann, o Dr. Mure preocupou-se em difundir entre os discípulos o conhecimento adquirido na Europa e o Organon da Arte de Curar.

Em 1846, foi publicado na cidade de Niterói, o “Organon” na sua 5ª edição, com tradução do cirurgião português João Vicente Martins<sup>24</sup>. Martins se reporta à tardia tradução do “Organon”:

<sup>23</sup> Proposta de Fourier de organização comunitária para a realização plena da natureza humana, com característica de cooperativa, baseada nos princípios socialistas, com a propriedade coletiva dos meios de produção e prescrições comportamentais, incluindo a plena liberdade sexual.

<sup>24</sup> Prefácio da tradução portuguesa do “Organon”, 5ª edição, pelo cirurgião português João Vicente Martins, publicada em 1846, em Niterói, Tipografia Niteroiense, dedicada ao Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira.

A Itália, a França, a Inglaterra, a Espanha, e os Estados Unidos possuem já traduções dessa imortal obra, escrita em alemão: vergonha era o Brasil, e Portugal privados ainda estivessem desse rico tesouro, tão fecundo, que por toda a terra tem de espalhar em breve, e com prodigalidade, seus cabedais imensos (Martins, In: Hahnemann [trad.] Castro; Rezende Filho; Curi. “Benoit Mure”, 2013, p. 24).

Para efeitos de divulgação e esclarecimentos sobre a homeopatia à sociedade, foi lançado no Rio de Janeiro o periódico mensal “A Homeopathia Periodico das doutrinas medicas e sciencias acessórias”. Com a intenção de ser publicado semanalmente, seu primeiro número ocorreu no dia 28 de julho de 1859 e teve como redatores dos doutores Luciano Lopes Pereira e J. B. P. de Figueiredo, seu editorial fazia um chamamento à criação de comissões provinciais e municipais homeopáticas e propunha uma interligação futura entre elas. Também oferecia gratuitamente a inserção de artigos sobre homeopatia.

Este foi um período de grandes embates entre a medicina oficializada, representada pela Academia Imperial de Medicina e letrados do Império, e homeopatas, numa forte reação às tentativas de Mure e outros de divulgação e legitimação da homeopatia, por meio de espaços cedidos em grandes jornais, como o Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, no período de 1843 a 1848.

Segundo Luz (2013, p. 44-50), a homeopatia no Brasil, a partir de 1859, viveu quatro períodos distintos, o “período de expansão (1860 a 1882), o da resistência (1882 a 1900), o período áureo (1900 a 1930) e o declínio acadêmico da homeopatia (1930 a 1970)”.

#### Período de Expansão (1860-1882):

Legitimando-se junto à população, a homeopatia já conquista alguma oficialização, através dos dispensários, enfermarias e consultórios, seja na Santa Casa, ou em hospitais de ordens religiosas ou militares, seja em seus próprios serviços particulares. Os cursos de formação de homeopatas mantêm-se nos diversos Institutos Homeopáticos, criam raízes e se espalham, atraindo uma clientela crescente de alunos (Luz, 2013, p. 44).

Com a pretensão do reconhecimento e valor da homeopatia, seus principais representantes solicitam permissão para o ensino nas escolas médicas, no entanto, em 1882 tal solicitação foi negada pela Congregação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

### Período da resistência (1882-1900):

[...] como o cerco que as instituições médicas, como a Academia de Medicina (Imperial, depois Nacional), a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a Junta de Higiene Pública, depois Diretoria Geral de Saúde Pública, que será dirigida por Oswaldo Cruz, moveram contra a prática da homeopatia”. Abalado por esses constantes ataques, bem como pelas divisões internas dos homeopatas, o Instituto Hahnemanniano fenece, só vindo a reacender-se em 1900 (Luz, 2013, p 47-48).

O período áureo (1900 a 1930), segundo Luz (2013) está em muito creditado ao trabalho de Emygdio Galhardo:

[...] aceitando uma qualificação do historiógrafo homeopata, Emygdio Galhardo, atribuído a momento similar (1912-1930). O material de Galhardo constitui uma cronologia histórico institucional da homeopatia cobrindo um período de cerca de um século, reunindo um acervo de fontes primárias consideráveis, aproveitadas por este estudo, frequentemente citadas nos três primeiros capítulos (Ibidem, p. 48).

### O declínio acadêmico da homeopatia (1930 a 1970):

Neste período, de forma algo paradoxal, paralelamente a um grande silêncio da medicina oficial sobre a homeopatia (silêncio compartilhado pelos próprios homeopatas, segundo alguns deles), há o seu reconhecimento oficial pelos poderes públicos, nos planos legislativo e executivo. É no segundo momento deste grande período, da segunda metade dos anos 40 à primeira dos anos 70, que pode ser detectada a estratégia do silêncio. Sobre este período, conclusões gerais ou definitivas não podem ser traçadas. Os dados desta pesquisa são relativamente insuficientes face à enorme complexidade do mesmo. Entretanto, pode-se dizer que ele assinala uma fase de grande descenso do saber homeopático, devido aos progressos tecnológicos realizados pela medicina, por um lado, e devido à queda da dinamicidade acadêmica ao Instituto Hahnemanniano, por outro, com a perda de controle dos homeopatas sobre a Faculdade e o Hospital do Rio de Janeiro. É também a fase de expansão das grandes indústrias farmacêuticas, dos antibióticos, das especialidades médicas, do modelo atenção médico-hospitalar, em suma, da medicina tecnológico-científica que se torna hegemônica no país e no mundo, levando de roldão nesse processo não apenas a homeopatia, mas própria clínica geral e a medicina preventiva e social (Luz, p. 55-56).

#### 1.2.4 As caixas de boticas – herança colonial

Parte importante do contexto de práticas de curas no século XIX, as boticas foram trazidas para o território no início de sua colonização.

As caixas de botica, ou simplesmente boticas como também eram conhecidas, foram caixas normalmente feitas de madeira, que continham produtos terapêuticos ou preparações de medicamentos. Existiam também boticas em caixas de papelão com preços mais baratos, como as oferecidas pelo Laboratório Souza Soares<sup>25</sup>.

As caixas boticas foram trazidas para a colônia por cirurgiões-barbeiros, aprendiz de boticários, jesuítas e também mercadores ambulantes. Neste período “[...] a caixa era transportada pelos mascates, que percorriam as povoações e as fazendas levando medicamentos capazes de curar as mazelas mais comuns” (Conselho Federal de Farmácia, 2011, on-line).

Nas “entradas” e “bandeiras”<sup>26</sup>, expedições militares ou científicas, seus partícipes como viajantes naturalistas, fazendeiros, senhores de engenho, médicos de tropas e membros de câmaras municipais, todos as possuíam com um bom sortimento de remédios para socorros urgentes (Carvalho. In: História da farmácia no Brasil – Parte I, 2011, on-line).

As boticas de madeira podiam ser lustradas, ter fechaduras e conter mais de 48 frascos e, conforme Soares (1897, p. 10), eram anunciadas como “Boticas com medicamentos em glóbulos, em tubos medianos<sup>27</sup>”. Os frascos eram predominantemente de vidro, com tampas vítreas ou de rolha de cortiça e, ocasionalmente, continham frasco de cerâmica de louça histórica. Para a preparação de medicamento a domicílio, também continham béquer<sup>28</sup>, pequenas balanças, almofariz com pistilo, pinças, colheres e outros pequenos instrumentos (Figura 3).

---

<sup>25</sup> Laboratório Souza Soares localizado em Pelotas no Rio Grande do Sul.

<sup>26</sup> No século XVII, as entradas entraram em declínio e as bandeiras que saíam de São Paulo ganharam força.

<sup>27</sup> Glóbulos ou tubos era a descrição de pequenos frascos vítreos, com produção bastante simples e fechamento com rolhas de cortiça.

<sup>28</sup> Béquer corresponde ao copo para medidas, que serve também para fazer reações entre soluções, dissolver substâncias sólidas, efetuar reações de precipitação e aquecer líquidos.

Figura 3 – ‘A’ - botica para formulação de medicamento; ‘B’ – Botica para a comercialização do Laboratório Souza Soares.



Fonte: ‘A’ - Conselho Federal de Farmácia – Aspectos históricos; ‘B’ - Museu Farmacêutico Moura (In: Lima, 2010, p. 86).

### 1.2.5 Controvérsias no século XIX

Na “Dissertação crítica sobre a homoeopathia” (sic) o médico José de Calasans Rodrigues de Andrade na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 7 de abril de 1842, em sua conclusão (página 24), refuta as práticas curativas homeopáticas desenvolvidas em sua época por Germon e Castro:

Ora, temos supposto que em verdade os Srs. Germon, e Castro aplicavam globulos, administravam nihilidades medicamentosas, e lhes não exigiremos provas ainda que o devessemos fazer, pois que cada globulo pôde mui bem conter um grão de sublimado, ou de outra substancia, e estas doses sobem alem mesmo do razorismo: mas, perguntaremos, os doentes com certeza tomavam os glóbulos? E por ventura o Sr. Picot utilizou-se dos que lhe prescreveu o Sr. Castro, e não foi ironicamente que fez persuadir a esse Sr. Haver sido curado pela santa medicina? Isto mesmo não se repetio tantas vezes na sala homoeopathica do Hospital de Bordeaux, onde os doentes rejeitando os pós que lhes eram dados lançavam mão de medicamentos ordinarios? Como pois acreditarmos nos annuncios dos homoeopathistas? Vê-se por tanto que as observações homœopathicas nem-uma importancia merecem para servir de base a methodos therapeuticos, são despidas de circunstancias indispensaveis, colhidas sem escrúpulo, sem cautelas, e nada abonam o criterio d’aquelles que as formularam (sic) (Andrade, 1842, p. 24).

Já no final do século XIX e início do XX, lembrando da já referida tardia institucionalização da medicina, chama a atenção a propagação da medicina popular com prevalência sobre a acadêmica. Independente de dados quantitativos de consumo de medicamentos, isto fica claro pelo prestígio que ainda gozaram os

terapeutas populares, inclusive com o reconhecimento de instituições médicas de controle oficial, avançando cronologicamente a profícua afirmação de Chalhoub *et al* (2016, p. 102) citada anteriormente.

As desavenças entre a medicina acadêmica e a popular, na segunda inclusa a homeopatia, ficaram registradas de modo notório nas diferentes manifestações escritas e populares, como no prefácio de “O Novo Medico ou a Medicina Simplifica ao alcance de toda gente referida”, como afirmação do Dr. Benoît Jules Mure:

Não raro succede que enfermos, abandonados por medicos de outros systemas, no ultimo extremo, encontram na homeopathia a cura radical, sendo restituídos, como que por milagre, aos carinhos e amizade da familia e dos amigos. O povo, diz o Dr. Mure, comprehende toda a grandeza da homeopathia, que chegou a um grau rigoroso de **exactidão mathematica**; todavia, ainda ha alguns medicos que, por desconhecerem-lhe esses predicados, recusam-se obstinadamente a servir-se della para cumprirem os deveres do seu sacerdocio (sic) (Soares, 1897, p. 8, grifo nosso).

“CONTRA FACTOS NÃO HÁ ARGUMENTO”, título do anúncio publicitário do Peitoral de Cambará, realizado pela “Pharmacia Navegantes”, localizada à rua 15 de Novembro nº 50 – Belém/Pará, na folha 6 do ano de 1891 do periódico “A República”<sup>29</sup>. Além de categórico, o texto conta uma estratégia de propaganda que inclui várias manifestações de cidadãos satisfeitos com o medicamento.

Tal é o medicamento que mais uma vez apresentamos ao publico, sem mais largo cabedal de preconnicio, pois o que ahi fica – attestados de illustres e acreditados clinicos (a voz da sciencia) e de pessoas curadas **e geralmente conhecidas e conceituadas (a voz da experiencia)** - é sufficiente para recommendar o ‘PEITORAL DE CAMBARÁ’ como medicamento de resultados mais seguros e immediatos no tratamento das enfermidades do aparelho respiratorio, das quas se póde denominar o soberano debellador (sic) (A Republica, Belém, 15 mar. 1891, p. 6, grifo nosso).

Em vários jornais distribuídos pelo território brasileiro, os anúncios do Peitoral de Cambará de Souza Soares seguem o mesmo padrão publicitário já referido. Com o mesmo título do anúncio e o subtítulo “Imponentes manifestações da sciencia e da experiênciã em prol da grandiosa descoberta que mais há concorrido PEITORAL DE

---

<sup>29</sup> A República - Órgão do Partido Republicano, Estado do Pará-Belém.

CAMBARÁ”, prossegue, “Preparado na fabrica especial do Parque Pelotense, em Pelotas, estado do Rio Grande do Sul”. Anúncio feito por sua representante “Companhia de Drogas e Produtos Chimicos”, no jornal “A Provincia, Anno XIV - número 169 de 1º de agosto de 1891 – Recife. Pernambuco” (Figura 4).

Figura 4 – Propaganda do Peitoral de Cambará



Fonte: A Provincia, Anno XIV - número 169 de 1º de agosto de 1891 – Recife – Pernambuco.

Por outro lado, opiniões contrárias à homeopatia circulavam em periódicos, como na Gazeta de Porto Alegre, número 21 de agosto de 1897, em que foi publicado o texto de descrédito àquela prática curativa, com a autoria indicada apenas pela letra “P”.

Assim como nas propagandas, as apresentações de manuais como o de Chernoviz, Mure, Sousa Soares e outros, indicam o uso dos seus medicamentos de forma quase irrestrita, valendo-se do recurso de uma linguagem de apelo informativo.

Methodo fácil e seguro para qualquer pessoa estranha completamente á medicina poder tratar-se e a muitos doentes pelo melhor systema até hoje conhecido (sic) (Soares, 1897, Apresentação).

Methodo moderno e facilimo de curar as moléstias em geral por meio de remédios específicos inofensivos, de muita efficácia, com rapidez e economia pelo VISCONDE DE SOUSA SOARES (sic) (Soares, 1908, Apresentação).

No que tange às diversas práticas de cura no século XX, persistindo as divergências do século anterior, registramos na Introdução do manual “O Novo Medico” a citação extraída dos “Annaes de Medicina”, do ‘Instituto Hahnemanniano do Brasil’, de fevereiro de 1906, sob o título “Apontamentos para a historia da Homeopathia no Rio Grande do Sul” na referência a Sousa Soares:

Não conhecemos no Rio Grande do Sul medico algum formado, que tenha prestado maiores e mais assinalados serviços á população rio-grandense, do que aquelle colega, seguidor da medicina hahnemanniana. Essas referencias, em harmonia com as noções fundamentaes da ordem social, trazem á evidencia as fantasias com que pretendem alguns doutores abalar a Logica dos principios genuinamente republicanos, estatuidos nas leis do Estado Meridional da Republica (sic) (Soares, 1908, p. 6).

### 1.3 Mercadores, curandeiros e medicina no Rio Grande do Sul

Os representantes da homeopatia no Rio Grande do Sul no século XIX vinculavam-se às práticas de Benoit Mure. A partir de 1847 surgem as propagandas desta prática através dos professores Edmundo Tberghien Ackerman, Joaquim Gonçalves Gomide, formados pela Escola Homeopática do Brasil, fundada no Rio de Janeiro em 1845, e Dionysio de Oliveira Silveiro, diplomado pela Universidade de Coimbra. Segundo Weber (2005, p. 1), “Também encontramos referência de um consultório homeopático para pobres, instalado em 1849, em uma das salas da Câmara Municipal da vila de São José do Norte, dirigido pelo Dr. E. J. Adhermann”.

Na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, como em outras regiões do Brasil Império, na segunda metade do século XIX a homeopatia foi popularizada em manuais, quer vendidos quer distribuídos gratuitamente, com linguagem auto-instrutiva e compreensível em manuais com proposituras de códigos de elegância, de higiene e regras sociais sob a premissa iluminista civilizatória, segundo Guimarães (2005, p. 507). Alguns manuais orientavam que qualquer pessoa poderia aplicá-los valendo-se de boticas homeopáticas, adquirindo-as em farmácias. Segundo Weber (2005, p. 2), Muniz Cordeiro indicava uma lista de 39 medicamentos dos mais indispensáveis, “que deveriam estar na 5ª dinamização, além de serem objetos indispensáveis os fios de linho, pontos falsos, tintura de arnica, tintura de plumeria<sup>30</sup>, álcool refinado e água destilada”.

Um exemplo de uso da flora medicinal nas práticas homeopáticas foi Manoel Amaro Jr. de Jaguarão. Na sua clínica médica regular equipada com aparelhagem de radiologia, ginecologia e obstetrícia, e convicto da capacidade de cura de plantas

---

<sup>30</sup> Plumeria: Família da ‘*apocynaceae*’ de nome científico: *Plumeria rubra*. Usada na medicina *Ayurveda*, possui inúmeras propriedades farmacológicas, sendo considerada bactericida, vermífuga, calmante, eficaz no tratamento de reumatismo, doenças venéreas, indigestão e insônia. Nome popular: jasmim-manga. (Cordeiro, S. Z., 2019), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/plumeria-rubra-l>

nativas, atuou do final do século XIX até perto de sua morte em 1925. Seus conhecimentos foram obtidos através dos manuais homeopáticos, e com vasta clientela na área urbana e rural obteve a licença para o livre exercício da medicina concedida pelo Império (Weber, 2005, p. 2).

No Rio Grande do Sul, no início do século XX, os médicos com formação acadêmica também atuavam como agentes da medicina pública, com publicações que atendessem aos leigos letrados, boticários, fazendeiros e sinhás-mães que praticavam a medicina, no trato dos escravos, agregados, libertos e pobres livres que viviam em seus arredores (Weber, 2005, p. 6).

A Revista Hygia – Revista Mensal Popular de Medicina e Educação Sanitária – ano IV, Porto Alegre, tendo como responsáveis os doutores Ulysses de Nonohay, Renato Barbosa e Adhemar Toreilly, mostrava nos seus doze números de 1930 a persistências de males como tuberculose, influenza, lepra e febre amarela no Rio Grande do Sul. Esta era uma revista que continha anúncios comerciais diversos do cotidiano das pessoas, contos, orientações de higiene, mas no seu interesse primeiro preocupava-se em ser descritiva e de fácil linguagem sobre as doenças, exames e medicamentos por ela subscritos.

O médico Renato Barbosa praticou, a partir de 1914, o controverso pneumotórax artificial<sup>31</sup> em pacientes com tuberculose. O procedimento, também praticados por outros médicos, tratava-se da inserção de agulha entre as duas folhas da pleura para aplicação de azoto (nitrogênio), com elevado risco de infortúnio. Em seu artigo de 1932, Renato Barbosa comenta:

Os seus partidários, tocados pelo entusiasmo de alguns casos, pretenderam alcançar do método aquilo que ele lhes não podia dar, imprecisas que eram as suas indicações, daí o contingente pouco animador das estatísticas, cujos resultados ficavam mesmo aquém daqueles que eram fornecidos pelos fisiólogos que se socorriam dos métodos clássicos. Não só se não fazia a necessária seleção, como também, praticado de começo nos doentes hospitalizados, havia o

---

<sup>31</sup> Pneumotórax artificial – efeito latrogênico: causado por uma intervenção médica. “Em 1882, o médico italiano Carlo Forlanini criou uma técnica que ficou conhecida como colapsoterapia médica e que usava o método do pneumotórax artificial. A nova terapêutica consistia na introdução de um gás (nitrogênio) no pulmão, mais especificamente no chamado espaço intrapleural. Esse processo permitia que o pulmão entrasse em um estágio que os médicos chamavam de repouso fisiológico. Assim, pretendia-se que as lesões tuberculosas ativas parassem de sofrer traumatismos constantes provocados pela respiração, pela tosse ou por outros fatores. Esse descanso restabelecia as condições para a regressão e cicatrização das lesões”. Museu da vida – FIOCRUZ. Disponível em: <https://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/noticias/2011-objeto-em-foco-aparelho-de-pneumotorax>> Acesso: 10 mai. 2024.

errado critério preferencial dos casos maus, de resto, sempre em proporções maiores, por entre os internados nestes serviços de assistência pública (Barbosa, 1932, p. 25).

### **1.3.1 Daudt Filho e Felipe Daudt d'Oliveira – indústria e propaganda**

Na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul foi criado em 1882 um dos primeiros laboratórios de produção de medicamentos no Brasil Império, por João Daudt Filho na cidade de Porto Alegre. Formado em Farmácia no Rio de Janeiro, voltou para Santa Maria onde criou neste ano a empresa Daudt Freitas & Cia. “Em 1893, Daudt transferiu a produção para Porto Alegre, onde foi um dos fundadores da Escola de Farmácia, que deu origem à primeira faculdade de Medicina, da capital gaúcha” (ASCOFERJ, 2021, on-line).

Em Porto Alegre criou o Laboratório Daudt, Oliveira & Cia juntamente com seu irmão Felipe d'Oliveira, onde produziram a pomada Boro Borácica, primeiro medicamento produzido em escala industrial a ser registrado.

No início do século XX, João Daudt Filho, acompanhado dos sobrinhos Felipe Daudt d'Oliveira e João Daudt d'Oliveira, mudaram-se para o Rio de Janeiro e estabeleceram a empresa Daudt, Oliveira & Cia. Seguindo a concepção de produção em larga escala da Foro Borácica, produziram o Xarope Bromil, Odol e o Tônico “A Saúde da Mulher”, entre outros (Cardoso, 2021, p. 20).

Seguindo o padrão publicitário das últimas décadas do século XIX, Daudt investiu fortemente na elaboração de almanaques, porém, com um direcionamento para o público feminino. O almanaque criado em 1906, como apoio ao lançamento do Tônico Saúde da Mulher, foi publicado até o início da década de 1960. O seu principal responsável foi Felipe Daudt d'Oliveira, divulgando anúncios de medicamentos populares, “[...] conselhos, horóscopos, fases da lua e, em todas as páginas, havia propaganda de algum medicamento, principalmente sobre “A Saúde da Mulher”, anunciando o melhor remédio para os males das senhoras” (Santos, 2019, p. 13.). Esta estratégia foi tão bem sucedida que com uma tiragem de 1,5 milhão de exemplares Daudt criou em 1922 a própria gráfica (Santos, 2019, p. 68).

Os manuais voltados à propaganda de medicamentos (almanaques e revistas) com circulação na segunda metade do século XIX e início do XX, em muito propuseram a educação sanitária, mas o Almanaque d'A Saúde da Mulher foi o que mais incorporou os preceitos sanitárias com o ideário de progresso da República

recém instituída (Lara, 2016, p. 14). Ressaltava implícita e explicitamente o progresso nacional, exaltando os “medicamentos industrializados orientados pela ciência químico-farmacêutica e médica da época” (Santos, 2019, p. 67).

### **1.3.2 Produção homeopata de Souza Soares de Pelotas**

Antes de falarmos do laboratório de Sousa Soares, inequivocadamente um dos mais importantes do Brasil, precisamos citar um dos primeiros, se não o primeiro, homeopata a atuar na região de Pelotas, o médico Josefilo Maria de Souza Brandão.

Segundo Weber (2005, p. 3): “A referência ao homeopata Josefilo de Souza Brandão em 1857 é a primeira e mais antiga encontrada de um homeopata na região de Pelotas”. Com pouquíssimas informações localizadas sobre a sua trajetória, encontramos em Quevedo (2016, p. 120-121) a informação da sua atuação como primeiro associado e secretário da enfermaria na cidade de Rio Grande, inaugurada em 30 de maio de 1857, como filial da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Porto Alegre. Mesmo antes da inauguração da enfermaria, Josefilo de Souza Brandão manifestou-se publicamente contra o vínculo com a Sociedade Portuguesa de Beneficência de Porto Alegre e, em decorrência, afastou-se no mesmo ano juntamente com 91 sócios portugueses, com os quais funda a Sociedade Portuguesa de Beneficência D. Pedro V (Quevedo, 2016, p. 120).

Muito difícil seria escrever sobre a produção de medicamentos em Pelotas, sem começar por Souza Soares.

Filho de um médico e de uma farmacêutica, José Alvarez Sousa Soares nasceu em Vairão na Vila do Conde em 24 de fevereiro de 1846 e após a morte dos pais residiu em Pernambuco, depois na cidade de Rio Grande em 1872 onde conheceu Joana Ramos, com quem se casou e teve sete filhos e, por fim, fixou residência em Pelotas (Museu da Imigração, Portugal, on-line).

Sem ter completado os estudos acadêmicos, interessou-se pelo estudo da botânica e química. Com seu interesse por plantas brasileiras, desenvolveu o medicamento Peitoral de Cambará, a partir da planta do mesmo nome. Como resultado da aceitação deste medicamento e por reconhecimento aos seus estudos, Sousa Soares recebeu da Diretoria-Geral de Higiene Pública do Estado do Rio Grande do Sul a equiparação oficial a médico, e o Império o reconheceu oficialmente como industrial farmacêutico.

Com a pesquisa e produção de medicamentos calcados na homeopática, criou em Pelotas inicialmente o Laboratório Homeopático Rio-Grandense em 1º de julho de 1874, uma das primeiras farmácias de Pelotas, e em 02 de fevereiro de 1883 fundou o Estabelecimento Industrial Farmacêutico Souza Soares na área do Parque Pelotense (Loner; Gill; Magalhães, 2017, p. 210).

Com tipografia e encadernação na sua própria empresa, publicou em 1897 a quarta edição do “Auxilio Homeopatico ou Médico de casa”, na qual constam várias referências ao Dr. Benoît Mure.

Com reconhecimento nacional, Souza Soares almejou o título do Parque Pelotense como Parque Imperial. Por decorrência, em 1889 foi motivo do pedido de informações do Diretor da 3ª Secção da Secretaria de Estado dos Negócios do Império sobre sua conduta e moralidade. O Presidente da Província em resposta:

Esse Souza Soares nesta província não tem sido mau homem, antes tem-se mostrado bom e cavalheiro, é charlatão e conseguiu fazer fortuna com o xarope de cambará, de sua preparação”. O parque é considerado lugar de passeio, mas não caberia no título de “parque imperial”, que estaria sendo solicitado (sic) (Luz, 2005, p. 3).

Seu crescimento comercial foi muito significativo, tendo como carro chefe o Peitoral de Cambará, com representações de vendas em cidades do Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Recife, Alagoas, Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso e Amazonas. Com vendas inclusive em farmácias alopáticas, Sousa Soares foi enaltecido pelo Instituto Hahnemanniano do Brasil, por propagar a homeopatia como “[...] a ciência positiva que encerra em si a Physioloiga, a Patholoiga, a Materia Medica, a Therapeutica e a Prophylaxia” (sic) (Soares, 1908, p. 6).

Seu reconhecimento no início do século XX é visto nas credenciais do manual “O Novo Medico ou a Medicina Simplifica ao alcance de toda gente. 2ª edição brasileira”:

Medico auctorizado pela Directoria de Hygiene Publica do Estado do Rio Grande do Sul; industrial-pharmaceutico por Decreto do governo do Brasil; autor das obras de medicina “Auxilio Homeopathico, O Novo Medico e a Nova Guia Homeopthica”; fundador e proprietário do ‘Estabelecimento Insutrial-Pharmaceutico SOUZA SOARES’, creado no Brasil e na Europa para os laboratórios de produtos homeopathicos garantidos, Especificos na ‘Nova Medicina, Peitoral

de Cambará, Pastilhas da Vida' e outros preparados de sua descoberta; membro perpetuo da Academia Nacional de Paris; sócio correspondente do Instituto Hahnemanniano do Brasil, da Academia Parisiense dos Inventores e da Sciencias Industriaes de França; premiado com as medalhas de ouro d'estas Academias e das exposições Brasileira-Allemã de 1881 e Universal de S. Luiz de 1904; distinguido com o PREMIO DE HONRA da Exposição de Chicago de 1893 e com o GRANDE DIPLOMA DE HONRA – fora de concurso do Asylo de Mendigos de Pelotas, bemfeitor do Asylo de Orphãs da mesma cidade, e beneficente da Sociedade de Beneficencia Brasileira do Porto; membro da Santa Casa de Misericordia de Pelotas e diversas outras instituições beneficentes, religiosas, literárias, etc (sic) (Soares, 1908, Apresentação).

Em vários jornais distribuídos pelo território, os anúncios do Peitoral de Cambará de Souza Soares seguem o mesmo padrão publicitário. Com o mesmo título do anúncio “Imponentes manifestações da sciencia e da experiência em prol da grandiosa descoberta que mais há concorrido PEITORAL DE CAMBARÁ”, e subtítulo “Preparado na fabrica especial do Parque Pelotense, em Pelotas, estado do Rio Grande do Sul”. Anúncio feito por sua representante “Companhia de Drogas e Produtos Chimicos”, no jornal A Provincia, Anno XIV - número 169 de 1º de agosto de 1891 – Recife. Pernambuco”.

No “O Novo Médico ou A medicina simplificada ao alcance de toda a gente”, além das indicações dos medicamentos identificados como inócuos para o organismo, propunha outros mais específicos como as “pilulas saccharinas”, “febrilina” e a “epidermina”. Uma preocupação de Souza Soares, como vemos, era a nomenclatura dos medicamentos, aproximando-os das moléstias, cujo interesse era facilitar a identificação dos sintomas com a medicação apropriada.

Seguindo a forma por ele convencionada de cooptação popular, Souza Soares publicou em 1892 o “Almanach da Família”, que para além dos anúncios de medicamentos, com toda a orientação que lhe era comum, continha o calendário e diferentes indicações caseiras.

Participando do trabalho do pai, Miguel de Souza Soares diplomado em Farmácia pela Faculdade de Odontologia e Farmácia de Pelotas criou o “Luesol”, um depurativo do sangue “que se tornou um medicamento muito difundido no combate à sífilis” (Loner, Gill, Magalhães, 2017, p. 212).

Segundo Gill:

A partir de 1898 Souza Soares envolveu-se em longa disputa, através da imprensa, com representantes dos “Específicos de Humphreys”, produzidos em Nova Iorque. Segundo o que consta, os senhores João de Lima Eston e Vasco da Silva Fagundes, representantes do laboratório do Dr. Humphreys, na cidade, acusavam Souza Soares de copiar não só a fórmula do específico, como também imitar os rótulos, do que chamavam de remédio original.

Souza Soares sustentou o debate através dos jornais. Sempre enaltecendo os valores da indústria nacional, revelou que os medicamentos estrangeiros eram usados inclusive para o tratamento de animais doentes e, ironicamente, diz que só o que nos faltava era sermos tratados por um médico veterinário norte-americano. A discussão durou um período bastante longo, com acusações de falsificação de parte a parte. Houve, inclusive, o oferecimento de dinheiro para quem provasse a mentira ou a verdade, dependendo do ângulo de observação, mas, sobretudo, ocorreu o desenvolvimento de uma grande campanha publicitária, que reforçava as iniciativas de um morador da cidade de Pelotas, empreendedor e arrojado (Gill, 2004, p. 48).

Sobre o significado para Pelotas do Parque Pelotense ou Parque Souza Soares, Paulo Roberto Rodrigues Soares afirmou:

[...] que é uma obra de “saneamento social” da cidade de Pelotas, pois foi o principal ponto de recreio e ócio da população, com livre acesso e permitindo à burguesia local transmitir uma boa imagem e seu desejo de integração de todas as classes e também constituía-se num fator de controle social, pois a população trabalhadora era educada através dos hábitos higiênicos e polidos dos mais ricos (Soares, 2001, p. 72).

Tendo como orientação a obra de Johann Peter Frank, “A miséria do povo, mãe das enfermidades”, publicada no século XVIII, o higienismo que começa a se fortalecer na primeira metade do século XIX na Europa considerava a doença como um fenômeno social, tendo como premissa a saúde e a moral das populações das cidades. Posto isto, consideramos o caráter higienista de Souza Soares, preponderante sobre o sanitarismo social apresentado no texto que segue:

Para o autor, outras medidas de saneamento social se vincularam à construção de hospitais (Santa Casa de Misericórdia e Beneficência Portuguesa), asilos e a formação de grupos benemerentes, como a Associação de Caridade das Senhoras Pelotenses. No estatuto publicado pelo jornal Diário Popular, de 3 de dezembro de 1907, p. 1, consta que o objetivo principal dessa associação era o de subministrar aos pobres, a seu encargo, os meios indispensáveis de subsistência e em caso de doença, medicamentos e assistência

médica, assim como o que fosse necessário para a sua formação moral e religiosa (Gill, 2004, p. 49).

Após o retorno para Portugal em 1901, com sua pujança Souza Soares fundou na cidade de Porto um laboratório semelhante ao que criou em Pelotas. Em 1904 Soares recebeu o título de Visconde, concedido pelo Rei Dom Carlos I de Portugal, e morreu em julho de 1911.

## 2 Ocupação e urbanização

### 2.1 O engendramento da ocupação histórica no Rio Grande do Sul

Antes de tratarmos do processo de ocupação do território administrativo e da urbanização do atual município de Pelotas nos séculos XVII e XIX, precisamos abordar algumas peculiaridades da rarefeita apropriação<sup>32</sup> do Rio Grande do Sul até os anos de 1850.

O processo de ocupação histórica do território do Rio Grande do Sul, iniciado em meados do século XVII com a chegada dos europeus e o aldeamento dos indígenas nas reduções jesuíticas, foi caracterizado inicialmente pelas disputas territoriais entre Portugal e Espanha.

O sul do Rio Grande do Sul, até o século XVII, estava sob o domínio espanhol, conforme determinava o Tratado de Tordesilhas. No entanto, ainda naquele século, observamos esta configuração redesenhar-se com a fundação da Colônia de Sacramento em 1680, pelos portugueses, na Banda Oriental do rio Uruguai, a qual foi por sucessivas vezes objeto de investidas e conquistas pela coroa espanhola.

Na primeira metade do século XVIII, a autoridade administrativa e militar portuguesa avançou na região, consolidando aos poucos a posse territorial. Em 1737, a coroa portuguesa determinou a fundação do Forte Jesus Maria José, próximo ao Rio da Prata, dando origem ao atual município de Rio Grande, onde, desde 1745, localizou-se a sede administrativa portuguesa na então Província de São Pedro do Rio Grande.

Em 1777 Espanha e Portugal assinaram o Tratado de Santo Ildefonso, com o objetivo de encerrarem os confrontos belicosos entre as duas coroas pela posse da Colônia do Sacramento. Por este tratado a Colônia e a região dos Sete Povos das Missões foram incorporadas à Coroa Espanhola. O tratado também estabeleceu como medida de segurança a delimitação de uma faixa de terra que se estendia do Taim ao Chuí, chamada Campos Neutrais, a qual não pertenceria a nenhum dos dois países ibéricos.

---

<sup>32</sup> Apropriação é um termo utilizado em várias áreas do conhecimento; em razão disso, seus sentidos extrapolam os significados dados pela etimologia. Conforme o dicionário etimológico, o termo apropriação tem origem latina (*appropriationem*) e significa “[...] apoderação, apoderamento, **posse de alguma coisa, tornar alguma coisa sua, de sua propriedade**”. (Bueno, 1974, p. 301. In: Batista, 2018, online, grifo nosso).

Sobre as comunidades missioneiras, os primeiros anos do terceiro quartel do século XVIII mostram um contexto de endemia bélica que provocou a decadência demográfica dos Guarani-Missioneiros. De acordo com Muriel Pinto (2012, *apud* Marchi, 2018, p. 24), as missões jesuíticas no Rio Grande do Sul constituíram uma macrorregião missioneira, seguido da instalação e desenvolvimento de colônias de imigração das mais diversas etnias europeias, situando-se inicialmente no norte e nordeste da Província<sup>33</sup>.

Avé-Lallemant (1980, p. 391), sobre a Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858) escreve:

Existe ainda no Rio Grande do Sul um ramo de colonização do qual nenhuma ideia se tem na Europa: a colonização e catequese dos índios. Na realidade essa colonização é insignificante. Da terrível e triste impressão que me causou o aldeamento de São Nicolau em Rio Pardo já tive ocasião de falar, ao tratar daquela localidade. Assim é que 264 pessoas ali vivem em choças, entre as moitas, 112 homens e 152 mulheres, das quais nada se vê, nada se ouve, a não ser embrenhando-se nos matos de São Nicolau e rebuscando os ranchos, que são miseráveis. A sua igreja foi retirada da aldeia, a sua capela ameaça desmoronar-se. Mais florescente ou, antes, menos decadente do que São Nicolau é o aldeamento de Nonoaí. Aqui se encontram, mais ao norte da Província e mais longe da civilização europeia, [...]. Plantam milho e abrem picadas para os lugares civilizados para poderem vender os seus produtos (Avé-Lallemant, 1980, p. 391).

Com o advento da imigração, a estagnação, que vinha crescendo no território devido à expulsão dos jesuítas e o deslocamento dos grupos indígenas, foi mitigada. Assim, diversos grupos passaram a se estabelecer na região das missões como, portugueses, negros, alemães, italianos, poloneses e em menor densidade os árabes, judeus e russos, já em meados do século XIX. Conforme Ferreira; Schwartz; Salamoni (2008) esse processo imigratório provocou um lento mas contínuo desenvolvimento econômico, com ênfase na agricultura familiar, dentre outras atividades relacionadas à pecuária.

---

<sup>33</sup> A história dos Charrua e Minuano é um pouco diferente da história dos horticultores Guarani e Chaná que foram rapidamente aldeados ou entregues aos colonos brancos pelas formas usuais de colonização espanhola como a *mita*, a *encomienda* ou a simples escravidão. Ela é também diferente da história dos Kaingang que enfrentaram as formas de colonização luso-espanhola e da alemã de modo especial, mas sem uma absorção total como aconteceu com os Guarani. Os Charrua e Minuano não se deixaram submeter a essas formas ainda que participassem direta ou indiretamente de todo o processo de conquista e colonização luso-espanhola nos três primeiros séculos, chegando assim até a definição política das duas coroas no século XIX, quando os índios estão praticamente extintos como grupo (Becker, 2006, p. 136).

Em sua visita a Porto Alegre em fevereiro de 1858, Avé-Lallemant (1980, p. 111) estimou na cidade a existência de três mil alemães falantes do dialeto pomerano e o bávaro renano, Holstein.

Os resultados profícuos da política de imigração do Império podem ser percebidos na carta do Presidente da Província à Assembleia dos Deputados em 11 de outubro de 1857, referindo-se às colônias alemãs na região de São Leopoldo:

Desta colônia só vos posso dizer que ela continua em admirável prosperidade, tanto em seus habitantes como em sua produção e riqueza e mesmo na Europa já está bem acreditada, de modo que grande parte dos imigrantes que vêm para a nossa Província para lá afluem espontaneamente. A sua produção agrícola abastece o mercado da capital (Porto Alegre) e fornece gêneros alimentícios em superabundância, de modo que daqui são exportados para outras regiões da Província e para fora dela (Avé-Lallemant, 1980, p. 156).

O desenvolvimento econômico da região do Rio Grande do Sul arrastou-se da segunda metade do Século XVIII até início do século XX. Nas regiões norte e nordeste organizaram-se os imigrantes, normalmente em comunidades com o cultivo em pequenas áreas e pequenos comércios e algumas indústrias, enquanto nas porções sul e sudoeste as atividades produtivas provinham das grandes propriedades, as estâncias de criação de gado, e também da indústria do charque.

Além da presença indígena, pouco se fala das pessoas negras que chegaram no território do atual Rio Grande do Sul. Esses grupos entraram com os primeiros casais açorianos, sob a vigia de oficiais militares. A população na Província em 1814 era representada por 39% de pessoas escravizadas ou ex-escravizadas, e em cerca de 50 anos era a 6ª com maior número absoluto de pessoas escravizadas (Rubert, 2005, p. 34). Por volta da década de 1830 as charqueadas se expandiram fortemente com base na mão de obra de pessoas escravizadas.

## **2.2 O início da ocupação histórica na região de Pelotas**

Após a assinatura do tratado de Santo Ildefonso, seguiu-se um período de paz, no qual foram criadas, nas regiões contíguas aos Campos Neutrais, sete grandes sesmarias: Feitoria, Pelotas, Monte Bonito, Santa Bárbara, São Tomé, Pavão e Santana (Arriada, 1994, p. 26).



Rocha no ano de 1779. Após o falecimento de Manoel, quem herdou a estância de Pelotas foi sua esposa, Isabel Francisca da Silveira, quem a administrou até a sua morte. Depois, a sesmaria foi dividida em cinco estâncias, sendo elas: Laranjal, Galatéia, Graça, Palma, Patrimônio, onde se originaram sete charqueadas.

### 2.2.2 Sesmaria de Monte Bonito

Do outro lado do arroio Pelotas, a sesmaria de Monte Bonito foi primeiramente ocupada por Luís Gonçalves Viana, proveniente da colônia de Sacramento. Segundo Osório (1937, p. 87):

Foi Luís Gonçalves Viana administrador da estância de Bojuru e é de se presumir que, tendo as suas percentagens sobre as criações dessa estância atingido a um número elevado, ele escolhesse o rincão de Pelotas para se instalar, definitivamente, povoando-o com suas criações (Osório, 1937, p. 87 *apud* Magalhães, 1993, p. 16).

No entanto, registros apontam que a sesmaria de Monte Bonito foi concedida ao tenente de dragões Manuel Carvalho de Souza em 1779 e, por sucessivas doações, a posse da sesmaria ficou com o alferes Inácio Antônio da Silveira Cazado. Devido a tensões causadas em virtude da posse de terras pelos retirantes da Colônia de Sacramento e moradores anteriores à concessão, em 1785, por ordem do governador, foram retiradas duas léguas (13.200m) e um terço (2.200m) de terreno do alferes Inácio Antônio da Silveira, onde se acomodaram 19 proprietários entre eles, Mariana Eufrásia da Silveira<sup>35</sup>, sogra e cunhada de Inácio. As “sobras” de Monte Bonito eram faixas de aproximadamente 770x4136m, com frente ao arroio Pelotas ou canal São Gonçalo e fundos à estância do alferes Inácio Antônio da Silveira Cazado.

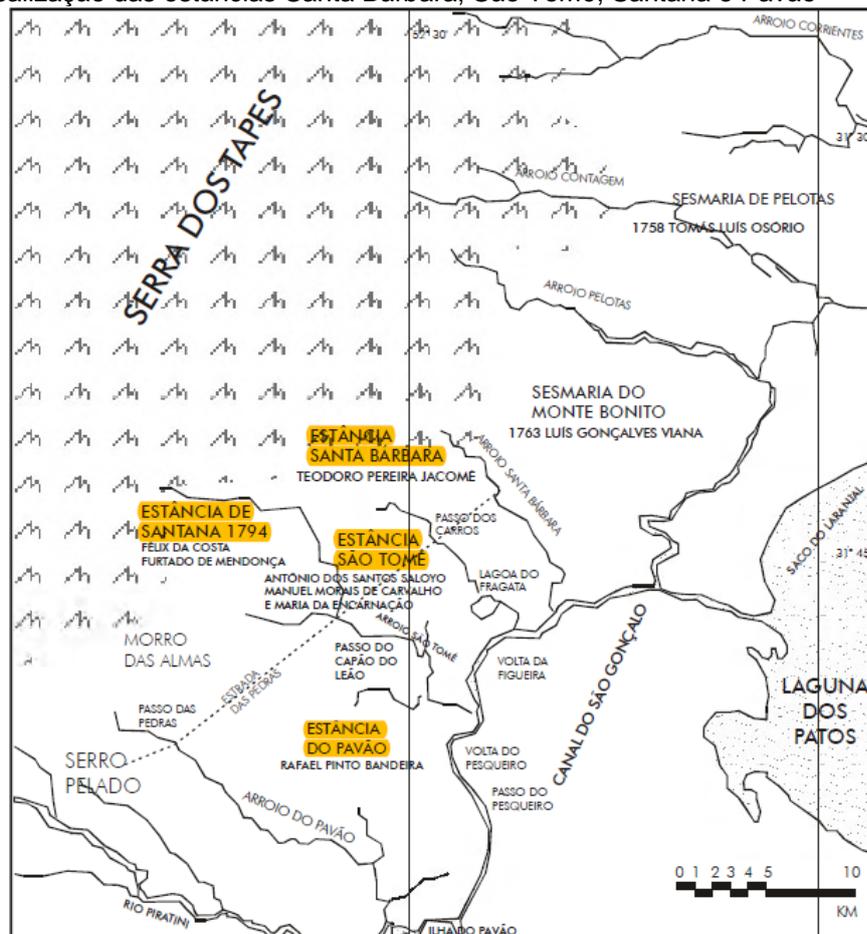
Em decorrência dessa divisão de terras, fica então delimitado o núcleo urbano, a tablada e logradouro público (onde o gado era trazido para ser comercializado) e o núcleo charqueador (Figura 6).

---

<sup>35</sup> A localização da data de terras doadas à Mariana implantava-se em terreno anexo à gleba de propriedade de Antonio Francisco dos Anjos, cujo processo de ocupação urbana já havia sido estabelecido a partir de 1812, com a instalação da freguesia de São Francisco de Paula, futura cidade de Pelotas. As terras de D. Mariana deram origem ao 2º loteamento da cidade (Gutierrez, 2001, p. 97).



Figura 7 – Localização das estâncias Santa Bárbara, São Tomé, Santana e Pavão



Fonte: Gutierrez (2001, p. 64).

### **Estância Santa Bárbara**

A estância Santa Bárbara se limitava ao norte com o arroio Santa Bárbara e ao sul com o arroio Fragata, de fundos para o canal São Gonçalo e à serra dos Tapes. Pertenceu primeiramente a Teodoro Pereira Jacomé, e após sucessivas partilhas e desmembramentos, teve como uma das últimas charqueadas remanescentes a de José Vieira Viana, composta de charqueada, olaria e fábrica de sabão. Esta estância atualmente é conhecida como Estância e Charqueada Santa Bárbara, com apenas parte da sua sede ainda existente em meio à urbanização da cidade, pertencentes aos herdeiros do Visconde da Graça (Rosa, 2012, p. 142).

A Estância Santa Bárbara passou, em 1817, a pertencer a Rosália Maria Angélica após a morte de seu marido Teodoro Pereira Jacomé e a seu genro, Manuel Alves de Morais.



pelo curso inferior do arroio Moreira e São Tomé, e margem esquerda do São Gonçalo (Gutierrez, 2001, p. 66).

### **Estância do Pavão**

Segundo Maciel (2009, p. 40), no atual município de Capão do Leão localizava-se a estância do Pavão, uma das propriedades do brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, um dos grandes proprietários de terras na região de Pelotas. Essa estância “resultou num somatório de seis sesmarias contíguas, doadas em 1780, e que foram adquiridas pelo brigadeiro Rafael Pinto Bandeira” (AHRGS, L. 1198B: 198-205, In Gutierrez, 2001, p. 57). Seus limites naturais foram o arroio São Tomé (também conhecido como arroio Padre-doutor) ao norte, o canal São Gonçalo ao leste, o arroio Pavão ao sul e, pelo interior, o Capão do Boquete, nas imediações do Serro da Buena.

### **Estância do Santana**

O dono da fazenda de Santana foi Felix da Costa Furtado de Mendonça, alferes de ordenanças das tropas da Colônia do Sacramento, que era Casado com Ana Josefa Pereira. Esta fazenda localizava-se junto às nascentes do arroio São Tomé, sobre as divisas de Alexandre Baldez, além da serrilhada que arrematava com os morros das Almas e Santana. Era vizinha às terras de seu cunhado, o padre-doutor Pedro Pereira Fernandes de Mesquita, que posteriormente doou seu nome para o arroio São Tomé (Gutierrez, 2001, p. 66).

Foi lá que viveu o “fundador da imprensa brasileira”, Hipólito José da Costa, filho do alferes Félix da Costa. Nasceu na Colônia do Sacramento e por perseguições políticas que seu pai sofrera mudou-se com a família, ainda muito pequeno, para terras no interior da Província de São Pedro, hoje pertencentes ao Capão do Leão, pois era sobrinho do Padre Doutor. Aos 18 anos (1792) foi para Portugal estudar, onde se formou Bacharel em Leis e Filosofia na Faculdade de Coimbra. Foi acusado pelo crime de ser maçom, e por isso ficou preso por três anos no tribunal da Inquisição. Foi em Portugal que colaborou com a formação do jornal Correio Braziliense, trabalhando para este por mais de uma década. Seu sonho era contribuir na construção de uma Pátria Livre:

[...] o gaúcho Hipólito contribuiu decisivamente, direta e indiretamente, durante mais de 14 anos, através de eficaz ação

maçônica e jornalística, para a conquista da aspiração maior dos brasileiros – a Independência. [...] o bravo jornalista gaúcho viveu para ver concretizado, parte de seu maior sonho – uma pátria livre, com uma imprensa livre e responsável, comprometida exclusivamente com o bem comum brasileiro [...] (Bento, 2005, p. XXVI).

Seu outro grande sonho era poder voltar para viver e desenvolver suas terras no Capão do Leão, o que não conseguiu realizar porque morreu em Londres no ano de 1823.

As terras que eram do Padre Doutor passaram por alguns compradores até o Barão de Santa Tecla comprá-las por volta de 1880. Nestas terras foi onde surgiu o povoado do Capão do Leão. Falecido o Barão de Santa Tecla, a Baronesa D. Amélia Gomes de Melo, juntamente com seus filhos, em 1901 doou terrenos no Capão do Leão para serem erguidas uma escola e uma igreja e também dinheiro para suas construções. Em 1903, antes de ser erguida a Igreja de Santa Tecla, no dia 1º de dezembro realizou-se a festa da padroeira sendo juízes João da Silva Tavares e D. Leocádia Tavares de Assumpção, ambos filhos dos barões de Santa Tecla (Silva, 2006, on-line).

A sede da estância continua em pé, guardando consigo a gruta que cobre a antiga cacimba do Padre Doutor e a pia batismal utilizada pelo Padre para batizar os primeiros habitantes da cidade.

Na região do atual Capão do Leão, no passado conhecida como Serro Santa Ana, Cerro do Estado e Pavão, funcionaram algumas poucas charqueadas, no século XIX.

A Vila do Capão do Leão teve origem em 1888, pertencente ao 4º Distrito de Pelotas, que contava com moradores que trabalham nas pedreiras locais, originários de outros municípios. Mas foi em 1908 que a Vila teve um impulso no seu desenvolvimento, com instalação da Companhia Francesa de Engenharia – *Compagnie Française Du Port de Rio Grande do Sul*, para exploração das pedreiras, fornecendo granito para a construção dos Molhes da Barra em Rio Grande - RS. Esse desenvolvimento implicou não só no aumento populacional, com uma grande quantidade de operários contratados, mas também na infra-estrutura local, inclusive com a instalação da usina termoelétrica para abastecimento de energia, necessária para a empresa (Maciel, 2009, p. 42).

## 2.2.4 No norte e nordeste da Sesmaria de Monte Bonito

Quando se estuda as primeiras ocupações históricas da ampla área onde estabeleceu-se o atual município de Pelotas, encontramos referências abrangendo os territórios, integral ou parcialmente, de Morro Redondo, Arroio do Padre, Turuçu e Capão do Leão, mas pouca produção historiográfica sobre a área ao norte, onde hoje fica São Lourenço do Sul (Figura 9).

Figura 9 – Divisão municipal no Rio Grande do Sul em 1857, com ênfase ao território administrativo de Pelotas



Fonte: Barroso (2009, p. 3).

### **Povoado do Boqueirão**

Na porção norte/nordeste da cidade de Pelotas as primeiras ocupações remontam ao final do século XVIII, seguindo a política da coroa em distribuir terras nas margens da lagoa dos Patos. Os militares que lutaram contra os espanhóis, agraciados com muitas léguas de terra, constituíram fazendas, com destaque à do

Boqueirão, onde no entorno da capela construída em 1807 surgiu um povoado. Este por sua vez foi elevado à condição de Freguesia, conforme decreto de Dom Pedro I em 1830, desvinculando-se administrativamente da Vila de Rio Grande e formalmente incorporado à Vila de São Francisco de Paula.

Segundo a política de imigração do Império, em 1858 chegaram na região 88 pomeranos, dando início ao grande fluxo migratório nos anos seguintes. Segundo Feijó (2013, p. 11) “O trabalho dos imigrantes europeus, em sua maioria pomeranos, foi responsável pelo crescimento da colônia e o surgimento do município de São Lourenço do Sul”. Ainda segundo Feijó (2013, p. 12), cabe ressaltar que o início da colonização foi em muito viabilizada pela parceria de José Antônio de Oliveira Guimarães, militar que se dedicou à pecuária, com o comerciante renano<sup>36</sup> Jacob Rheingantz, a partir do contrato de 1857 que objetivou a busca de imigrantes europeus para incrementar produção na região.

Segundo Avé-Lallemant (1980, p. 408) um dos objetivos de sua visita a Pelotas, em 18 de maio de 1858 no penúltimo dia de sua visita à Província do Rio Grande do Sul, era conhecer a colônia alemã na região de São Lourenço do Sul, referindo-se “empreendimento de um alemão, Jakob Rheingantz”.

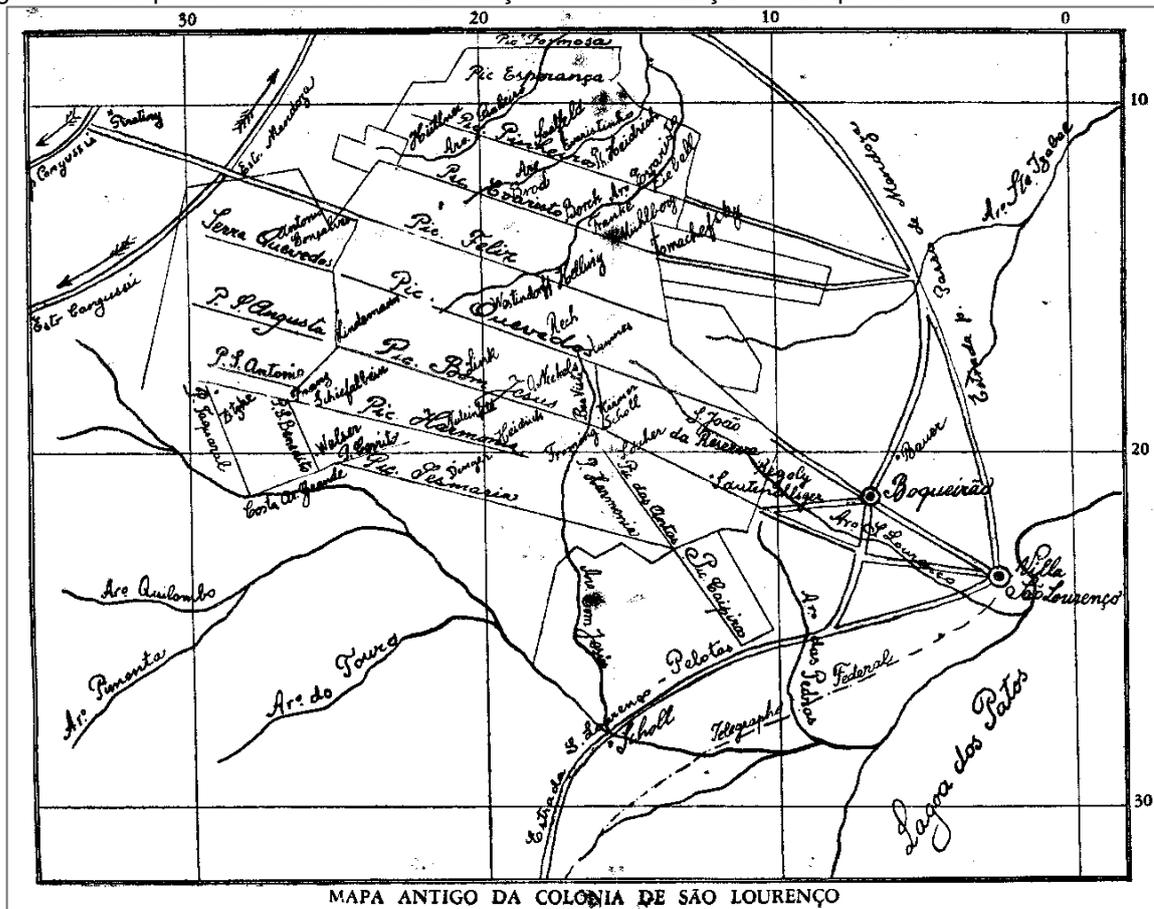
Em compensação recebi muitas notícias sobre a nova colônia alemã. O empresário Jakob Rheingantz está há uns dezessete anos no Brasil, trabalhou em diferentes posições num navio a vapor e parece nunca ter conseguido posição importante e nunca pôde fazer a sua felicidade, de modo que com alguma prudência se pode considerar o seu empreendimento colonizador como o último meio de ganhar uma posição e o seu intento. Sob condições módicas ele obteve terras do governo, que sob condições iníquas revende aos imigrantes, cobrando-lhes altos juros quando estes não podem pagar. Todavia está dedicado de corpo e alma à sua empresa (Avé-Lallemant, 1980, p. 408-409).

A freguesia do Boqueirão, a partir do seu desenvolvimento, foi elevada à categoria de vila com a denominação de São João da Reserva, conforme Lei Provincial de abril de 1884, emancipando-se da cidade de Pelotas e se transformando em cidade em março de 1938 (Figura 10).

---

<sup>36</sup> Gentílico da Renânia, região da Alemanha banhada pelo rio Reno.

Figura 10 – Mapa da Colônia de São Lourenço com a localização do Boqueirão



Fonte: Coaracy (1957. In: Ferreira, 2008, p. 449).

### 2.3 O desenvolvimento econômico e a Freguesia de São Francisco de Paula

A economia da região até o final do século XVIII estava baseada na apropriação de latifúndios, em decorrência da cessão de sesmarias pelo governo português, que permitiam o arrebanhamento de grande quantidade de gado, que era a riqueza da época (Arriada, 1994, p. 48). Durante o final do século XVIII e início do XIX, a região de Pelotas foi sendo ocupada, suas terras divididas, vendidas e, muitas vezes, disputadas judicialmente. O crescimento urbano de Pelotas teve início neste período, na primeira década do século XIX, a partir de um pequeno povoado instalado às margens do Arroio Pelotas. Este crescimento urbano estava diretamente ligado ao desenvolvimento econômico da região.

No entanto, essas grandes propriedades, cujas sedes eram as estâncias, foram aos poucos evoluindo na sua organização socioeconômica e incorporando outras atividades que na maioria das vezes eram de subsistência, como por exemplo pequenas lavouras e o fabrico do charque. E foi o charque que acabou por se tornar

uma fonte de grande riqueza. Do final do século XVIII até as duas primeiras décadas do século XIX tem-se o fim do ciclo do gado e o início do ciclo do charque.

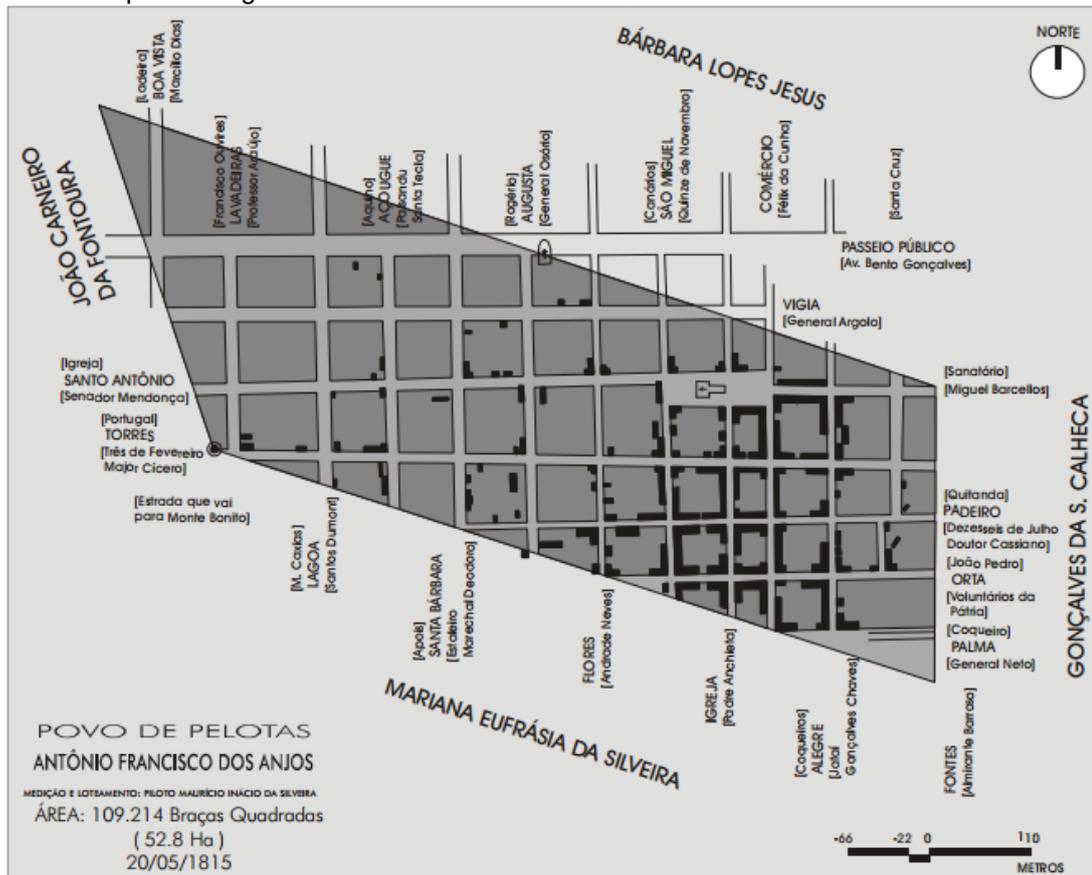
O fabrico do charque era conhecido há muito tempo, desde a formação do Rio Grande do Sul, mas apenas como forma de conservar a carne para ser transportada por longas distâncias, durante campanhas de regimentos militares ou por tropeiros. Segundo Magalhães (1994, p. 72), a fundação da primeira charqueada, ou seja, de uma unidade fabril, ocorreu em 1779<sup>37</sup> por José Pinto Martins. Foi a partir daí que a produção industrial do charque se desenvolveu tornando-se, em curto espaço de tempo, a principal fonte de acumulação de capital na região.

Como resultado deste crescimento econômico e demográfico, já em 1812 as autoridades reais elevaram o povoado à condição de freguesia, oficialmente chamada de São Francisco de Paula, o que significava a fundação de uma paróquia e com isso a autonomia religiosa em relação à Rio Grande (Figura 11). Pouco tempo depois, em 1815, foi planejado e executado o assim chamado primeiro loteamento, sob responsabilidade do piloto Maurício Inácio da Silveira.

---

<sup>37</sup> De acordo com Simões Lopes Neto (*apud* ARRIADA, 1994, p. 56) a fundação da charqueada de José Pinto Martins teria ocorrido em 1780.

Figura 11 – Mapa da Freguesia de São Francisco de Paula – 1º loteamento – 1815



Fonte: Gutierrez (2001, p. 167).

Em virtude do crescimento econômico que as charqueadas trouxeram, a freguesia de São Francisco de Paula começou a apresentar demandas de um estilo de vida mais urbano, ao mesmo tempo em que adquiria mais influência no cenário da Província do Rio Grande de São Pedro. Em 1830, foi redigido o decreto imperial que elevava a localidade à condição de vila, consagrando sua autonomia administrativa em relação a Rio Grande. No entanto, a Vila de São Francisco de Paula foi estabelecida tão somente em 7 de abril de 1832.

O desenvolvimento da indústria do charque proporcionou, além da acumulação de riquezas, o crescimento demográfico. Segundo Arriada (1994, p. 58) até 1835 existiram 19 charqueadas ao longo do Arroio Pelotas e 4 ao longo do São Gonçalo.

### 2.3.1 Segundo loteamento, um novo traçado do padrão senhorial

Com o crescimento demográfico e administrativo, tornou-se necessária uma readequação urbana. Procedeu-se então ao assim chamado segundo loteamento,

planejado e executado em 1832, pelo engenheiro alemão Eduardo Kretschmar, que deu sequência ao plano quadriculado. Este loteamento foi estabelecido em parte nas terras doadas por Mariana Eufrásia da Silveira, prevendo, ao centro, a praça da povoação, e, em seu entorno, a nova igreja, o quartel e o hospital. No entanto, a igreja acabou permanecendo ao centro do primeiro loteamento, onde fora estabelecida em 1812, o quartel e hospital acabaram não ocupando as áreas que lhes haviam sido previstas e a praça foi criada, com o nome de Praça da Regeneração. Foi nesta praça, conforme Paradedda (2003, p. 159), que em sete de abril de 1832 ocorreu a solenidade de inauguração do município.

Foi ela realizada ao ar livre, na Praça da Regeneração, perante uma multidão, onde estavam presentes os mais ilustres representantes da Freguesia, testemunhas oficiais do levantamento do Pelourinho, emblema da autonomia que era concedida ao Distrito, **cravado sobre a face sul da Praça, fronteira à casa onde devia ser instalada a Câmara Municipal [...]** (Paradedda, 2003, p. 159, grifo nosso).

Sobre a localização do Pelourinho, segundo Silveira; Oliveira; Gutierrez (In: Org.: Lopes; Dillmann; Almeida, 2022, p. 87):

Em 1832, quando da instalação da Vila de São Francisco de Paula, futura cidade de Pelotas, a praça, conhecida como 'Campo', teve no seu centro erigido o pelourinho, símbolo da autonomia municipal, local de suplício público de escravizados e cativos que habitavam a área urbana da vila.

E prosseguem escrevendo que lá permaneceu até a instalação do chafariz em 1873 (Ibidem). Cerqueira (In: Org.: Rubira, 2014, p. 417) encontramos:

Em 1832, foram erigidas, à frente do limite setentrional da área destinada à praça, a Câmara Municipal e a Escola Pública, e, entre esses dois prédios, o Theatro Sete de Abril, palco de entretenimento e cultura que animavam a nova comunidade. Como símbolo da autonomia administrativa, foi na Praça da Regeneração que se colocou o Pelourinho.

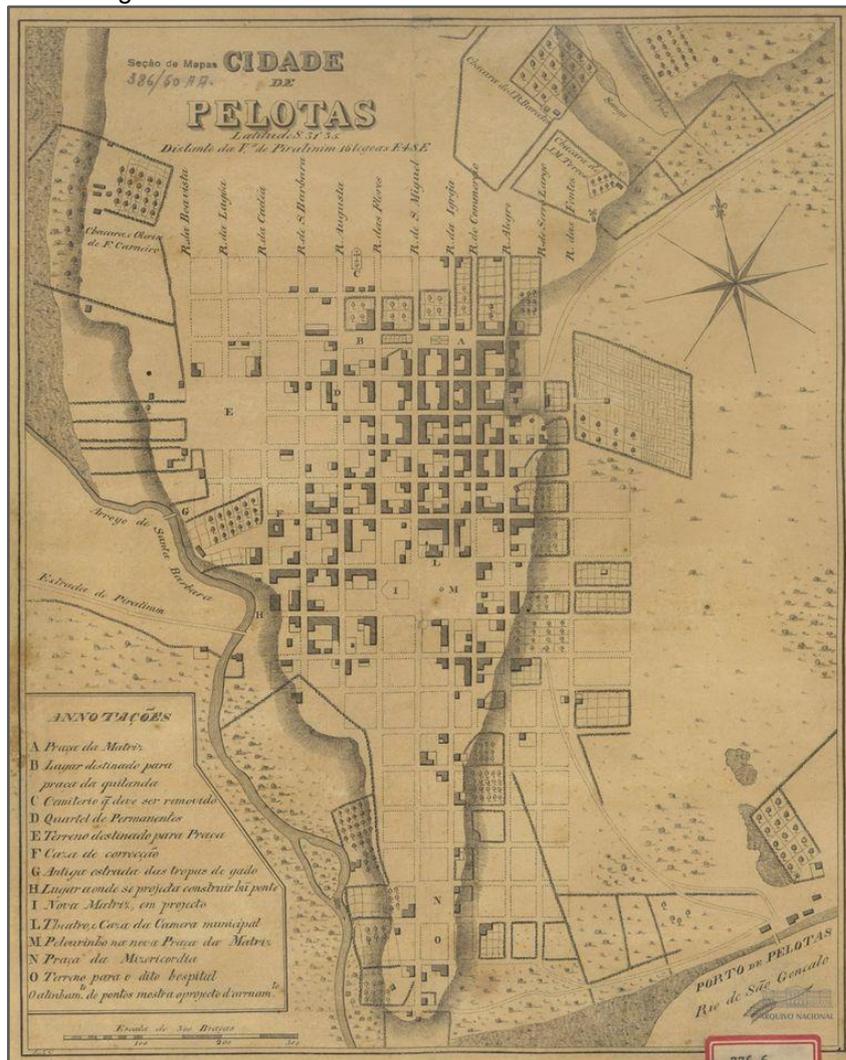
A planta da cidade de Pelotas e Rio São Gonçalo de 1838, elaborada pelo Segundo Tenente da Armada Pedro Garcia da Cunha, com a imprensa "Lith Archivo Militar", obtida na Biblioteca Digital Luso-Brasileira<sup>38</sup> e com documento original em

---

<sup>38</sup> Biblioteca Digital Luso-Brasileira.

custódia da Fundação Biblioteca Nacional, indica a localização do pelourinho na área central do terreno destinado à praça (Figura 12).

Figura 12 – Planta do segundo loteamento de Pelotas de 1838



Fonte: Arquivo Nacional – mapa reg. 776.6. Fundo Ministério da Guerra – BR\_RJANRIO\_OG\_0\_MAP\_0123.

A planta de Pelotas publicada por Gutierrez (2001, p. 169), com data de 1835 e com fonte atribuída à Prefeitura Municipal de Pelotas – Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente – corresponde rigorosamente à planta da cidade de Pelotas e Rio São Gonçalo de 1838, com a mesma indicação de localização do pelourinho no centro da praça.

Em Ávila; Ribeiro (2015. In: Grillo, 2020, p. 75) há uma alusão ao pelourinho: “No entorno da Praça principal existia um pelourinho, sendo neste espaço e no largo

do mercado público permitido bancas de vendas de produtos e mercadorias”. Certamente sem o fim de especificar a localização do pelourinho, chama a atenção a cronologia da indicação do pelourinho “no entorno da Praça”, e não ao centro, relacionada ao Mercado Público, cuja construção iniciou em 1835 e terminou em 1845<sup>39</sup>. Mais à frente Grillo (2020, p. 84) diz: “O segundo recorte que fiz no mapa, mostra o perímetro urbano com casas, edifícios e logradouros de 1838. Identifica a antiga praça da Matriz (A) e a nova (M), onde também ficava o pelourinho”. (Ver Figura 12). O recorte referido é parte do mapa de 1838, elaborado por Pedro Garcia da Cunha, com a indicação do pelourinho localizado no centro da Praça.

A afirmação de Paradedá (2003, p. 159) deve ser entendida como o limite sul com frente para a Câmara Municipal, ou seja, no centro da Praça.

Maricatto; Meotti; Hillal (2019, p. 6) foram objetivos ao indicarem a localização do pelourinho na área central da Praça:

Em 1832, foi instalado o pelourinho no centro da praça por D. Pedro II. Até a década de 60 a praça não havia sofrido melhorias, a partir disso é que ela se estrutura geometricamente centralizada e se materializa com seus equipamentos, arborização, implantação de uma fonte e iluminação. No ano de 1873, o local do pelourinho, foi substituído pelo chafariz e contrata-se um jardineiro francês. Plantam-se árvores e colocam-se bancos juntamente com um gradil de ferro e portões.

O que parece ser um contrassenso, para quem escreve este texto, foi a implantação da Fonte das Nereidas na área do Pelourinho em 1870 na então Praça Dom Pedro II, na verdade não o é, já que nos reportamos a uma elite majoritariamente escravista e patriarcal, e privilegiada com favores políticos na Província.

No limite setentrional da praça, foram erguidos, entre 1832 e 1833, o Theatro Sete de Abril, Escola Pública e a Câmara Municipal. No mapa de 1838 (Figura anterior), aparecem poucas edificações no seu entorno, entre as quais destacam-se a Casa da Banha e a Casa 2 (então residência do charqueador José Vieira Viana).

O crescimento populacional em curso na área urbana estava intimamente relacionado ao desenvolvimento econômico das charqueadas. Porém, segundo Magalhães, apesar de muitos charqueadores terem acumulado fortuna neste

---

<sup>39</sup> O longo período de construção do Mercado Público decorreu do período belicoso da Revolução Farroupilha (1835-1845) que assolou a cidade.

período, foi somente por volta de 1830 que esse dinheiro resultou em desenvolvimento urbano para Pelotas.

A maioria dos charqueadores, estabelecidos no meio rural (sobretudo às margens do arroio Pelotas), tinham suas casas urbanas na vizinha Rio Grande, de cujo porto embarcavam o seu produto para o Brasil e para o exterior.

Por volta de 1830 foi que começaram, os charqueadores, a construir em Pelotas os seus sobrados. A vila, instalada em 1832, principiou a se expandir na direção do sul, do Canal São Gonçalo (Magalhães, 1994, p. 74).

Este rápido crescimento foi bruscamente interrompido pela Revolução Farroupilha<sup>40</sup> em 1835, ano em que Pelotas tinha sido elevada à condição de cidade. Segundo Mario Osório Magalhães.

A revolução, motivada pelo desinteresse com que o governo central vinha tratando a Província, haveria de “sustar” o florescimento de Pelotas. A cidade praticamente parou – o que significa: deixou de progredir – durante os dez anos da guerra. Foi abandonada por cerca de três quartos de sua população, tendo a sua produção econômica declinado para mais de um sexto da produção média anterior (Ibidem, p. 75).

Terminada a Revolução em 1845, Pelotas retoma seu crescimento. Nos anos que se seguiram, a Província de São Pedro do Rio Grande vivenciou um período de prosperidade econômica, com um grande destaque ao polo industrial que se formou, no último quartel do séc. XIX, nas cidades de Pelotas e Rio Grande. No caso de Pelotas, a indústria saladeiril foi a grande propulsora desse desenvolvimento econômico. Existiam em Pelotas, em 1853, 38 charqueadas e 37 olarias, e começavam a surgir várias indústrias complementares, como curtumes, fábricas de sabão e fabricas de velas.

Em meio ao núcleo charqueador, o arroio Pelotas contava com movimentação intensa, em consequência do grande número de propriedades estabelecidas em suas margens. Segundo Alberto Coelho da Cunha:

Em consequência das necessidades que essa indústria [a charqueadora] criava, as águas do arroio eram sulcadas por uma frotilha de iates e lanchões, que o

---

<sup>40</sup> Revolução civil ocorrida entre 1835 e 1845 no Rio Grande do Sul.

subiam até a volta do Cotovelo, onde por longos anos existiu a charqueada fundada por Jerônimo José Coelho (Cunha, 1939, p. 45 *apud* Gutierrez, 2001, p. 106).

Na chegada a Pelotas, Avé-Lallemant, a bordo de um vapor, na data referida anteriormente, no canal São Gonçalo e próximo à foz do arroio Pelotas, registra os “bonitos grupos de casas”, e que do “pequeno rio” “[...] se estendem estabelecimentos, de caráter verdadeiramente romântico, a certos respeitos, mas, por outro lado, realmente repugnante”.

Em toda a região há um horrível cheiro de carniça! Couros, chifres, cascos, ossos, tendões, tripas e nauseantes massas de sangue em putrefação e, além disso, campos inteiros com carne dependurada, formam um verdadeiro monturo em grande estilo e assinalam o distrito onde encontra o seu centro o mais importante ofício da Província, que é abater bois e cavalos, principalmente éguas. Uma multidão de abutres sobrevoa a região ou ceva-se em sangue putrefato.

Por mais aprazível que seja o porto de Pelotas: por mais largas, retas e em parte bonitas ruas que tenha a cidade que fica a um quarto de milha acima – neste matadouro extingue-se qualquer impressão de graça e de limpeza; em toda parte cheira mal! (Avé-Lallemant, 1980, p. 408).

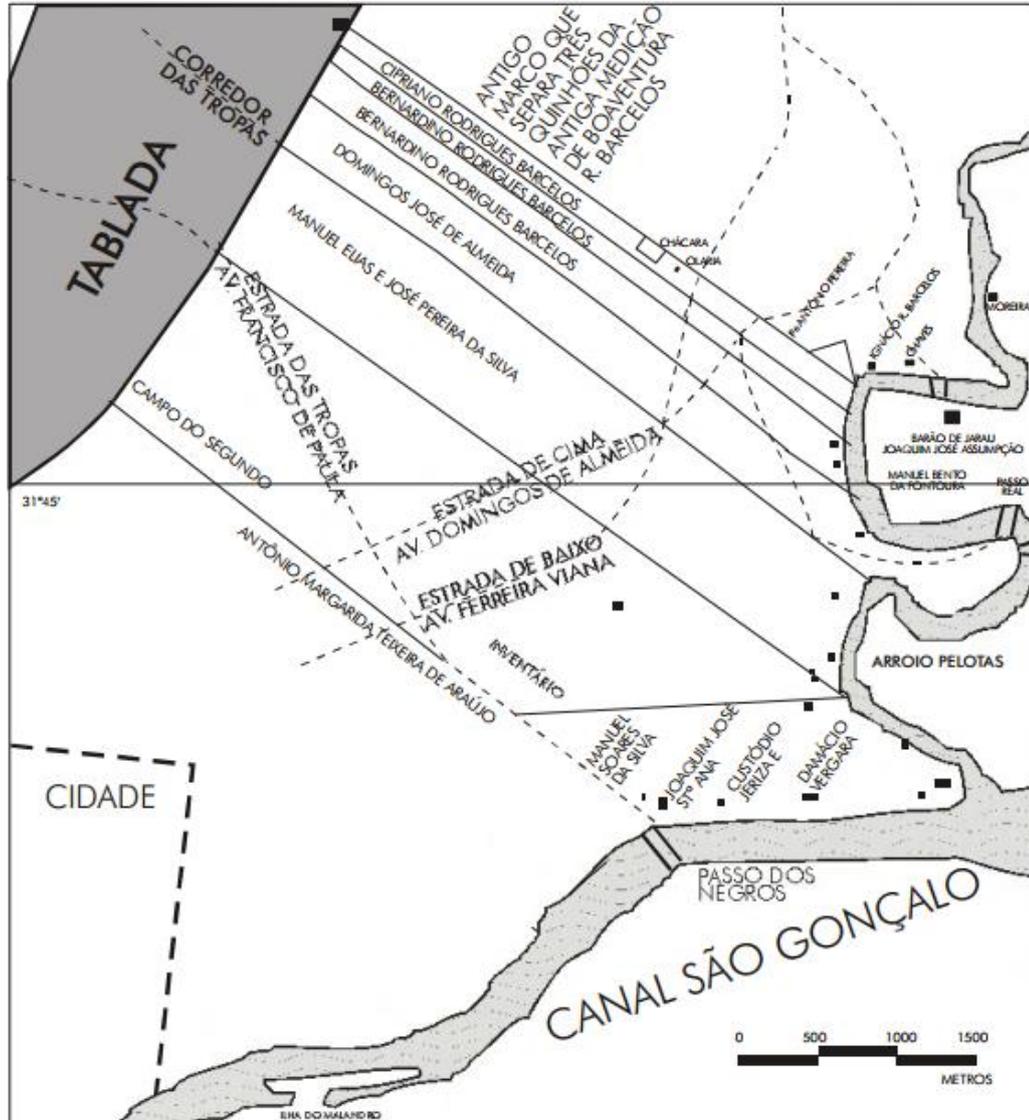
### **2.3.2 O Passo dos Negros – a posse e o comércio dos pretos**

A intensa movimentação das charqueadas fazia crescer a economia da região e aumentar o aglomerado populacional da cidade. Além das obras de readequação urbana, retomadas no final da década de 1840, outras medidas foram tomadas no sentido de melhorar as condições de transporte e facilitar as atividades econômicas das charqueadas. Neste sentido, foram tomadas providências para melhorar a estrada do Passo dos Negros e construir uma ponte (Figuras 13 e 14). Na Ata nº 38 do Livro nº 12 de Atas da Câmara de Vereadores de Pelotas, página 129 de 9 de janeiro de 1854, lê-se:

Esta Câmara manda o fiscal da fazenda da cidade e o arruador examinar a estrada do Passo dos Negros no lugar onde se acha um grande tremedal e que apresentem o quanto antes um relatório indicando a quais espaços que precisam dessa ponte e a despesa que se deve fazer e que a câmara nomeie uma comissão para entender-se com o vereador Manoel Batista Filho acerca da referida

área, providenciando o terreno preciso para melhoramento da referida estrada (León, 2016, on-line)<sup>41</sup>.

Figura 13 – Estrada de cima; estrada de baixo, estrada das tropas e Passo dos Negros



Fonte: Campo do segundo inventário. Museu da BPP, In: Gutierrez (2001, p. 142).

<sup>41</sup> LEÓN, Zênia de. **Viva o Charque** – A memória do Ciclo do Charque em Pelotas. A Ponte dos Dois Arcos. Artigo n. 32. 2016. Disponível em: <http://www.vivaocharque.com.br/interativo/artigo32> Acesso: 18 mai. 2023.

Figura 14 – Localização e imagem da ponte do Dois Arcos



Fonte: Adaptado do Google Earth Pro. Autor: Jorge Viana.

Segundo Zênia de León<sup>42</sup> “a construção da ponte foi fundamental para o desenvolvimento das atividades charqueadistas” (2016).

O Passo dos Negros, originalmente chamado Passo dos Neves, era um posto de pedágio localizado no Canal São Gonçalo, na embocadura do Arroio Pelotas, instituído ainda pela coroa portuguesa para controlar o contrabando. Há que se ressaltar que foi o primeiro aglomerado urbano, anterior ao estabelecimento do primeiro loteamento no entorno da atual Catedral. Era um espaço vital para a economia da época: porta de entrada do gado vindo tanto dos Campos Neutrais como de Maldonado e, também, local de comercialização de escravos que desembarcavam inicialmente em Rio Grande.

O rendimento do pedágio era tão grande que depois de algum tempo o local passou a ser chamado de Passo Rico. No entanto, era tão grande a concentração de escravos africanos que ali chegavam para serem vendidos, “acolherados em levas como tropa em leilão, num desfile macabro de mercadoria em exposição, que o lugar mudou para Passo dos Negros (Ibidem).

<sup>42</sup> LEÓN, Zênia de. **Viva o Charque** – A memória do Ciclo do Charque em Pelotas. A Ponte dos Dois Arcos. Artigo n. 32. 2016. Disponível em: <http://www.vivaocharque.com.br/interativo/artigo32>  
Acesso: 18 mai. 2023.

Neste tempo de pujança econômica da indústria charqueadora, o sistema escravocrata, a partir da prática social de direitos de propriedade sobre outrem<sup>43</sup>, impingiu o trabalho insalubre de charquia nos ofícios de carneadores, serventes e salgadores, graxeiros, sebeiros, chimangos, charqueadores, aprendizes e tripeiros, conforme Gutierrez (2001, p. 222). Para além destes ofícios o trabalho escravo ocorreu nas inúmeras olarias da região e nas residências opulentas através dos serviços domésticos.

Nas charqueadas, forçados a trabalhar sob condições insalubres como a salga, afligindo mãos e pés e o estar constantemente na água da beira dos arroios, os escravos ditos insubordinados eram ameaçados de venda ou castigos físicos. Na área urbana o trabalho escravo predominava no âmbito doméstico em grandes residências, onde a sobrançeria da família abastada, sobre a propriedade de outro humano, pode ser indicada pelo relato de Saint-Hilaire (1974):

Há sempre na sala um pequeno negro de 10 a 12 anos, cuja função é ir chamar os outros escravos, servir água e prestar pequenos serviços caseiros. Não conheço criatura mais infeliz que essa criança. Nunca se assenta, jamais sorri, em tempo algum brinca! Passa a vida tristemente encostado à parede e é frequentemente maltratado pelos filhos do senhor. À noite chega-lhe o sono, e, quando não há mais ninguém na sala, cai de joelhos para poder dormir. Não é esta casa a única que usa esse impiedoso sistema: ele é frequente em outras (Saint-Hilaire, 1974).

No contexto de uma sociedade escravocrata o comércio de pretos era convenientemente natural, como mostram as proposições de negócios no Correio Mercantil de janeiro de 1876, transcritos por Monquelat e Pinto (2012, p. 74):

ESCRAVOS, DINHEIRO, CASAS E TERRENOS PARA COMPRA, ALUGUEL OU VENDA. Maximiano Antônio de Souza oferecia à “casa de família” que precisasse uma escrava que sabia fazer “todo o serviço”; os interessados em tal aluguel, que se dirigissem a sua “loja de móveis” à rua General Victorino (atual rua Anchieta) nº 56, que achariam “com quem tratar” (Monquelat; Pinto, 2012, p. 74).

Fausto (2006, p. 32) afirma que: “Houve cativos alugados para prestação de serviços a terceiros, e nos centros urbanos existiram os “escravos de ganho” – uma

---

<sup>43</sup> Outrem: Com ênfase ao significado semântico de “mencionado de modo indefinido”, considerando as circunstâncias do período, a mão-de-obra africana como mercadoria de trabalho no mercado negro.

figura comum no Rio de Janeiro dos primeiros decênios do século XIX”. Caso nitidamente identificado na transcrição de Monquelat e Pinto, pretos alugados em Pelotas muitas décadas à frente.

DINHEIRO? ESCRAVOS? TERRENOS? Dirijam-se à rua 3 de fevereiro (hoje Major Cicero) pois lá: “Compram-se escravos de ambos os sexos e idades, casas e terrenos. Recebem-se escravos e casas para alugar; coloca-se dinheiro a prêmio (juros) sobre hipoteca e firmas (empresas)”. E tudo, nos que diz o anúncio, sob “condição módica” (Monquelat; Pinto, 2012, p. 74).

Para fazer ressoar o cotidiano da prática social, ocorrida na Vila e posteriormente cidade de Pelotas, em que um ser humano assume direitos de propriedade sobre outro designado por escravo, vamos nos valer de mais uma publicação de negócios do Correio Mercantil sob o título “TERRA, GASOSAS, ÁGUA MINERAL, JORNAIS, ESCRAVOS E CERVEJAS ‘BASS’” e diferentes legendas (anúncios) como: a da empresa Nicanor Caliguiana & Cia, instalado “por volta da Praça”, que informam terem recebido “terra romana” de qualidade garantida; da fábrica “Agoas gazozas e Minerais”, localizada na rua de São Miguel (15 de Novembro) nº 8, o anúncio ao público em geral e seus amigos clientes que “continuava a ter disposição águas minerais de ‘Wich e Seltz’ ferruginosas e outras”; dentre outras divulgações, “E ‘Atenção’: Angelino Soveral precisa comprar ‘alguns escravos de 14 a 20 anos’, quem os tivesse e quisesse vendê-los, encontraria Angelino na rua São Miguel (15 de Novembro) nº 96” (Monquelat; Pinto, 2012, p. 138).

No final da década de 1890, a abolição da escravatura<sup>44</sup> acarretou prejuízos econômicos determinantes para os charqueadores. A produção de charque encontrou concorrência com outras cidades da região, e com o surgimento dos frigoríficos não precisando mais salgar a carne para conservá-la, em 1910, as charqueadas tiveram progressiva decadência e as atividades posteriores não tiveram força para sustentar os mesmos caprichos de parte da elite pelotense.

A desaceleração da economia do charque, no final do século dezenove, repercute diretamente sobre o ritmo de emancipação política regional, que, ao estagnar, revela um crescente desprestígio político. Entre 1890 e 1938, é interrompido o movimento de criação

---

<sup>44</sup> Lei Áurea, sancionada em 13 de maio de 1888.

de cidades na região. Este fenômeno traduz dois problemas correlacionados, vividos pela área que foi o núcleo regional charqueador, promotor do maior ciclo de desenvolvimento econômico vivido por nosso estado no século XIX. Primeiro, a crise da economia charqueadora, na virada do século XIX para o século XX, comprometeu seriamente o desenvolvimento desta região, levando-a a outras opções econômicas, como a pecuária extensiva e o plantio do arroz, a última gerando uma grande concentração econômica e distribuindo em menor escala na sociedade os seus dividendos econômicos. O segundo aspecto a ser considerado é o alijamento das elites regionais do núcleo do poder na República Velha, na dita República Positivista, já no período castilhistas, acentuando-se no período borgista, com exceção do interregno do governo do médico jaguareense, Carlos Barbosa, comprometido com os interesses econômicos desta região (Peixoto; Cerqueira, 2006, p. 4).

Por outro lado, nesta primeira década do século XX, novas iniciativas produtivas influenciaram o desenvolvimento econômico da cidade, como por exemplo, a iniciativa do Cel. Pedro Osório em adquirir maquinário alemão para o engenho Cascalho e, também, construir o grande Engenho São Gonçalo ao lado da charqueada do mesmo nome. Considerado o maior engenho da América do Sul, foi o primeiro no Brasil a instituir seguro de vida e investir no atendimento médico de funcionário. Este empreendimento redesenhou a economia de Pelotas e região nas primeiras décadas do século XX, determinando o ciclo do arroz (Viana; Peixoto, 2015, p. 43). Ainda neste período encaminha-se o crescimento da pecuária e o incremento da produção de produtos derivados.

### **2.3.3 O espaço público e a opulência em seu entorno**

Aspectos geográficos da área urbana de Pelotas no século XIX, dão conta que os dois loteamentos estão localizados na Planície Costeira, sobre uma das barreiras naturais depositadas e retrabalhadas durante eventos transgressivos-regressivos marinhos no Quaternário, nas épocas Pleistoceno e Holoceno (IBGE,1986; Suertegaray; Fujimoto, 2004). Esta área mais elevada é delimitada por importantes cursos d'água: canal Santa Bárbara, a oeste; canal de São Gonçalo, ao sul; e o canal Pepino, a leste (Conceição et al., 2023, p. 4).

Valendo-se, em parte de terras doadas por Mariana Eufrásia da Silveira, foi aprovada em 1834 a planta quadriculada elaborada por Eduardo Kretschmar<sup>45</sup>, para expansão da área urbana, conhecida como segundo loteamento. No entanto, na área da futura Praça da Regeneração, denominada na época de “campo”, foram inicialmente construídas a residência de José Antônio Moreira, em 1830, a Casa da Câmara Municipal e a escola de primeiras letras, inauguradas em 1832 e o Teatro Sete de Abril, iniciado em 1831 e terminado em 1834.

### **Praça Cel. Pedro Osório**

Localizada no centro do núcleo urbano com traçado geométrico, a Praça foi nomeada em 1822, após a independência do Brasil, com o nome “Regeneração”, em 1865 passou a se denominar Praça Dom Pedro II, em homenagem ao imperador depois de sua visita. Todavia, as nomeações continuaram mudando ao longo do tempo, como diz Müller (2010, p. 246):

[...] em 11 de outubro de 1889, trinta e cinco dias antes da proclamação da república, a Câmara Municipal, que tinha maioria liberal, conseguiu substituir o nome da praça, voltando a denominar-se Regeneração; em novembro de 1895 passou a chamar-se Praça da República, através do ato nº 55 do intendente Gervásio A. Pereira, homenageando o regime político que se consolidava; com a morte do Cel. Pedro Luis Da Rocha Osório, em 1931 o prefeito João Py Crespo, através do decreto nº. 1813, substituiu o nome da praça para Praça Cel. Pedro Osório, continuando com tal denominação até os dias atuais (Müller, 2010, p. 246).

Antes da nomeação de Praça da Regeneração o local foi popularmente chamado de “Campo”, quando da construção do teatro, mesmo com o nome oficial da Regeneração, foi de Praça do Teatro e depois de Praça do Redondo, este último até 1865 com a consolidação de Praça Dom Pedro II.

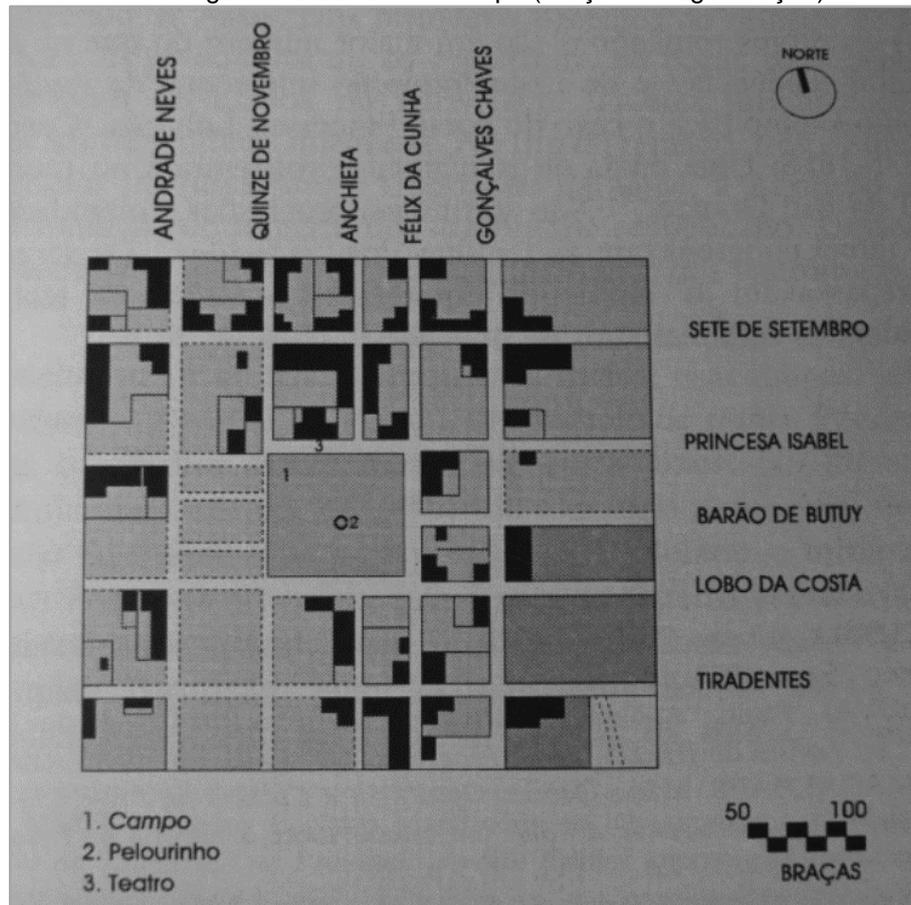
Na primeira metade do século XIX, a área destinada à praça era baixa, bastante alagadiça nas estações chuvosas, sem demarcação das ruas no seu entorno e sem ajardinamento e era chamada de “campo”. Com cobranças de aterramento, parte da população reclamava da sujeira depositada no local, trechos alagados e falta de árvores. Neste contexto, com fachadas para a praça (norte/nordeste), a construção do Teatro Sete de Abril é iniciada em 1831 e concluída

---

<sup>45</sup> MAGALHÃES, Mário O. Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas, UFPel/Mundial, 1993.

em 1834, em 1832 foram erigidas a Câmara Municipal e a Escola Pública. Foi em sete de abril de 1832, durante as comemorações da instalação da Vila de São Francisco de Paula, colocado o Pelourinho no centro da Praça da Regeneração, símbolo da autonomia administrativa (Figura 15).

Figura 15: Área central do segundo loteamento - campo (Praça da Regeneração)



Fonte: Gutierrez, Ester J. B. Barro e Sangue: Op. Cit., p. 151.

Embora fosse usada como área de comemorações a partir da década de 1830, foi somente em 1860 que recebeu algumas melhorias, e nos anos de 1870, ao se tornar o centro do sistema hidráulico com a instalação da Fonte das Nereidas, receber ajardinamento e cercamento, foi quando teve início a sua organização e modernização. Já na década de 1880 ocorrem, no entorno da praça, obras importantes para o impulso necessário de consolidação do centro urbano as construções das edificações da Prefeitura Municipal, Biblioteca Pública Pelotense, Casa 8, Casa 6 e reformas da Casa 2.

O desenvolvimento econômico proporcionado pelas charqueadas formou uma rica aristocracia, que ao redor da praça no segundo loteamento, construíram

imponentes residências. A forte influência de costumes europeus também se refletiu nas grandes edificações.

### **Casa 2 – Residência do Barão de Butuí**

A residência do Barão de Butuí, comumente identificada como Casa 2, foi construída em 1830 (Medvedovski, 2017, p. 3) no estilo arquitetônico luso-brasileiro por José Vieira Viana, proprietário de charqueadas, olaria e fábrica de sabão. Posteriormente adquirida por José Antônio Moreira (Barão de Butuí), foi apresentada ao seu primogênito Ângelo Gonçalves Moreira. Este, por sua vez, fez grande reforma atribuída ao arquiteto José Izella Merote em 1880, substituindo a aparência colonial pelo aspecto clássico do ecletismo histórico. Buscando modernizá-la e adequá-la à linguagem arquitetônica e estética das residências vizinhas (casas 6 e 8), ambas construídas por Merote, foram incorporados na edificação elementos da arquitetura clássica mascarando a sua aparência colonial (Cerqueira, Peixoto Viana, 2008, p. 243; Peixoto, Cerqueira, 2006, p. 12). No século XX, a edificação serviu de anexo do Grande Hotel (Varoto; Soares, 1997, p. 74).

### **Casa 8 – Residência do Conselheiro Francisco Antunes Maciel**

A residência – Casa 8 – foi construída para o Conselheiro do Império Francisco Antunes Maciel em 1878. Conforme Cerqueira; Peixoto; Viana (2008, p. 243), o Conselheiro foi grande proprietário de terras e charqueador em Pelotas; de vida pública renomada, foi Deputado Provincial e Deputado Geral pelo Partido Liberal em cinco legislaturas, chegando a Conselheiro do Império e Ministro no Gabinete Lafayette (1883-1884).

Projetada por José Izella Merote, a edificação assobradada tem como característica a tradição clássica. Nos porões da porção sudeste da edificação e próximos ao pátio interno, há elementos arquitetônicos que indicam ambientes de uso e ocupação.

Sobretudo os porões mais próximos do pátio interno (porção ocidental da casa), com um pé direito mais elevado e apresentando registros estruturais de utilização (piso de tijolos, colunas, escada de acesso), devem ter sido usados como setor de serviços, inicialmente pela escravaria e, posteriormente, pelos trabalhadores assalariados. Em épocas mais recentes, os porões serviram de depósito de objetos fora de uso (Peixoto; Cerqueira, 2006, p. 9).

Na primeira metade do século XX, a residência continuou a ser habitada por descendentes do Conselheiro Maciel, quando a partir de 1955 foi utilizada como Quartel General do 9º Regimento de Infantaria.

No auge econômico da produção do charque, a cidade de Pelotas foi muito influenciada pelos costumes europeus, como a ida ao teatro, saraus, e o hábito da leitura. Parte dessa influência se refletiu na construção dos casarões localizados ao redor da Praça Coronel Pedro Osório, onde a elite pelotense ostentava seu luxo e riquezas. Por toda esta riqueza cultural e intelectual é que Pelotas recebeu o cognome de “Atenas do Rio Grande” (Triarca, 2008, p. 26). A importância política da elite pode ser percebida quando, conforme Magalhães (1994, p. 8), em 1885 a cidade tinha um contingente de 18 barões.

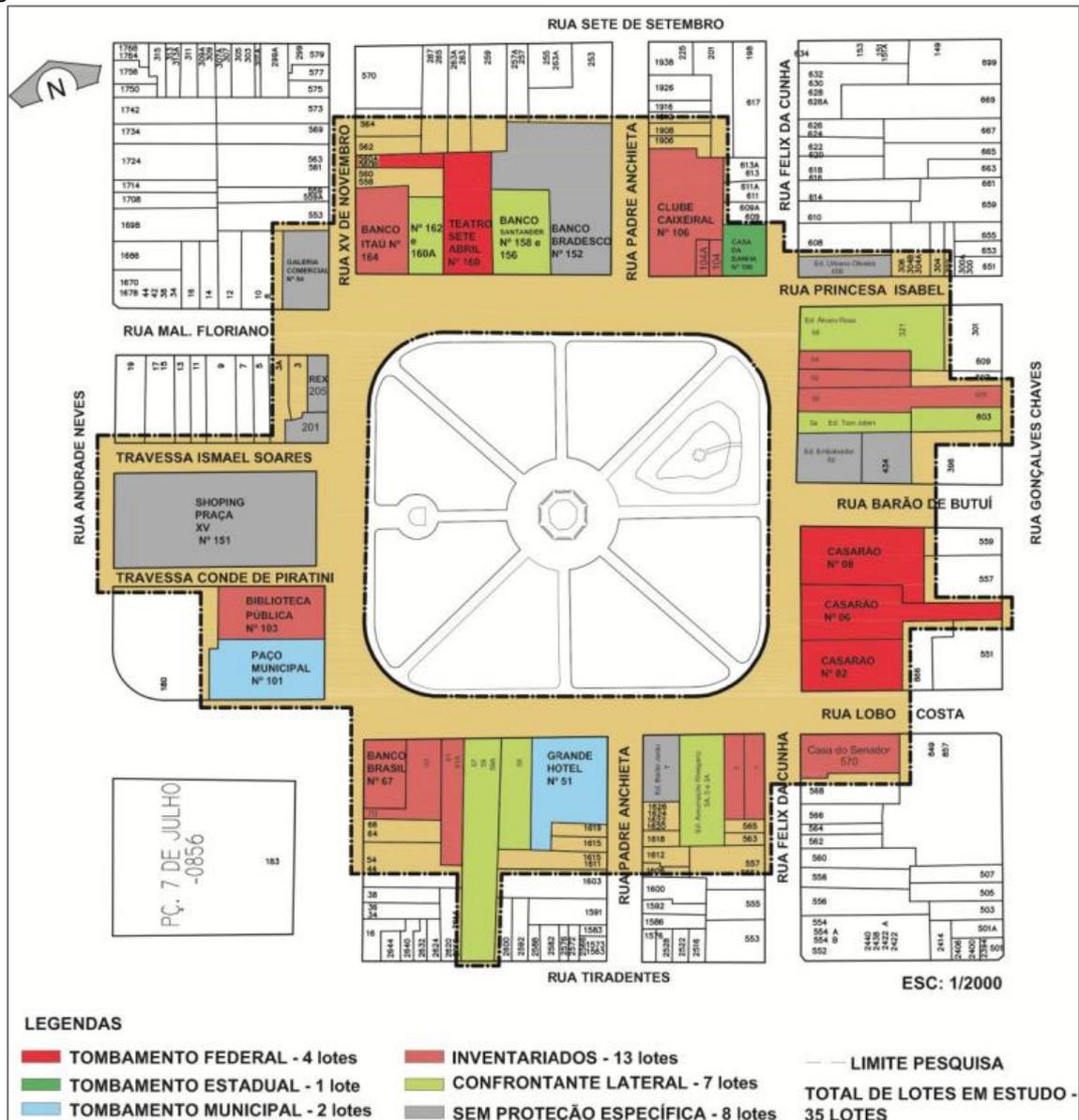
### **3 Arqueologia Histórica**

#### **3.1 Arqueologia no Centro Histórico de Pelotas**

As atividades de campo foram realizadas pelo LEPAArq a partir de 2002, no âmbito do Projeto de Salvamento Arqueológico da Área Urbana de Pelotas – RS/Brasil – Programa Monumenta. Com a inclusão de Pelotas no Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Urbano do Programa Monumenta em 2001, este Programa atuou desde então até o ano 2012, com restauração e requalificação no recorte físico-espacial da Praça Coronel Pedro Osório e nos quarteirões no seu entrono (Figura 16).

Atualmente, o sítio histórico central possui treze tombamentos realizados pelo Município. A atuação do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Urbano (Programa Monumenta) na cidade de Pelotas se deu por oito obras em monumentos, cinco em espaços públicos e sete em imóveis privados. Este trabalho destacou a atuação do Projeto na atual Praça Coronel Pedro Osório e os quarteirões do entorno, onde estão localizados cinco dos seis tombamentos nacionais da cidade (Bolzan, Greyci Backes; Gutierrez, Ester Judite B. 2013, s.p.).

Figura 16 – Planta de Tombamentos Pelotas - RS



Fonte: Bastos, 2013, p. 40.

O projeto de arqueologia histórica foi desenvolvido sob a premissa de colocar numa mesma base de dados a cultura material de Pelotas do século XIX e primeira metade do XX. No entanto, o projeto inicialmente voltou-se para o centro histórico

ajustando-se ao Programa Monumenta<sup>46</sup> nas restaurações das edificações oitocentistas da Casa 8, Casa 2 e revitalização<sup>47</sup> da Praça Cel. Pedro Osório<sup>48</sup>.

Em 2002, a Casa 8 foi incluída no Programa BID/Monumenta, enquanto recebia recursos do ministério aplicados na consolidação e restauração dos estuques que decoram o forro, no sistema de drenagem e na reforma do telhado. No mesmo ano, por solicitação do IPHAN e da Secretaria Municipal de Cultura, fomos autorizados a acompanhar as obras no local.

O trabalho arqueológico no sítio PSGPe 01 Casa 8 constituiu-se no acompanhamento, em 2002, das obras de infraestrutura da edificação como fase inicial da restauração; já, no sítio PSGPe 02 Casa 2 foi realizado o salvamento arqueológico, desenvolvido em 2003 e 2004, e, no PSGPe 03- Praça Cel. Pedro Osório, foram três campanhas de resgates em 2004, 2005 e 2006.

### 3.1.1 Sítio PSGPe 1 Casa 8

Importante ressaltar que na época de elaboração do Programa Monumenta, que consistia basicamente no resgate do patrimônio cultural urbano, a arqueologia

---

<sup>46</sup> O Programa Monumenta foi um programa nacional coordenado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN – Ministério da Cultura), tendo como objetivo a revitalização e restauração de centros históricos patrocinado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento.

<sup>46</sup> A restauração das edificações visa a reconstituir o contexto autêntico da obra, privilegiando o produto, sem perder seus legítimos traços arquitetônicos ou cometer um falso histórico que possa anular as linhas da passagem do tempo sobre a obra. O restauro arquitetônico pode ser compreendido nos mais diversos contextos. A junção de todo o conjunto que a conecta a um determinado local sem prejudicar a leitura, o significado e a origem da edificação. Todavia, a restauração arquitetônica só alcançará o seu êxito se os estudos históricos de reconhecimento da estrutura arquitetônica forem empregados cuidadosamente e criteriosamente (Zandonai; Ferreira, 2017, p. 1).

<sup>47</sup> Revitalização como uma prática projetual ou um processo socioespacial liderado estrategicamente por determinados grupos associados ao planejamento urbano contemporâneo. A estruturação da cidade contemporânea depende, de acordo com Meyer (2000, p. 8), de grandes projetos urbanos estratégicos. O valor estratégico de tais projetos está subordinado, segundo a autora, à sua capacidade de provocar transformações significativas no espaço metropolitano, aumentando seu poder de atratividade e influência. Mais do que simplesmente melhorias urbanas pontuais e específicas, o planejamento urbano contemporâneo se revela, na intencionalidade de seus defensores, como um instrumento capaz de promover a agregação do território metropolitano e de organizar os fluxos que evitam a dispersão funcional e espacial (Sotratti, 2015, on-line).

<sup>48</sup> O corpo em sua materialidade, pode ser trazido à cena como possibilidade para se pensar a vida humana e toda a complexidade de suas interações. Circunscrito em quadros relacionais bem precisos, é capaz de esclarecer um mundo (Vigarello, 2003, p. 4. In: Soares, Zarankin, 2004, p. 23). Território construído por liberdades e interdições, e revelador de sociedades inteiras, o corpo pode ser tomado como síntese visível da inegável inter-relação entre natureza e cultura. Seus múltiplos sentidos, assim pedem múltiplos olhares para que dele se fale.

O corpo, portanto, é também expressão do traço esculpido na pedra, no concreto, nos grãos de areia; contém esta memória e é, também, memória. Sua educação dá-se na relação com a materialidade do mundo. As implicações disso são claras quando se trata de pensar no papel da arquitetura nesta educação (Soares; Zarankin, 2004, p. 23).

histórica estava consolidada no Brasil, no entanto, não houve uma previsão do resgate arqueológico e nem do cronograma físico-financeiro.

As metodologias arqueológicas para o caso em questão deveriam ter sido intimamente ligadas ao objetivo da pesquisa, isto é, deveriam ter sido estruturadas e aplicadas de modo que possibilitasse os resultados necessários ao cumprimento dos objetivos estabelecidos, relacionadas à Arqueologia de Restauração, ou seja, aos métodos aplicados em pesquisas arqueológicas realizadas nos projetos de restauração de bens culturais (Viana, 2023, p. 84).

Para dar significado à cultura material é necessário que os arqueólogos, em suas análises de campo e laboratório, busquem as conexões históricas que forneçam o contexto dentro do qual seja possível interpretar, a partir da materialidade, as mudanças nas práticas sociais. Pressuposto teórico que o arqueólogo e estudantes envolvidos não puderam atingir, não por negligência, mas pelo contingenciamento financeiro, o exíguo cronograma e as péssimas condições de trabalho (Figura 17).

Figura 17 – Fotografia do sítio PSGPe 1 - Casa 8 após a sua restauração



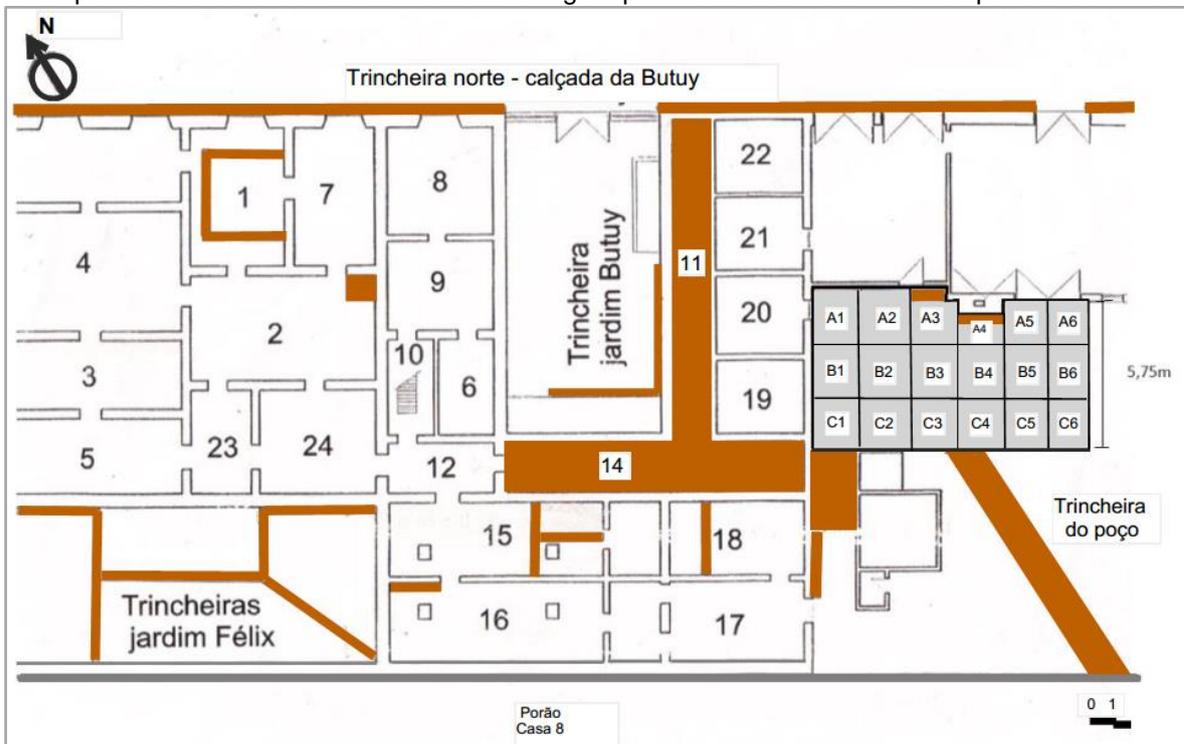
Fonte: TOPVIEW, 2017. Autor: Não identificado.

Neste sítio, os trabalhos iniciaram no final do mês de março de 2002, se estendendo até início do mês de outubro do mesmo ano, período em que foram executadas duas metodologias arqueológicas distintas: a primeira foi o acompanhamento das obras nos porões da casa, nos passeios público limítrofes, nos jardins e no pátio, realizado em ritmo acelerado pela empresa responsável pela

restauração, com o fito de drenar o terreno e evitar a deterioração das fundações do prédio; e a segunda foi resgate arqueológico no pátio, executado com método de malha de quadras, realizada nos setores sudoeste da antiga cavalaria e norte da escada de acesso ao pátio.

O acompanhamento arqueológico nos porões 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, e 22 ocorreu predominantemente em pisos de terra alagados, em meio às construções de valas de drenagens, sob precárias condições de trabalho. Também foram acompanhadas as obras em subsuperfície em áreas externas, nomeadas como trincheira norte no passeio da rua Barão de Butuí, trincheira no jardim da rua Barão de Butuí, trincheira oeste no passeio da rua Felix da Cunha, trincheiras no jardim interno da rua Felix da Cunha. Além destas foram monitoradas as pequenas trincheiras de drenagem no pátio interno, nomeadas como trincheira da cisterna, trincheira da estrutura, trincheira do poço e trincheira oeste, norte e sul, acompanhamento da abertura do poço de drenagem, coleta de superfície e coleta no sedimento escavado nas obras (Figura 18).

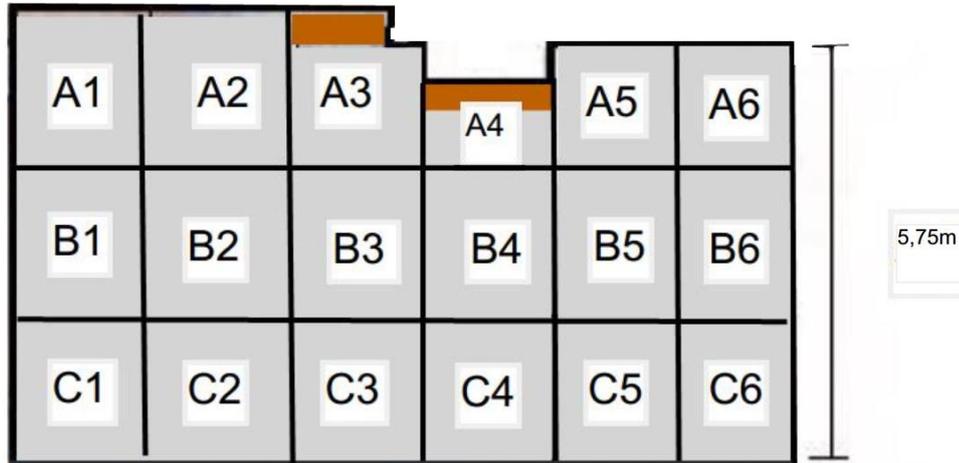
Figura 18 – Planta baixa com indicação dos porões (numerados) e todas as áreas de intervenções subsuperficiais relacionadas às obras de drenagem pluvial e cloacal identificadas pela cor terracota



Fonte: Arquivo documental do LEPAArq/UFPel – edição do autor.

No pátio interno, com piso de argamassa cimentícia, foi implantada uma malha, numa área de 4,80m x 6,5m, dividida em 3 quadras de 2,5m x 1,60m e 6 quadras de 2,0m x 1,60m. As quadras foram nomeadas A1, A2, A3, B1, B2, B3, C1, C2 e C3, e posteriormente ampliadas com A4, A5, A6, B4, B5, B6, C4, C5 e C6 (Figura 19).

Figura 19 – Croqui da delimitação das quadras de acompanhamento e de escavação no pátio do Sítio PSGPe 1



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os acompanhamentos das obras de infraestrutura em cota negativa resultaram na coleta de material arqueológico histórico em diferentes setores, conforme inventário do catálogo 14 da Reserva Técnica de Arqueologia-ICH/UFPeI, como mostra quadro a seguir:

Quadro 1 – Vidros coletados no cômputo geral de materiais arqueológicos no acompanhamento

<b>Setores</b>	<b>Vidros</b>	<b>Outras categorias</b>
<u>Área construída:</u>		
Porões 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, e 22	381	2.306
Cozinha	2	38
<u>Áreas externas em passeios públicos:</u>		
Trincheira norte no passeio da rua Barão de Butuí	221	1.003
Trincheira oeste no passeio da rua Felix da Cunha	-----	6
<u>Áreas de jardins:</u>		
Trincheiras no jardim da rua Barão de Butuí	1	88
Trincheiras no jardim da rua Felix da Cunha	11	113
<u>Áreas no pátio interno:</u>		
Coleta superficial no pátio após a retirada do piso	-----	13
Trincheira oeste	5	47
Trincheira norte	175	616
Trincheira sul	2	441
Trincheira na área da cisterna	25	185
Acompanhamento na construção do poço de drenagem	44	363
Trincheira na área do poço de drenagem	49	178
Trincheira da estrutura	100	144
Coleta no sedimento removido pelas obras	6	249
<u>Áreas da malha escavadas no pátio interno:</u>		
Quadra A4	67	136
Quadra A5	31	79
Quadra B2	71	397
Quadra B3	60	137
Quadra B4	33	182
Quadra B5	23	59
Quadra B6	-----	2
Quadra C4	-----	39
Sem procedência	-----	4

Fonte: Adaptado do Inventário da Reserva Técnica de Arqueologia-ICH/UFPel.

O ritmo acelerado das obras prejudicou sobremaneira o trabalho arqueológico, como nos porões os resgates ocorreram com 0,50m de profundidade nas valas de

drenagens em meio ao charco, no pátio em alguns pontos de poços de drenagens mais profundos, com até 1,00m, foram executadas triagens no sedimento retirado e, nas áreas das quadras as decapagens ocorreram em um único nível de 0 a 0,50m.

Face ao curso acelerado das obras que priorizaram a construção de um sistema de drenagem, em virtude da elevada umidade do solo, o trabalho de salvamento arqueológico ocorreu, na maior parte dos setores da Casa 8, em ritmo de acompanhamento das reformas juntos aos operários e, de forma lastimável, pouco sob o crivo da austera metodologia arqueológica aplicadas no meio urbano, no âmbito da emergente disciplina da Arqueologia Histórica (Cerqueira, Peixoto, Viana, 2004, p. 116).

Apesar do intenso ritmo do salvamento arqueológico, o acervo arqueológico proveniente do sítio PSGPe 1 – Casa 8 foi bastante diversificado, com diferentes tipos de materiais, tais como, metais, louças inglesas e portuguesas, azulejos franceses, tijolos e telhas produzidos pelos escravos nas olarias de propriedade dos charqueadores da cidade, fragmentos de vidros e frascos inteiros de diferentes formas, grande quantidade e diversidade de ossos de várias espécies de animais, entre outros. No que diz respeito aos utensílios domésticos, a louça foi o material predominante, seguido do material vítrio e grés, alguns poucos exemplares de cerâmica vidrada e raríssimos fragmentos de cerâmica simples.

As análises em laboratório corroboraram a suposição durante a etapa de campo, que os descartes indicavam uma lixeira coletiva precedente à construção da casa, a partir da identificação de materiais cuja fabricação se encerrou antes da década de 1870, contudo, localizada no pátio, outra lixeira continha materiais com produção a partir de 1870 que relacionamos à ocupação da casa.

Em favor da possibilidade de depósitos de lixo posterior à construção da Casa 8 estão os achados no porão 22. Entre eles, destacamos uma bacia com decoração carimbada, encontrada em um nível de aproximadamente 1m. Essa profundidade é excepcional no contexto arqueológico da Casa 8, pois em todos os demais setores (porões, pátios e calçadas) não foi encontrado material abaixo de 50 cm. A decoração carimbada tem data de fabricação entre 1840 e 1900. Uma particularidade desta peça é que ela foi encontrada associada a outros objetos, um deles um bule com decoração floral, no interior de uma caixa de madeira, na qual a maioria dos objetos se encontrava em ótimo estado de conservação. É claro que o depósito de lixo da caixa de madeira do porão 22 constitui uma situação distinta, porque planejada, do abandono casual de peças em níveis superficiais, como

é o caso do pote de mostrada holandesa datado do início do séc. XX (Cerqueira, Peixoto, 2006, p. 11).

Quanto aos vidros, foram registrados no inventário 1.307 peças de vidros (inteiros ou fragmentados) e para as outras categorias 6.825 peças. Os vidros planos identificados como fragmentos de vidraças foram parcialmente coletados, atendendo aos registros amostrais e sem sobrecarregar a área da Reserva Técnica de Arqueologia-ICH/UFPel de modo infundado. Todos os fragmentos de vidro planos coletados foram inseridos na tabela de inventário do sítio PSGPe 1 – Casa 8.

A falta de registro da posição vertical (estratigrafia) das peças, dificultam a cronologia dos descartes no sítio (Figura 20).

Figura 20 – Intervenções arqueológicas nas obras - quadras A1, A2, A3, B1, B2 e B3



Fonte: Arquivo documental do LEPAArq/UFPel.

### 3.1.2 Sítio PSGPe 2 Casa 2

Com um cronograma adequado e antecipando às obras de restauração, a escavação ocorreu com uma metodologia mais rigorosa para resgate no período entre outubro de 2002 e outubro de 2003. A partir da implantação da malha de quadrículas de 1m x 1m, totalizando 256m<sup>2</sup> abrangendo todo o pátio interno da casa, foram feitos desenhos de todas as estruturas internas do local, assim como registro fotográfico. Prosseguindo foi feita a altimetria da área interna, coletas superficiais sistemáticas e sondagens com geoindicadores dos estratos (Figura 21).

Figura 21– Casa 2, década de 1990



Fonte: Arquivo documental do LEPAArq/UFPel.

Inicialmente foram definidas 3 quadrículas de 1m x 1m na área do jardim, as quais, escavadas, serviram como referência para o controle estratigráfico do sítio, uma vez que o restante do pátio tinha um piso de argamassa de cimento sobre uma base de tijolos cerâmicos. As quadrículas nomeadas por orientação da malha fora 3.12, 3.15 e 9.12 foram escavadas em níveis artificiais de 10cm. As decapagens das quadrículas atingiram as profundidades de 0,80m na 3.12, de 0,90m na 3,15 e 1,00m na 9.12 (Figura 22).

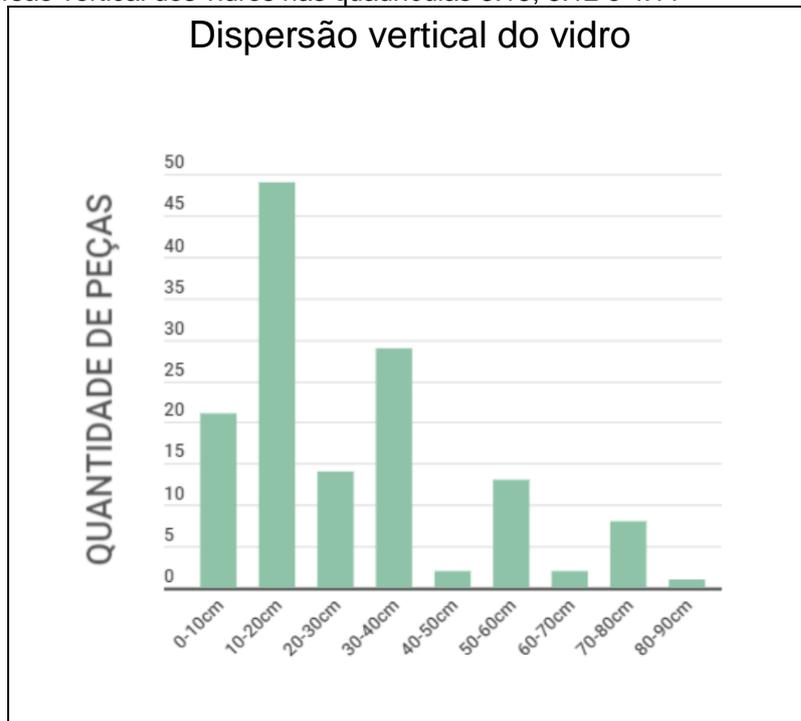
Figura 22 – No primeiro plano da imagem a quadrícula 9.12, no lado direito a demarcação da 3,12 e ao fundo (superior direito) a quadrícula 3.15



Fonte: Arquivo documental do LEPAArq/UFPel.

Conforme a documentação de campo, que ensejou a tabela de Inventário do Catálogo 18 da Reserva Técnica de Arqueologia-ICH/UFPel, na quadrícula 3.15 foram coletadas 45 vidros e 554 peças de diferentes categorias, na 8.12 foram 69 vidros e 429 diversos e na 4.11 foram 25 vítreos e outros 300 diversos (Gráfico 1).

Gráfico 1– Dispersão vertical dos vidros nas quadrículas 3.15, 8.12 e 4.11



Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme o diário de campo, foram registradas nas quadrículas 9.12 e 3.15, entre o final do 3º nível até o 5º (com uma pequena incidência no 6º nível), uma camada consistente de fragmentos de tijolos e telhas cerâmicas em meio a uma compacta camada de sedimento argiloso, com indícios de serem restos construtivos tombados da fachada fundos, no incêndio ocorrido na década de 1970 (Figura 23).

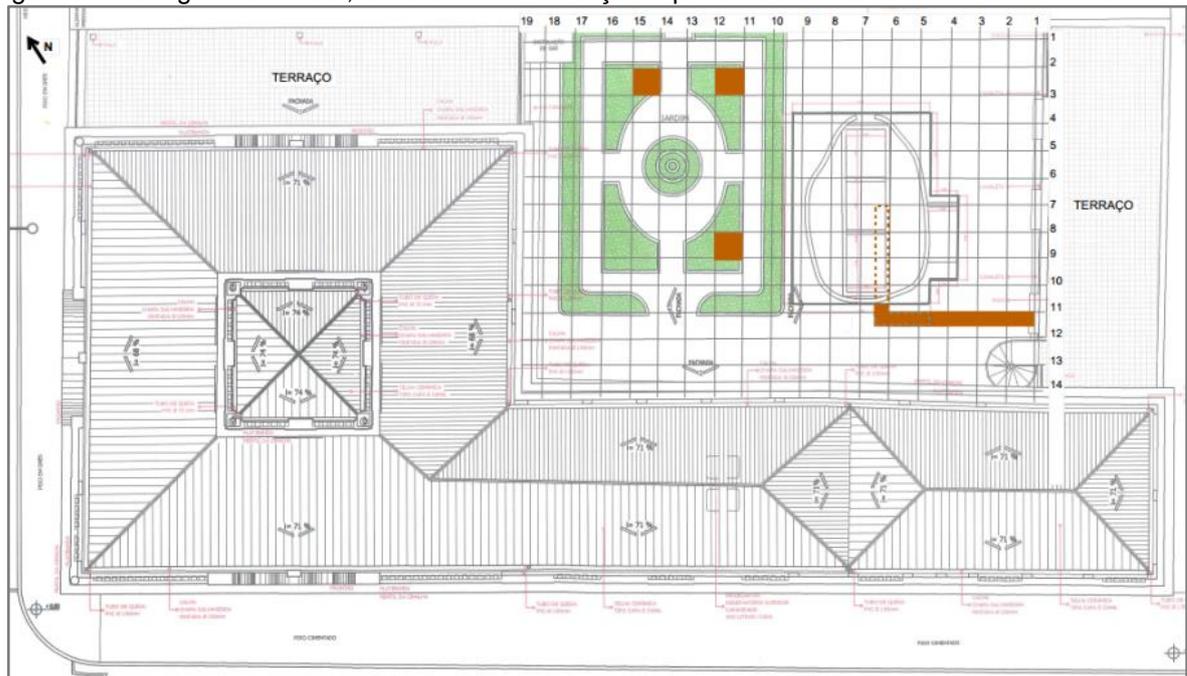
Figura 23 – Fotografia da Casa 2 após o incêndio na década de 1970, com data de arquivo fotográfico de 1977



Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas - Secretaria Municipal de Cultura. Autor: Não informado.

No setor sudeste, área mais baixas do pátio, foram delimitadas e abertas inicialmente duas trincheiras formando um “L”, uma no sentido SE para SW e a outra de SW para NE. A trincheira SE-SW foi composta pelas quadras 12.2, 12.3, 12.4, 12.5, 12.6 medindo 0,50m x 1,00m, e pela 12.7 com 0,50m x 0,50m, e a SW-NE pelas quadras 11.7, 10.7, 9.7 e 8.7 com 0,50m x 1,00m (Figura 24).

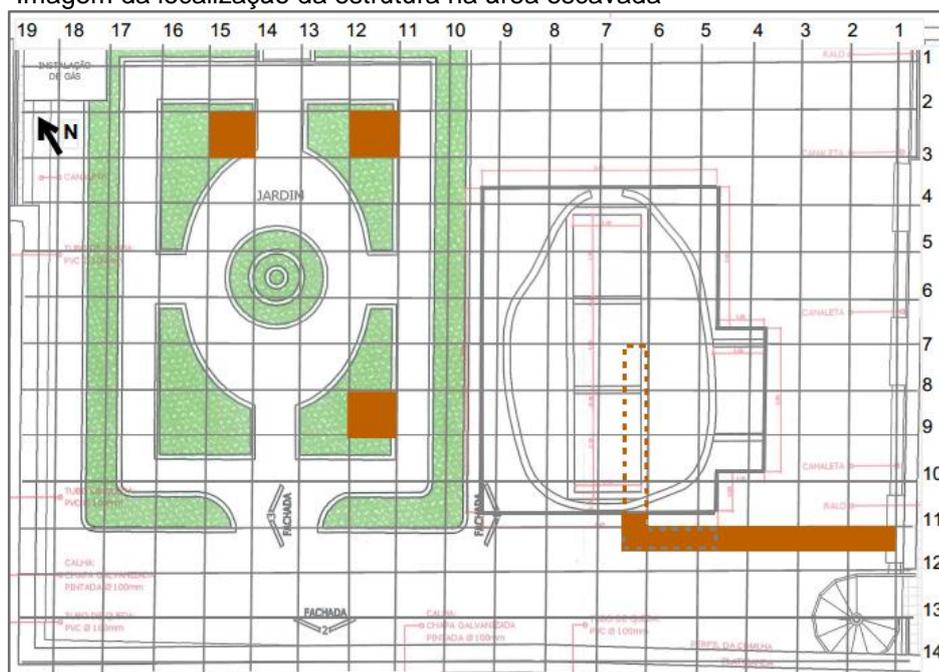
Figura 24 – Imagem da malha, unidades de escavação e perímetro do sítio PSGPe 2 – Casa 2



Fonte: Planta de cobertura da Secretaria Municipal de Cultura - Prefeitura Municipal de Pelotas – SECULT, edição do autor.

As escavações atingiram profundidades que variaram entre 0,60m e 1m, sendo que na trincheira de sentido SW para NE foi evidenciada uma estrutura de tijolos cerâmicos, o que impôs a ampliação das intervenções para 47 quadrículas, 42 de 1m x 1m, e 5 de 0,50m x 1m. Deste total, 37 unidades de escavação expuseram a estrutura elipsoidal com aproximadamente 34m<sup>2</sup> e com base assentada em cota 0,75m registrada a partir do 'ponto 0' previamente demarcado em 1,35m em cota positiva (Figuras 25 e 26).

Figura 25 – Imagem da localização da estrutura na área escavada



Fonte: Planta de cobertura da Secretaria Municipal de Cultura - Prefeitura Municipal de Pelotas – SECULT, edição do autor.

Figura 26 – Fotografia da estrutura escavada no pátio do sítio PSGPe 2 Casa 2



Fonte: Arquivo documental do LEPAArq/UFPel. Autor: Jorge Viana.

Na construção longitudinal, com 3 compartimentos sobre piso de tijolos, a estrutura foi construída com paredes de quatro fiadas de tijolos assentados com argamassa de areia e cal e os laterais com três fiadas. No compartimento central, foi resgatada uma grande concentração de fragmentos de objetos do cotidiano doméstico, predominando os ossos, muitos identificados como restos alimentares.

A incidência desse material sugeriu a utilização da parte central da estrutura para o descarte de lixo doméstico, em determinado momento, porém, a razoável quantidade de argamassa (mistura de areia média com cal) acumulada em alguns pontos e no fundo, sob os rejeitos, e sua distância da área da primeira etapa de construção da casa (1830), situando-se praticamente no centro do pátio, suscitou a hipótese de uma caieira.

Com pouquíssima informação bibliográfica sobre as caieiras em Pelotas no século XIX, sabemos da produção da cal com o aproveitamento dos restolhos de ossos das charqueadas. Segundo alguns relatos históricos, a cal de origem animal foi produzida para as demandas construtivas no entorno da Praça e, com forte produção, também foi exportada.

[...] a favor desta hipótese interpretativa, as escavações no entorno do tanque evidenciaram uma quantidade de material calcinado acima da média encontrada em lixeiras – somando-se ao fato de que, onde este material calcinado foi encontrado, não há vestígios significativos que permitam pensar em uma lixeira ou fogueira (Cerqueira, Peixoto, 2006, p. 13).

Sem a datação da estrutura consideramos sua construção e utilização entre o período de 1830, período de construção da residência, até o ano de 1880, ano de sua modernização arquitetônica. Esta interpretação decorre dos registros da escavação que mostram na área estrutura, e também em cotas negativas similares no seu entorno, muitos fragmentos de cerâmica neo-brasileira<sup>49</sup> e poucos de louça. Os fragmentos indicam uma faiança portuguesa e faiança fina inglesa, esta última como o padrão Shell Edged com pintura na cor verde, também chamada Green Edged, de período de fabricação entre 1780 e 1830 (Araújo, Carvalho, 1993, p. 85).

O predomínio da cerâmica neo-brasileira na Casa 2 caracteriza um período de mercado econômico mais acanhado, ainda abastecido nas suas necessidades domésticas pela produção local, mesmo se tratando da propriedade de um dos homens mais ricos da cidade e do estado, o charqueador José Vieira Viana,

---

<sup>49</sup> No caso da cerâmica produzida a partir da conquista portuguesa nas terras brasileiras, essa ampla diversidade tecnotipológica e, conseqüentemente, de significados, está diretamente relacionada às variações do contexto histórico regional e, inclusive, microregional que cada situação propiciou. Designada genericamente pelos arqueólogos de “neobrasileira” esta cerâmica de elaboração local/regional e também conhecida como “cabocla”, reflete influências dos segmentos sociais que formaram a base da sociedade colonial (Morales, 2001, p. 178).

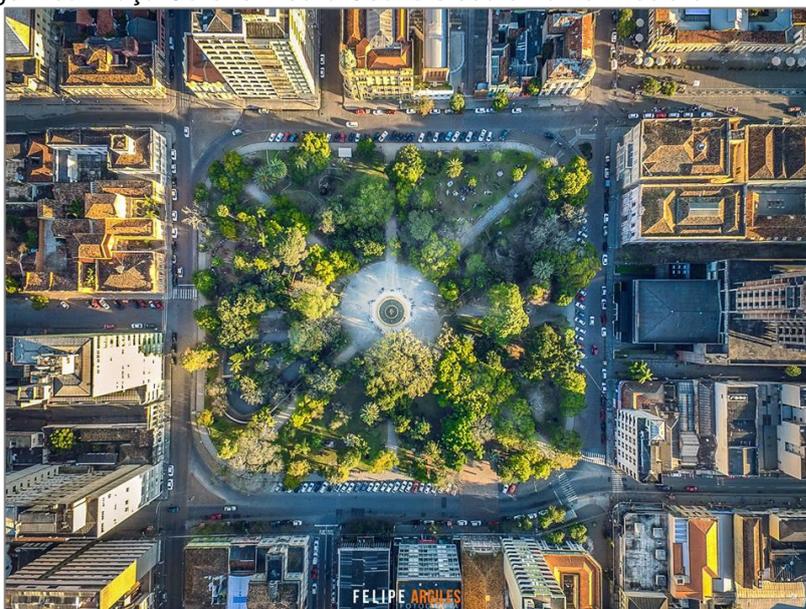
vanguarda nacional na construção de uma embarcação a vapor em plena década de 1830.

Nesta ampla área escavada no pátio foram coletados 219 fragmentos vítreos. Para além destes, em todo o resgate somaram-se 6.347 fragmentos entre metais, cerâmica, louça histórica, elementos construtivos, arqueofauna, plástico e outros, conforme registro no inventário do catálogo 18. As escavações evidenciaram grande quantidade de ossos calcinados, as maiores ocorrências foram do quinto ao nono nível em várias quadrículas, entre elas as 3.15, 9.12 e 8.7.

### 3.1.3 Sítio PSGPe 3 Praça Cel. Pedro Osório

Com o enquadramento institucional na UFPel através do Projeto de Salvamento Arqueológico na Área Urbana de Pelotas (RS) – Praça Cel. Pedro Osório, Casa da Banha e Casas 2, 6 e 8 – Programa BID/Monumenta, o LEPAArq desenvolveu três campanhas arqueológicas na Praça Cel. Pedro Osório (Figura 27), sob a responsabilidade perante o IPHAN do Arqueólogo Fábio Vergara Cerqueira. A primeira ocorreu nos meses de junho e julho de 2004, a segunda em junho de 2005 e a terceira de fevereiro a abril de 2006.

Figura 27 – Imagem da Praça Coronel Pedro Osório e seu entorno imediato



Fonte: Felipe Argiles<sup>50</sup>.

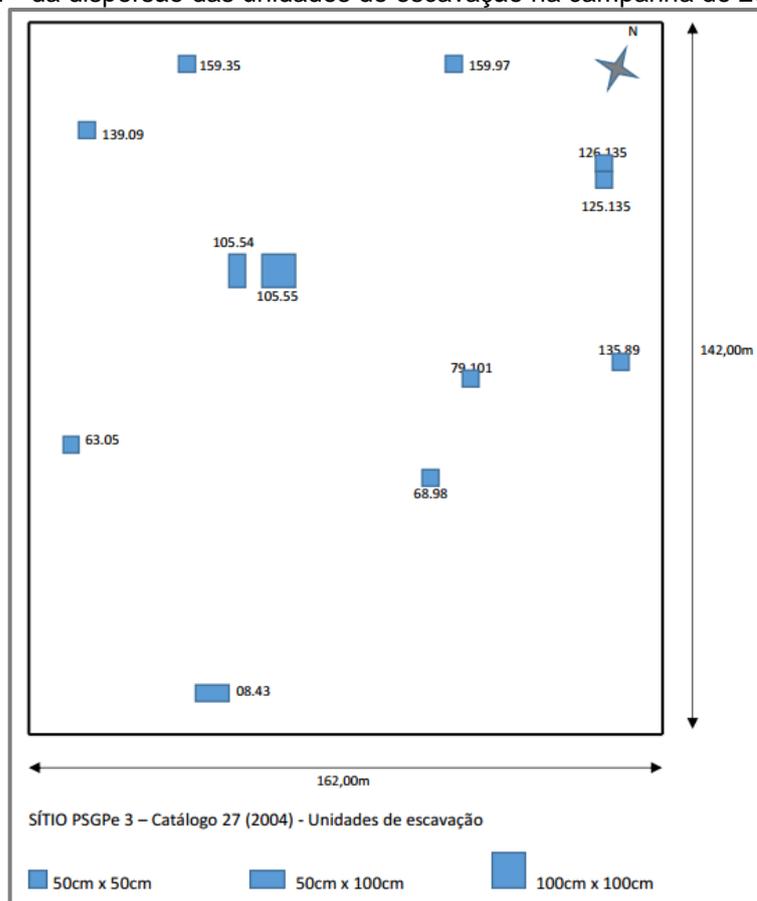
<sup>50</sup> Professor do Instituto Português de Fotografia – Porto e Lisboa/Portugal. Disponível em: <https://felipeargiles.myportfolio.com/>  
Acesso: 19 jul. 2024.

### Campanha de 2004 – catálogo 27

Para este campo foi estabelecido o ponto “0” e, a partir deste, foi projetada uma malha quadricular para orientar geograficamente e nomear as unidades de escavação. Para viabilizar as marcações da malha na ampla área pública a equipe delimitou quadrantes de 10m x 10m.

Foram escavados por níveis artificiais de 0,10m nove poços-testes medindo 0,50m x 0,50 nomeados 63.05, 139.09, 159.35, 159.97, 126.135, 125.135, 135.89, 79.101 e 68.98, e outro com 0,50m x 1,00m 08.43. Além deste foram escavadas as quadrículas 105.55 e 105.54 com 1,00m x 1,00 x e 0,50m x 1,00m respectivamente (Figuras 28 e 29).

Figura 28 – Croqui<sup>51</sup> da dispersão das unidades de escavação na campanha de 2004



Fonte: Adaptado do Arquivo documental do LEPAArq/ICH/UFPel.

<sup>51</sup> Esboço da área, sem escala e sem os procedimentos padrões na sua elaboração, servindo apenas para a obtenção de informações gerais das intervenções.

Figura 29 – Fotografia de poço teste sendo escavado por estagiários



Fonte: Arquivo documental do LEPAArq/UFPel.

Um dos destaques desta escavação envolveu o poço teste 105.54 (0,50m x 0,50m), que por sua grande concentração de materiais foi ampliado para 1,00m x 0,50m. Localizado em frente à Biblioteca Pública, esta unidade de escavação apresentou metais, ossos, grés e mormente vidro e louça, com ocorrências até o 13º nível, sendo encerrada com 1,40m de profundidade com solo compactado de argila em nível estéril.

Esta informação arqueológica mostrou um ponto de intenso descarte de lixo, certamente dentre outros tantos, no período em que a praça era conhecida como “poço”. As ocorrências em significativa profundidade corroboram a condição de um terreno baixo dentro da área do segundo loteamento, e indicam despojos ocorridos no início desta ocupação.

O material coletado nestas intervenções, totalizado em 2.204 peças, 706 são vidros e 1.498 correspondem às cerâmicas louça histórica, cerâmica histórica, fauna, metal, material construtivo e outros não identificados.

Com todos os registros verticais das deposições em níveis de 0,10m nas 12 unidades de escavação, pelo que consideramos como uma só coleção, temos a maior incidência de material vítreo nos níveis 12 e 13 (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Quantificação dos vidros por níveis (0,10m) considerando as 12 unidades de escavação



Fonte: Elaborado pelo autor.

A exemplo da maioria das unidades de escavação, o perfil norte do poço-teste 79.101 mostra o processo de aterramento, com a sobreposição de inúmeras camadas antrópicas da área da praça (Figura 30).

Figura 30 – Perfil norte do poço-teste 79.101



Fonte: Arquivo documental do LEPAArq/UFPel.

### **Campanha 2005 – catálogo 32**

Com o propósito da intensificação da pesquisa de campo realizada em 2004, a campanha de 2005, implementada no mês de junho, teve como principal objetivo constatar a concentração e dimensão do material na área que circundava as quadrículas 105,54 e 105,55. Para isso foram escavadas simultaneamente as quadrículas 106.54 e 106.55 nomeadas como “trincheira oeste” e as 104.54 e 104.55 como “trincheira leste”.

Nas duas trincheiras foram escavados 14 níveis artificiais de 0,10m, encerradas quando do surgimento do nível estéril para peças arqueológicas. As trincheiras demonstraram uma semelhança muito grande com relação ao tipo de solo e ao material.

Os resultados obtidos nesta campanha com a evidenciação de um local pretérito de descarte de lixo, corroborando as impressões obtidas em 2004, foram transcritos em uma edição do diário de campo, como segue:

- **Trincheira Oeste** – As poucas ocorrências arqueológicas nos três primeiros níveis foram de conchas. O solo mostrou-se bastante variado com sobreposição de camadas de sedimento com diversas granulometrias<sup>52</sup> e tons de matiz variados. No quarto nível houve uma diferenciação do sedimento formada em parte por areia média e por areia fina compactada. Neste nível foram escavadas uma concentração de fragmentos de tijolos dispostos como uma calçada. A partir do 5º nível surgiram ossos, vidros e metais e cerâmica louça histórica. Os níveis 6 e 7 comportaram-se, quanto aos materiais, de forma muito semelhante ao 5º. No nível 8 foi localizada uma concentração de carvão, indicando uma pequena área de combustão associada à grande concentração de material arqueológico. No 9º nível, com predomínio de sedimento arenoso, foram escavados ossos de animais de grande porte e fragmentos grandes de cerâmica louça histórica com predomínio de faianças finas com decoração variada (pintado à mão floral, *transfer-printing*) e branca sem decoração, ao que tudo indica do século XIX. No 10º nível foi registrada na estratigrafia, na porção leste da trincheira, “um corte no solo” indicando uma pequena vala com grande concentração de escamas e ossos de peixes em meio à terra escura, indicando um buraco antrópico e intencional para descarte de lixo. A decapagem do 11º nível evidenciou grande concentração de ossos, louças, vidros, grés e material

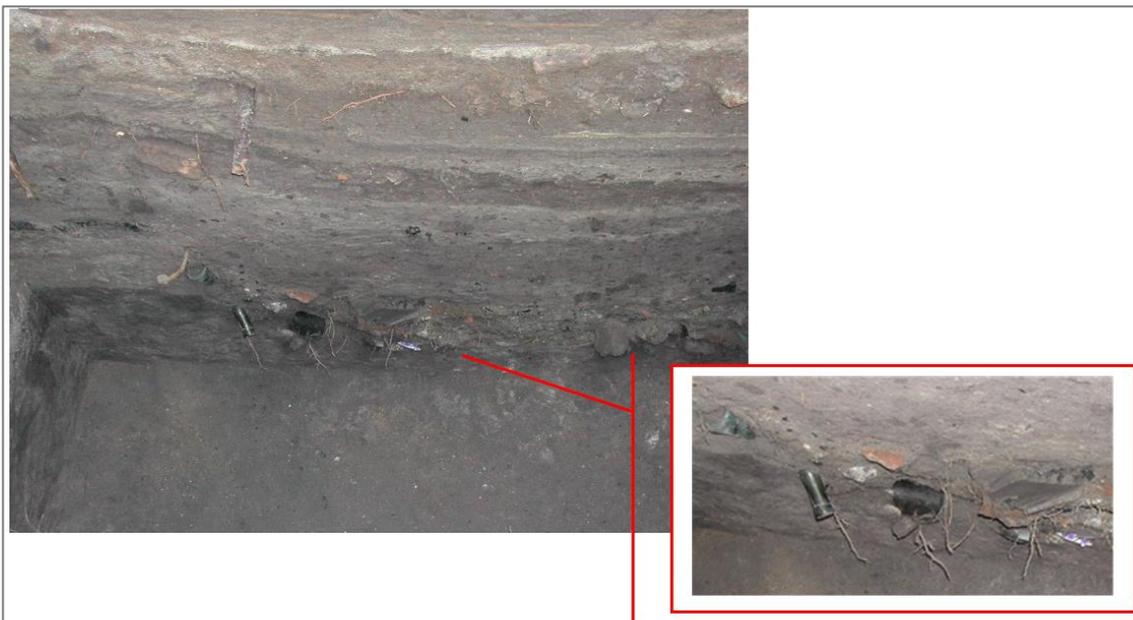
---

<sup>52</sup> Nesta escavação não foi usada nenhuma tabela de classificação granulométrica.

fito-faunístico. Os fragmentos grandes de cerâmica louça histórica eram de prato, xícara, tigela e urinol. Os vidros evidenciados foram fragmentos de garrafas de diversas formas e também frascos inteiros (Figura 31). Junto a estes materiais foi encontrada uma grande concentração de cascas de ovos. Tanto neste nível como no 12º e 13º prossegue a informação estratigráfica da vala de terra escura e restos alimentares, como referido inicialmente no nível 10. Com menor ocorrência de materiais arqueológicos, o 13º nível apresentou um sedimento bastante compacto e homogêneo na sua coloração marrom. No 14º nível, o sedimento mostrou-se mais compacto e de coloração marrom escuro, neste cessa a ocorrência de material arqueológico.

- **Trincheira Leste** – Esta trincheira apresentou nos três níveis iniciais sedimentos semelhantes aos registrados na trincheira oeste, mas com maior incidência de raízes. Na decapagem do 2º nível surgem fragmentos de cerâmica louça histórica e no 3º um fragmento de cerâmica louça histórica e um de vidro. No 4º nível surgem novas ocorrências de cerâmica louça histórica, vidros, ossos, grés e metais. Nos níveis 5, 6, 7 e 8 o solo mostrou-se mais compactado e coloração marrom escuro, com ocorrências de um cachimbo, fauna e grande quantidade de fragmentos de cerâmica louça histórica. No 9º nível o solo mostrou-se um pouco mais arenoso com trechos de concentração de argila e, quanto aos materiais, além de fragmentos de cerâmica louça histórica e vidros também foi evidenciada uma moeda batida no período imperial. Os níveis 10º e 11º apresentaram-se semelhantes ao 9º com registros de cerâmica louça histórica, vidro, ossos e metal, e o sedimento mais compacto e escuro na porção sul da trincheira, e arenoso na porção norte. No 12º nível o solo manteve as mesmas características do 10º e do 11º, diferenciado no aumento das ocorrências de material arqueológico. No 13º nível as ocorrências de materiais diminuíram, e o sedimento era mais compacto e homogêneo na coloração marrom escuro. No 14º nível mostrou-se semelhante ao da trincheira oeste, com o sedimento bem compacto e de coloração marrom escuro e sem ocorrência de material.

Figura 31 – Perfil norte da trincheira oeste corroborando os registros de muitos materiais nos níveis 10, 11 e 12



Fonte: Adaptado do arquivo documental do LEPAArq/UFPel.

A edição resumida do diário de campo, de certo enfadonho, esclarece mínima mas suficientemente o contexto deposicional nas duas trincheiras, uma vez que o inventário do catálogo 32 da Reserva Técnica de Arqueologia apresenta-se incompleto, sem os registros de vidros na trincheira leste.

Nesta campanha desenvolvemos atividades integradas de Educação Patrimonial na área do sítio PSGPe 3 durante as escavações. Com o propósito de contribuir para a conscientização da preservação do patrimônio cultural e revitalização da memória coletiva, foi propiciada por três dias consecutivos uma exposição com peças arqueológicas resgatadas no Centro Histórico da cidade, textos impressos e monitorias de “conversas” com um público plural (Figura 32).

Figura 32 – Fotografia da exposição na Praça Cel. Pedro Osório



Fonte: Arquivo documental do LEPAArQ/UFPEL.

### **Campanha 2006 – catálogo 36**

As atividades desenvolvidas ocorreram de fevereiro a abril de 2006 como acompanhamento das obras de requalificação da Praça Cel. Pedro Osório, inseridas no cronograma do Programa Monumenta, em específico no banheiro público e área de brinquedos.

O trabalho de campo ocorreu por meio de monitoramento intenso de todas as intervenções no solo decorrentes das obras e, também, pela escavação nas quadrículas 26.72, 26.73, 27.72, 27.73 e 27.74.

O monitoramento arqueológico ocorreu na abertura de poços para fixação de postes do cercamento da área, na retirada dos ladrilhos das passarelas de acesso e na reforma da edificação do banheiro e sistemas de sua infraestrutura, e, por fim, na remoção dos brinquedos e bancos dispersos numa área de 25m x 12m próximo ao passeio público na rua Félix da Cunha (em frente à quadra das casas 2, 6 e 8).

No monitoramento das obras no entorno do banheiro, salientando a peculiaridade da construção ter 1,50m em cota negativa e também com elevação por aterramento no entorno das paredes externas, gerando uma feição de edificação parcialmente subterrânea, não foram encontrados materiais arqueológico no sedimento destes aterros contemporâneos. Na abertura de uma vala de obras de aproximadamente 3m por 1m, partindo da parede sudeste do banheiro em direção à

rua Felix da Cunha, foram evidenciados materiais arqueológicos o que determinou a interrupção das atividades. Visualizado o potencial arqueológico foi realizado um salvamento sistemático com uma decapagem de 1m de profundidade em relação ao nível da praça, permitindo a coleta de louças de diversas formas e decorações, garrafas de vidro inteiras (garrafas de diferentes bebidas, tônico capilar etc.) restos alimentares, vasos cerâmicos, entre outros fragmentos relevantes, caracterizando assim, uma camada arqueológica de descarte de lixo do século XIX.

A 1 m aproximadamente do limite sudeste da vala, aproveitando o contexto arqueológico identificado e seguindo a malha estabelecida na campanha de 2004, foram delimitadas e escavadas as quadrículas 26.72, 26.73, 27.72, 27.73 e 27.74. Por conhecimento prévio das camadas de depósitos do aterramento, o controle das decapagens ocorreu seguindo os níveis naturais, como indica o Relatório de campo – Acompanhamento das obras de Revitalização da Praça Cel. Pedro Osório previstas no cronograma do Programa Monumenta, fev., 2006:

- 1º nível (0 a 80cm): terra escura composta por diferentes processos se aterramento antrópico, nível com pouca incidência de materiais, estes em sua maioria recentes (século XX);
- 2º nível (80cm a 1m): areia clara, apresenta alguns vestígios arqueológicos, metais e vidraças;
- 3º nível (1 a 1,50m): terra preta devido a decomposição de materiais orgânicos (restos alimentares) apresenta grande concentração de vestígios arqueológicos do século XIX.

No início do 4º nível surgiu água, que no sedimento argiloso e compacto tornou a base lodosa, impedindo a continuação da escavação.

Na área de remoção dos brinquedos, também objeto do monitoramento, resultaram vários buracos, em média com 0,60m de profundidade e 2m de diâmetro, cujo sedimento foi peneirado, evidenciando alguns pequenos fragmentos de cerâmica louça histórica e vidro. Neste contexto de monitoramento, cabe ressaltar que as intervenções no solo com baixa profundidade pouco evidenciaram material arqueológico, se comparado com as maiores profundidades da área do banheiro. Ver compartivos no quadro abaixo:

Quadro 2 – Vidros coletados no cômputo geral de materiais arqueológicos no monitoramento, sítio PSGPe 3 – campanha de 2006

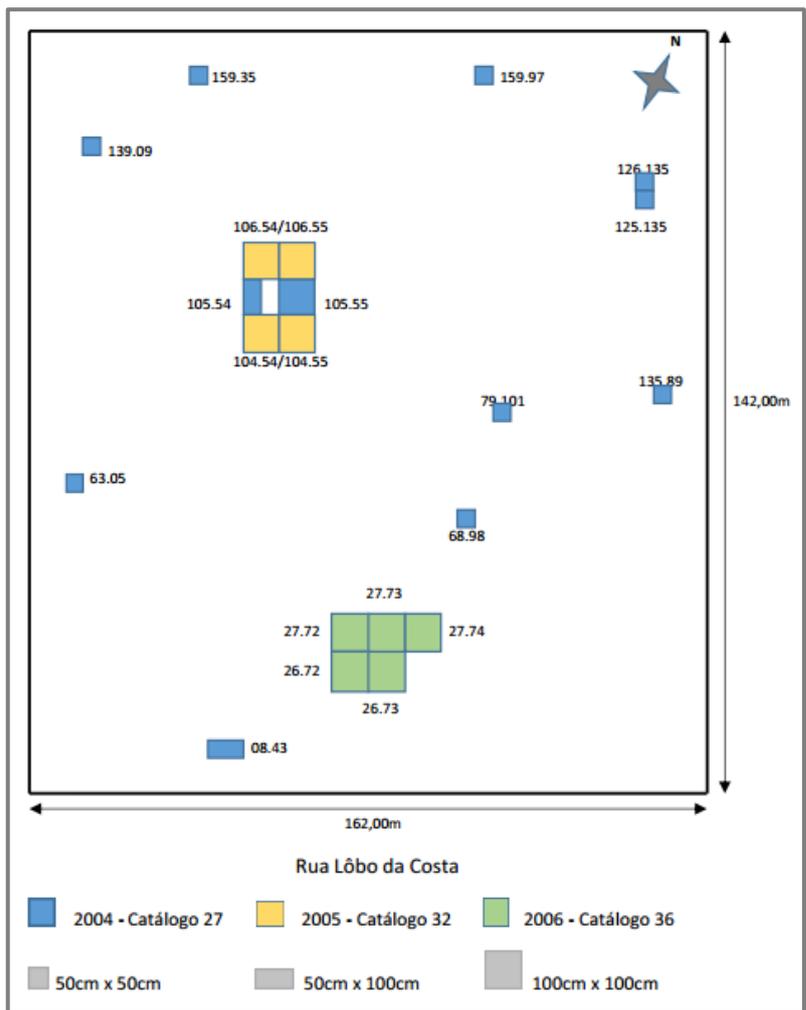
<b>Setores</b>	<b>Vidros</b>	<b>Outras categorias</b>
Monitoramento na área dos brinquedos	02	05
Monitoramento da vala e escavação de quadrículas na área do banheiro	82	55

Fonte: Elaborado pelo autor.

Sem o registro de profundidades dos materiais coletados no inventário do catálogo 36 e falta de documentos de campo, as correlações da camada arqueológica em relação aos trabalhos de campo anteriores fica prejudicada. Importante ressaltar que no ano de 2007 estagiários iniciaram uma pesquisa sobre os vidros da Praça Cel. Pedro Osório, porém, sem levar a termo o trabalho de laboratório, o acervo ficou desorganizado e a parte da documentação de campo extraviada.

A ilustração (Figura 33) indica a localização das unidades de escavação nas três campanhas e apontam para uma dispersão na ampla área da praça. O profícuo das três intervenções foi a localização de um ponto com alta concentração de descarte de lixo, que embora tenha perdurado por vários anos, mostraram que nas camadas mais profundas, a partir de 1,00m do nível presente da área, os rejeitos da vida diária foram significativamente mais intensos.

Figura 33 – Croqui da dispersão das unidades de escavação nas campanhas de 2004, 2005 e 2006 no sítio PSGPe 3



Fonte: Adaptado do Arquivo documental do LEPAArq/ICH/UFPel.

## **4 Comércio e produção de medicamentos**

### **4.1 As primeiras iniciativas em Pelotas**

Na segunda metade do século XIX, com o desenvolvimento econômico alicerçado pela indústria do saladeiril e incrementado com capital de alguns imigrantes, dentre os quais alguns médicos e farmacêuticos dispostos a investir na área da saúde, verificamos o crescimento de empresas farmacêuticas na cidade. As farmácias logo tiveram apoio popular, pois muitas delas ofereciam consultas médicas, formulavam os medicamentos e os comercializavam.

Apoiados em manuais, revistas e periódicos divulgavam os grandes efeitos curativos de moléstias e doenças dos seus medicamentos.

As pesquisas indicaram que a primeira farmácia constituída em Pelotas, como a concebemos hoje, foi a Caridade em 1849, e sua localização foi ao lado da Santa Casa de Misericórdia. Depois seguiram-se a Romano (1860) e a Sequeira (1870). Esta última foi a responsável pela fabricação do tradicional Pó Pelotense e do Xarope Angico Pelotense, conhecidos até fora do Brasil Império.

#### **4.1.1 Pharmacia Caridade**

Citada como a mais antiga farmácia de Pelotas, a Pharmacia Caridade foi fundada em 1849 por Autero Leivas natural da cidade de Jaguarão (Lopes Neto, 1911, p. 126). Sua localização foi na rua Alegre (atual rua Gonçalves Chaves) ao lado da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas na rua Alegre, atual Gonçalves Chaves. Ainda, segundo a Revista do 1º Centenário de Pelotas (Lopes Neto, 1911, p. 126), a transferência de propriedade da farmácia seguiu-se para J. A. Penedo, depois para F. G. de Araujo Góes, a seguir para Ireno S. Britto, posteriormente para Rodrigues e Araujo, depois para Alfredo J. R. de Araujo e, por fim, em 1898 para o farmacêutico Leonardo Borges Falcão. Sob esta última administração sua localização foi na rua Marechal Floriano Peixoto esquina com a rua Marechal Deodoro da Fonseca. Neste período a comercialização da Pharmacia Caridade baseou-se na importação de medicamentos da Europa.

### 4.1.2 Pharmacia Romano

A segunda farmácia constituída em Pelotas foi a Romano em 1860, reconhecida no Estado e em grande parte do Brasil pelo medicamento Galenogal. Com fórmula do Dr. Frederico W. Romano, formado pelas faculdades de Londres e do Rio de Janeiro, o purificador e tônico do sangue era anunciado em periódicos de suas vendas em países do Sul da América (O Brasil, 1924, p. 1).

Seguindo o padrão de uma época (século XIX e início do XX), as propagandas do Galenogal eram “categóricas” com declarações públicas de curas de “lesão cardíaca (doença do coração) e de outras moléstias, de origem syphilitica, rebeldes a vários tratamentos, ficou radicalmente bom com 4 frascos apenas de GALENOGAL” (sic), em nome do Capitão e Professor José Maria D’Avila Garcia, e continua:

O GALENOGAL foi o ÚNICO classificado na Exposição do Centenario como – PREPARADO SCIENTIFICO – e premiado com o DIPLOMA DE HONRA distinção esta raramente concedida e que nunhum outro depurativo conseguiu” (sic) (O Momento, 1934, p. 4).

Ainda hoje o Galenogal é produzido e distribuído pela Kley Hertz Farmacêutica S.A. de Porto Alegre/RS, como medicamento fitoterápico de extrato seco de 5 a 6% de *Salix alba* L<sup>53</sup>, com indicação para auxílio no tratamento de processos inflamatórios em geral, mantendo na caixa a imagem e o nome do Dr. Frederico W. Romano<sup>54</sup>. Kley Hertz Farmacêutica S.A. foi fundada pelo empresário alemão Gerhard Hertz em 1947 para a distribuição de medicamentos de farmacêuticas de origem alemã.

### 4.1.3 Drogaria Pharmacia Sequeira

Em 1870 Eduardo Candido Sequeira fundou a Drogaria Pharmacia Sequeira,

<sup>53</sup> *Salix alba* L. Também conhecida como salgueiro branco (*Salicácea*). Sua distribuição nativa vai da Europa ao norte da China e noroeste da África. É uma árvore que cresce principalmente no bioma temperado. *Royal Botanic Gardens Kew*. Disponível em:

<https://powo.science.kew.org/taxon/urn:lsid:ipni.org:names:776974-1>

Acesso: 09 abr. 2024.

<sup>54</sup> Kley Hertz Farmacêutica S.A. Disponível em:

<https://www.hertzfarma.com.br/a-hertz/#:~:text=Nossa%20Hist%C3%B3ria,-1947&text=Gerhard%20funda%20a%20Kley%20Hertz,ind%C3%BAstrias%20farmac%C3%AAuticas%20de%20origem%20alem%C3%A3>

Acesso: 09 abr. 2024.

que iniciou com importações de drogas e produtos químicos da América do Norte, Europa e Norte do Brasil para vendas no varejo e no atacado, por exemplo, perfumarias, chás (marca *Blended* da Inglaterra) e tantos outros (Lopes Neto In: Rubira, 2012, p. 331). Sua inserção na prática e conhecimentos de medicamentos começou na Drogaria de Halwell onde trabalhou seis anos na cidade de Rio Grande de onde era natural.

A Drogaria Pharmacia Sequeira foi instalada na rua Andrade Neves nº 571 (numeração do século XIX), entre as ruas Marechal Floriano Peixoto e Lobo da Costa, hoje com números 1575 e 1585, num amplo sobrado em estilo colonial, e contou com 20 funcionários no início do século XX (Figura 34).

Figura 34 – Prédio da Drogaria e Pharmacia Sequeira na rua Andrade Neves, 571, entre Lobo da Costa e Mal. Floriano, publicada em 1912



Fonte: (Lopes Neto, 1912. In: Rubira, 2012, p. 289). Fotógrafo desconhecido.

Com uma data que não conseguimos precisar, mas que atestamos que foi entre os anos de 1910 e 1916, a Drogaria e Pharmacia Sequeira mudou-se para o prédio ao lado nº 1605, conforme divulgação no Almanach de Pelotas (1916, p. 21). A arquitetura da fachada do sobrado valeu-se do estilo colonial, porém com significativos implementos ecléticos, numa transgressão construtiva que ocorria no final do Século XIX e início do XX<sup>55</sup> (Figura 35). Como um breve comentário sobre a

<sup>55</sup>Nessa época, o país desenvolveu uma arquitetura cuja linguagem utilizava elementos variados originados de épocas e lugares distintos. Para Pelotas, esse ecletismo, que ocorreu, sobretudo nas fachadas das edificações, coincide com um momento histórico de apogeu econômico possibilitado pela fabricação do charque (Daltoé, 2012, p. 393).

arquitetura a ser mostrada na imagem, as duas edificações mais ao fundo apresentavam nas fachadas frontões sobre os frontispícios, enquanto o novo edifício apresentou no segundo piso, a conjugação de curvas e retas na frontaria que, com uma ampla portada ao centro (sacada), nos traz elementos construtivos do Barroco.

Figura 35 – Fachadas dos prédios da Drogaria e Pharmacia Sequeira. A direita da imagem a ampliação em nova construção, Fotografia indicada com data de 1916



Fonte: Almanach de Pelotas (1916, p. 22), autor desconhecido. A mesma fotografia foi publicada no Álbum de Pelotas–NDH-UFPel com data atribuída ao ano de 1922.

Sobre a demolição do novo prédio da Drogaria e Pharmacia Sequeira em 1916, para a construção da sede definitiva do Banco Pelotense (Lopes Neto, 1912. In: Rubira, 2012, p. 331), salientamos que as obras para o banco começaram em 1913, e terminaram em 1916 com a sua inauguração e, se olharmos atentamente a

---

fotografia acima, em toda linha vertical à direita, perceberemos a fachada do Banco Pelotense, aliás como permanece até hoje, contígua ao prédio 1605.

Nas nossas pesquisas de campo, registramos que a parte da primeira localização do laboratório no prédio de estilo colonial (número 571), permanece até os dias de hoje, e acolhe um comércio varejista de roupas.

Como informa o *Lloyd's Greater Britain Publishing Company, Ltd* (1913, p. 840) Sequeira foi diretor e acionista do Banco Pelotense. Com um perfil empresarial Eduardo Siqueira também empreendeu na orizicultura e no Banco Pelotense, em 1916 foi o terceiro maior acionista, em 1924 o segundo e em 1929 o maior investidor do banco (Relatório Banco Pelotense: Anno de 1919 *In* Retzlaff, Kevin (2020, p. 57-69-74).

Eduardo Sequeira produziu e comercializou o fitoterápico Peitoral de Angico Pelotense (medicamento contra doenças respiratórias) com vendas que atingiram 30.000 frascos anualmente decorrentes da forte exportação para quase todo o Brasil. Conforme o Almanach de Pelotas (1913, p. 108) a propaganda do Peitoral de Angico Pelotense indicava o combate às moléstias “Bronchites, Tysica no princípio, Tosses, Resfriados, Catharros do peito, Asthma”. Cabe ressaltarmos que em vários rótulos impressos deste medicamento consta a atribuição do preparo e prescrição ao farmacêutico Domingos da Silva Pinto formado pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro (Almanach de Pelotas, 1913, p. 108).

Outro produto importante foi o talco Pó Pelotense indicado “contra as assaduras das crianças, callos molles entre os dedos dos pés, assaduras sob os seios das senhoras, etc.”, conforme anúncio no Almanak Laemmert (1918, p. 1474). A produção e marca do Pó Pelotense foi adquirida pelo Laboratório Quimsul de Günter Nunnenkamp em 1965 (Porto Alegre), e em 2005 este, por sua vez, foi incorporado ao Laboratório Saúde, também de Porto Alegre, mantendo até o presente a produção e comercialização.

No final do século XIX e início do XX a Drogaria Pharmacia Sequeira comercializava Elixir de Turubi Composto, Pomada Albirina, Elixir de Turbithina Vegetal Caffone, Vinho Tónico Galactogenio e os chás preto e verde Yokon (Almanak Laemmert, 1918, p. 1474).

Com grande credibilidade o medicamento Peitoral de Angico Pelotense seguia o marketing da época com publicações em vários periódicos de cartas e declarações elogiosas de médicos reconhecidos e cidadãos ilustres em suas cidades.

#### 4.1.4 Laboratório e Farmácia Souza Soares

Souza Soares foi referido na seção 1.3.2 por sua significativa participação no comércio de medicamentos no território brasileiro no último quartel do século XIX.

Vindo de Pernambuco, por problemas de saúde, o português José Alvares Souza Soares chegou no Sul no ano de 1872, fixando residência em Rio Grande antes de mudar-se para Pelotas em 1873.

A empresa criada por Souza Soares denominada “Laboratorio Homeopathico Rio-Grandense”, funcionou inicialmente na rua Imperador (Atual Felix da Cunha), depois mudou-se para prédios nas ruas São Miguel (hoje XV de Novembro), General Osório, Santa Bárbara, 62 (Marechal Deodoro), onde foi localizada a capela da Santa Casa e, finalmente, o grande depósito e comércio nos prédios números 310 e 312 da rua Andrade Neves esquinas com a rua General Neto (Figura 36).

Figura 36 – Prédio onde funcionou Laboratorio Homeopathico Rio-Grandense, localizado na esquina da rua Andrade Neves com General Neto



Fonte: Álbum de Pelotas-NDH/UFPel. Publicação da fotografia atribuída ao ano de 1922. Autor desconhecido.

Além do Peitoral de Cambará outros medicamentos produzidos no laboratório de Souza Soares foram amplamente comercializados dentro e fora do Estado, como o depurativo **Luesol** e o antisséptico, hemostático e cicatrizante **Radiolina**. Na sua grande lista de medicamentos homeopáticos, citamos alguns: Adiolina, Pastilhas da Vida, tintura de Plumeria, Rhustoxilina, Bellisina, Thuyalina, Alumina, Cannabis-

sativa, Mercurius (corrosivus, iodatos, solubilis e outros), Sabadilla, Arnica, Kreosotum, Oleo de Arnica e tantos outros (Soares, 1897, p. 569-576).

Conforme Lopes Neto (1912, p. 187):

É talvez a caza do Estado que detem o record dos premios e grandes recompensas em exposições publicas, officaes, no paiz e no extranjeiro. Em meados do ano findo faleceu em Portugal o fundador, que foi ainda o instituidor da firma que reje (sic) (Lopes Neto, 1912, p. 187).

Os medicamentos comercializados por Souza Soares, tanto ocorriam em frascos individualizados como medicamentos avulsos, como em boticas. As caixas eram anunciadas como “Boticas com medicamentos em glóbulos, em tubos medianos” (Soares, 1897, p. 10).

Depois de fundar a Farmácia Homeopathica Rio-Grandense, mais tarde conhecida também como Fábrica do Peitoral de Cambará, ele inaugurou em 2 de fevereiro de 1883 o Parque Pelotense, mais tarde chamado de Parque Souza Soares, com uma área total de 300 mil metros quadrados (60 hectares). Localizado na Vila do Prado, onde hoje é o bairro Fragata, o amplo terreno tinha limites com a Avenida Pinheiro Machado e com a Avenida Duque de Caxias, nomes atuais. Tempos depois, o laboratório foi transferido para lá, acrescido da fábrica de outros produtos farmacêuticos, ambos sob a razão social de Sociedade Medicinal Souza Soares Lm<sup>a</sup> (Figura 37). No Centro da cidade permaneceu apenas a farmácia para venda direta ao consumidor.

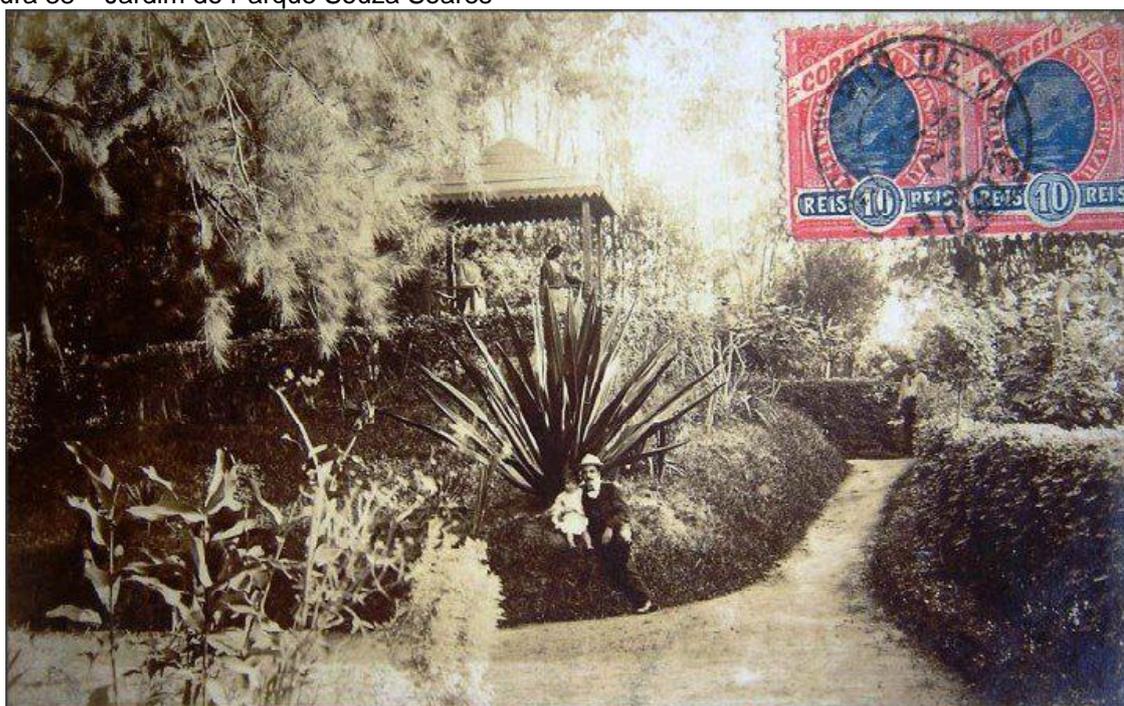
Figura 37 – Instalações do laboratório e fábrica da Sociedade Medicinal Souza Soares, na rua Caetano Gotuzzo, s/nº, inseridas na área do Parque Pelotense



Fonte: Álbum de Pelotas-NDH/UFPel. Publicação da fotografia atribuída ao ano de 1922. Autor desconhecido.

Segundo Souza (2024, maio, on-line) além das edificações da fábrica e do laboratório, havia as residências da família, a Capela de Santa Luzia, as moradias para empregados, um restaurante e a Escola Popular. Também “[...] dispunha de grandes lagos, jardins, pontes, plantações, estufas e modestos chalets espalhados pelo terreno. Linhas de bonde especiais foram inauguradas para que populares chegassem até o Parque [...]” (Olhares sobre Pelotas, 2012, on-line). (Figura 38).

Figura 38 – Jardim do Parque Souza Soares



Fonte: Especial: Parque Souza Soares (Parque Pelotense).

[https://www.facebook.com/media/set/?set=a.308692242571321.72746.136187553155125&type=3&locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/media/set/?set=a.308692242571321.72746.136187553155125&type=3&locale=pt_BR)

Com a morte de Souza Soares em 1911, os filhos mais velhos, Leopoldo, 17 anos, e Miguel, 15, permaneceram em Pelotas como responsáveis pelo parque e pelo estabelecimento industrial. Depois da morte de Leopoldo em 1936, Miguel Souza Soares, em meio às obrigações do negócio, entra em falência em 1950.

A família desconhece uma data certa do fechamento da fábrica. De acordo com informações das bisnetas do Visconde de Souza Soares e primas em segundo grau, é reconhecido que entre as décadas de 1950 e 1960 fora decretada a falência da empresa. Os empregados foram indenizados com o dinheiro proveniente da venda das máquinas e dos equipamentos.

#### 4.1.5 Pharmacia Popular

A Pharmacia Popular foi fundada em fevereiro de 1876 pelo farmacêutico e químico João da Silva Silveira, formado na Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia (Wright, 1913, p. 849). A farmácia foi instalada na Praça 7 de Julho (Praça do Mercado), e nos números 3 e 5 ficava a fábrica e o depósito. A Pharmacia Popular era grande importadora de drogas e medicamentos da Europa e dos Estados Unidos, mas ficou conhecida nacionalmente, e até na região do Prata, pela fabricação do depurativo Elixir de Nogueira, criado por João da Silva Silveira (Wright, 1913, p. 849). Dos importados comercializados sobressaía-se o Vinho de Coca Fosfatado, criado e produzido como medicamento pelo farmacêutico francês Angelo Mariani<sup>56</sup>.

Após a morte de João da Silva Silveira em 1901 a empresa passa a ser dirigida pelos farmacêuticos Nelson Revault da Silveira e Gervasio Revault da Silveira, com a razão social Silveira & Filhos, e participação dos irmãos Armando Revault Silveira e Periandro Revault Silveira. Em 1911 inauguraram uma filial no Rio de Janeiro e expandindo suas relações comerciais para todo o Brasil. Depois da morte de Gervasio R. da Silveira em março de 1931, a razão social passou a ser Casa Viúva Silveira & Filho (Paradedá. In: Almanach de Pelotas, 1932, p. 3-5).

Segundo o Correio da Manhã (Rio de Janeiro, 1936, p. 6) Armando R. da Silveira foi “um dos chefes da Drogaria e Pharmacia Popular, de propriedade da conceituada firma Viúva Silveira & Filhos, fabricante do popular Elixir de Nogueira”.

A partir destas iniciativas pioneiras de fabricação e comercialização de medicamentos, outros estabelecimentos começaram a surgir e marcaram época em Pelotas. Dentre eles se destacaram as farmácias Leite, Bojunga, Unicum, Pasteur, Cortelari, Khautz.

#### 4.1.6 Pharmacia Leite

Natural de Pelotas, o jovem Bacharel em Farmácia pela Faculdade de Medicina do Estado Federado da Bahia, Antonio Leivas Leite fundou em 1892 a

---

<sup>56</sup> Em 1885 foi lançado na cidade de Atlanta – EUA o “Pemberton's French Wine Coca”, uma cópia desenvolvida pelo farmacêutico John Pemberton. A partir da Lei de Alimentos e Medicamentos Puros de 1906 e da Lei de Harrison de 1914 foram retirados a cocaína, álcool e outros narcóticos. Uma das marcas retirou a cocaína do produto que conhecemos como Coca-Cola (Conis In: Los Angeles Times, 2007, on-line).

Pharmácia Leite, localizada na rua XV de Novembro, nº 559. Em seu pequeno laboratório na área da farmácia “dedica-se à fabricação de produtos farmacêuticos de uso popular, principalmente de toucador, sabonetes medicinais e alguns outros fitoterápicos” (Lima, Sergio Cruz, 2012, p. 69). Com uma vasta lista de preparados medicamentosos como regenerador de cabelos, cera contra a dor de dentes, combate ao diabetes e teníase, digestivos, purgativos, analgésicos, secativos<sup>57</sup>, cápsulas contra a gripe e outros. Com iniciativas incomuns para a época salientamos o produto PYROVIRIL, cuja propaganda dizia, “Fraqueza geral, esgotamento nervoso, neurasthenia, fieza intima, impotencia sexual. Revigorador das glândulas sexuaes, de ambos os sexos. Poderoso tonico neuro muscular” (sic) (Lima, Sergio Cruz, 2012, p. 72).

O ímpeto empresarial de Antonio Leivas Leite o leva a fundar em 1911 o Laboratório Leivas Leite S. A. Indústrias Químicas e Biológicas, para o desenvolvimento de produtos veterinários, apoiado pelo interesse de vários pecuaristas em diminuir a dependência dos produtos estrangeiros, em especial da Europa que estava à beira de um conflito. Em dezembro de 1920 foi adquirido o imóvel definitivo do laboratório na rua Benjamim Constant, Nº 1637, que no correr do século XX foi significativamente ampliado com outras aquisições na mesma quadra.

Concomitante às pesquisas e produção de produtos veterinários Antonio Leite avança com medicamentos como o Peitoral de Mel, Guaco e Agrião, aprovado pelo Departamento Nacional de Saúde Pública<sup>58</sup> em junho de 1922, o Elixir Bi-iodado Arseniado aprovado em setembro de 1923 e o Sabão Medicinal Sarnatyl.

Segundo alguns autores, como Lima (2012, p. 110), a criação do Peitoral de Mel, Guaco e Agrião em 1918 decorreu da preocupação de Antonio Leite com o avanço da gripe espanhola no Brasil e na sua iminente chegada em Pelotas. Como forma de disponibilizar o medicamento a um maior número de pessoas ele montou um pequeno laboratório na Praça Coronel Pedro Osório, ao final da produção este medicamento era acondicionado em vidros e distribuído gratuitamente à população, considerando-o como terapia emergencial (Lima, 2012, p. 110).

---

<sup>57</sup> Preparação farmacêutica que tem ação adstringente de cicatrização dos tecidos vivos nos ferimentos da pele.

<sup>58</sup> Departamento Nacional de Saúde Pública atuava através da Inspectoria de Fiscalização de Exercício da Medicina, Pharmacia, Arte Dentária e Obstetricia.

Os exageros nas propagandas, comuns no período, levaram o Departamento Nacional de Saúde Pública a manifestar-se em memorando com base no parágrafo 4º do Regulamento Sanitário de 1921:

[...] convido-o a nos seus annuncios do Peitoral de Mel, Guaco e Agrião, suprimir as indicações – asthma, coqueluche e dôres nas costas e no peito, e a substituir a palavra approvada por licenciada. Saudações. A. Caetano de A. Coutinho. (sic). (Lima, 2012, p. 100).

Em 1940 Antonio Leivas Leite aos 71 anos, passa a direção do laboratório para os filhos Octavio e Arthur e a razão social passa a ser Leivas Leite & Cia.

#### **4.1.7. Drogaria de H. C. Bojunga**

Neto de imigrantes alemães, da região da Renânia e estabelecidos na região de São Lourenço do Sul, e filho de Frederico Guilherme e Luiza Siqueira Bojunga, Tito Bojunga Kremer (1908-1936) participou ativamente das atividades comerciais empreendidas pela família Kremer. Foram elas a tipografia Franck & Kremer, importadores de fazendas e miudezas e a Drogaria H. C. Bojunga (Vitruvius, 2022, on-line).

A Drogaria localizou-se na rua General Neto, nº 60 até 1925 (Figura 39), quando foi transferida para a rua Quinze de novembro nº 713. Sua atividade preponderante foi a revenda de medicamentos, como o “Pó Maravilhoso Antiseptico” (sic) da marca Anjo (O Brazil – Orgam do partido Republicano, 1914, p. 2).

Figura 39 – Fotografia da Drogaria H. C. Bojunga localizada na rua Gal. Neto, nº 60, com data manuscrita de 12 de novembro de 1904 e encaminhamento no idioma alemão



Fonte: Lopes Neto, 1912, p. 312 - Acervo: ETH-Bibliothek Zürich, Bildarchiv.

Em novas instalações na XV de Novembro, 713, e com nova razão social Bojunga & Cia. Fábrica e Importação de Artigos Hospitalares, a empresa passou a revender suprimentos para hospitais.

#### 4.1.8 Drogaria UNICUM

No periódico O Brasil: Organ do Partido Republicano (RS) (1920, p. 4), encontramos a coexistência da Drogarias Sequeira, em Pelotas, e da Drogaria Unicum no município de Rio Grande. A fundação da Drogaria Unicum data de 3 de dezembro de 1914 conforme “Título de uma Ação Integralizada de CR\$ 120,00, nº 06113” de setembro de 1944, visualizado através de acesso à internet em “Marcio Pinho – Leiloeiro Público<sup>59</sup>”.

Na Reconstituição pela Assembleia Geral, ocorrida em 3 de janeiro de 1931 em Rio Grande, a Drogaria Unicum Sociedade Anonyma continua atraindo investidores com vendas de ações, conforme “Título de uma Ação Integralizada de

<sup>59</sup> Marcio Pinho – Leiloeiro Público. Disponível em: <https://www.marciozinho.com.br/peca.asp?ID=6448071&ctd=85&tot=&tipo=40>  
Acesso: 06 abr. 2024.

CR\$ 120\$000 (cento e vinte mil réis), nº 1853” de 31 de janeiro de 1931, visualizado através de acesso à internet em “Carlucio Leite – Leiloeiro Público<sup>60</sup>”.

Vera Vilas Bôas, neta de Eduardo Candido Sequeira, em uma postagem no Facebook do Centro de Educação Ambiental da Mata Atlântica – CEAMA, em 29 de junho de 2017, afirmou que a Drogaria e Pharmácia Sequeira “se transformou em Drogaria Unicum”, também citada em Peixoto e Cerqueira (2023, p. 92). Sua matriz transfere-se para Pelotas na rua Andrade Neves, 571, ocupando o prédio remanescente da primeira instalação da Drogaria e Pharmacia Sequeira (A Alvorada, 1944, n. 1, p. 4). Em 07 de setembro de 1947 a publicidade da Unicum S. A. informou como filiais: a Drogaria Unicum localizada à rua Marechal Floriano, n. 291 na cidade de Rio Grande; em Pelotas as Farmácias Cortelari à rua 15 de Novembro n. 452, Estrela à rua Marquês de Caxias n. 487; e a Pasteur à rua Visconde de Mauá n. 73, no município de Arroio Grande (A Alvorada, 1947, n. 1, p. 10).

A Pharmacia Cortelari foi fundada pelo Farmacêutico João Carlos Cortelari e constou no Álbum de Pelotas de 1922 (2022, p. 187) como uma das empresas importantes no comércio de medicamentos nas décadas iniciais do século XX, antes de pertencer à sociedade anônima Unicum (Figura 40).

Figura 40– Prédio da Pharmacia Cortelari na rua XV de Novembro esquina rua Dom Pedro II



Fonte: Álbum de Pelotas (1922).

---

<sup>60</sup> Carlucio Leite – Leiloeiro Público. Disponível em: <https://www.carlucioleite.com.br/peca.asp?ID=6866600>  
Acesso: 07 abr. 2024.

#### 4.1.9 Farmácia KHAUTZ

A Farmácia Khautz foi fundada em 1915 e estabelecida em um sobrado de dois andares à rua Marechal Floriano Peixoto entre rua XV de Novembro e Andrade Neves (Álbum de Pelotas, 1922, p. 159), que hoje corresponde ao nº 9 e onde se localiza uma papelaria. A mudança de prédio ocorreu provavelmente em 1923, para o amplo edifício na rua Andrade Neves nº 1600A (esquina com a rua Marechal Floriano Peixoto), distando 25m do antigo endereço. As figuras 41 e 42 além de mostrarem aspectos das duas edificações, contribuem para um olhar sobre cenas urbanas de Pelotas diferenciadas em aproximadamente oitenta anos.

Figura 41 – Primeira localização da Farmácia Kautz – sobrado no centro da quadra



Fonte: Álbum de Pelotas-NDH/UFPel. Publicação da fotografia atribuída ao ano de 1922. Autor desconhecido.

Figura 42 – Edifício da Farmácia Khautz na rua Andrade Neves nº 1600A



Fonte: Álbum de Pelotas-NDH/UFPel. Publicação da fotografia atribuída ao ano de 1922. Autor desconhecido.

Os comprimidos de Khautzeina com registro de “Marca Depositada” no “Departamento Nacional da Propriedade Industrial” em 1º de outubro de 1941 em nome de Weishappel & Cia, foi a partir do ano de 1947 o principal medicamento comercializado pela Farmácia Khautz (A Gazeta da Farmacia, 1941, p. 12; A Alvorada, de 1993-1950).

No período já referido, segunda metade do século XIX e primeira do XX, havia em Pelotas um grande número de farmácias. Além das supracitadas, outras tantas comercializavam medicamentos de sua elaboração como a Pharmacia de Carlos Coelho, que produzia o Xarope Creosotado Composto, e outras revendiam, como por exemplo: Kastrup, Confiança, Salengue, Gurvitz, Arruda, Torres, Cordeiro, Carracho, Frandaq, Allemã, Salengue, Oswaldo Cruz e Penny.

#### **4.1.10 O uso da técnica em prol da saúde**

O uso da técnica permeou os saberes do homem desde o período pré-histórico, por isso, abordarmos a técnica, não como contingência ou criatividade, mas como processo inerente à modernidade como época histórica. Com o corpo de

conhecimentos sistematizados pela ciência na Europa e Estados Unidos, principalmente no segundo período da Revolução Industrial (meados do século XIX até metade do XX), surgiram avanços significativos para a medicina, para citar alguns, temos: a criação do estetoscópio por René Laenne em 1816; o hemograma por microscopia ótica, realizado em 1852 pelo médico Karl Vierodt (Naoum, 2021, Smart Book, on-line), ainda em bases rudimentares com a contagem manual de células; “em 1874 o bioquímico Louis-Charles Malassez aperfeiçoou o hemocítômetro, “dispositivo para contagem de células que simplificou a preparação e a análise de testes”, (TecMundo – Ciência, 2024, on-line), aplicando grande avanço no hemograma; na segunda metade do século XIX, Edmond Becquerel realizou estudos com grandes avanços sobre a radiação ultravioleta e sobre os fenômenos de fosforescência e fluorescência, conforme Martins (1990, p. 32); Em 1895, a partir dos estudos e Edmond Becquerel, Wilhelm Conrad Röntgen viabilizou a criação da radiografia ao confirmar que “[...] a radiação pode atravessar substâncias opacas à luz comum”, (IFSC-USP, 2012, on-line); no ano de 1920, Maxwell Wintrobe “[...] padronizou as contagens de eritrócitos, leucócitos e plaquetas em microscópio. Muitas informações surgiram a partir daí, e uma delas foi a padronização do hemograma por faixas etárias e sexo”. (sic) (Naoum, 2021, Smart Book, on-line).

Impulsionados pelo avanço da ciência, e pautados por ânimo e conhecimento, duas iniciativas locais oportunizaram avanços nos cuidados com a saúde em Pelotas e região, com a radiografia e as análises clínicas.

#### **4.1.11 Fotografia Wetzel e a radiografia**

A menção à empresa de fotografia de Henrique F. Wetzel, fundada em 1885, diz respeito ao fato de que seu filho Jorge Wetzel foi o primeiro no Brasil a realizar um exame de imagem não invasivo através de um equipamento de radiografia, segundo publicação da Revista do 1º Centenário de Pelotas, Lopes Neto (1912, p. 202).

A construção do equipamento de radiografia, também conhecido como Raios-X, teve a participação de Alexandre Gastaud, que trabalhou na recuperação de uma bobina Rumckorf, e do Dr. Edmundo Berchon, que importou o equipamento Röntgen. A fotografia da parte interna do corpo humano, grosso modo falando, ocorreu com a produção de um campo magnético produzindo radiação ionizante

observável numa chapa fotográfica. Certamente inspirados nas pesquisas do físico alemão Wilhem Conrad Röntgen<sup>61</sup>, a montagem do equipamento de exame resultou em radiografias limitadas para análise, uma vez que, segundo Lopes Neto (1912 In: Rubira, 2012, p. 202), o equipamento importado “funcionava imperfeitamente”.

#### 4.1.12 Laboratório Pasteur

Em 24 de março de 1926 foi criado o Laboratório Pasteur pelo Dr. João Rouget Perez juntamente com Dr. Pedro Pirajá Martins. João Rouget Perez estudou na Escola de Agronomia e Veterinária Eliseu Maciel e de 1920 a 1922 na Escola de Medicina de Paris e no Instituto Pasteur. O seu interesse pela pesquisa científica nas áreas de saúde, botânica e biologia o conduziu a criar o “primeiro laboratório de análises clínicas a funcionar na zona sul e o terceiro no Estado do Rio Grande do Sul”, com o “fim de fazer todas as análises clínicas solicitadas pelos senhores médicos e de preparar vacina para os veterinários” (Pimentel In: Varoto; Soares, 1995, p. 50).

Após a sua morte em 1964 a família decidiu homenageá-lo trocando o nome do Laboratório Pasteur para Laboratório Dr. Rouget Perez, como é conhecido e referido até hoje.

---

<sup>61</sup> A invenção do aparelho de Raio-X, para registros de imagens internas do corpo humano, foi atribuída ao físico Alemão Wilhem Conrad Röntgen, com a divulgação pela imprensa do seu feito em 5 de janeiro de 1896. O teste definitivo de Röntgen ocorreu em dezembro de 1895, quando: “[...] fez a radiação atravessar a mão de sua esposa, Bertha, durante 15 minutos. Do outro lado, colocou uma chapa fotográfica. Depois de revelá-la, viam-se nela os contornos dos ossos da mão: era a primeira radiografia da história”. (IPEN, 2019, s.p. on-line). Professor da Universidade de Würzburg, na Alemanha, em 28 de dezembro de 1895, “encaminhou ao presidente da Sociedade de Física e Medicina de Würzburg (SFMW) um manuscrito, intitulado “Sobre um novo tipo de raios” (“*On a new kind of rays*”, ou, em alemão, “*Ueber eine neue art von strahlen*”), que ele considera como uma ‘comunicação preliminar’”. (Física Moderna, UFRGS, s.p, on-line).

## 5 O comércio e produção de vidros no século XIX e metade do XX

### 5.1 Oscilações na produção de vidros

Quando pesquisamos vidros no Brasil encontramos poucas informações anteriores ao século XIX. No entanto, se nos reportarmos ao período histórico da Companhia das Índias Ocidentais na costa do Nordeste encontraremos em Barléu (1647; traduzido por Widener, 2018, p. 76) os registros de reconhecimento do sertão por Elias Herckmans em 1641, sob os auspícios do Conde e Governador-Geral da Colônia Brasileira João Maurício de Nassau, quando na região da serra da Copaoba<sup>62</sup>:

Chegando a Pacatiba, onde se situam as fazendas e plantações de Ventura Mendez, transpuseram o rio e viram fragmentos e areias que brilhavam como ouro, pois são atentos os olhos dos pobres. Assim, com presteza assombrosa, começaram a cavar até a profundidade de um pé, achando misturadas lascas semelhantes a folhas de ouro, as quais, postas em fogo, ateavam-se à maneira do vidro russo<sup>63</sup> que chamam talco (Barléu, 1647; Traduzido: Widener, 2018, p. 342).

Para além da mera citação bibliográfica/histórica referida foi neste século XVII, no período da Companhia das Índias Ocidentais, quando quatro artesãos vidreiros holandeses, que acompanhavam Maurício de Nassau, montaram em 1637 a primeira oficina de vidros em Pernambuco. A produção de copos, jarras, frascos e vidros para janelas perdurou até a expulsão dos holandeses.

Os registros sobre a fabricação mais efetiva de vidro no Brasil indicaram a criação da Real Fábrica de Vidros Bahia no ano de 1810. Com o forte apoio de uma carta régia o vidreiro português Francisco Ignácio de Siqueira Nobre organizou a

---

<sup>62</sup> Copaoba como era denominada toda a região serrana que compreende os municípios de Belém, Serra da Raiz, Caiçara, Duas Estradas, entre outros municípios paraibanos limítrofes.

<sup>63</sup> Muscovita: No latim lê-se “*instar vitri Moscovitici, quod Talcom cocant*”. A Encyclopaedia Britannica, descreve isso como um composto conhecido como mica, advindo de um grupo de minerais constituintes das rochas; o nome deriva provavelmente do latim *micare*, que significa “bilhar”. Era utilizada para as janelas das fornalhas por ser transparente e resistente ao frio e ao calor. Já foi utilizado também como vidro para janelas de casas e para as escotilhas dos guerreiros russos, sendo comumente conhecida como muscovita. Não fica claro por que Barléu se refere a essa substância como “talco”, que é resistente ao calor. (Barléu, 1647; Traduzido por Widener, 2018, p. 355). O vidro russo foi uma tradução do Frances M. López-Morillas para ‘*muscovita*’ (origem latim) usada por Barléu no texto original (1647) conforme (Barléu, 1647; Traduzido por Widener, 2018, p. 36). Muscovita: aluminossilicato básico de potássio monoclínico do grupo das micas.

firma que passou a produzir vidros lisos (vidraça), ocos<sup>64</sup> e cristais brancos. No entanto, as instabilidades políticas relacionadas à independência e o ímpeto de importadores portugueses de vidros enfraqueceram a iniciativa e a produção encerrou as atividades em 1825.

Conforme Silva e Filgueiras (2023, s/p), entre outras pequenas oficinas artesanais que se seguiram foi criada a Fábrica de Vidros São Roque em 1839 no Rio de Janeiro. Fundada por um italiano de nome Folco teve/tinha funcionários italianos e brasileiros para a produção artesanal de vidros com a utilização de fornos cadinhos<sup>65</sup> (Companhia Brasileira de Cristal - CEBRACE<sup>66</sup>).

A despeito de outras iniciativas foi em 1882 que surge a “Companhia da Fabrica de Vidros e Crystaes do Brasil” com a produção num modelo industrial. A iniciativa coube a François Antoine Marie Esbérard<sup>67</sup> que empreendeu em São Cristóvão no Rio de Janeiro uma indústria com modernos processos fabris, produzindo cristais, vidros planos, garrafas, frascos, potes, copos, chaminés, vasos e muitos outros objetos (Figuras 43 e 44) (Pilkington Brasil Ltda - Posted in História (CEBRACE), (CRQ-4ª Região, São Paulo).

Um produto da fábrica Esberard muito conhecido até hoje são as galinhas e compoteiras de vidro colorido, usadas por longo tempo, objetos do tipo conhecido como “*carnival glass*”. Nos Estados Unidos, onde muito se produziu desses utensílios, a palavra *carnival* significa parque de diversões, e esses objetos de vidro eram dados como brindes ou prêmios nas competições dos parques (Silva, Filgueiras, 2023, s/p, on-line).

---

<sup>64</sup> É utilizado para a fabricação de embalagens de líquidos, alimentos, perfumes e mesa de vidrarias como garrafas, frascos, potes, copos etc.

<sup>65</sup> Cadinho ou crisol, criado pelo químico e engenheiro Frank Austin Gooch, é um forno normalmente cilíndrico, também pode assemelhar-se a forma de pote, com características refratárias ou não, resistente as altas temperaturas, com revestimento externo feito com chapas metálicas e sua parte interna revestida por tijolos refratários. (Correia Junior, 2016, p. 34). Outra característica do forno cadinho é a sua versatilidade no uso de combustíveis, que podem ser óleo queimado, gás liquefeito e óleo diesel (Oliveira, 2013 In: Correia Junior, 2016, p. 34). Profícuo para a fusão de pequenos volumes “O interior desses fornos deve ser perfeitamente circular para proporcionar uma distribuição uniforme de calor. No seu interior localiza-se o cadinho, normalmente feito em grafite ou carvão de silício, no qual será depositado o material a ser fundido pode ser fabricado em ferro, chumbo, platina, titânio e também em cerâmica, como carvão de silício ou alumina. (Correia Junior, 2016, p. 35).

<sup>66</sup> CEBRACE. Companhia Brasileira de Cristal. Disponível em: <[www.cebrace.com.br](http://www.cebrace.com.br)>. Acesso em: 18 de fev. de 2024.

<sup>67</sup> Nascido no Brasil Império, filho do casal francês François Antoine Marie Esbérard.

Sobre o início das atividades da “Companhia da Fabrica de Vidros e Crystaes do Brasil” indicados por Silva; Filgueira (2023, s/p, on-line) salientamos que Deveikis (2024, s.p.<sup>68</sup>) indica o ano 1884 “a partir de uma fábrica existente de cerâmica”.

Figura 43 – Folheto de propaganda da “Companhia da Fabrica de Vidros e Crystaes do Brasil” no século XIX



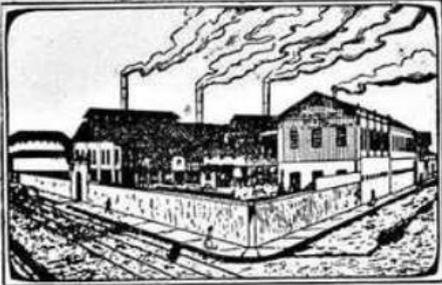
Fonte: Silva & Filgueiras (2023, s/p).

<sup>68</sup> Claudio Deveikis. **Carnival Glass em todo o mundo** – Companhia Fábrica de Vidros e Cristais do Brasil. Tradução e aprimoramento de imagens de arquivo por Glen e Stephen Thistlewood. Copyright © 2024 da G&S Thistlewood.

Disponível em: <https://www.carnivalglassworldwide.com/esberard-by-claudio-deveikis.html>  
Acesso: 14 fev. 2024.

Figura 44 – A da “Companhia da Fabrica de Vidros e Crystaes do Brazil” em 1910 "Almanak Laemmert"

**Companhia Fabrica de Louças, Vidros e Crystaes do Brasil**  
 FUNDADA EM 1882  
 POR  
**F. A. M. Esbérard**  
 Premiada com diploma de honra e medalha de ouro  
 na Exposição Nacional de 1908,  
 medalha de ouro na Exposição de Bruxellas



**PRODUÇÃO DIARIA 40:000 PEÇAS**

N'esta fabrica encontra-se sempre um grande e variado sortimento de chaminés Tulipas, de linha, belgas e electricas, pharicos, globos para gaz, de linha, tulipa, mangas para palmeiras, serpentinhas, ditas lisas, fuscas e floristadas, (azul, branco e verde) Frascos de bocca larga de 1 a 12 libras, ditos cylindricos, copos, calices, compoteiras, pratos, manteigadeiras, saleiras, fructeiras, garrafas para vinho, ditas para pharmacia, de todos os feitios, bebedouros para passaros, jarras para agua, ditas para flores, aquarios, barris, isoladores para piano, lampiões, lamparinas, depositos, reflectores, bolas patedadas e de côres para jardins, de todos os tamanhos, pilhas para electricidade e telhas (feitos das de Marselha).

**Ocupando 300 operarios**

TELEPHONE N.º 619      CODIGO RIBEIRO      ENDEREÇO TELEGRAPHICO: FAME  
 1 a 27, Rua General Bruce, 1 a 27  
 S. Christovão  
 RIO DE JANEIRO

Fonte: Cláudio Deveikis. Disponível em: <<https://www.carnivalglassworldwide.com/esberard-by-claudio-deveikis.html>>. Acesso em: 18 fev. 2024.

Com a demanda crescente por objetos de vidro nos espaços urbanos em expansão e contando com o ideário de “indústrias nacionais” da época, em 1892 foi inaugurada a Companhia Vidraçaria Santa Marina na cidade de São Paulo, resultado da sociedade do advogado e político Antônio da Silva Prado e do engenheiro civil Elias Fausto Pacheco Jordão (Rodrigues, 2011, p. 143). O propósito inicial foi a produção de vidros planos, mas sem a receptividade do mercado em 1896 direcionaram a produção para garrafas (Rodrigues, 2011, p. 144). Para suprirem a mão-de-obra especializada na produção foram contratados vidreiros italianos e principalmente franceses. A partir destes pioneiros outras fábricas surgiram

principalmente em São Paulo acompanhando o crescimento da industrialização no Brasil do século XX.

Com poucas referências bibliográficas, conferimos o ano de criação da Companhia Vidraria Carmita no de 1912. No periódico *Jornal do Commercio* (RS), ano 86, n. 144, página 13, consta o convite aos subscritores da sociedade anônima para a “Assembléa Geral de Instalação” da “Companhia Vidraria Carmita” em 25 de maio de 1912, encaminhada pelos incorporadores Eugenio Cotrim Berla e Raul Salgado Zenha<sup>69</sup>. Um ano de sua instalação no Rio de Janeiro a Companhia Vidraria Carmita manifesta o empréstimo de um milhão de contos de reis – hoje aproximadamente R\$ 123.000,00 – obtido ao “Banco Commercial do Rio de Janeiro”<sup>70</sup>, mas nos anos seguintes suas dificuldades financeiras aumentaram até a falência em 16 de agosto de 1916 determinada pelo Juiz da 3ª Vara Civil do Estado, que para efeitos legais determinou “seu termo” retroagindo ao dia 5 de julho de 1916.<sup>71</sup>

No mesmo ano foi fundada a Companhia Industrial São Paulo e Rio de Janeiro, que ficou conhecida pelo acrônimo CISPERS. Os sócios fundadores foram Alberto Monteiro de Carvalho e Olavo Egídio de Sousa Aranha Júnior, este último foi um dos maiores credores da falida Companhia Vidraria Carmita, conforme “Quadro Geral dos credores da fallenoia<sup>72</sup> da Companhia Vidraria Carmita e sua classificação”.<sup>73</sup>

[...] a empresa Cisper (Companhia Industrial São Paulo e Rio), que foi a primeira a abandonar completamente a produção artesanal de sopro e a utilizar integralmente máquinas automáticas americanas desenvolvidas por Michael J. Owens (Silva & Filgueira, 2023, s/p, online).

<sup>69</sup> “*Jornal do Commercio* (RJ), Anno 86 – Rio de Janeiro, 24 de maio de 1912, N. 144”. Edição 00095, página 13/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916. Acesso: 15 fev. 2024.

<sup>70</sup> “*Jornal do Commercio* (RJ), Anno 87 – Rio de Janeiro, 20 de maio de 1913, N. 139”. Edição 00128, página 19/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916. Acesso: 15 fev. 2024.

<sup>71</sup> “*Jornal do Commercio* (RJ), Anno 90 – Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1916, N. 228”. Edição 00398, página 7/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916. Acesso: 15 fev. 2024.

<sup>72</sup> Fallenoia: deriva do latim ‘fallere’ que significa ‘faltar’, conforme Jusbrasil. Disponível em:

<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/>

Acesso: 17 fev. 2024.

O dicionário Português Glosbe traz o significado do Latim ‘fallere’ iludir, enganar e trapacear. Dicionário Glosbe. Disponível em: <https://pt.glosbe.com/>

Acesso: 17 fev. 2024.

<sup>73</sup> “*Jornal do Commercio* (RJ), Anno 90 – Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1916, N. 264”. Edição 00264, página 14/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916. Acesso: 16 fev. 2024.

Instalaram fábricas em São Paulo e Rio de Janeiro<sup>74</sup> e apoiados pelo fornecimento de garrafas para a Cervejaria Brahma tiveram grande crescimento, em 1962 a *Owens-Illinois Inc.* comprou 79% da companhia.

Nadir Figueiredo iniciou sua carreira de empresário com a fundação em 1912 da empresa de venda e conserto de máquinas de escrever em São Paulo, no ano seguinte seus dois irmãos tornaram-se seus sócios. Em 1923 a Nadir Figueiredo adquiriu a Cristaleira Baroni, mas sua inserção na produção de vidros ocorreu em 1935 com a produção manual de vidros na fábrica localizada no bairro Belém em São Paulo<sup>75</sup>. No ano de 1946, a empresa implementou a produção automática de copos e garrafas na fábrica localizada na Vila Maria em São Paulo, e em 1947 idealizou e produziu o conhecido “Copo americano”<sup>76</sup>.

A escritura de constituição da Companhia Vidreira do Brasil Sociedade Anônima – COVIBRA – foi certificada no Ofício de Notas do Rio de Janeiro no dia 16 de outubro de 1941 e, na mesma data, também ocorreu a Escritura Pública de Constituição no Departamento Nacional da Indústria e Comércio do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio do Brasil<sup>77</sup>. Inicialmente sob a direção do Dr. Guilherme Guinle, Thomaz Óscar Pinto da Cunha (3º Barão de Saavedra), Cesar Rabello e Antony B. Curtir a produção de objetos de vidros começou efetivamente no ano de 1942 nas instalações fabris em São Gonçalo (RJ), e no ano seguinte implementaram a produção do vidro plano.

Neste ano de 1942, foi fundada a Companhia Paulista de Vidro Plano – CPVP, em São Paulo, pela então Companhia Vidraçaria Santa Marina. A parceria surgida entre a COVIBRA e a CPVP resultaram no início dos anos cinquenta na criação das Indústrias Reunidas VIDROBRÁS<sup>78</sup>.

---

<sup>74</sup> “Jornal do Commercio (RJ), Anno 93 – Rio de Janeiro, 9 de maio de 1919, N. 127”. Edição 00127, página 19/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916. Acesso: 15 fev. 2024.

<sup>75</sup> <<https://nadir.com.br/institucional/quem-somos/>>

<sup>76</sup> <<https://braziljournal.com/a-hig-olhou-para-a-nadir-figueiredo-e-viu-o-copo-meio-cheio/>>

<sup>77</sup> “Jornal do Commercio (RJ), Anno 115 – Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1941, N. 17”. Edição 00016, página 10/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916. Acesso: 18 fev. 2024.

<sup>78</sup> Associação Brasileira de Distribuidores e Processadores de Vidros Planos – ABRAVIDRO. Disponível em: <https://abravidro.org.br/vidro-no-brasil/>. Acesso: 18 fev. 2024.

### 5.1.1 Vidraçarias no Rio Grande do Sul

No último quartel do século XIX, a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul dependia exclusivamente da importação de objetos vítreos. O periódico *A Federação* de 1884<sup>79</sup> no assunto “Parte Commercial” tópico “Importação” publicou as aquisições, por comerciantes de Porto Alegre predominantemente, de vasos, copos, licoreiros, cálices, telhas, lampiões, chaminés para lampiões, garrafas fazias, espelhos e vidraças, e numa proporção dez vezes maior para os frascos de vidro vazios. Esta pesquisa restrita a um ano de circulação do periódico indicou a demanda crescente de objetos de vidro e especialmente aos frascos vazios.

Neste contexto de importação de vidros, foi estabelecida em Porto Alegre no mês de julho de 1892 a fábrica de vidros Brutschke & Harbich de Jacob Selbach Junior, como mandatário, e seus sócios Frederico Brutschke e Frederico Harbich<sup>80</sup>. Logo em setembro do mesmo ano houve a nova formação societária, com Ambrose Archer, Frederico Julius Brutschke, Frederico Harbich como solidários, e Jacob Selbach Junior como comanditário e sob a razão social de Julius & Cia<sup>81</sup>. Para a nova fábrica Julius & Cia a ampliação de sócios foi acompanhada do aumento de capital e expectativa de aumento da produção.

O pioneirismo na fabricação de vidros, inicialmente com Brutschke & Harbich e logo em seguida com Julius & Cia, trouxe para o Rio Grande do Sul a produção de garrafas, pequenos vidros de óleos, lampiões etc. Em 2 de maio de 1894 os sócios da Julius & Cia fundaram a Companhia de Vidros Sul-Brasileira com estatuto de sociedade anônima, conforme “Acta da sessão de assembléa geral constitutiva” publicada no periódico *A Federação* de 8 do mesmo mês de 1894<sup>82</sup>. Com a direção titular de A. Archer, Frederico (presidente), Arthur Tracey (gerente, secretário e caixa) e Frederico Harbich (gerente técnico) a sociedade anônima amplia a sua produção e passa a exportar para outros estados, como se vê na publicação no periódico *A*

<sup>79</sup> Pesquisa no periódico de circulação de segunda à sexta feira “*A Federação – Orgam do Partido Republicano (RS), Anno I*”, do nº 48 ao nº 300, abrangendo o período de 28 de fevereiro a 30 de dezembro de 1884. Acesso: 19 fev. 2024.

<sup>80</sup> FEDERAÇÃO, A. *Orgam do Partido Republicano (RS)*. Porto Alegre, Nº 148, 1892. p. 3 - Coluna – Junta Commercial. Acesso: 19 fev. 2024.

<sup>81</sup> FEDERAÇÃO, A. *Orgam do Partido Republicano (RS)*. Porto Alegre, Nº 199, 1892. p. 3 – Coluna – Junta Commercial.

<sup>82</sup> “*Jornal A Federação (RS), Anno XI – Porto Alegre, 8 de maio de 1894, N. 105*”. Edição 00105, página 2/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916. Acesso: 19 fev. 2024.

Federação de 8 de junho de 1894, na “Parte Commercial” “Exportação”, o registro de envio “cinco barricas com chaminés de vidro” para Santos no Estado de São Paulo<sup>83</sup>.

Cabe salientar a afirmação de Pedro Moacyr diretor de redação do periódico A Federação (edição de 17 de fevereiro de 1893) quando, na coluna “Exposição Preparatória” na primeira página, relaciona a fabricação de remédios e perfumarias na produção de vidro: “[...] Foi a fabricação de remedios e perfumarias que provocou a fundação da primeira fabrica de vidros em Porto Alegre (sic)”<sup>84</sup> (Pedro Moacyr, 1893).

Embora tenha tido uma atuação específica de produção de vitrais entendemos que nesta abordagem sobre vidrarias cabe a menção da Casa Genta. Fundada em Porto Alegre pelo uruguaio Antônio Genta em 1906 como uma pequena oficina, pouco tempo depois associando seu irmão Miguel Genta e, em 1923, com seu sobrinho Helmuth Schmidt Filho, “tornou-se uma verdadeira oficina de arte, as esculturas e ornamentos executados pelo Sr. Genta eram magistras, assim como espelhos, vidros, lamparinas, molduras, flores etc., que reproduzem a mais pura arte veneziana” (Almeida, 2013, p. 22-23). No mesmo ano referido, mudou o nome da empresa para M. Genta, Schmidt & Cia.

Conforme Pufal (2008, on-line) a qualidade do trabalho pode ser vista nos vitrais encontrados em várias igrejas e prédios no Rio Grande do Sul, mas também pelo aporte técnico de artífices e artistas da época como:

Max Dobmeier, alemão, especialista em pinturas de vitraux nas décadas de 1940/1950, Lorenz Heilmaier, alemão, também especialista em vitraux, década de 1950, Hugvet, espanhol, desenhista e projetista, durante as décadas de 1940/1980, François Ferdinand Urban, desenhista, artista e executor de vitrais, Evaristo Iglesias, espanhol, responsável pelos trabalhos feitos em vidros com ácido (Pufal, 2008, on-line).<sup>85</sup>

---

<sup>83</sup> “Jornal A Federação (RS), Anno XI – Porto Alegre, 8 de junho de 1894, N. 132”. Edição 00132, página 3/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916. Acesso: 19 fev. 2024.

<sup>84</sup> “Jornal A Federação (RS), Anno X – Porto Alegre, 17 de fevereiro de 1893, N. 40”. Edição 00040, página 1/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916. Acesso: 19 fev. 2024.

<sup>85</sup>Diego de Leão Pufal. Publicado em 8 de agosto de 2008. Disponível em: <<http://pufal.blogspot.com/search?q=Genta>> Acesso: 20 fev. 2024.

## 5.2 Importação e fabricação de frascos vidro em Pelotas

Em Pelotas o consumo doméstico e industrial de vidros foi atendido preponderantemente pela importação no século XIX e primeira metade do XX, à semelhança de Porto Alegre. Os principais exemplos de importadores foram Caza Diniz (fundada em 1870), José Duval Junior<sup>86</sup> (data de fundação não identificada), Vidraçaria Luso-Brasileira<sup>87</sup> (aproximadamente 1860), Viúva F. Behrendorf & Cia<sup>88</sup>(1874), C. Tamborindeguy & Cia<sup>89</sup>, Sica & Teixeira<sup>90</sup> (nome comercial “Palacio de Crystal”), Gigante & Cia<sup>91</sup> (nome comercial Bazar Creol), Vieira de Souza & Cia<sup>92</sup>, Antonio Francisco de Almeida<sup>93</sup>, Mesquita de Menezes & Cia<sup>94</sup>, Bule Monstro<sup>95</sup>, E. Lança & Cia<sup>96</sup> (nome comercial Casa Ribeiro), Delfim da Silva<sup>97</sup>, Bazar Gigante<sup>98</sup> e Conceição & Cia, esta última por sua importância comercial na segunda metade do século XIX merece uma breve alusão histórica.

O seu fundador foi o português Manoel Alves da Conceição que se fixou em Pelotas em 1848, e ao longo de sua vida desenvolveu diversas atividades como manufaturas de barrigueiras<sup>99</sup>, sob a razão social Conceição & Cia. As comerciais ocorreram com uma ferragem e uma vidraçaria, e as financeiras com o seu Banco Mauá (Nunes, 2022, p. 43). Manoel A. da Conceição empreendeu a construção do imponente edifício com quatro andares na época, finalizado em 1875 e localizada na esquina das ruas XV de Novembro e Voluntários da Pátria (segundo loteamento de Pelotas), no qual localizavam-se a sua residência, a ferragem, a vidraçaria e a casa

<sup>86</sup> José Duval Junior importava e comercializava louças, vidros e artigos de bazar e sua empresa situava-se na rua Mal. Floriano, 65.

<sup>87</sup> Vidraçaria Luso-Brasileira importadora de cristais e vidros comuns e coloridos.

<sup>88</sup> Viúva F. Behrendorf & Cia importadora de ferragens tintas, aço, vidro, vidraças e outros, rua 15 de Novembro, 678.

<sup>89</sup> C. Tamborindeguy & Cia importador de miudezas, armarinho, ferragens, louças, vidros e drogas. Rua Andrade Neves, 613.

<sup>90</sup> Sica & Teixeira importava e comercializava louça, porcelana, artigos de vidro, brinquedos, cutelaria e outros. Rua Marechal Floriano, 6.

<sup>91</sup> Gigante & Cia importava e comercializava louças, vidros, cristais, porcelanas e outros.

<sup>92</sup> Vieira de Souza & Cia rua 15 de Novembro, 674.

<sup>93</sup> Antonio Francisco de Almeida rua General Osório, 718.

<sup>94</sup> Mesquita de Menezes & Cia rua 7 de Setembro, 364.

<sup>95</sup> Bule Monstro importava e comercializava metais prateados e niquelados, porcelanas, cristais, louças, vidros, brinquedos e outros, rua Andrade Neves, 628.

<sup>96</sup> E. Lança & Cia, louças, vidros, ferragens, artigos de papelarias, miudezas e outros, rua Marechal Floriano esquina rua Marechal Deodoro.

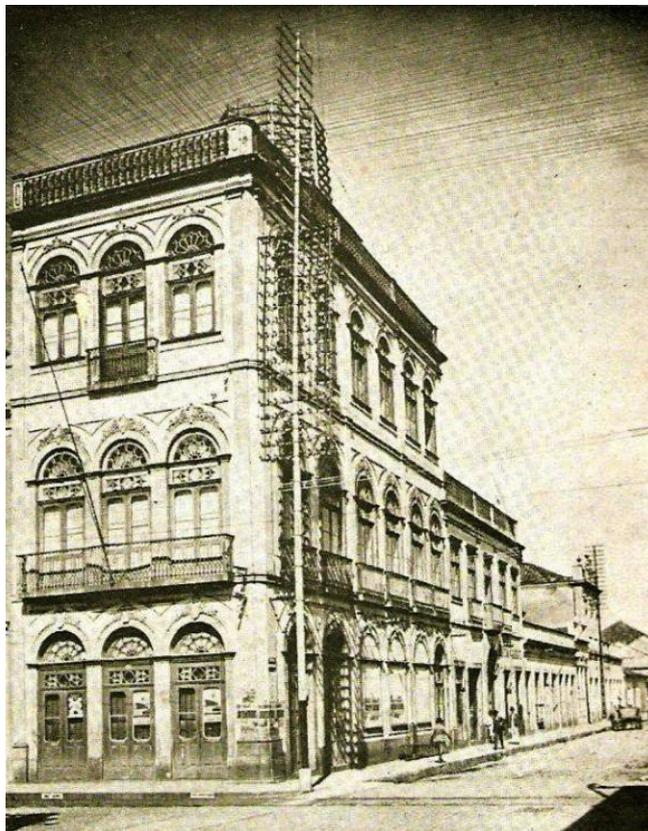
<sup>97</sup> Delfim da Silva, rua General Osório, 605

<sup>98</sup> Bazar Gigante comércio de louças, cristais, vidros, ferragens e outros, rua Marechal Floriano, 12.

<sup>99</sup> Peça de couro usada para manter os arreios presos ao lombo do cavalo.

financeira. Manoel Alves da Conceição foi agraciado pelo Rei de Portugal com o título de Barão D'Alves da Conceição em julho de 1885 (Figura 45).

Figura 45 – Sobrado de Manoel Alves da Conceição – data da fotografia estimada como década de 1920



Fonte: Olhares sobre Pelotas. Disponível em:  
[https://www.facebook.com/Olharessobrepelotas?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/Olharessobrepelotas?locale=pt_BR)

### 5.2.1 Iniciativas de fabricação de vidros na cidade

#### **Vidraçaria Pelotense**

A fabricação de vidros iniciou em Pelotas em 1891 com a Vidraria Pelotense. Conforme Diário Popular (edição de 06 de out, 1891. In: Diniz [2003, p. 74]), em 5 de outubro do mesmo ano Ildfonso Menandro Correia associou-se com João Simões Lopes Neto na empreitada de ampliação a partir da nova constituição de sociedade anônima.

Em 23 de outubro de 1891, os sócios acima referidos depositaram na mesa de rendas a quantia de 20 contos, cumprindo a exigência legal para a instalação da sociedade (Diário Popular, 24 out., 1891, p. 2). Na data de 25 de outubro o mesmo jornal publicou:

Na presença de numeroso auditório instalou-se ontem a Companhia Vidraria Pelotense, incorporada pelos Srs. Idelfonso Manandro Corrêa e João Simões Lopes Netto. [...] foi aclamado presidente da reunião o Sr. Barão do Arroio Grande, servindo de secretário o Sr. Guilherme Echenique. [...]. Em seguida procedeu-se a leitura dos estatutos da companhia, apresentados no ato o Sr. Idelfonso Corrêa o recibo do depósito de vinte contos de réis feito na mesa de rendas do Estado, de conformidade com a lei das sociedades anônimas, e o recibo do depósito de quarenta contos feito no Banco da Província, proveniente dos trinta por cento, primeira entrada dos acionistas. A eleição da diretoria, a que em seguida se procedeu deu o seguinte resultado: Diretores - José Bernardino de Sousa; Christovão da Silva Maia; Gerente – Idelfonso Menandro Corrêa; Conselho Fiscal - Barão do Arroio Grande; Félix Antônio Gonçalves; Ramon Trápaga; Suplentes – Joaquim T. da Costa Leite; Capitão Luiz Rodrigues da Silva; Joaquim Maria da Silva (Diário Popular, 25 out., 1891, p. 2).

O Estatuto da Vidraria Pelotense foi publicado na capa do Diário Popular de 05 de novembro do mesmo ano, do qual destacamos o Art.2º – Os fins desta sociedade são: a) A exploração do fabrico do vidro em geral com suas diversas aplicações no uso doméstico, industrial e científico (Diário Popular, 05 nov., 1891, p. 1).

Com significativo investimento foram adquiridas em Buenos Aires quatrocentas toneladas de materiais em janeiro de 1892 e, dois meses após, começaram “[...] os trabalhos de construção do edifício destinado a Vidraçaria Pelotense” (Diário Popular, 23, mar., 1892, p. 2), localizado na rua Gonçalves chaves sem a identificação do número.

Conforme carta de Idelfonso Corrêa ao Diário Popular, em 11 de novembro de 1892, as galerias subterrâneas de fundação dos fornos da Vidraria Pelotense estavam prontas, e logo seriam construídas as abóbadas. Outra publicação encaminhada pelo gerente Idelfonso Corrêa em 20 de dezembro foi o anúncio de compra de “qualquer quantidade de vidros quebrados, como verde claro, inclusive vidraça e vidro branco”.

Inaugurada em 15 de abril de 1893 (Diniz, 2003, p. 74), a Sociedade Anônima Vidraria Pelotense passou a produzir copos, cálices e taças de meio-cristal, compoteiras e manteigueiras e aparelho de cor para lavatório (Correio Mercantil de Pelotas. In A Federação de 25 de maio de 1893, p. 2)<sup>100</sup>.

---

<sup>100</sup> “Jornal A Federação (RS), Anno X – Porto Alegre, 25 de maio de 1893, N. 118”. Edição 00118, página 2/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916. Acesso: 14 fev. 2024.

Na divulgação da visita do Correio Mercantil de Pelotas às instalações da Sociedade Anônima Vidraria Pelotense, em meio às várias considerações positivas da fábrica separamos:

A fábrica trabalha agora com actividade em garrafas brancas e vidros para farmacias, artigos de que tem grandes encomendas, bem como em tubos para lampeões, os quaes tubos depois de promptos são recosidos (sic) (Correio Mercantil. In: A Federação de 25 de maio de 1893, p. 2, grifo nosso).

Em pouco tempo de funcionamento a Sociedade Anônima Vidraria Pelotense empregou mais de cinquenta funcionários e funcionárias, em boa parte de origem francesa, e seu fornecimento de areia vinha de Mostardas e São José do Norte.

Com a matéria intitulada “ S. A. Vidraria Pelotense: A primeira na América do Sul pela excelência de seus produtos”, o Diário Popular (08 de julho de 1893, p. 4) publicou:

Este novo e importante estabelecimento, montado com todos os recursos da ciência moderna, dispondo de habilíssimos operários, acha-se em condições de executar qualquer encomenda de artigos de sua indústria, desde o vidro escuro até o branco meio cristal, garantindo gênero INTEIRAMENTE igual ao similar estrangeiro. Tem sempre grande depósito de farinheiras, açucareiros, mamadeiras, copos moldados e com pé, vidros de boca larga com tampa esmerilhada, vidros para geleia e compotas, tubos de lampião de todos os formatos, vasilhame completo para farmácia, funis, globos, vasos para pilhas elétricas, isoladores, objetos de fantasia etc., etc (sic).

No último mês de 1893, a Vidraria Pelotense inaugurou o seu depósito na Praça da Regeneração para o comércio varejista de seus produtos, como chaminés para lampiões, garrafas, garrafões, vasilhames para farmácias e outros tantos. Esta localização central teve o propósito de ser um facilitador de compras por parte da população.

Seguindo o forte investimento na fábrica de vidros, a diretoria apresentou na assembleia geral em 17 de fevereiro de 1894 as aquisições das máquinas e equipamentos para uma diversa e qualificada produção, como segue:

Uma excelente prensa para moldar qualquer peça de vidro desde o tamanho de 5 até 40 centímetros de altura, uma moderníssima máquina centrífuga para a moagem do quartzo e terra refratária, aparelho que importantes serviços tem prestado e prestará 34 formas

de ferro e 5 de madeira, que produzem: copos, açucareiros, manteigueiras, frascos para farmácia, garrafas para cerveja, chaminés para lampiões de diversos feitios, escarradeiras, frascos de boca larga, jarros para lavatórios e garrafas com asa; grande quantidade de canas, placas, bancos, caixas de ferro, blocos, tesouras, ferro para fazer bocas em frascos e garrafas, pinças, alavancas, tornos de ferro, aparelhos de perfuração, serra circular, bigornas, martelos, transmissões a vapor e uma infinidade de aparelhos com suas diversas aplicações, tudo especificado em relação especial e com um valor de Rs 10:511\$330. (Diário Popular, 1894, 13 fev. 1894, p. 1 -capa).

Em meio ao alto investimento em curso, neste mesmo ano foi necessária a capitalização para a empresa com a ampliação do quadro societário, e a consequente adequação da natureza jurídica e do novo estatuto da sociedade anônima. Cabe ressaltarmos que a natureza jurídica de sociedade anônima, além de proporcionar a capitalização por meio de vendas de ações, tem como uma das suas características que o patrimônio pessoal do acionista fica separado do patrimônio da empresa, como também amplia as participações e responsabilidades dos acionistas de forma proporcional ao número de ações.

Neste contexto as alterações foram apresentadas na assembleia extraordinária de 1º de março de 1894, que foi aberta pelo gerente Sr. Ildelfonso Menandro Corrêa para os vinte e seis acionistas presentes, entre eles João Simões Lopes Neto e José Alvares de Souza Soares. O eleito para a condução da assembleia como presidente foi João Antonio Pinheiro que, junto com o secretário por ele convidado, conduziram a apresentação do novo estatuto da fábrica com a definitiva constituição de sociedade anônima. A votação e aprovação ocorreram no encontro de continuação da assembleia extraordinária (1º de março) no dia 22 de março de 1894.

Com dois capítulos e 32 artigos lidos do estatuto, elegemos três para transcrição: Capítulo I Art. 1º – “Fica constituída em sociedade anonyma, que se designará Sociedade Anonyma Vidraria Pelotense”; Art. 2º - “Os fins d’esta sociedade são: a) a exploração do fabrico do vidro em geral com suas diversas aplicações no uso doméstico, industrial e científico”; Art. 4º - “A séde da sociedade será em Pelotas” e no seu § único “O gerente poderá estabelecer agencia no paiz ou no

estrangeiro, onde julgar conveniente, para venda e exposição dos productos da sociedade.” (sic) (A Federação de 25 de maio de 1893, p. 3-4)<sup>101</sup>

Por fim, a “Sociedade Anonyma Vidraria Pelotense” foi legalmente certificada pelo oficial do registro hipotecário da cidade Miguel Rodrigues Barcellos Filho em 04 de abril de 1894.

Em nota divulgada no Diário Popular em 25 de maio de 1895, a diretoria da Sociedade Anônima Vidraria Pelotense convida os acionistas para a assembleia geral extraordinária a realizar-se no dia 8 de junho, e esclarece:

Não tendo a comissão incumbida de obter empréstimo por meio debêntures conseguido seus fins e não devendo esta diretoria agravar ainda mais a situação da sociedade pela falta de recursos e operários, resolveu suspender provisoriamente o funcionamento da fábrica para seguindo de trâmites da lei, dar de tudo conhecimento a uma assembleia para esse fim legalmente constituída, a qual será presente um inventário geral acompanhado do respectivo balanço, a fim de ser tomada uma resolução definitiva sobre o destino dessa associação (Diário Popular, 26 de maio de 1895, p. 2).

Apesar da qualidade atestada de sua produção e promissor futuro, a empresa foi à liquidação em 22 de junho de 1895 e leiloadada em 31 de agosto do mesmo ano (Diniz, 2003, p. 74). Seu arrematante foi o Barão D’Alves da Conceição proprietário da Conceição & Cia, referido anteriormente como importador e comerciante de vidros, com resultados imediatos que podem ser indicados por suas exportações para outros estados, como se vê na propaganda da sua produção no Rio de Janeiro com revenda por seu agente de Alhadas & Cruz (Periódico Cidade do Rio – Folha da Tarde, 9 de julho de 1897, p. 4). O anúncio da comercialização de garrafas, copos, cálices e vidros para farmácias, de “todos os feitios e cores” e frisando que pode receber “quaesquer encomendas”. (sic). (Periódico Cidade do Rio – Folha da Tarde, 9 de julho de 1897, p. 4). No entanto, a Sociedade Anônima Vidraria Pelotense funcionou até dezembro de 1900, quando todas as empresas do Barão D’Alves da Conceição faliram.

O retorno das atividades da Fábrica de Vidros Pelotense foi registrado apenas em 08 de março de 1922 na página 3 do jornal Diário Popular de 1922, com a chamada “Fábrica de Vidros Pelotense de Forster Berndt & Comp.”. A pequena nota “Fábrica Nova” apontou a nova constituição jurídica de Forster Berndt & C., seu

---

<sup>101</sup> Idem, idem, p.3-4.

endereço na Avenida 20 de Setembro nº 121 e deixou claro o público-alvo no anúncio “Fabrica-se toda a classe de vidros para farmácia preparados e em todas as cores. Preços sem competência. ”

Esclarecemos que algumas de nossas indagações, como por exemplo o correto endereço da fábrica da Vidraria Pelotense, não foram respondidas nas pesquisas na hemeroteca da Biblioteca Pública Pelotense, pelo fato de que vários lotes semestrais estão interditados<sup>102</sup>.

### **F. Corrêa & Comp.**

A empresa F. Corrêa & Comp. foi a responsável pela Vidraçaria Luzo Brasileira, estabelecida ao menos em 1920, conforme nota ‘Mudou-se’:

Participamos ao comércio, a nossos fregueses e ao público, que mudamos nosso estabelecimento denominado Vidraçaria Luzo Brasileira para a rua Andrade Neves nº 659, entre 7 de setembro e General Netto em frente à Casa Torres, aonde esperamos merecer a atenção de nossos bons fregueses e amigos, pois o preço e a qualidade de nossos artigos, são na última palavra o que há de mais convidativo. Recebemos lindos modelos para pintura, molduras, vidros e espelhos, que vendemos a preços sem competência (sic) (Diário Popular, 1920, p. 4).

Neste momento a Vidraçaria Luzo Brasileira (F. Corrêa & Comp.) não fabricava frascos de vidro, manifestando-se como comerciante de quadros, vidros gravados e outros, importados e relacionados aos vidros planos.

Na década de 1930, encontramos no Almanaque de Pelotas (1934, p. 169) o anúncio da “Fabrica de Espelhos” de F. Corrêa & Comp., voltada para o comércio e fabricação de vidros planos como espelhos cristal bisotê<sup>103</sup>, cristais para vitrines, vitrais e outros. A comercialização era realizada na loja localizada na rua Andrade Neves, 711 e a fabricação no prédio da rua General Osório, 1152.

Sem mais dados localizados, notamos que após fortes investimentos no início da década de 1890 e produção de alta qualidade até 1895 da Vidraria Pelotense, foi

<sup>102</sup> Interdição de consulta ao Diário Popular de 1893 (1º semestre); 1895 (2º semestre); 1896 (1º semestre); 1897 (1º semestre); 1898 (1º e 2º semestres). Os jornais Echo do Sul – 1894 e 1895; Opinião Pública – 1896, 1897 e 1898, não contemplaram informações sobre vidraçarias em Pelotas.

<sup>103</sup> Espelho bisotê ou espelho bisotado refere-se a um corte chanfrado nas extremidades do vidro, que em seguida recebe um polimento, devolvendo a textura e o brilho natural, por meio de máquinas especiais, ou seja, é um tipo de acabamento ou lapidação. (Blueglass. Disponível em: < <https://www.blueglass.com.br/blog/espelho-bisotado>>. Acesso: 23 fev. 2024.

a empresa F, Correa & Comp., a partir da década de 1920, a maior responsável pelo comércio e, nas décadas seguintes fabricante de vidros em Pelotas.

## 6 Entendendo a produção de frasco de medicamentos escavados

### 6.1 Métodos e análises

O vidro arqueológico é um dos materiais menos estudados, principalmente devido à sua grande fragmentação e às inúmeras patologias de degradação que costuma apresentar e que impedem, com alguma frequência, a análise do tipo lógico. As patologias associadas à degradação física, como fraturas por impacto ou formação de fissuras, afetam apenas a integridade da peça, mas a entrada de água por capilaridade pode causar um ataque químico que piora seu estado de conservação. A degradação química produz uma maior variedade de patologias: corrosão (*pitting*), crateras, camadas de descalcinação e depósitos escuros, entre outras. Na maioria dos casos, a água é o principal gatilho para o ataque. A degradação geralmente começa na superfície, mas se as condições forem muito adversas, o vidro pode se deteriorar completamente (Pereira, Vilarigues, Coutinho, 2022, p. 97).

Sobre as redes de fraturas internas que não chegam à superfície, Olive e Sullivan (1989, p. 15) afirmam: “Em amostras arqueológicas essa condição é frequentemente encontrada em vidro que tem sido exposto ao calor. Isto não deveria ser confundido com fraturas externas que foram produzidas por motivos decorativos” (tradução nossa)<sup>104</sup>, e, acrescentamos, nem por patologias de degradação referidas no parágrafo anterior.

Não há dúvidas de que os fragmentos de vidros e frascos completos possibilitam uma análise tecnológica muito ampla e com muitas especificidades, em grupos como técnicas, marcas de produção, forma(s) do acabamento, tipos de produção de base e etc., ou mesmo com os estudos interdisciplinares da arqueometria<sup>105</sup>. No entanto, para atender aos objetivos deste trabalho, a ficha de

---

<sup>104</sup> “In archaeological specimens this condition is often found in glass that has been exposed to heat. This shouldn't be confused with external fractures that were produced for decorative reasons”. (Olive & Sullivan, 1989, p. 15).

<sup>105</sup> Arqueometria é uma ciência interdisciplinar que permite o encontro de uma ampla gama de categorias de disciplinas das ciências humanas, exatas e naturais para o estudo científico de matérias-primas e produtos utilizados no tempo pré-histórico e histórico. Ela envolve uma colaboração interdisciplinar entre arqueologia, história da arte e a preservação do patrimônio cultural com ciências exatas e naturais, como por exemplo, a física, a matemática, a biologia e a química. Essa área de pesquisa, na qual essas disciplinas se sobrepõem, também é conhecida como ciências arqueológicas. As investigações envolvem técnicas instrumentais e não instrumentais, e a pesquisa de materiais-alvo (por exemplo, propriedades de substâncias e seus constituintes), bem como substâncias e resíduos

inventário das peças atenderá a fase inicial, quase preliminar, das análises tecnológicas e técnicas, considerada por Zanettini; Camargo (1999, p. 16) como a primeira e importante etapa.

No modelo geral de pesquisa científica existem diferentes versões do método ou processo de pesquisa proposto por diversos autores, que contribuíram com melhorias na sequência de etapas, aprimoramento de regras, técnicas e diretrizes heurísticas, ainda quando essas melhorias não são aplicadas com o mesmo rigor, pois seu uso depende do tipo de pesquisa que se desenvolve, todas utilizam o método científico como base para a obtenção de novos conhecimentos, como apresenta Pedro Demo no livro “Introdução à Metodologia Científica” de 1985.

Por fim:

Todos os dados arqueológicos constituem expressões de pensamentos e de finalidades humanas e só têm interesse como tal. Este facto que diferencia a arqueologia da filatelia ou de uma colecção de arte. Selos e gravuras têm valor em si, enquanto os dados arqueológicos só servem pela informação que fornecem sobre o pensamento e o modo de vida de quem os fez ou usou (sic) (Childe, 1977, p. 11).

### 6.1.1 Em laboratório

As pesquisas para este estudo efetivamente começaram em laboratório, com a seleção dos catálogos e seus inventários no banco de dados da Reserva Técnica de Arqueologia. Estes documentos digitalizados nos lembraram da grande quantidade e diversidade de objetos arqueológicos provenientes de coleta e escavações ocorridas nos três sítios. Os acervos estão divididos em cinco catálogos, uma vez que o sítio PSGPe 3 – Praça Cel. Pedro Osório foi pesquisado em três campanhas.

Mesmo projetando que encontraríamos alguns problemas, pura presunção, encontramos muitas dificuldades na localização de todas as peças, como catálogos acondicionados separadamente para fins de práticas didáticas, exposições e aulas práticas, gerando uma dispersão dos acervos. Outra questão foram as tabelas de inventários, algumas sendo refeitas e uma elaborada com metodologia muito própria

---

químicos e biológicos de escala molecular, até artefatos e ecofatos (vestígios do meio ambiente) observáveis macroscopicamente. (Santos; Morais Júnior, 2023, online).

para fins didáticos, destoando completamente do que foi estabelecido pelo protocolo da Reserva Técnica. Apesar da demora provocada por estas condições e da nossa conturbação, separamos os fragmentos e peças inteiras relacionadas aos frascos de medicamentos.

O trabalho com as planilhas de inventário em Excel consistiu inicialmente no levantamento de todo o material vítreo registrado, e sua inserção em nova planilha para este trabalho. Seguindo a ordem cronológica do trabalho arqueológico de campo, tratamos de identificar as caixas de acondicionamento do material de cada sítio e, no LEPAArq, conferir o caráter fidedigno de numeração das peças e suas unidades de escavação de coletas. Nesta atividade foram analisados todos os fragmentos vítreos para a identificação de frascos de medicamentos, inteiros ou fragmentados.

As peças vítreas acondicionadas na Reserva Técnica analisadas totalizaram por sítio: 1.004 do PSGPe 1 – Casa 8 (Catálogo 14); 657 do PSGPe 2 – Casa 2 (Catálogo 18); 764 do PSGPe 3 – Praça (Catálogo 27); 357 do PSGPe 3 – Praça (Catálogo 32); 81 PSGPe 3 – Praça (Catálogo 36).

Dentre as 2.863 peças, identificamos apenas 20 com alguma indicação de frascos de remédios, quer pela forma, quer por inscrições em alto relevo de fabricação. Neste momento da pesquisa também foram identificados fragmentos complementares para a reconstituição de forma de frascos, por colagem, mesmo que parcialmente.

As análises das peças indicaram como alterações físicas as patologias de fraturas, fissuras, destacamento de material e abrasão. Esta última observada em alguns lábios. Outro registro foi o processo de deterioração por corrosão, resultante na alteração química provocada pelo contato com água<sup>106</sup>.

Antes da colagem realizamos a limpeza mecânica das peças, com procedimentos de uso de pinça clínica para algodão e cotonetes umedecidos com água deionizada<sup>107</sup>. Como não houve descolagem, não foi necessária a ação de

---

<sup>106</sup> O processo de deterioração devido às condições ambientais é principalmente causado pelo contacto direto com água, resultando na troca entre cátions alcalinos do vidro (principalmente K<sup>+</sup> e Na<sup>+</sup>) e espécies protónicas da água rica em H<sup>+</sup> e H<sub>3</sub>O<sup>+</sup> em contacto com o mesmo. Este processo designa-se por lixiviação e resulta na formação de camadas hidratadas ricas em sílica e empobrecidas em iões alcalinos, cujo aspeto macroscópico poderá variar entre diversos tons de cor acastanhada ou esbranquiçada que, com a incidência e refração da luz, apresentam um efeito iridescente. (sic). (Pereira; Vilarigues; Coutinho, 2022, p. 97).

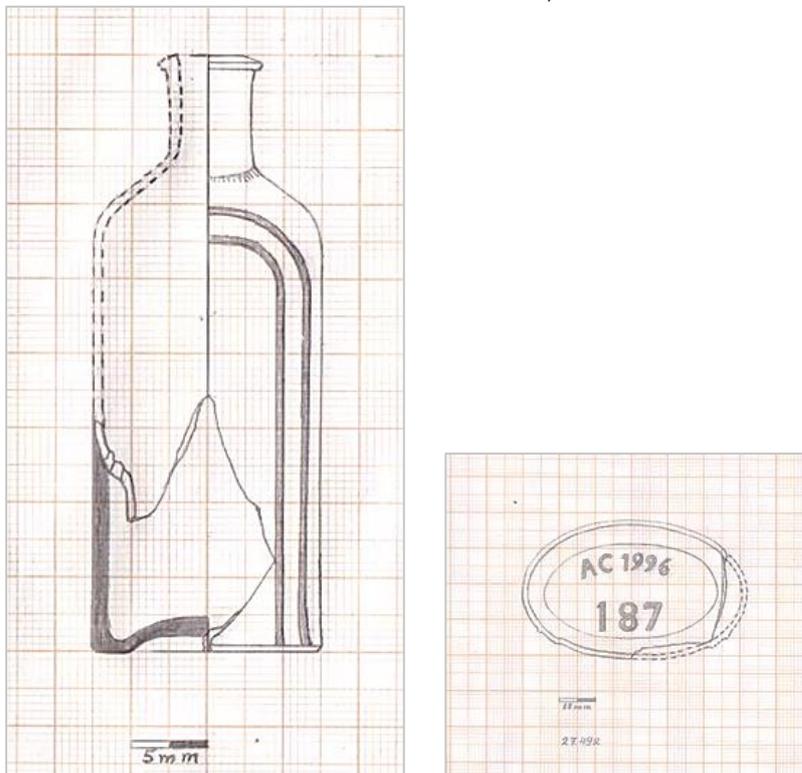
<sup>107</sup> Água que passa por um processo de desmineralização.

remoção de resíduos adesivos. Também usamos escovas com cerdas de nylon macias, palitos longos de madeira e um cabo de bisturi nº 3 e lâmina nº 23, para a remoção “inicial” e a seco da porção mais proeminente da incrustação de oxidação de ferro na peça 36.012, e concluímos com o uso de cotonete umedecido com água deionizada. A união de fragmentos foi realizada com o a resina acrílica Paraloid B72 diluída a 40% em acetona pura.

Após as atividades referidas, executamos os desenhos dos frascos (inteiros e fragmentos). O desenho permeou a história da Arqueologia com registros de campo e de laboratório. “A razão para o desenho continuar a ser a forma dominante de ilustração é que este pode transmitir informações muito mais relevantes e comparáveis, e podem ser editadas mais facilmente do que uma fotografia” (Adkins, Adkins, 1989, p. 7, tradução nossa).

Os desenhos monocromáticos e em 2D foram feitos da vista frontal, também referidas como vista ou plano principal, mostrando a projeção frontal dos frascos e fundos, foram inicialmente realizados com grafite sobre papel milimetrado e em escalas 1:1 ou 1:2 (Figura 46).

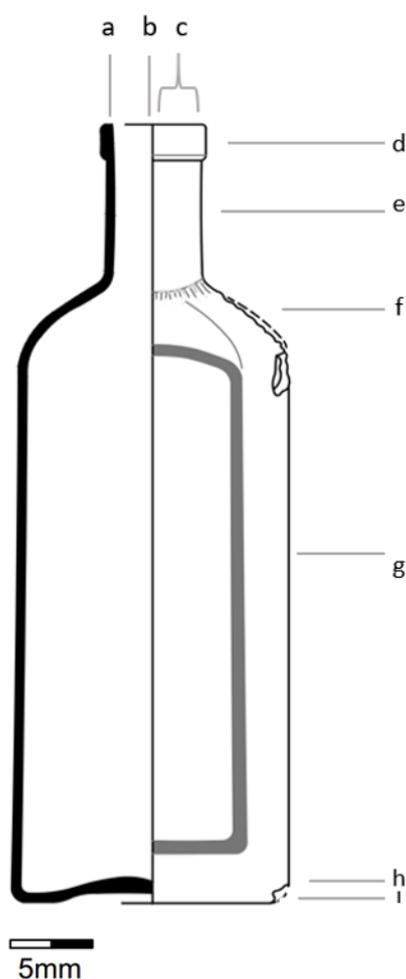
Figura 46 – Desenho projetado do frasco de medicamento da “Pharmacia A Cornetet” de Pelotas, a partir dos fragmentos 27.492 e 27.1004 colados em escala 1:2; e do fundo em 1:1



Fonte: Elaborado pelo autor.

Entendemos que o uso de competentes softwares para desenho técnico deve ocorrer a partir do desenho feito à mão. Este por sua vez, como uma ferramenta analítica, permite ao arqueólogo o rigor dos detalhes, permitindo as irregularidades inerentes ao artefato arqueológico. Somente após esta etapa executamos a captura de tela com Corel Capture 2020 (64-Bit) e ajustes no software Microsoft Paint, que resultaram no “produto” final (Figura 47).

Figura 47 – Desenho de detalhes dos frascos



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os desenhos realizados trazem os elementos da morfologia dos frascos selecionados: a) seção ou corte vertical; b) linha de eixo; c) vista exterior; d) lábio; e) pescoço; f) ombro; g) corpo; h) inflexão; i) plano de base. Uma das características deste conjunto é o pouco número de “colares” comuns em garrafas.

A secção, ou corte, vertical indica as espessuras das paredes dos frascos, enquanto, à direita da linha de eixo apresentamos o exterior com representação dos

detalhes de construção. Sem a possibilidade do uso de um medidor de espessura ultrassônico, as espessuras foram medidas com paquímetro digital em peças fragmentadas ou simplesmente medidas com o auxílio de lupa.

Para as peças bastante fragmentadas, não fizemos a sua reconstituição integral nos desenhos, pois entendemos que seriam projeções baseadas em conjecturas. Após a colagem das peças 27.492 e 27.1004 foi possível o desenho com sua projeção integral, a partir do frasco similar parcialmente reconstituído pelos fragmentos 27.42.489 e 27.56.788.

### **6.1.2 As inscrições em relevo**

No conjunto de frascos não identificamos “selos” de identificação de fabricantes, como pastilha de vidro aplicada ainda quente no ombro ou parede de corpo, e nem em fundo das bases. As inscrições encontradas nos fundos de bases constituem quatro frascos com a marca da “Pharmacia A Cornetet”, neste conjunto são três tamanhos diferentes, mas o mesmo design é para todos. Destas inscrições em alto relevo, em duas aparecem “A. C. 1996”, em uma “A C 1988” e na outra “G O”. Estas não foram encontradas em catálogos pesquisados, entretanto, as três primeiras sugerem a prática de inscrições das iniciais do fabricante e comerciante do medicamento, solicitada ao produtor do frasco.

As inscrições em relevo foram possíveis a partir da desenvolvimento do “molde de duas partes” para garrafas no ano de 1821. Este novo molde nomeado Ricketts, registrado pela empresa Ricketts Company de Bristol Inglaterra, possibilitou o adicional de base com inscrições em alto relevo (Santos, 2005, p. 75; Jones, Sullivan, 1989, p. 48).

O modelo Ricketts foi um desenvolvimento do molde inteiriço (*dip mold*) já existente desde o século XVII, e seu principal objetivo foi dar estabilidade às garrafas quando em pé, empurrando para dentro do corpo a área central da base, gerando externamente uma cavidade. “Esta formação foi chamada de ‘flexão’” (Toulouse: comunicação pessoal; Moody, 1963:303. In: Jones, 1971, p. 63), e resultou de um molde separado projetado para a estabilidade do objeto.

A patente da Ricketts Company de Bristol de 1821 incluiu um anel com letras que poderia ser colocado perto da circunferência da base (Jones, 1971, p. 66-67). Este foi um processo que permitiu a inscrição do volume da garrafa ou de dados dos

fabricantes e, também, nomes de comerciantes e taberneiros como ocorreu na Inglaterra.

O uso das técnicas de flexão da base e do anel para inscrição em relevo difundiram-se para outros territórios e formas de contentores de vidros, como se vê nas adaptações nos frascos selecionados para esta pesquisa.

Considerando o interesse da pesquisa em identificar a produção e comercialização de medicamentos e vidros em Pelotas, as inscrições em alto relevo nos frasco e fragmentos, antecedendo ao uso do rótulo adesivo, foi importante.

O nome do medicamento, do fabricante ou seu responsável pela distribuição, ou mesmo o nome do país de origem, foram viabilizados a partir da técnica “gravação elevada dentro de uma placa”. Tratava-se de uma placa de ferro ou latão gravada com inscrições, usada como molde para diferentes “sopradas” no mesmo molde (Corpo & Costura de Molde [sha.org])<sup>108</sup>. Após a elaboração da placa, seguindo a forma e o design pretendidos, esta era inserida na área previamente estabelecida em baixo relevo no interior do molde, para então ser produzida a garrafa. Inicialmente aplicadas em garrafas cilíndricas, um dos primeiros registros é do ano de 1821 com o molde de “Rickett” na Inglaterra (Jones; Sullivan, 1989, p. 47). Estas garrafas eram comumente chamadas de “prato” ou “prato com letras”, em decorrência do molde metálico de inscrição, mas conforme cita (Corpo & Costura de Molde [sha.org]), segundo Whitall, Tatum & Co (1880); Münsey (1970); Jones; Sullivan, (1989) estas garrafas foram construídas num “molde de placa”.

Com forte apelo comercial esta técnica foi rapidamente adaptada para garrafas quadradas e retangulares.

Nos EUA, as primeiras garrafas moldadas com placas parecem ser de refrigerante/água mineral [...], em que o prato está localizado no meio de um lado. Estes tipo e forma de placa retangular moldada para garrafas de soda e água mineral apareceram pela primeira vez no final da década de 1840, eram particularmente populares em todo os EUA durante as décadas de 1850 e 1860, e foram gradualmente abandonadas em favor de outros projetos na década de 1870 (McKearin & Wilson 1978; Markota, 1994) (Costura de Molde [sha.org], tradução nossa).

---

<sup>108</sup> Society for Historical Archaeology. Glassmaking and Glassmakers Page.

Segundo Jones e Sullivan (1989, p. 48)

As placas geralmente vêm nas seguintes formas: retângulos com topos arqueados, retângulos, círculos e ovais. Uma garrafa com um prato escrito sempre foi soprada em um molde e podem exibir outras características de molde soprado. Os formatos-padrão de garrafas referidos incluíam ovais, retangulares, quadrados e garrafas de água mineral.

Também foram projetadas placas para inscrições com um contorno em relevo ao redor da gravação, criando um design e escondendo a costura na garrafa ou frasco muitas vezes perceptível (Jones, Sullivan, 1989, p. 48). Neste caso a colocação da placa era obrigatoriamente no centro de uma das duas partes do molde.

Além da obviedade da gravação na placa ser invertida, o detalhe são os pontos aprofundados no topo dos caracteres da primeira e segunda linhas, e na base dos da última linha (Figura 48). Estes orifícios perceptíveis nas placas são para ventilação de ar, numa adaptação iniciada no começo do século XX, somando-se aos pontos de ventilação já existentes nos moldes soprados pela boca usados no período de 1840 a 1910.

Figura 48 – Placa de inscrição (gravação elevada dentro de uma placa) e seus pontos de ventilação



Fonte: Glassmaking & Glassmakers. Glassmaking - Makers Marks. Copyright © 2024 Bill Lindsey.

A ventilação de ar na produção por molde soprado pela boca podia estar localizada em: “ombros, bordas verticais do corpo (garrafas quadradas ou retangulares), no corpo, na base, incorporado na costura do molde lateral, ou integrado dentro da placa de gravação” (Corpo & Costura de Molde [sha.org]). “Para garantir a perfeita conformidade do vidro com o molde, foram feitos pequenos furos

no molde para permitir que a pressão escapasse” (Jones, Sullivan, 1989, p. 47, tradução nossa).

Outro aspecto analisado nas inscrições em relevo existentes nos frascos e fragmentos foi as formas das letras. Observamos alguns tipos característicos de fonte serifada<sup>109</sup>, muito semelhante ao estilo Old Style (Estilo Antigo)<sup>110</sup>, e helvética<sup>111</sup> no mesmo frasco, como foi o caso do “Óleo de Fígado de Bacalhau Hogg”, peças 36.10.012 (Figura 49).

Figura 49 – Desenho das inscrições nas três faces do frasco de “Óleo de Fígado de Bacalhau Hogg”



Fonte: Elaborado pelo autor<sup>112</sup>.

<sup>109</sup> As fontes Serifadas apresentam pequenos pés e prolongamentos nas partes superiores e inferiores de cada tipo. Os primeiros exemplares surgem no século XV e seus floreios (detalhes) originam-se das escritas com pincéis dos artistas como elementos decorativos (Tailor Brands. © 2024 Copyright Tailor Brands.

Disponível em: <https://www.tailorbrands.com/pt-br/blog/tipos-de-fontes#:~:text=Fontes%>.

Acesso: 15 mar. 2024.

<sup>110</sup> Este estilo antigo (Old Style) é uma reminiscência da caligrafia humanista a partir do qual foram obtidas as suas formas. Diferenças entre linhas grossas e finas são mais pronunciadas do que no estilo antigo da serifa. As partes mais finas estão somente nos ângulos, as diferenças sutis entre linhas grossas e finas e possibilitam excelente legibilidade (Publicado em 18/04/2024. © 2024 - Printi - CNPJ 13.555.994/0001-54.

Disponível em: <https://www.printi.com.br/blog/aprenda-mais-sobre-tipografia>).

Acesso: 18 jun. 2024.

<sup>111</sup> As fontes helvéticas datam do século XIX e tornaram-se imensamente populares nas décadas de 1920 e 30. Durante a metade do século XX, designers alemães expandiram ainda mais o corpo tipográfico com a criação do popular design Helvética. Essas fontes são definidas pelas suas linhas retas e limpas. Elas não apresentam serifa e enfatizam a legibilidade e a simplicidade em prol de um visual minimalista mais dimensionável (Tailor Brands. © 2024 Copyright Tailor Brands. Disponível em: <https://www.tailorbrands.com/pt-br/blog/tipos-de-fontes#:~:text=Fontes%>). Acesso: 19 jun. 2024.

<sup>112</sup> Para melhor reproduzirmos as inscrições usamos diferentes fontes disponíveis e pequenas inserções de traços. Desenho feitos com recursos do “Word”.

Outros frascos apresentam nas inscrições letras semelhantes às helvéticas e contornos em relevo ao redor da gravação, criando um design e escondendo a costura da placa no frasco. O exemplo é o frasco retangular do Xarope de Henry Mure com Brometo de Potássio (36.009) (Figuras 50).

Figura 50– Desenho das inscrições com letras similares à helvética e contorno no frasco 36.009, conforme placa de gravação elevada (relevo)



Fonte: Elaborado pelo autor<sup>113</sup>.

Para somarem-se aos desenhos, fotografamos as peças em uma vista frontal e em perspectiva para a noção de profundidade e tridimensionalidade. Embora a importância do desenho na Arqueologia, consideramos Feugère (1982. In: Lima, 2007, p. 72): “diz que o papel do desenho na arqueologia não se pode definir sem estabelecer uma referência a outros modos de registo e comunicação à disposição dos investigadores como o texto, a fotografia e mesmo a fotogrametria”.

Os atributos escolhidos, no âmbito restrito dos frascos de medicamentos, decorreram de uma compilação de diferentes publicações contemplando: denominação funcional, morfologia do objeto, atributos morfológicos, forma do objeto, coloração, dimensões, tipo de vedação, alterações pós-deposicionais, integridade, reconstituição de forma (quando possível) e, sobre o produto (medicamento), inscrição, procedência e data de fabricação. Buscando a praticidade, nossa tabela de inventário inicia com os dados de localização de campo e na Reserva Técnica de Arqueologia-ICH/UFPel, que são: nome do sítio, unidades de escavação, níveis estratigráficos da coleta e números de inventário e de lotes, este último quando for o caso.

Como já indicado anteriormente, as condições do trabalho arqueológico no sítio PSGPe 1 foram muito prejudicadas pelas obras de infraestrutura concomitantes, em outras palavras, o devido salvamento foi negligenciado no projeto técnico de

<sup>113</sup> Para melhor reproduzirmos as inscrições usamos diferentes fontes disponíveis. Desenho feitos com recursos do “Word”.

restauração e transformado em acompanhamentos, sem a prerrogativa de suspensão de obras quando necessária. Estas circunstâncias prejudicaram os registros estratigráficos das coletas, de onde se obtêm pistas cronológicas a partir das cotas de deposição das peças.

Para as colorações das peças analisadas, considerando a afirmação de Aultmann; Grillo (2008, p. 5) “Os frascos farmacêuticos vêm em uma variedade de cores [...]”, nossa lista de cores seguiu em parte a publicação destes autores, na atualização de agosto de 2008<sup>114</sup> da publicação de DAACS – Cataloging Manual: Glass Vessels de outubro de 2003, também Aultmann; Grillo; Sawyer (2014, p. 7) e Zanettini; Camargo (1999). Esta compilação ocorreu para incluirmos variações da cor verde como verde-água, verde-sálvia, verde-oliva e verde-escuro, e outras adequações, como mostra o Anexo A.

---

<sup>114</sup> AULTMANN; GRILLO. DAACS - Cataloging Manual: Glass Vessels, 2008, p. 4-5, limitam-se a redução da cor verde às diferentes variações, “Verde: O vidro da garrafa de vinho e caixa, seja verde médio ou verde escuro, é simplesmente “verde” em DAACS, p. 4”.

## 7 Trazendo de volta à vida os fragmentos

Neste capítulo relacionamos a partir das análises dos frascos (inteiros ou fragmentados), o conteúdo medicinal, sua origem e propriedades curativas.

### 7.1 Catálogo 14 – Vermifuge Fahnestock's

O frasco inventariado com o número 14.12.316, coletado no poço da trincheira do sítio PSGPe 1 – Casa 8, é um contentor de medicamento completo, com forma cilíndrica, coloração verde-água, com dimensões A – 9,50cm x Ø – 2,28cm e bico para vedação com rolha (Figura 51). Sua inscrição em alto relevo é VERMIFUGE – B. A. - FAHNESTOCK'S. (Quadro 3).

Nas pesquisas de textos e imagens, identificamos o medicamento como vermífugo para crianças. Fabricado em Pittsburgh nos Estados Unidos no século XIX e primeira metade do XX pela “Fahnestock Companies” (Figura 52), sua produção e comercialização iniciou em 1829. Este vermífugo feito inicialmente de óleo de rícino, óleos de semente de vermes, terebintina, e tintura de mirra, era o mais popular, conforme Lockhart, *et al.* (2015, p. 29-30).

Começando com Benjamin A. Fahnestock em 1829, a família Fahnestock operou duas empresas distintas que fabricavam chumbo branco (usado em tintas e produtos farmacêuticos) e uma série de medicamentos patenteados, até a morte de Benjamin L. Fahnestock em 1888, trazendo os impérios para um fim. O vermífugo da Fahnestock era um produto importante vendido por ambas as filiais. Além disso, B. L. Fahnestock operava duas fábricas de vidro – Fahnestock, Albree & Co. e Fahnestock, Fortune & Co. – entre 1860 e 1873. Todas as empresas estavam localizadas em Pittsburgh. (LOCKHART; SCHRIEVER; LINDSEY; SERR, 2015, p. 29-30).

As pesquisas também mostraram que ao longo do século XIX ocorreram alterações na grafia em alto relevo no frasco, sendo um delas a falta do apóstrofo no nome Fahnestock, inicialmente popularizado como Fahnestock's (Figuras da 53 à 56).

Figura 51 – Frasco 316 do catálogo 14, “Vermifuge”



Fonte: Foto de Gilberto Luís da Silva Carvalho; edição do autor.

Figura 52 – Imagem de um frasco completo de produção século XIX



Fonte: Lockhart, *et al* (2015, p. 30).

Figura 53 – Apresentação da medicação à venda por Hardaway & Cassel de Vicksburg/Mississippi, em 1827

**ESTABLISHED 1827.**

**B. A. FAHNESTOCK'S**  
**VERMIFUGE.**

*Children often look pale and sickly from no other cause than worms, and spasms are most frequently the result of these hidden sappers and miners.*

*When they are irritable and feverish, sometimes craving food and eating ravenously, again refusing wholesome diet, tossing restlessly in sleep, moaning and grinding the teeth, then be assured these symptoms are indications of worms.*

*Uneasiness and pain in the abdomen, with swelling and hardness, are generally attendant upon their presence.*

*Many a helpless child has been laid in the grave, when the disease which caused its death has been entirely misunderstood, and when worms have really been the cause. It has been proved beyond cavil that worms exist in the human system from earliest infancy: therefore parents—especially mothers, who are more constantly with their children, cannot be too observing of the first symptoms of worms, for so surely as they exist can they be safely and speedily removed from the most delicate infant by the timely use of B. A. Fahnestock's Vermifuge.*

*Physicians do not hesitate to recommend it and use it in their practice; and many of the most eminent of the profession, from all parts of the country, testify to its uniform success. In fact it never fails. It has frequently been given to children as a safe purgative, not suspecting the cause of the illness, and large quantities of worms were discharged and immediate relief afforded.*

*Great caution must be used by every purchaser to examine every bottle he buys of it. The simple name of FAHNESTOCK is not sufficient. He must look closely and carefully to see that the initials are B. A. FAHNESTOCK, and be satisfied with nothing else.*

FOR SALE BY  
**HARDAWAY & CASSELL,**  
Vicksburg, Miss.

Fonte: University of Rochester<sup>115</sup>.

Figura 54 – Propaganda veiculada nos Estados Unidos. A esquerda publicada em 1870; a direita em 1858



Fonte: The Texas Almanac for 1870, and Emigrant's Guide to Texas<sup>116</sup>.

<sup>115</sup>Copyright © UNIVERSITY OF ROCHESTER LIBRARIES. Todos os direitos reservados <https://urresearch.rochester.edu/institutionalPublicationPublicView.action;jsessionid=369EB985DA9818D5C703A41636CEAD4C?institutionalItemId=34732>

<sup>116</sup> O Almanaque do Texas para 1870 e o Guia do Emigrante para o Texas.

Figura 55 – Recorte de propaganda que circulou no Brasil em 1860, anunciava a eficácia no tratamento e advertia sobre as imitações



Fonte: Diário do Rio de Janeiro. Ano 1860\Edição 00036 (1)<sup>117</sup>.

Figura 56 – Propaganda em revista do Vermifugo de Fahnestock, 1917



Fonte: Propagandas Históricas.com.br<sup>118</sup>.

Disponível em: <https://texashistory.unt.edu/ark:/67531/metaph123775/m1/242/>  
Acesso: 12 jun. 2023.

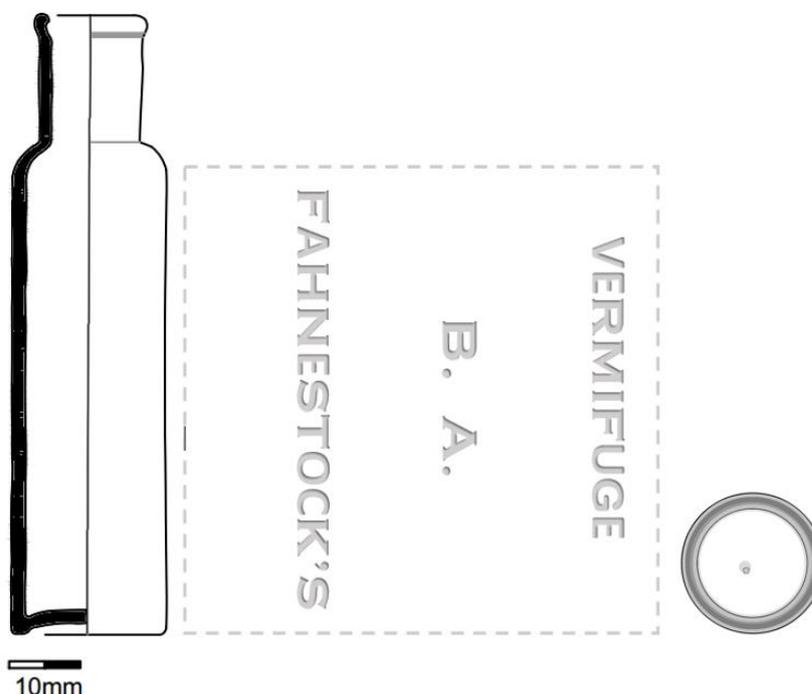
<sup>117</sup> Diário do Rio de Janeiro (RJ) - 1860 a 1878. Ano 1860\Edição 00036 (1) (Rio de Janeiro). Hemeroteca Digital Brasileira – BNDigital. Acesso: 12 jun. 2023.

<sup>118</sup> Propagandas Históricas. Disponível em:

<https://www.propagandashistoricas.com.br/2020/01/vermifugo-de-fahnestock.html>

Reprodução do método manual dos desenhos do frasco 14.12.316 (Figura 57).

Figura 57 – Desenho<sup>119</sup> do frasco, da inscrição em alto relevo no entorno das paredes e da base (Inventário 316)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 3 – Localização e atributos da peça 316 (continua)

Localização da coleta	Informações
Sítio	PSGPe 1 – Casa 8
Unidade de escavação	Poço da trincheira
Nível artificial:	Sem registro
Nº(s) de lote(s) e inventário(s)	12.316
<b>Atributos</b>	
Denominação funcional	Contentor de medicamento
Morfologia do objeto	Frasco
Atributos morfológicos	Objeto completo

Acesso: 15 jun. 2023.

<sup>119</sup> Salientamos que nos desenhos dos frascos e fundos aplicamos o rigor técnico do desenho arqueológico, reproduzindo as proporções e as peculiaridades de cada frasco, enquanto nas reproduções das inscrições objetivamos apresentar as diversidades que caracterizavam as fontes usadas, para tal usamos várias fontes disponíveis no processador de texto Microsoft Word, inclusive alterando-as.

Quadro 3 – Localização e atributos da peça 316 (continuação)

Forma do objeto	Cilíndrica
Coloração	Verde água
Dimensões da peça (cm)	A – 9,50 x Ø - ~2,28
Tipo de vedação	Rolha
Procedência	Estrangeira – Estados Unidos/ Pittsburgh
Inscrição do produto	F A H N E S T O C K ' S V E R M I F U G E B. A.
Data de produção/datação	Séculos XIX/XX
Alterações pós deposicionais	Esfolamento interno
Integridade	100%
Reconstituição de forma	Não

Fonte: Elaborado pelo autor.

## 7.2 Catálogo 18 - Epigol ou Linimento Kraemer

O frasco inventariado com o número 34.1517, proveniente do sítio PSGPe 2 – Casa 2, foi coletado na decapagem por níveis artificiais no 5º nível (40,00 a 50,00cm) da quadrícula Q. 8.7. O contentor apresenta acabamento e pescoço (parcialmente), ombro, corpo e base íntegros, tem forma retangular, coloração verde água e medidas A – 17,20cm x L – 6,30cm x C – 4,07cm. Com o acabamento para tampa rosqueada, provavelmente metálica, tem a inscrição em alto-relevo “LABORATORIO KRAEMER”. (Quadro 4). Laboratório este localizado em Porto Alegre e de propriedade de J. Adolfo H. Kraemer. Com pesquisas na internet (Mercado de Antiguidades<sup>120</sup>) encontramos um modelo de contentor do Laboratório Kraemer idêntico ao desta pesquisa, mostrando integralmente a vedação rosqueada que substitui as produções anteriores preparadas para rolha (Figura 58).

Como era um medicamento que, além da inscrição em alto-relevo com o nome da empresa já referida, apresentava um rótulo adesivado na outra face do corpo, sem o qual é muito difícil identificarmos o nome, visto que foram produzidos dois

<sup>120</sup> Disponível em: <https://www.mercadordeantiguidades.com.br/pagina/c83fd/remedios>  
Acesso: 22 jun. 2023.

medicamentos envazados em frascos equivalentes. O medicamento poderia ter sido o “Epigol”, um suplemento alimentar em solução com Cranberry, Colina, Iodeto de potássio e associações ou, o “Linimento<sup>121</sup> Kraemer”, indicado como sedativo e no tratamento das nevralgias, reumatismo, luxações, torceduras, dores de dente, de cabeça, de ouvidos e de garganta.

O Laboratório Kraemer produzia calendários e o “Almanaque IZA”, como um guia de saúde, nos quais constavam a publicidade e orientações de uso dos seus medicamentos, além dos tradicionais anúncios publicitários da época, como no Jornal do Agricultor de Caxias do Sul em 1935 (Figuras da 59 à 62).

Figura 58 – Frasco 1517 do catálogo 18



Fonte: Foto de Gilberto Luís da Silva Carvalho; edição do autor.

---

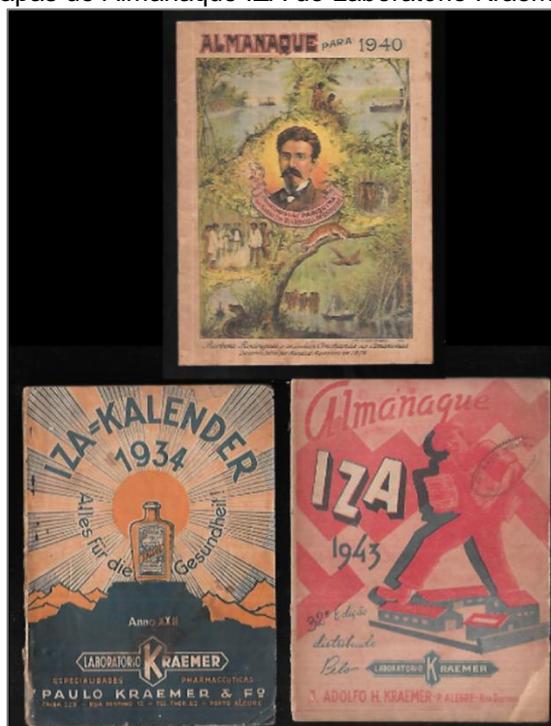
<sup>121</sup> Linimento: Medicamento untuoso, que tem por excipiente uma matéria gordurosa, usado para fricções sobre a pele.

Figura 59 – Embalagens do Epigol



Fonte: <https://www.valedocahyleiloes.com.br/peca.asp?ID=6542744>.

Figura 60 – Recortes das capas do Almanaque IZA do Laboratório Kraemer de 1934, 1940 e 1943



Fonte: Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul - Porto Alegre.

Figura 61 – Almanaque Iza 1941 - O Guia Da Saúde - Laboratório Kraemer



Fonte: Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul - Porto Alegre.

Figura 62 – Anúncio do Epigol em Caxias do Sul

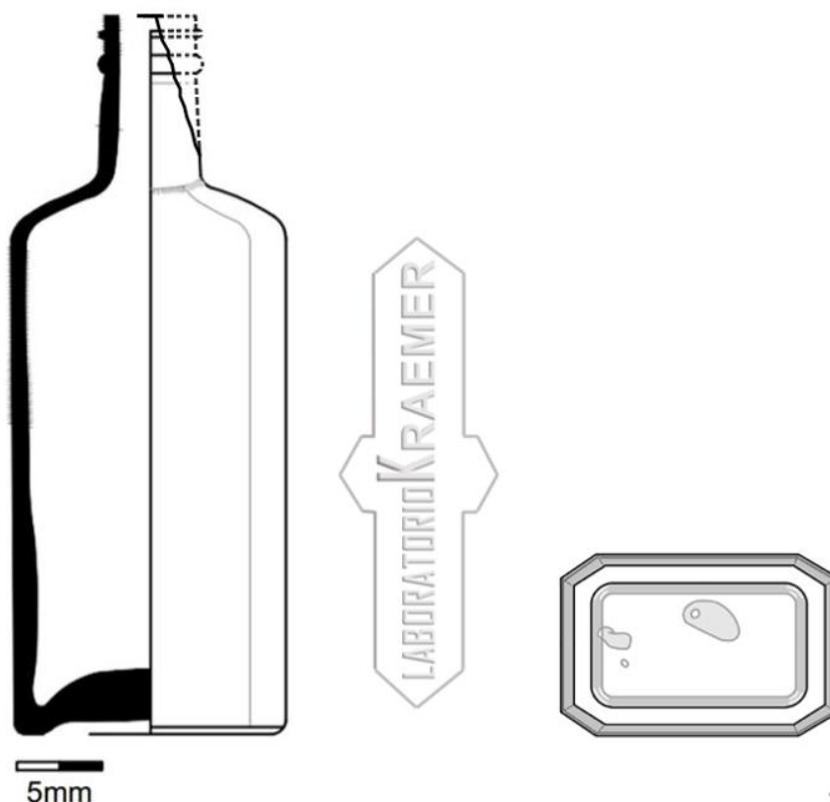


Fonte: Il Giornale Dell' Agricoltore / O Jornal do Agricultor (RS), Ano 1935, Caxias do Sul<sup>122</sup>.

<sup>122</sup> Il Giornale Dell' Agricoltore / O Jornal do Agricultor (RS) - 1934 a 1939 – Ano 1935, edição 00058-00059 (1) (Caxias do Sul). Hemeroteca Digital Brasileira - BNDigital. Acesso: 24 jun. 2023.

## Desenhos do frasco 18.34.1517 (Figura 63).

Figura 63 – Desenho do frasco, da inscrição em alto relevo na face da frente e da base



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 4 – Localização e atributos da peça 1517 (continua)

Localização da coleta	Informações
Sítio	PSGPe 2 – Casa 2
Unidade de escavação	Q. 8.7
Nível artificial:	5º (40,00 a 50,00 cm)
Nº(s) de lote(s) e inventário(s)	34.1517
<b>Atributos</b>	
Denominação funcional	Frasco
Morfologia do objeto	Contentor de medicamento
Atributos morfológicos	Acabamento, pescoço, ombro, corpo e base
Forma do objeto	Retangular – plana

Quadro 4 – Localização e atributos da peça 1517 (continuação)

Coloração	Verde água
Dimensões da peça (cm)	A – 17,20 x L – 6,30 x C – 4,07
Tipo de vedação	Rosqueada – provável metálica
Procedência	Nacional – Brasil/Porto Alegre
Inscrição do produto	L A B O R A T O R I O K R A E M E R
Data de produção/datação	XX
Alterações pós deposicionais	N/C
Integridade	>50%
Reconstituição de forma	Não

Fonte: Elaborado pelo autor.

### 7.3 Catálogo 27 – Xarope A Cornetet (frasco: A – 16,00 x L – 6,17 x C – 3,90)

No sítio PSGPe 3, campanha de 2004, os dois fragmentos foram escavados com a localização do 42.489 no 10º nível da quadrícula 105.55 e o 56.788 no 11º nível da 105.54. Com a reconstituição parcial da forma, a peça mostrou um frasco com acabamento, pescoço, corpo, ombro e base, medindo A – 16,00cm x L – 6,17cm x C – 3,90cm, incolor, com forma oval (na seção transversal do corpo) e as inscrições “PHARMACIA A CORNETET PELOTAS”. (Quadro 5). O frasco com vedação de rolha e apresenta pátina como alteração deposicional (Figura 64).

No Acervo da Reserva Técnica de Arqueologia-ICH/UFPel, encontramos relacionados a estes três sítios mais dois fragmentos relacionados a esta marca, no entanto, nas pesquisas de fontes foram raras as referências. O nome “Cornetet” está relacionado à farmácia do mesmo nome, na época localizada na rua “São Jeronimo” em Pelotas.

Outra menção foi a indicação de venda do Xarope do Bosque por A. Cornetet de Porto Alegre, publicada no ano de 1849 no “Jornal do Commercio” do Rio de Janeiro, como “Agentes Geraes para o Brasil”. Na transcrição dos “Relatorios dos Presidentes das Provincias Brasileiras: Império (RS) de 1867”, dentre outros

farmacêuticos, foi relacionado o nome de Adolfo Cornetet, como um dos doadores de medicamentos à “população necessitada”<sup>123</sup>. (Figuras 65, 66 e 67).

Figura 64 – Reconstituição com os fragmentos 489 e 788 do catálogo 27



Fonte: Foto de Gilberto Luís da Silva Carvalho; edição do autor.

Figura 65 – Recorte do “Relatorios dos Presidentes das Provincias Brasileiras: Imperio (RS). Ano 1867\Edição 00002 (1)”

A illustrada classe medica da capital prestou os melhores serviços durante a epidemia, levando os socorros de sua elevada profissão á todos os pontos, em que erão necessarios, com o maior zelo e actividade. E todos esses serviços forão prestados gratuitamente, renunciando os mesmos em bem da pobreza, os honorarios á que tinham direito. O mesmo procedimento tiverão os pharmaceuticos que fornecerão medicamentos á população necessitada.

Forão estes os Srs. Luiz Affonso de Asambuia, Fermiano Antonio de Araujo, Manoel de Araujo Castro Ramalho, Adolfo Cornetet e Theodoro Otto Marquardsen.

O Dr. inspector geral da saúde publica desenvolveo toda dedicação no desempenho das importantes funções que lhe estão confiadas, visitando constantemente as enfermerias, providenciando sobre a boa ordem do serviço medico, inspecio-

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira - BNDigital<sup>124</sup>.

<sup>123</sup> Recorte do “Relatorios dos Presidentes das Provincias Brasileiras: Imperio (RS). Ano 1867\Edição 00002 (1). (Porto Alegre).” Hemeroteca Digital Brasileira BNDigital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso: 8 jul. 2023.

<sup>124</sup> Ibidem.

Figura 66 – Informe sobre a morte da filha do farmacêutico Cornetet

— Em Itaquiatiã foi brutalmente assassinada a esposa do Sr. Oscar Torres, D. Honorina Cornetet.

Este barbaro crime foi praticado no acampamento de Joca Tavares, para onde os bandidos levaram a inditosa senhora, e depois de a submeterem aos horrores dos maiores e mais hediondos attentados contra a sua susceptibilidade pessoal !!!

D. Honorina Cornetet era natural de Pelotas e filha do finado Cornetet, outr'ora alli estabelecido com pharmacia, á rua de S. Jeronymo.

N'aquella cidade residem a mui, irmãos e parentes da desventurada senhora.

N'esta capital residem parentes. Entre estes irmãos da inditosa rio-grandense.

O cadaver foi visto e reconhecido pelo cadete Cornetet, do 30º batalhão de infantaria, e irmão da finada, e qual fazia parte da brigada do general Telles, e outr'ora residia aqui, onde assentou praça.

Fonte: Jornal do Brasil, Ano 1893, Edição 00107, Rio de Janeiro<sup>125</sup>.

Figura 67 – A. Cornetet em Porto Alegre indica como “Agentes Geraes para o Brasil”

**XAROPE DO BOSQUE.**  
 AGENTES GERAES PARA O BRAZIL:  
 RUA DO HOSPICIO N. 40. — RIO DE JANEIRO.

SUB-AGENTES:

BAHIA . . . . .	Lima Irmão.
PERNAMBUCO . . . . .	Neves e C.º
MACEIO . . . . .	Diogo Burnett.
CEARA . . . . .	Henrique Ellery.
MARANHÃO . . . . .	José Domingos Castro e C.º
PARA . . . . .	Alfredo Breloir.
RIO GRANDE DO SUL . . . . .	Antonio Teixeira Palhares.
PORTO ALEGRE . . . . .	A. Cornetet.
S. PAULO . . . . .	Henrique Fox.
CAMPOS . . . . .	Eugênio Bricoleus.
PARANAGUA . . . . .	João Crostron.
PORTO DAS CAIXAS . . . . .	Neves a Tinoco.
CIDADE DE PARACATU (Provincia de Minas Geraes) . . . . .	João José de Santa Anna.
PORTO DA ESTRELLA . . . . .	Francisco Alves Machado.
DESTERRO (Provincia de Santa Catharina) . . . . .	José Gomes dos Santos Junior.
SANTOS . . . . .	Sabino de Sá Vasconcellos.
PORTO . . . . .	Charles John Kunbarat, rua de S. Miguel n. 47.
LISBOA . . . . .	José Maria Barral, rua do Ouro ns. 250 e 251.

VENDE-SE EM CASA DOS AGENTES GERAES PARA O BRAZIL RUA DO HOSPICIO N. 40. RIO DE JANEIRO.

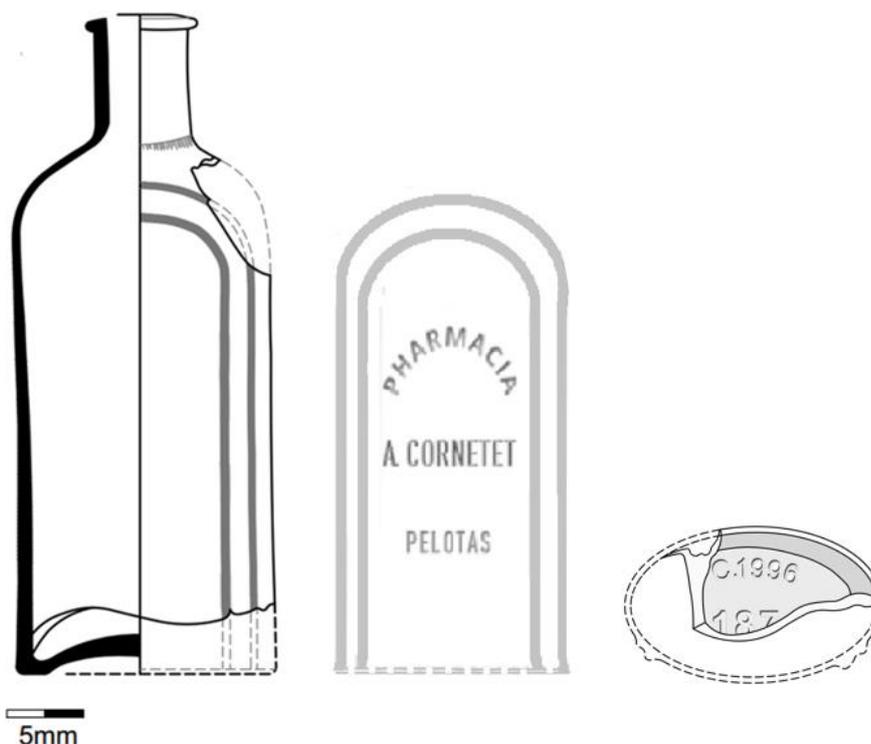
Fonte: “Jornal do Commercio”, Ano 1849, Edição 00275, Rio de Janeiro<sup>126</sup>.

<sup>125</sup> Jornal do Brasil (RJ) - 1890 a 1899. Ano 1893\Edição 00107 (1) (Rio de Janeiro). Hemeroteca Digital Brasileira BNDigital. Acesso: 10 jul. 2023.

<sup>126</sup> “Jornal do Commercio (RJ)” - 1840 a 1849. Ano 1849\Edição 00275 (1) (Rio de Janeiro).

Desenho da reconstituição de forma dos fragmentos 489 e 788 (Figura 68).

Figura 68 – Desenhos do frasco constituído das peças 27.56.788 e 27.42.489, da inscrição na face de frente e da base



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 5 – Localização e atributos do frasco parcialmente reconstituído – Peças 489 e 788 (continua)

Localização da coleta	Informações
Sítio	PSGPe 3 – Praça Cel. Pedro Osório
Unidade de escavação	Q. 105.55; Q. 105.54
Nível artificial:	10º (90,00 a 100,00 cm); 11º (100,00 a 110,00 cm)
Nº(s) de lote(s) e inventário(s)	42.489 (10º N = Q. 105.55); 56.788 (11º N = Q. 105.54)
<b>Atributos</b>	
Denominação funcional	Contentor de medicamento
Morfologia do objeto	Frasco
Atributos morfológicos	Acabamento, pescoço, corpo, ombro e base

Quadro 5 – Localização e atributos do frasco parcialmente reconstituído – Peças 489 e 788 (continuação)

Forma do objeto	Oval – (na seção transversal do corpo)
Coloração	Incolor
Dimensões da peça (cm)	A – 16,00 x L – 6,17 x C – 3,90
Tipo de vedação	Rolha
Procedência	Nacional – Brasil/Pelotas
Inscrição do produto	P H A R M A C I A A C O R N E T E T P E L O T A S
Data de produção/datação	Século XIX
Alterações pós deposicionais	Patinação
Integridade	>50%
Reconstituição de forma	Sim

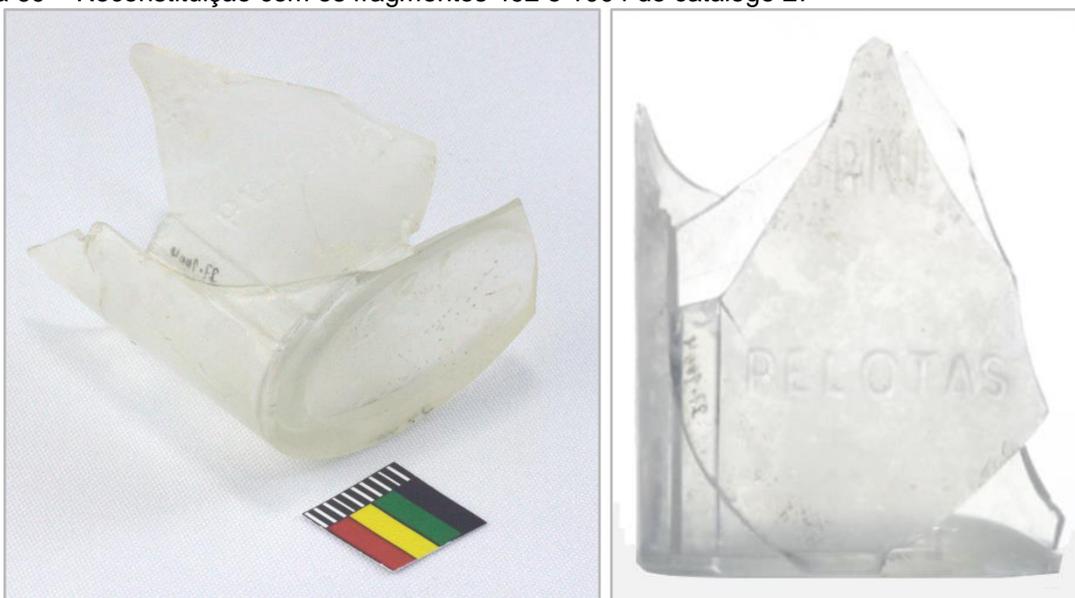
Fonte: Elaborado pelo autor.

### **Xarope A Cornetet (frasco: A – 16,00 x L – 6,17 x C – 3,90)**

Desta campanha de 2004 também foram selecionados dois fragmentos vítreos inventariados com os números 492 e 1004, que foram escavados na quadrícula 105.55 no 10º nível e na 105,54 no 12º nível respectivamente. Com a colagem das peças as medidas finais foram A – 6,88cm x L – 4,90cm x C – 3,87cm, mostrando base e corpo, incolor, com forma do objeto oval (na seção transversal do corpo) e mostrando as inscrições em alto-relevo “\_ ORNE \_ \_ \_” e “PELOTAS” (Figura 69), (Quadro 6).

As características apresentadas indicaram se tratar de um contentor de medicamento à semelhança do já referido, um medicamento produzido pela “PHARMACIA A CORNETET PELOTAS”.

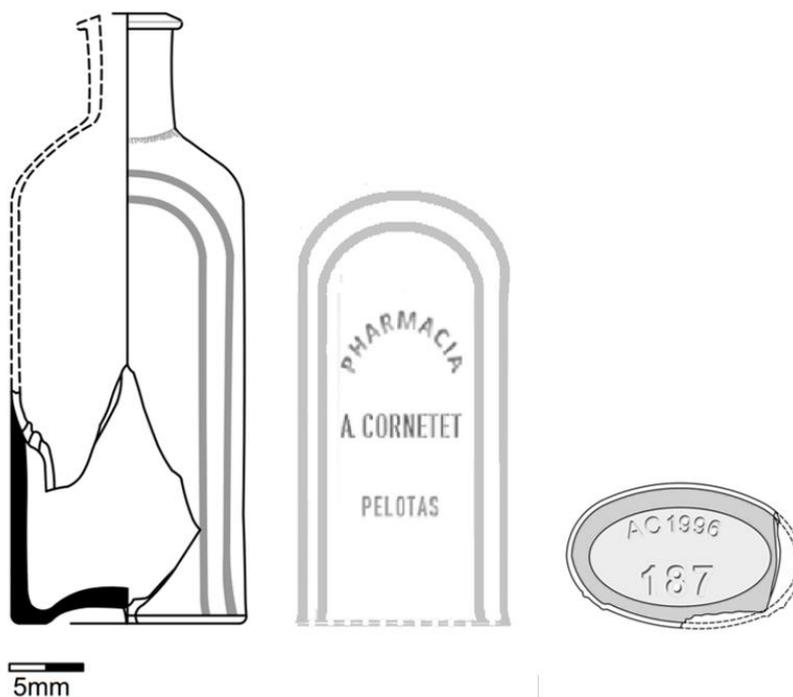
Figura 69 – Reconstituição com os fragmentos 492 e 1004 do catálogo 27



Fonte: Foto de Gilberto Luís da Silva Carvalho; edição do autor.

Desenhos da reconstituição da forma, a partir dos fragmentos 489 e 1004, orientado por frasco similar (Figura 70).

Figura 70 – Desenhos da projeção do frasco parcialmente reconstituído com as peças 42.492 e 27.57.1004, das inscrições em relevo e da base



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 6 – Localização e atributos do frasco parcialmente reconstituído – Peças 492 e 1004

<b>Localização da coleta</b>	<b>Informações</b>
Sítio	PSGPe 3 – Praça Cel. Pedro Osório
Unidade de escavação	Q. 105.55 e Q. 105.54
Nível artificial:	10º (90,00 a 100,00 cm) e 12º (110,00 a 120,00 cm)
Nº(s) de lote(s) e inventário(s)	42.492 (10º N = Q. 105.55); 57.1004 (12º N = Q. 105.54)
<b>Atributos</b>	
Denominação funcional	Contentor de medicamento
Morfologia do objeto	Frasco
Atributos morfológicos	Base e corpo
Forma do objeto	Oval - na seção transversal do corpo
Coloração	Incolor
Dimensões da peça (cm)	A – 6,88 x L – 4,90 x C – 3,87
Tipo de vedação	Rolha
Procedência	Nacional – Brasil/Pelotas
Inscrição do produto	_ O R N E _ _ _ P E L O T A S
Data de produção/datação	Século XIX
Alterações pós deposicionais	Não
Integridade	< 50%
Reconstituição de forma	Sim

Fonte: Elaborado pelo autor.

#### **7.4 Catálogo 32 – Xarope A Cornetet (A – 11,3 x L – 4,80 x C – 2,84)**

No sítio PSGPe 3, campanha de 2005, a peça arqueológica inventariada com o número 370 foi coletada na unidade de escavação trincheira leste e no 10º nível artificial (90,00cm a 100,00cm). O frasco de medicamento completo (acabamento, pescoço, ombro, corpo e base), mede A – 11,3cm x L – 4,80cm x C – 2,84cm, incolor, com forma oval (na seção transversal do corpo), com vedação de rolha e as

inscrições “PHARMACIA A CORNETET PELOTAS”. Ver quadro 7. As informações obtidas sobre a produção do medicamento até o momento estão descritas anteriormente. Com grande semelhança de projeto entre os dois frascos, a diferença está no menor tamanho deste objeto (Figura 71).

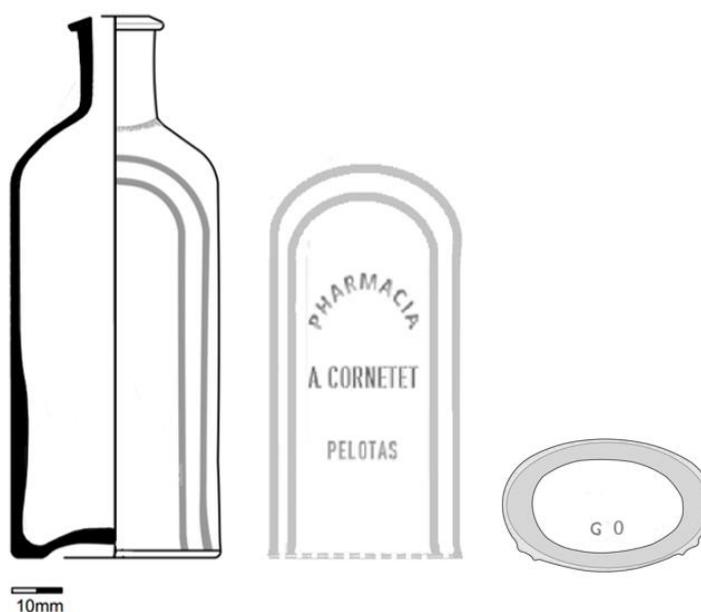
Figura 71 – Frasco 370 do catálogo 32



Fonte: Foto de Gilberto Luís da Silva Carvalho; edição do autor.

Desenho do frasco 370 (Figura 72).

Figura 72 – Desenho do frasco 370



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 7 – Localização e atributos do frasco parcialmente reconstituído – Peças 370

<b>Atributos</b>	<b>Informações</b>
Sítio	PSGPe 3 – Praça Cel. Pedro Osório
Unidade de escavação	Trincheira leste
Nível artificial:	10º (90,00 a 100,00 cm)
Nº(s) de lote(s) e inventário(s)	11.370
<b>Atributos</b>	
Denominação funcional	Contentor de medicamento
Morfologia do objeto	Frasco
Atributos morfológicos	Objeto inteiro
Forma do objeto	Oval (na seção transversal do corpo)
Coloração	Incolor
Dimensões da peça (cm)	A – 11,3 x L – 4,80 x C – 2,84
Tipo de vedação	Rolha
Procedência	Nacional – Brasil/Pelotas
Inscrição do produto	P H A R M A C I A A C O R N E T E T P E L O T A S
Data de produção/datação	Século XIX
Alterações pós deposicionais	Não
Integridade	100%
Reconstituição de forma	Não

Fonte: Elaborado pelo autor.

## 7.5 Catálogo 36 – Peitoral de Cambará

O frasco inventariado com o número 36.028<sup>127</sup>, proveniente da campanha de acompanhamento das obras de revitalização do banheiro público no sítio PSGPe 3 – Praça Cel. Pedro Osório, praticamente completo, apresenta acabamento, pescoço,

<sup>127</sup> Neste inventário a dezena refere-se ao catálogo e não ao lote.

ombro, corpo e base, conforme quadro 8. O frasco retangular apresenta em alto-relevo “PEITORAL DE CAMBARÁ” e “SOARES HOMEOPATHA”, coloração verde-azulado, medidas A – 15,80cm x L – 5,60cm x C – 3,70cm e bico para vedação com rolha (Figura 73).

Produzido em Pelotas nos séculos XIX e XX, anunciado contra enfermidades pulmonares, bronquites, asma, rouquidão e tosse, foi o medicamento mais popular do farmacêutico Souza Soares, com vendas nas principais cidades do Brasil e também em outros países (Figura 74). Além do xarope produzido com planta brasileira, “desenvolveu no final do século XIX uma considerável produção de textos instrutivos e de divulgação de seus produtos homeopáticos” (Amaral, 2020, p. 28).

[...] estruturou uma literatura médica própria e lançou suas percepções sobre a “saúde” e a “doença”, oferecendo sugestões terapêuticas (com pontos de divergência interpretativa em relação a Humphreys, por exemplo) (Amaral, 2020, p. 28<sup>128</sup>).

Muitas são as possibilidades de reproduzirmos recortes de periódicos nas principais cidades brasileiras com anúncios do Peitoral do Cambará, como já apresentado anteriormente das cidades de Belém e Recife, mas neste capítulo vamos nos reportar à divulgação que apresenta o reconhecimento legal e a eficácia do Peitoral do Cambará no jornal paulista veiculado em 1908 (Figuras 75, 76 e 77).

---

<sup>128</sup> História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. V.26/1, (dez. 2020). – Pelotas: Editora da UFPel, 2020. 1v.

Figura 73 – Peça 028 do catálogo 36



Fonte: Foto de Gilberto Luís da Silva Carvalho; edição do autor.

Figura 74 – Peitoral de Cambará comercializado em Portugal. Expressa no rótulo a ‘firma’ circundando a rolha para proteção das ‘falsificações e imitações’



Fonte: Arquivo Municipal do Porto – Portugal<sup>129</sup>.

<sup>129</sup> Câmara Municipal do Porto – Portugal, Arquivo Municipal do Porto. Disponível em: <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/620536/>  
Acesso: 19 jul. 2023.



Figura 76 – Recorte do Jornal com anúncio da 'Pharmacia de Eduardo Sequeira' de Pelotas, propagandeando do Peitoral de Cambará

**Quereis curar-vos?**

Não percaes tempo. Usaes do Peitoral de Cambará, do Sr. Souza Soares, que é remedio garantido para as enfermidades pulmonares, bronchites, asthmas, rouquidões e qualquer tosse por mais grave e impertinente que seja.

O Peitoral de Cambará vende-se na Pharmacia de Eduardo Sequeira, a 2\$500 o frasco.

N. 2122 30—9

Fonte: Correio Mercantil – Ano 1892, edição 01 (Pelotas).

Figura 77 – Propaganda do Peitoral de Cambará veiculada no jornal em 1908

**Peitoral de Cambará**

DESCOBERTA E PREPARAÇÃO DE  
**José Alvares de Souza Soares**  
(DE PELOTAS)

Esta utilis-ima e conhecida preparação medicinal, que se acha aprovada pela Exma. Junta Central de Hygiene Publica, auctorizada pelo Governo Geral e premiada com duas medalhas de ouro de 1.ª classe pela Academia Nacional de Paris e Jury da Exposição Brasileira Allemã, é altamente recommendado por um grande numero de medicos para a cura radical das enfermidades do peito e vias respiratorias.

O PEITORAL DE CAMBARÁ, pela sua efficacia provada em milhares de experiencias que hão surtido os mais satisfactorios e duradouros resultados, é hoje grandemente usado em todos os Estados do Brazil e em alguns dos mais paizes da America do Sul.

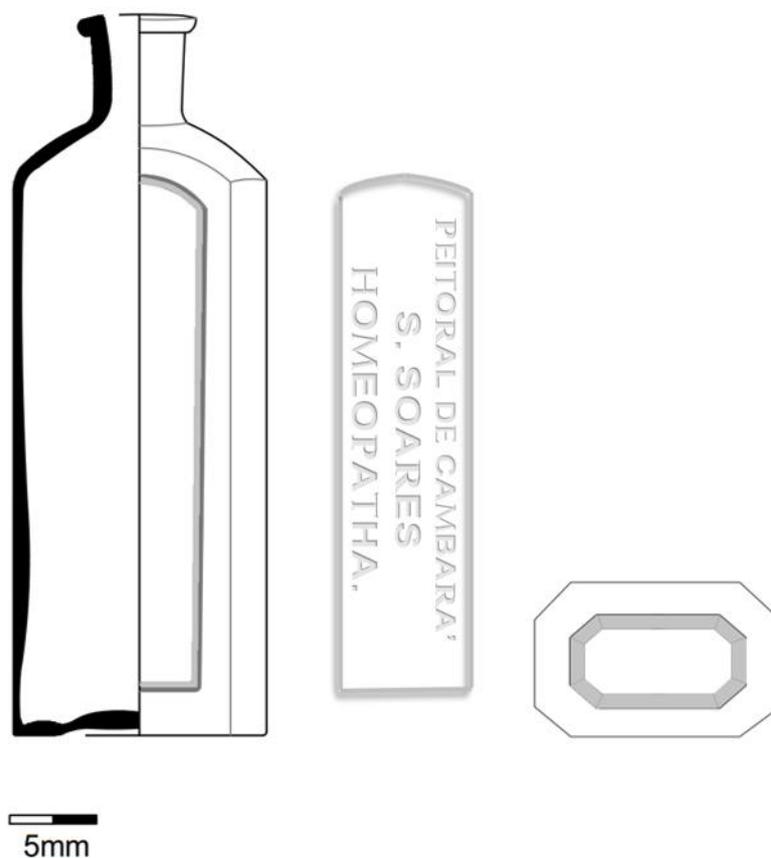
Vende-se, a 2\$500 o frasco, 13\$000 meia duzia e 24\$000 a duzia, em todas as boas pharmacias e drogarias.

São unicos agentes e depositarios no estado,  
**Lebre, Irmão & Mello**  
3 — RUA 15 DE NOYEMBRO — 3  
S. PAULO

Fonte: Peixoto; Cerqueira (2022, p. 99). Santos nos Documentos (blog), por Waldir Rueda. Disponível em: <http://santosnosdocumentos.blogspot.com/2011/03/peitoral-de-cambara-1908.html>

### Desenho do frasco 028 (Figura 77).

Figura 78 – Desenho do frasco, da inscrição em alto relevo na face da frente e da base



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 8 – Localização e atributos da peça 028 (continua)

Localização da coleta	Informações
Sítio	PSGPe 3 – Praça Cel. Pedro Osório
Unidade de escavação	--
Nível artificial:	--
Nº(s) de lote(s) e inventário(s)	___.028
<b>Atributos</b>	
Denominação funcional	Contentor de medicamento
Morfologia do objeto	Frasco
Atributos morfológicos	Objeto completo

Quadro 8 – Localização e atributos da peça 028 (continuação)

Forma do objeto	Retangular
Coloração	Verde azulado
Dimensões da peça (cm)	A – 15,80 x L – 5,60 x C – 3,70
Tipo de vedação	Rolha
Procedência	Nacional – Brasil/Pelotas
Inscrição do produto	PEITORAL DE CAMBARÁ SOARES HOMEOPATHA
Data de produção/datação	XIX e XX
Alterações pós deposicionais	Não – parte do vidro ficou com cores do arco-íris
Integridade	100%
Reconstituição de forma	Não

Fonte: Elaborado pelo autor.

### **Xarope Henry Mure**

O contentor do medicamento *Sirop Henry Mure* foi coletado no sítio PSGPe 3 – Praça Cel. Pedro Osório na campanha de 2006. Com o número de inventário \_\_.009, o frasco está praticamente inteiro, com acabamento, pescoço, ombro, corpo e base, apenas uma pequena quebra no ombro (Quadro 9). A peça é incolor, com medidas A – 19,80cm x L – 6,60cm x C – 4,54cm, vedação de rolha e a inscrição do produto “SIROP HENRY MURE” (Figura 79).

Com a pesquisa na internet encontramos no site Limédia Galeries<sup>131</sup> o cartaz de publicidade do “Sirop Henry Mure”, atribuído “Auteurs: Laboratoire des Sirops Henry Mure (Paris)”. O site informa data incerta para a produção do cartaz, mas atribui sua procedência a Charles Théodore Georges Goury, colecionador e Curador do Museu Lorraine, que viveu de 1877 a 1959 (Figura 80).

<sup>131</sup> Limédia Galeries. Fonte: Bibliotecas de Nancy, P-FG-ES-04027. Lei: domínio público. Termos de uso: documento colocado sob uma licença aberta etalab. Reutilização irrestrita e gratuita. Disponível em: <https://galeries.limedia.fr/ark:/31124/dh2b01jp1dg6gqb4/> Acesso: 22 jul. 2023.

Em outra pesquisa localizamos no site “PicClick”<sup>132</sup> (França) o “Henry Blackberry Syrup”<sup>133</sup> – Anúncio de farmácia de brometo de potássio 1900” (Figuras 81 e 82). Trata-se de um documento recortado de uma revista francesa do ano de 1900 com o tema farmacêutico, apresenta o texto, que foi por nós traduzido e em parte, pois a visualização impediu a leitura de uma frase:

O Xarope de Henry Mure com Brometo de Potassim (livre de cloreto e iodeto) testado com tanto cuidado pelos médicos dos hospícios especiais de Paris.

As coleções científicas de maior autoridade são loucas por isso. O imenso sucesso da preparação de... do bromado na França, na Inglaterra, na América, deve-se à absoluta pureza química e à dosagem matemática da mistura utilizada, bem como à sua incorporação em calda com.. de laranja amarga de origem muito qualidade superior<sup>134</sup> (tradução nossa).

Ph.. Mure, em Pont-St-Esprit. – A. Gazagne, ph.. de 1<sup>a</sup> classe, genro e sucessor (tradução nossa).

Depósito em Paris: Ph.. BRUNSCHWIK, 10. Rue Rieheliu st em todas as farmácias<sup>135</sup>.

---

<sup>132</sup> PicClik. Disponível em:

<https://picclick.fr/SIROP-HENRY-MURE-Bromure-de-potassium-pharmacie-165764956948.html>

Acesso: 22 jul. 2023.

<sup>133</sup> Xarope de Amora Henry.

<sup>134</sup> *Épilepsie – Hystérie – Névroses - Le Sirop de Henry Mure au Bromure de Potassim (exempt de chlorure et d'iodure) expérimenté avec tant de soin par les Médecins des hospices spéciaux de.... Les recueils scienti ques les plus autorisés en font fol. Le succès immense le.... préparation bromurés en France, em Inglaterra, em Amérique, tient à la pureté chimique absolue et au dosage mathématique du set employé, ainsi qu'à son incorporation dans un sirop aux clorces d'oranges amères d'une qualité très supérieure.* Acesso: 25 jul. 2023.

<sup>135</sup> Ph... Mure, à Pont-St-Esprit. – A. Gzagne, ph... de 1... classe, gendre er successeu.

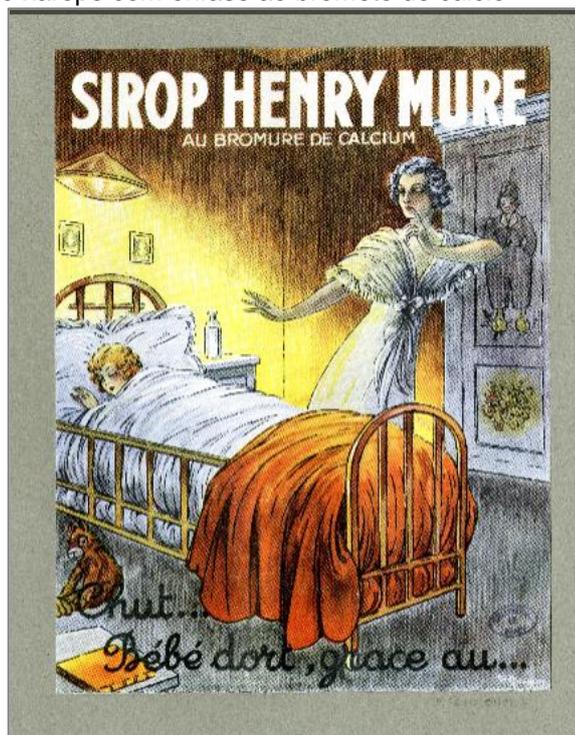
Dépôt à Paris: Ph... BRUNSCHWIK, 10. Rue Rieheliu er dans toutes Pharmacies.

Figura 79 – Peça 009 do catálogo 36, Xarope de Henry Mure



Fonte: Foto de Gilberto Luís da Silva Carvalho; edição do autor.

Figura 80 – Propaganda do xarope com ênfase ao brometo de cálcio



Fonte: Bibliotecas de Nancy, P-FG-ES-04027<sup>136</sup>. Disponível em: <https://galeries.limedia.fr/ark:/31124/dh2b01jp1dg6gqb4/>

<sup>136</sup> Fonte: Bibliotecas de Nancy, P-FG-ES-04027. Disponível em: <https://galeries.limedia.fr/ark:/31124/dh2b01jp1dg6gqb4/>  
Acesso: 22 jul. 2023.

Figura 81 – Anúncio em revista de 1900 do Xarope de Henry Mure

**ÉPILEPSIE \* HYSTÉRIE \* NÉVROSES**

Le SIROP de HENRY MURE au Bromure de Potassium (exempt de chlorure et d'iode), expérimenté avec tant de soin par les Médecins des hospices spéciaux de Paris, a déterminé un nombre très considérable de guérisons. Les recueils scientifiques les plus autorisés en font foi.

Le succès immense de cette préparation bromurée en France, en Angleterre, en Amérique, tient à la pureté chimique absolue et au dosage mathématique du sel employé, ainsi qu'à son incorporation dans un sirop aux forces d'oranges amères d'une qualité très supérieure.

Chaque cuillerée de SIROP de HENRY MURE contient 2 grammes de bromure de potassium.

Prix du flacon : 5 francs.

Ph<sup>ie</sup> MURE, à Pont-St-Espirit. — A. GAZAGNE, ph<sup>ie</sup>m de 1<sup>re</sup> classe, gendre et successeur  
Dépôt à Paris: Ph<sup>ie</sup> BRUNSCHWIK, 10, Rue Richelieu et dans toutes Pharmacies.

Fonte: PicClick. Disponível em:

<https://picclick.fr/SIROP-HENRY-MURE-Bromure-de-potassium-pharmacie-165764956948.html>

Figura 82 – Propaganda na língua espanhola

**Enfermedades Nerviosas**  
**CURACION CIERTA**  
POR EL  
**JARABE HENRY MURE**

Buen éxito demostrado por 15 años de experiencias en los Hospitales de Paris  
PARA LA CURACION DE

<b>EPILEPSIA - HISTÉRICO</b>	<b>CONVULSIONES, VÉRTIGOS</b>
<b>HISTERO, EPILEPSIA</b>	<b>CRISIS NERVIOSAS, JAQUECAS</b>
<b>BAILE DE SAN VICTOR</b>	<b>DESVANECIMIENTOS</b>
<b>ENFERMEDADES DEL CEREBRO</b>	<b>CONGESTIONES CEREBRALES</b>
<b>Y DE LA MÉDULA ESPINAL</b>	<b>INSOMNIOS</b>
<b>DIABETIS AZUCARADA</b>	<b>ESPERMATORREA</b>

Envío gratuito de un folleto muy interesante.

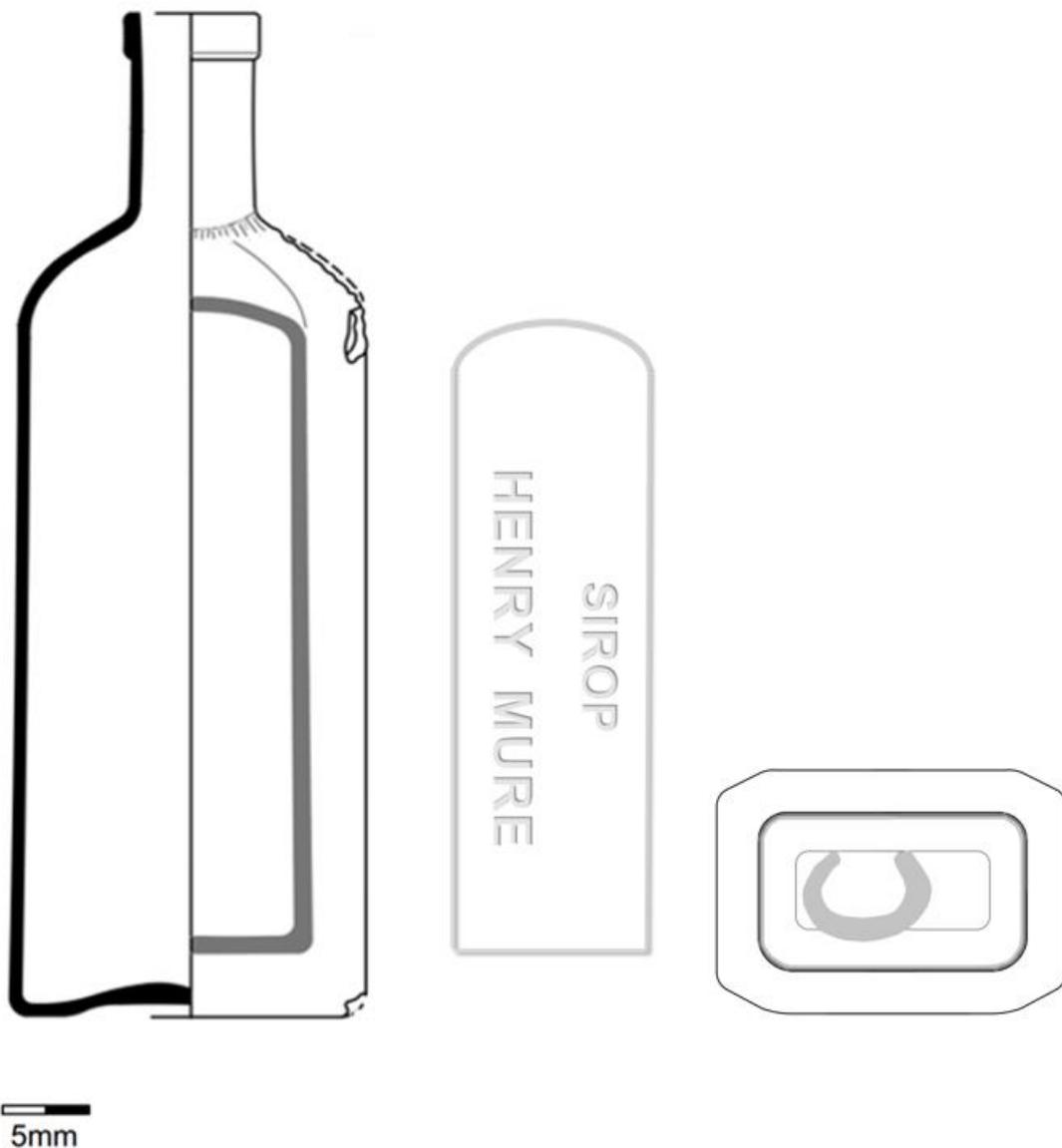
**HENRY MURE**, en Pont-Saint-Espirit (Francia)  
VÉNDASE EN TODAS LAS PRINCIPALES FARMACIAS Y DROGUERIAS  
Rechusad las falsificaciones. Exijase el nombre Mure.

Fonte: "Medicina, Historia y Sociedad"<sup>137</sup>.

<sup>137</sup>Disponível em: <https://historiadelamedicina.wordpress.com/2009/06/03/publicidad-farmaceutica-de-principios-del-siglo-xx/>  
Acesso: 22 jul. 2023.

Desenho do frasco 009 (Figura 83).

Figura 83 – Desenhos do frasco 009, das inscrições em relevo na face de frente e da base



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 9 – Localização e atributos da peça 009

<b>Localização da coleta</b>	<b>Informações</b>
Sítio	PSGPe 3 – Praça Cel. Pedro Osório
Unidade de escavação	--
Nível artificial:	--
Nº(s) de lote(s) e inventário(s)	___009
<b>Atributos</b>	
Denominação funcional	Contentor de medicamento
Morfologia do objeto	Frasco
Atributos morfológicos	Acabamento, pescoço, ombro, corpo e base
Forma do objeto	Retangular
Coloração	Incolor
Dimensões da peça (cm)	A – 19,80 x L – 6,60 x C – 4,54
Tipo de vedação	Rolha ????
Procedência	Estrangeira – França/Paris
Inscrição do produto	S I R O P H E N R Y M U R E
Data de produção/datação	Séculos XIX e XX
Alterações pós deposicionais	Não
Integridade	> 50%
Reconstituição de forma	Não

Fonte: Elaborado pelo autor.

### **A Cornetet (A – 6,97 x L – 3,35 x C – 2,11)**

No sítio PSGPe 3, campanha de 2006, a peça arqueológica foi inventariada com o número 019, mas sem menção à unidade de escavação e da cota. O frasco de medicamento está completo (acabamento, pescoço, corpo, ombro e base), mede em centímetros A – 16,00 x L – 6,17 x C - 3,90, incolor, com forma oval (na seção transversal do corpo), com vedação de rolha e as inscrições “PHARMACIA A CORNETET PELOTAS” (Figura 84) (Quadro 10). As informações obtidas sobre a

produção do medicamento até o momento estão descritas anteriormente. Com grande semelhança de projeto entre os dois frascos, a diferença está no menor tamanho deste objeto.

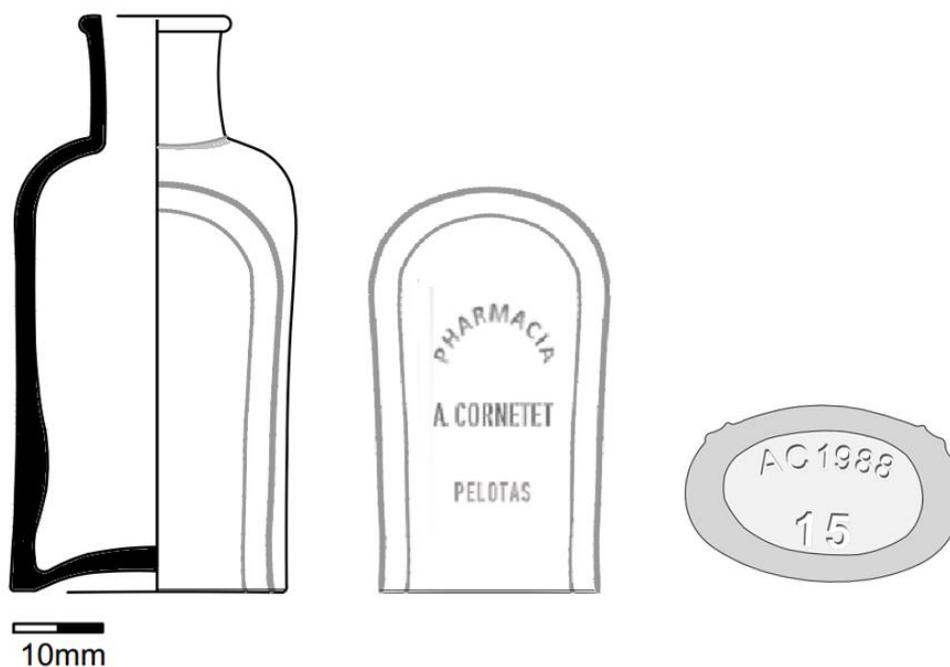
Figura 84 – Peça 019 do catálogo 36, Xarope de “A Cornetet”



Fonte: Foto de Gilberto Luís da Silva Carvalho; edição do autor.

Desenho do frasco 019 (Figura 85).

Figura 85 – Desenhos do frasco, da inscrição em alto relevo na face da frente e da base



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 10 – Localização e atributos da peça 019

<b>Localização da coleta</b>	<b>Informações</b>
Sítio	PSGPe 3 – Praça Cel. Pedro Osório
Unidade de escavação	--
Nível artificial:	--
Nº(s) de lote(s) e inventário(s)	10.019
<b>Atributos</b>	
Denominação funcional	Contentor de medicamento
Morfologia do objeto	Frasco
Atributos morfológicos	Objeto completo
Forma do objeto	Oval (na seção transversal do corpo)
Coloração	Incolor
Dimensões da peça (cm)	A – 6,97 x L – 3,35 x C – 2,11
Tipo de vedação	Rolha
Procedência	Nacional – Brasil/Pelotas
Inscrição do produto	P H A R M A C I A A C O R N E T E T P E L O T A S
Data de produção/datação	Século XIX
Alterações pós deposicionais	N/C
Integridade	100%
Reconstituição de forma	Não

Fonte: Elaborado pelo autor.

### **Tonico Oriental para el Cabello**

O frasco inventariado com o número 011 apresenta pescoço, ombro, corpo e base, com formato retangular, cor *aqua* e vedação rosqueada, foi coletado na campanha de 2006 no sítio PSGPe 3. Praticamente inteiro, tem como medidas A – 13,50cm x L – 5,40cm x C – 3,34cm e a inscrição esclarecedora em alto relevo “TONICO ORIENTAL PARA EL CABELLO” e “LANMAN Y KEMP NEW YORK”.

Produzido em New York pela empresa Lanman & Kemp, o toucador também era referido como “AGUA DE FLORIDA DE MURRAY & LANMAN” (Figuras 86, 87 e 88) e (Quadro 11).

Apesar de a empresa Lanman & Kemp ter registrado como “Oriental Hair Tonic” como “preparação de toailete”, o tônico capilar está incluído neste trabalho como medicamento, porque sua ação prevista é interna, fortalecendo as estruturas foliculares<sup>138</sup> e ativando a circulação sanguínea do couro cabeludo. Também levamos em conta que a alopecia androgenética, conhecida como calvície, tem como causa a genética, a hereditariedade, os desequilíbrios hormonais, o estresse, as doenças autoimunes e deficiências nutricionais tratando-se de uma doença.

Atualmente no Brasil a ANVISA controla a distribuição, divulgação e comercialização de tônicos capilares, sejam industrializados ou manipulados<sup>139</sup>.

A marca “Oriental Hair Tonic” foi registrada nos EUA em 1884, embora já estivesse em anúncio no catálogo John F. Henry, Curran & Co. de 1875.

David T. Lanman, localizado em 69 Water St., Cidade de Nova York em 1836, formou uma parceria com Lindley Murray em 1842. Murray deixou o negócio em 1854 e George Kemp, um escriturário sênior, tornou-se um sócio silencioso. Em 1858, a empresa tornou-se conhecida como DT Lanman & Kemp, em 1861, Lanman & Kemp. A dupla produziu muitos produtos, incluindo o Florida Water, mantendo seu nome original; eles também produziram a salsaparrilha de Bristol. Lanman morreu em 1864; em 1871, a empresa mudou-se de 69 Water St. para 70 William St. Em 1901, a Lanman & Kemp fundiu-se com a Barclay & Co. Em um registro de marca comercial de 1912 para o Oriental Hair Tonic, observou-se que George Massey também era membro da empresa. Naquela época, a parte Kemp da parceria era compartilhada por cerca de 5 herdeiros. Uma embalagem de 1925 indica que Lanman & Kemp Barclay & Co ainda estavam no mercado pelo menos até essa hora (John F. Henry, Curran & Co. de 1875).

Com a publicidade escrita em português o tônico teve anúncios no Rio Grande do Sul, como no “O Lusitano: orgam da colonia portuguesa no Rio Grande do Sul (RS)– 1912 (Porto Alegre)<sup>140</sup>” (Figura 89), no entanto, a empresa atendeu desde o

---

<sup>138</sup> Visão Hospitalar. Disponível em: <https://revistavisaohospitalar.com.br/tonicos-capilares-sera-que-funcionam-mesmo/>  
Acesso: 17 jun. 2023.

<sup>139</sup> O Tricologista. Disponível em: <http://otricologista.com/>  
Acesso: 17 jun. 2023.

<sup>140</sup> Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/O-Lusitano/846597>  
Acesso: 18 jun. 2023.

início a uma clientela hispânica, uma vez que se autodenominava “The Spanish Druggists to the Mundo”, como se pode ver no folheto publicitário em língua espanhola, provavelmente de 1864, em que chama a atenção a afirmação de que o produto foi preparado em “San Martin de Provensals, Barcelona”<sup>141</sup> (Figura 90). Outro anúncio de 1870 indicou a fabricação do tônico no Uruguai (Figura 91).

Figura 86 – Peça 011 do catálogo 36, “Tonico Oriental”



Fonte: Foto de Gilberto Luís da Silva Carvalho; edição do autor.

Figura 87 – Anúncio da empresa Murray & Lanman's apresentando 'Água da Flórida Murray & Lanman' e Tônico Capilar Oriental em 1883, com forte apelo cândido



Fonte: <https://www.digitalcommonwealth.org/search/commonwealth:5h73z4549>

<sup>141</sup> Escrita usual: Sant Martí de Provençals, Barcelona.

Figura 88 – Divulgação do Tônico Oriental no EUA início do século XX



HAVE YOU EVER USED

**Oriental Tonic,**  
THE GREAT  
**HAIR RESTORER ?**

It is infallible for Renewing, Invigorating and Beautifying the Hair, removing Scurf, Dandruff, and curing all affections of the Scalp, upon which it has an almost miraculous effect, causing a splendid crop of Hair to spring up and flourish where before all was barren.

**TRY ORIENTAL TONIC ONCE  
AND YOU WILL USE IT EVER AFTERWARDS !**

**MURRAY & LANMAN**  
**FLORIDA WATER**  
The Universal Perfume.

Excelling in delicate fragrance the most noted foreign colognes. It has steadily grown in popular favor and become a confirmed favorite with the best class of society. It is piquant and refreshing, and retains its odor even after a long exposure to the air.

From a strictly hygienic point of view, it has been warmly recommended by the medical profession in cases of **fever, headache, debility, nausea, lassitude and faintness**, for its reviving effects.

Fonte: <https://biblio.ie/book/tnico-oriental-para-el-cabello-lanman/d/632606950>

Figura 89 – Anúncio no ‘O Lusitano: orgam da colonia portuguesa no Rio Grande do Sul (RS)’– 1912 (Porto Alegre). Ano 1912\Edição 00029<sup>142</sup>



**Delicias do Toucador.**

Entre as innumeráveis preparações de que se vale o He'lo Sexo para conservar e dar realce a seus naturaes attractivos Nada ha que possa comparar-se com a celebre

**AGUA DE FLORIDA DE MURRAY & LANMAN**  
como perfume delicioso e refrescante, e com o

**TONICO ORIENTAL**  
PARA O CABELLO

como a melhor preparação para perfumar, aforinosar e augmentar o cabelo.  
TIRA A CALVA. IMPEDU A SAHIDA DAS CANS.  
CADA UNO DE SUOS ESPECIES É UNICO E SEM RIVAL.

**CUIDADO COM AS IMITAÇÕES**  
EXIJA-SE SEMPRE A 'MÁRCA INDUSTRIAL' DOS UNICOS PROPRIETARIOS  
**LANMAN & KEMP, NEW YORK.**

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

<sup>142</sup> Hemeroteca Digital Brasileira. BNDigital. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/O-Lusitano/846597>  
Acesso: 23. jun. 2023.

Figura 90 – Folheto publicitário em espanhol do ‘Tonico Oriental’, indicando fabricação em “San Martin de Provencals, Barcelona



Fonte: <https://biblio.ie/book/tonico-oriental-para-el-cabello-lanman/d/632606950>

Figura 91 – Anúncio publicitário do tônico para cabelos da “Lanman & Kemp & CO.” produzido no Uruguai em 1870

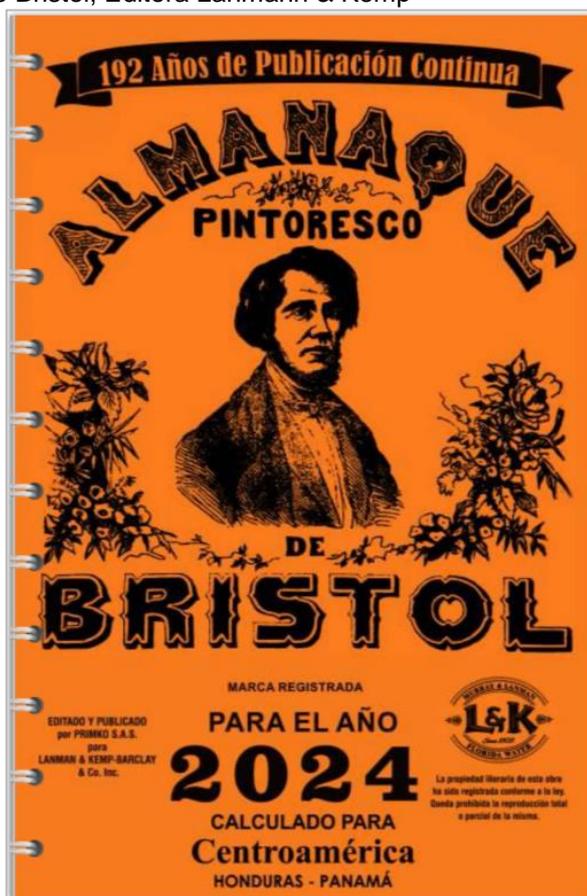


Fonte: © 2023 Florida Water Lanman e Kemp Barclay & Company e/ou seus Fornecedores<sup>143</sup>.

<sup>143</sup> © 2023 Florida Water Lanman e Kemp Barclay & Company e/ou seus Fornecedores. Disponível em: <https://floridawater.com/pages/almanacs>. Acesso: 6 ago. 2023.

Anunciando na capa os seus 192 anos de contínua publicação, o Almanaque Bristol, com editoração da empresa Lanman & Kemp, publicou em 2024 para Honduras e Panamá em espanhol (Figura 92).

Figura 92 – Almanaque de Bristol, Editora Lanmann & Kemp

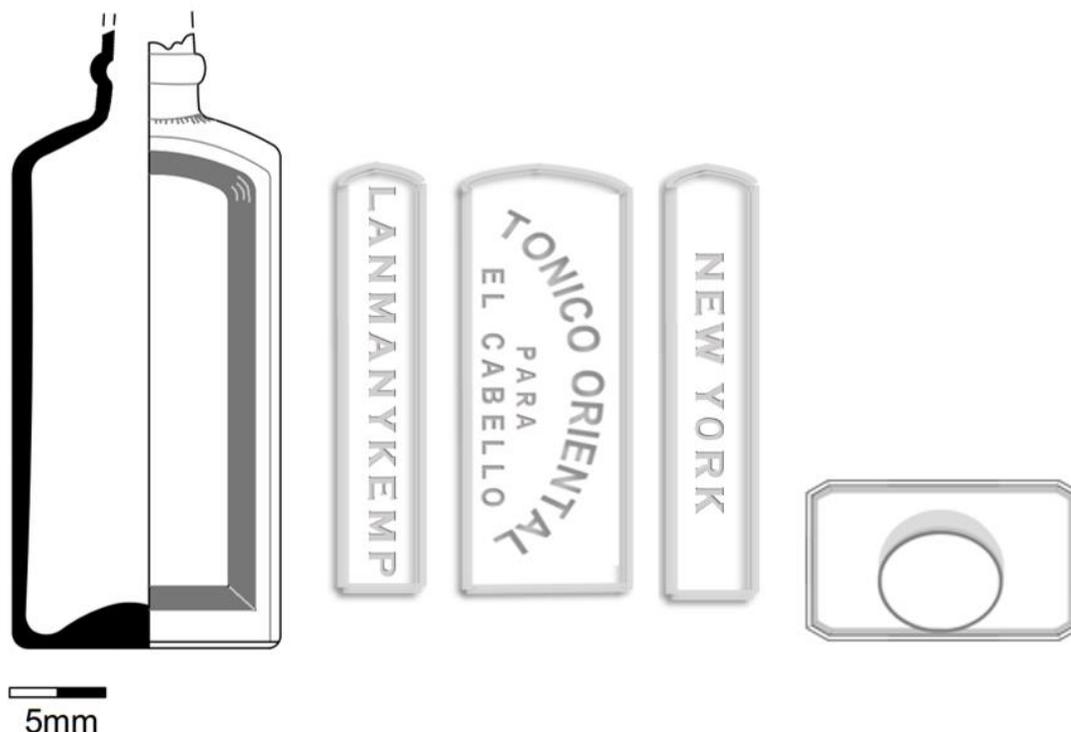


Fonte: © 2024 FLORIDA WATER LANMAN E KEMP BARCLAY & COMPANY E/OU SEUS FORNECEDORES<sup>144</sup>.

<sup>144</sup> © 2023 Florida Water Lanman e Kemp Barclay & Company e/ou seus Fornecedores. Disponível em: <https://floridawater.com/pages/almanacs>. Acesso: 6 ago. 2023.

### Desenho do frasco 011 (Figura 93).

Figura 93 – Desenhos do frasco 011, das inscrições nas fachadas (esquerda, central e direita respectivamente) e da base



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 11 – Localização e atributos da peça 011 (continua)

Localização da coleta	Informações
Sítio	PSGPe 3 – Praça Cel. Pedro Osório
Unidade de escavação	--
Nível artificial:	--
Nº(s) de lote(s) e inventário(s)	10.011
<b>Atributos</b>	
Denominação funcional	Contentor de medicamento – para cabelos
Morfologia do objeto	Frasco
Atributos morfológicos	Pescoço, ombro, corpo e base
Forma do objeto	Retangular
Coloração	Aqua

Quadro 11 – Localização e atributos da peça 011 (continuação)

Dimensões da peça (cm)	A – 13,50 x L – 5,40 x C – 3,34
Tipo de vedação	N/C
Procedência	Estrangeira – Estados Unidos da América/New York
Inscrição do produto	TONICO ORIENTAL PARA EL CABELLO LANMANYKEMP NEW YORK
Data de produção/datação	Séculos XIX e XX
Alterações pós deposicionais	N/C
Integridade	>50%
Reconstituição de forma	Não

Fonte: Elaborado pelo autor.

### Óleo de Fígado de Bacalhau Hogg

Outro medicamento registrado e de procedência francesa (Paris) foi o Óleo de Fígado de Bacalhau Hogg, escavado no sítio PSGPe 3 – campanha 2006. Trata-se de um frasco completo, inventariado com o número 012, incolor, de vedação com rolha, altura de 8,30cm e com formato de base e corpo triangulares, ombro escalonado e pescoço cilíndrico. A largura das paredes é de 2,72cm para cada uma e nelas consta a inscrição em alto relevo “PHARMACIEN HOGG PARIS” (Figura 94), (Quadro 12).

O inglês Thomas Paul Hogg, junto com seu pai Walter Douglas Hogg, muda-se para Paris em 1840 e, após a conclusão dos seus estudos de farmacêutico, cria sua farmácia na década de 1850 com o nome “Pharmacien Hogg”. Antes, em 1849, já empreendera uma fábrica de produção de óleo de fígado de bacalhau, que se tornou o fulcro da sua produção de medicamentos, não só na forma líquida convencional da época, mas também em cápsula (Frogerais, 2018, on-line) (Figura 95).

O crescimento da produção do óleo de fígado de bacalhau Hogg foi impulsionado pelo reconhecimento do produto na França em 1840, pela Farmacopeia Universal como medicinal para gota, reumatismo, micose, manchas da córnea e como “poção anti-raquítica” (Raynal, 2011, p. 552, on-line).

O óleo de fígado era transportado em barris por via marítima, para ser engarrafado e finalizado o produto tanto em Paris como em Londres. Após a morte de Thomas Paul Hogg em 7 de maio de 1903, a produção de medicamentos da marca Hogg continuou até 1920 com seu filho, o farmacêutico e médico Walter Douglas (Raynal, 2011, p. 550, on-line).

Inicialmente o frasco de vidro era produzido “PHARMACIEN HOGG PARIS” em alto relevo, e depois conforme “Museum & Library da New-York Historical Society”:

Colado na garrafa, etiqueta de papel impressa em preto e vermelho com a inscrição começando “ÓLEO DE FÍGADO DE BACALHAU PURO DE HOGG'S”; na outra face, inscrição impressa “HOGG & CIE. PHARMACIENS ANGLAIS PARIS”; papel em cima de cortiça coberto com papel alumínio (provavelmente cobre); selado e cheio de óleo de fígado de bacalhau.

Impresso: no rótulo de papel afixado na garrafa: “[H]OGG'S PURO BACALHAU DE FÍGADO DE ÓLEO/ HUILE DE FOIE DE MORUE PURE DE HOGG/ Cette Huile, qui vient directement de notre fabrique de Terre-Neuve (Amérique/du Nord). [continua por vários parágrafos]”  
 impresso: do outro lado da garrafa: “HOGG & CIE./ PHARMACIENS ANGLAIS/ PARIS”  
 impresso: no gargalo da garrafa: “DEPOSE/ DE MORUE”; “DEPÓSITO/ HUILE DE FOIE”; “DEPOSE/ DEMI FLACON”  
 impresso: na etiqueta de papel no selo da garrafa: “MARQUE DE FABRIQUER/ DEPOSEE EN FRANCE (Museum & Library da New-York Historical Society)<sup>145</sup>.”

Na Exposição Universal de Paris, em 1889, o óleo de Hogg recebeu o certificado do Chefe de Trabalhos Químicos da Faculdade de Medicina de Paris (Figura 96). Dentre as considerações constantes no certificado segue:

Analisei o óleo de fígado de bacalhau vendido por W. Hogg, farmacêutico, 2, rua Castiglione; este óleo, preparado com grandes fígados de bacalhau não putrefatos, contém quase o dobro de princípios ativos do hilo que obtive na loja; além disso, o óleo de Hogg não tem inconvenientes em termos de cheiro e sabor [...].

“Exigir o selo de garantia da União dos fabricantes de Paris no envelope externo. POR FAVOR, QUEBRE AS GARRAFAS VAZIAS” (Tradução nossa).

<sup>145</sup> Museum & Library da New-York Historical Society. Disponível em: <https://emuseum.nyhistory.org/objects/25782/hoggs-pure-cods-liver-oil>  
 Acesso: 20 mai. 2023.

Figura 94 – Peça 012 do catálogo 36, “Óleo de Fígado de Bacalhau Hogg”



Fonte: Foto de Gilberto Luís da Silva Carvalho; edição do autor.

Figura 95 – Registro do rótulo *Huile Hogg* no *Coll. Compiègne INPI*<sup>146</sup>



Fonte: Raynal, 2011, P. 553.

<sup>146</sup> INPI: Institut National de la Propriété Industrielle, França.

Figura 96 – Divulgação do Certificado de Chefe de Trabalhos Químicos da Faculdade de Medicina de Paris

ÉTABLISSEMENT FONDÉ A TERRE-NEUVE EN 1849.

**HUILE DE FOIE DE MORUE DE HOGG**

PHARMACIEN,  
2 Rue Castiglione, A PARIS

La seule ayant obtenu un DIPLOME D'HONNEUR (Nice 1884)  
EXPOSITION UNIVERSELLE, PARIS 1889: LA PLUS HAUTE  
RÉCOMPENSE DÉCERNÉE AUX HUILES DE FOIE DE MORUE

**ATTESTATION**  
du Chef des Travaux Chimiques de la Faculté de Médecine de Paris

« J'ai analysé l'huile de foie de morue que vend **M. Hogg**, pharmacien, 2, rue Castiglione; cette huile, préparée avec de gros foies de morue non putréfiés, renferme près de deux fois plus de principes actifs que l'huile que je me suis procurée dans le commerce; d'ailleurs l'**huile de Hogg** n'a aucun inconvénient sous le rapport de l'odeur et de la saveur... »  
« signé: O. Lesueur. »

Souveraine pour donner des forces aux enfants chétifs, délicats, affaiblis par la croissance ou une dentition difficile; elle opère des guérisons les plus merveilleuses chez les personnes épuisées par la grossesse, l'allaitement, une longue maladie: par la scorofule, le scorbut, le cancer, l'albuminurie, le diabète, mais surtout dans les maladies du poumon: toux, bronchites, phthisie; enfin de l'estomac, car c'est à la fois un médicament et un aliment très nourrissant. L'**HUILE de HOGG** est de couleur paille et a un bon goût de sardine ou d'huitre. Elle ne se vend qu'en flacon triangulaire (*propriété exclusive*) accompagnée d'une instruction détaillée. (1/2 flacon 4 francs, grand flacon 8 fr.) Pour une demande de 3 flacons ou de 6 demi-flacons, on paie 20 fr. au lieu de 24 fr. franco.

Exiger sur l'enveloppe extérieure le timbre de garantie de l'Union des Fabricants de Paris.  
**PRIÈRE DE CASSER LES FLACONS VIDES.**  
Se trouve dans les Pharmacies de tous les pays et notamment chez M

www.delcampe.net collectomania

Fonte: Cartões Chromos PHARMACY Médico Óleo de Fígado de Bacalhau de Hogg<sup>147</sup>

Em propagandas do Óleo de Fígado de Bacalhau Hogg veiculadas no Brasil encontramos menção a forma característica do fiasco do medicamento. Em 'A Federação' de Porto Alegre citam "Fracos Angulares" e na 'A Opinião Pública de Pelotas' "Fracos Triangulares" (Figuras 97 e 98).

Figura 97 – Propaganda do produto indicando as características angulares do frasco

**OLEO de HOGG**

de FIGADO FRESCO de BACALHAU, NATURAL e MEDICINAL (FRASCOS TRIANGULARES)

UNICO PROPRIETARIO: HOGG, 2, Rue Castiglione, PARIS, e EM TODAS AS PHARMACIAS

Fonte: A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - (Porto Alegre). Ano 1895\Edição 00102 (1)<sup>148</sup>. BNDigital.

<sup>147</sup> Disponível em:

[https://www.delcampe.net/en\\_GB/collectables/advertising/2-cards-chromos-pharmacie-medecin-huile-de-foie-de-morue-de-hogg-614400658.html](https://www.delcampe.net/en_GB/collectables/advertising/2-cards-chromos-pharmacie-medecin-huile-de-foie-de-morue-de-hogg-614400658.html)

Acesso: 12 abr. 2023.

<sup>148</sup> A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937 (Porto Alegre). Ano 1895\Edição 00102 (1). Hemeroteca Digital Brasileira - BNDigital. Acesso: 12 abr. 2023.

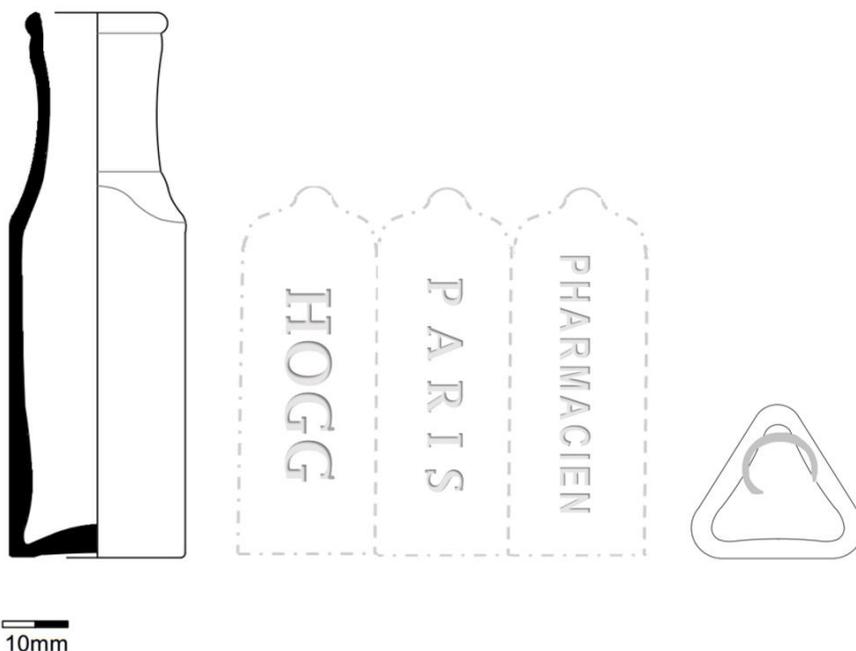
Figura 98 – Propaganda do produto em Pelotas



Fonte: 'A Opinião Publica' (RS) - (Pelotas). Ano 1908\Edição 00058 (1)<sup>149</sup>.

Desenho do frasco 012 (Figura 99).

Figura 99 – Desenhos do frasco, das inscrições em alto relevo nas três faces e da base



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 12 – Localização e atributos da peça 012 (continua)

Localização da coleta	Informações
Sítio	PSGPe 3 – Praça Cel. Pedro Osório
Unidade de escavação	--
Nível artificial:	--
Nº(s) de lote(s) e inventário(s)	10.012
<b>Atributos</b>	

<sup>149</sup> Fonte: "A Opinião Publica (RS)" - 1900 a 1911 (Pelotas). Ano 1908\Edição 00058 (1). Hemeroteca Digital Brasileira. BNDigital. Acesso: 12 abr. 2023.

Quadro 12 – Localização e atributos da peça 012 (continuação)

Denominação funcional	Contentor de medicamento
Morfologia do objeto	Frasco
Atributos morfológicos	Objeto completo
Forma do objeto	Triangular
Coloração	Incolor
Dimensões da peça (cm)	A – 8,30 x L – 2,72 (das paredes)
Tipo de vedação	Rolha
Procedência	Estrangeira – França/Paris
Inscrição do produto	P H A R M A C I E N H O G G P A R I S
Data de produção/datação	Século XIX e duas primeiras décadas do XX
Alterações pós deposicionais	Patinação
Integridade	100%
Reconstituição de forma	Não

Fonte: Elaborado pelo autor.

## Considerações finais

*O fértil tema - frascos de vidro de medicamentos - relaciona-se com a arte de curar de modo atemporal, como denota o primeiro aforismo de Hipócrates, “A vida é breve, a arte é longa, a oportunidade fugaz, a experiência enganosa, o julgamento difícil”, que foi e continua servindo às reflexões das práticas médicas.*

O desenvolvimento da pesquisa foi variado em suas abordagens não para compor um procedimento analítico de elementos a serem tomados isoladamente, mas para buscar uma abordagem holística das interconexões dos contextos local, regional, nacional e internacional.

Os diferentes documentos transcritos como textuais, plantas, mapas, iconográficos, informativos e outros utilizados, impõem apreender a rede de significados que as materialidades expressam, como Voss (2005. In: Santana, 2015, p. 20), “salientando questões como as de representações do mundo, noções de governamentalidade, estruturas de poder, ações sociais dos sujeitos e a vida social dos objetos”.

A materialidade expressada da área do segundo loteamento de Pelotas (área dos três sítios arqueológicos escavados), foi a expressão de ideias articuladas no mundo global.

O território imaterial pertence ao mundo das ideias, das intencionalidades, que coordena e organiza o mundo das coisas e dos objetos: o mundo material. A importância do território imaterial está na compreensão dos diferentes tipos de território material. Nós transformamos as coisas, construímos e produzimos objetos na produção do espaço e do território. Pensamos o território imaterial a partir da mesma lógica do território material, como a determinação de uma relação de poder. (Fernandes. In: Saquet; Sposito, 2009, p. 211).

Conforme Funari, (1988, p. 10) “não há uma oposição entre os dois níveis que justifique o estudo apenas das coisas: a cultura refere-se, a um só tempo, ao mundo material e espiritual”.

No Brasil Império, ocorreu o início do processo de institucionalização da Medicina<sup>150</sup> com a criação das escolas de cunho acadêmico, num período de migrações de médicos, farmacêuticos homeopatas e práticos da Teoria dos Humores vindos da Europa. As performances destes teóricos e práticos da arte de curar foi vigorosa, com ampla divulgação de manuais, almanaques, propaganda e fabricação de medicamentos, traziam as experiências obtidas nas metrópoles colonialistas. Com um compêndio de suas doutrinas curativas, alguns deles emularam a medicina acadêmica.

O Brasil do século XIX e metade do XX herdou, dos séculos anteriores, conhecimentos, habilidades e práticas baseadas em experiências culturais, que concorreram para uma relação conflituosa, embora também, socio-historicamente tenha contribuído para a arte de curar. Mesmo depois do Período Imperial, o Brasil em sua colonialidade, as práticas de curas permearam a vida social da população e também aspectos econômicos e políticos.

Cabe ressaltar que no século XIX, seguindo o século anterior, há significativa presença dos boticários e farmacêuticos, reconhecidos como aqueles profissionais que manipulavam fórmulas e vendiam em boticas. Segundo Figueiredo (2002c, In: Guimarães, 2016, p. 27), após a criação da Faculdade de Farmácia de Ouro Preto no início do século XIX, apenas os formados foram considerados farmacêuticos.

No entanto as licenças de boticário continuaram a ser concedidas aos práticos, desde que estes comprovassem exercer a atividade há mais de seis anos (Guimarães, 2016, p. 27).

Os donos e empregados das boticas chegaram mesmo a cumprir, em certas regiões, o papel que a princípio era destinado aos médicos oficiais (Marques, 1999. In: Guimarães, 2016, p. 27).

O Rio Grande do Sul, plenamente inserido nas circunstâncias de práticas de cura referidas, teve no período do final do século XIX e décadas iniciais do XX a medicina identificada como acadêmica, no entanto, isto não significou que esta havia sobrepujado outras práticas de cura. Na Província e depois no Estado, circulavam os manuais de medicina popular homeopáticos com forte aceitação da população. Autores de manuais da terapêutica popular como Humphreys foram apropriados por diversos práticos da cura e, para o mais significativo exemplo, a literatura médica de

---

<sup>150</sup> Assunto de interesse de estudos e debates entre historiadores há algumas décadas.

Souza Soares, estabelecido em Pelotas. Weber (1998, p. 19-28) e Witter (2001, p. 15-16) refutam a interpretação de outros autores, sobre a hegemonia e o poder disciplinador da medicina científica no Período Imperial e República no Rio Grande do Sul.

A Vila de São Francisco de Paula e depois cidade de Pelotas do século XIX, que teve forte desenvolvimento econômico a partir da década de trinta por decorrência da produção do charque, reorganizou o seu plano urbano com o segundo loteamento. Para alguns pesquisadores prepondera para este plano urbanístico o crescimento demográfico, mas entendemos ser necessário conjugar que a elite econômica passa a se notabilizar socialmente, objetivando um espaço mais suntuoso e organizado.

A ideia que norteou este trabalho foi a vidraria de medicamentos coletada nos trabalhos arqueológicos nos sítios PSGPe 1 – Casa 8 (residências do Conselheiro Francisco Antunes Maciel), PSGPe 2 – Casa 2 (inicialmente residência de José Vieira Viana e posteriormente adquirida pelo Barão de Butuí) e PSGPe 3 – Praça Cel. Pedro Osório para, a partir dos diferentes contextos que envolveram os descartes, para a hipótese de consumos diferenciados entre as duas casas da elite e a área pública, numa abordagem, ao final, da abrangência dos fatores sociais e econômicos determinando à aquisição de medicamentos.

[...] A doença pertence não só à história superficial dos progressos científicos e tecnológicos como também à história profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às instituições, às representações, às mentalidades (Le Goff, 1985, p. 7-8).

Após as análises das peças referentes aos frascos de medicamentos, percebemos no processo de pesquisa que, primeiro, poucas foram passivas de identificação da medicação e/ou dos produtores, segundo, não houve predominância de determinado medicamento nos diferentes depósitos arqueológicos. Em vista destas comprovações, circunstâncias das pesquisas científicas, foi necessário repensar a hipótese do consumo de medicamentos diferenciado pelo estrato social do período. Sem obstaculizar este trabalho expandimos nossa pesquisa descritiva, conforme Gil (2008, p. 28) descrevendo as características de uma determinada população e estabelecendo relações entre variáveis, caracterizando indivíduos, situações e grupos, e esclarecendo a relação entre os eventos. Isto pode ser

observado na apresentação dos contextos políticos relacionados à Europa a partir do século XVII e do Brasil nos séculos XIX e primeira metade do XX; a expansão dos conhecimentos farmacêuticos, notabilizando-os como “saberes médicos”; a busca da institucionalização da medicina em meio as práticas de cura em difusão pela Homeopática, Teoria do Humores e pelas primeiras faculdades de medicina no Brasil; a grande difusão das práticas de cuidado e recuperação da saúde através de manuais, almanaques, periódicos e jornais, em muito atreladas ao interesse comercial de farmácias e seus laboratórios.

Os frascos selecionados e analisados indicaram medicamentos com procedências dos Estados Unidos da América, França e Brasil (Pelotas e Porto Alegre).

- O material analisado proveniente do acompanhamento no sítio PSGPe 1 – Casa 8 (residência do Conselheiro Francisco Antunes Maciel) do “Vermífuge Fahnestock’s, produzido em Pittsburgh – Estados Unidos da América, O vermífugo foi produzido nos séculos XIX e XX, foi coletado no porão 22 e sem registro de profundidade.

- O material escavado no sítio PSGPe 2 – Casa 2 (residência do Barão de Butuí), com difícil identificação no fragmento, pode ter sido um frasco do Epigol ou do Linimento Kraemer. As pesquisas mostraram que ambas medicações foram engarrafadas em frasco semelhantes. Epigol era, e continua sendo, um suplemento alimentar, e o Linimento Kraemer era um sedativo e no tratamento das nevralgias, reumatismo, lúchões, torceduras, dores de dente, de cabeça, de ouvidos e de garganta. O laboratório Kraemer, localizado em Porto Alegre, desenvolve suas atividades até o presente.

Como já descrito, as duas escavações e um monitoramento arqueológico no sítio PSGPe 3 – Praça Cel. Pedro Osório, consideradas neste trabalho, ocorreram em três campanhas (2004, 2005 e 2006). As campanhas de 2004 e 2005 ocorreram com os critérios metodológicos necessários para a arqueologia de campo, com os devidos registros de espacialização na malha, profundidade nas unidades de escavação e apontamentos necessários. Na campanha de 2006, que tratou do monitoramento das obras de revitalização dos banheiros, o trabalho preponderou nos aterros artificiais construídos no período da edificação, cuja intenção foi de dar uma impressão visual de uma construção praticamente em cota negativa. Segundo relatos no período do monitoramento, os aterros foram construídos com o sedimento retirado

do local de construção do banheiro, e, pelas evidências materiais, trata-se de outro ponto de descarte na praça.

- Foram analisadas quatro peças relacionadas à produção do xarope “A Cornetet”, duas inteiras e duas fragmentadas, estas últimas passaram pela reconstituição de forma. O medicamento era prescrito para atenuar os “problemas respiratórios”, sua produção ocorria em Pelotas durante o século XIX.

- O frasco, praticamente inteiro, foi o Peitoral de Cambará, produzido por Souza Soares em seu estabelecimento industrial em Pelotas nos séculos XIX e XX. Os anúncios indicavam sua ação contra enfermidades pulmonares, bronquites, asma, rouquidão e tosse.

- O frasco, também praticamente inteiro, foi o “Sirop Henry Mure”, medicamento produzido em Paris nos séculos XIX e XX, e atribuído ao “Laboratoire des Sirops Henry Mure”. Sua divulgação referia-se ao “puro brometo de potássio”, como anticonvulsivo e sedativo para humanos, esta observação decorre de que esta composição química, ainda no século XX, era restringida ao tratamento veterinário de cães e gatos.

- A partir do frasco praticamente inteiro foi identificado o “Tonico Oriental para el Cabello”. Com produção e registro em New York como “Oriental Hair Tonic” pela empresa “Lanman y Kemp New York”, também foi identificado como “Agua de Florida de Murray & Lanman”. O “Tonico Oriental para el Cabello” foi produzido nos séculos XIX e XX, com uma produção fortemente direcionada aos hispânicos, chama a atenção a publicidade que afirma que o tônico da “Lanman & Kemp & CO.” foi produzido no Uruguai em 1870.

- O frasco inteiro do Óleo de Fígado de Bacalhau Hogg, com seu peculiar design triangular, permitiu-nos a identificação de outro medicamento importado. Sua inscrição em relevo “PHARMACIEN HOGG PARIS”, refere-se à produção da “Pharmacien Hogg” de Walter Douglas Hogg e seu filho Thomas Paul Hogg na década de 1850 em Paris.

Nos três sítios foram coletados entre 2002 e 2006 milhares de fragmentos arqueológicos históricos, dentre estes, muitas centenas de fragmentos de vidros. Mesmo considerando a grande fragmentação vítrea, causou-nos surpresa os poucos cacos passíveis de identificação como frascos de medicamentos, excetuando-se os praticamente inteiros ou completos. As procedências dos frascos e seus

medicamentos identificados apontaram um da França, três dos Estados Unidos – embora o “Tonico Oriental para el Cabello” tenha registro norte americano sua indicação era de procedência uruguaia – um de Porto Alegre e cinco de Pelotas.

Nas análises de inventários dos acervos provenientes dos três sítios, constatamos que as categorias de uso doméstico como a cerâmica louça histórica e a grés resgatados nas duas residências, ratificam o padrão de consumo da elite econômica e social da época, enquanto na Praça, de uso público, localizada numa área baixa, úmida e local de descartes, os depósitos escavados indicaram maior simplicidade destas categorias. No entanto, o número restrito de frascos pesquisados impediu a confirmação da hipótese de diferença no padrão de consumo de medicamentos entre as duas casas e a lixeira coletiva, que foi formada ao longo do século XIX na praça.

A partir das amostras, a dessemelhança efetiva encontrada nos sítios está nos cinco medicamentos de produção de Pelotas (quatro Xaropes A. Cornetet e um Peitoral de Cambará) escavados no sítio PSGPe 3 – Praça Cel. Pedro Osório. Importante ressaltar que nos três sítios os descartes foram predominantemente de lixo doméstico.

Comum no resto do Brasil, não haveria de ser diferente em Pelotas o consumo de medicamentos estrangeiros, num período de desenvolvimento econômico experimentado por parte da população no século XIX. A preocupação com a higiene como cuidado com a saúde também pode ser percebida pela instalação do sistema hidráulico com a instalação da Fonte das Nereidas, duas no segundo loteamento, uma no primeiro e outro na região do porto.

As pesquisas realizadas nos indicaram a pujança na produção de medicamentos em Pelotas, em especial a partir da década de 1850. Dentre o grande número de farmácias que existiram durante o período estudado, muitas constituíram os seus próprios laboratórios e produziram medicamentos conhecidos e distribuídos em grandes centros urbanos do país. Para além do reconhecimento das competências de boticários, farmacêuticos e médicos da cidade, ressaltamos o ímpeto comercial destes, influenciando o desenvolvimento econômico da urbe. Durante o forte desenvolvimento da indústria saladeiril, a produção e comercialização de medicamentos deixou de ser uma coadjuvante, para o vislumbrar da modernidade e fazer novos ricos.

Resistente a um período de mudanças políticas no Brasil, que podemos inserir do “apogeu ao declínio da oligarquia”, farmácias e seus laboratórios como Jorge C. Silveira, Souza Soares & Irmão, Drogaria Unicum S.A. e Antônio Leivas Leite continuavam produzindo e comercializando com outras cidades para além do Rio Grande do Sul, como vemos no Boletim Informativo da Associação Comercial de Pelotas nos registros de Exportação pelo Porto de Pelotas de 16 a 22 de outubro de 1937, p. 6.

O que o imprescindível frasco de vidro para o envasamento dos medicamentos produzidos, foram inicialmente importados pelos laboratórios, mas logo surgiram as vidraçarias que cumpriram a função da importação para o posterior comércio na cidade, e na década de 1890 surge a primeira fábrica de vidros produzindo frascos de medicamentos, entre outros objetos.

Conhecedores do desenvolvimentismo liberal, capitalista e industrial da burguesia europeia, consumidores de “alto padrão”, performaram um anacronismo com a realidade e modos da sociedade local e práticas populares. Por fim, a lembrança de “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, publicado em 1881, que com forte ironia nos traz o subliminar da vida social no Brasil do século XIX.

## Referências

ADKINS, Lesley; ADKINS, Roy. **Archaeological Illustration**. Cambridge University Press, Cambridge, 1989.

ALMEIDA, Enilda Maria B. **Análise e crítica de intervenções nos vitrais do Educandário Coração de Maria, Rio Grande/RS**. Orientadora: Mariana Gaelzer Wertheimer. 2013. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

AMARAL, André Portela. **Entre diferenças e similaridades**: um estudo comparativo a respeito dos olhares sobre a “saúde” e a “doença” em “manuais de medicina popular”, homeopáticos e alopáticos, de finais do oitocentos. In: História em revista - Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, V.26/1, dez. 2020.

AMORIM, Miria. **Holismo, homeopatia, alquimia**: uma sincronicidade para a cura. 2ª edição. Rio de Janeiro: Caravansaraj, 2000.

ANDRADE, José de Calasans R. de. **Crítica sobre homoeopathia**. Orientador: Manoel do Valladão Pimentel. 1842. 33 f. Dissertação (Mestrado em Medicina) - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1842.

ARISTÓTELES. Metafísica I, 3. 983 b 6 [DK 11 a 12]. In: **Heráclito de Éfeso** (A - Doxografia; B - Fragmentos; C - Crítica Moderna: 1. Georg W. F. Hegel e 2. Friedrich Nietzsche). Tradutores: Wilson Regis, José Cavalcanti de Souza, Ernildo Stein e Rubens R. Torres Filho. Coleção Os Pensadores. Vol. I. São Paulo: Victor Civita, 1973, pp. 81-116.

ARRIADA, Eduardo. **Pelotas – gênese e desenvolvimento urbano (1780-1835)**. Pelotas, Editora Armazém Literário, 1994.

ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de; LUNA, José Marcos Gomes de. **Wittgenstein e a distinção entre sentido e significado**: uma proposta de leitura do § 556 das Investigações Filosóficas. Porto Alegre, Veritas, v. 67, n. 1, 1-12, jan-dez, 2022.

ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a História**: História Geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 1999.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISTRIBUIDORES E PROCESSADORES DE VIDROS PLANOS – ABRAVIDRO. São Paulo. ©2024. Disponível em: <https://abravidro.org.br/vidro-no-brasil/>  
Acesso: 18 fev. 2024.

ASSOCIAÇÃO DO COMÉRCIO FARMACÊUTICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – ASCOFERJ. Rio de Janeiro. ©2021. Disponível em: <https://ascoferj.com.br/noticias/primeira-empresa-farmaceutica-do-brasil-comemora-130-anos/>

Acesso: 24 mai. 2024

AULTMAN, Jennifer; GRILLO, Kate. **DAACS Cataloging Manual: Glass Vessels**. October 2003, last updated e august 2008.

AULTMAN, Jennifer; GRILLO, Kate; SAWYER, Jesse; GALLE, Jullian. **DAACS Cataloging Manual: Glass Vessels**. October 2003, updated may 2014.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)**. Tradutor: Teodoro Cabral. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1980.

ÁVILA, Vladimir Ferreira de. **Saberes históricos e práticas cotidianas sobre o saneamento**: desdobramentos na Porto Alegre do século XIX (1850-1900). Orientador: Margaret Marchiori Bakos. 2010. 201. Dissertação (Mestrado em História) - Fac. de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

BARBOSA, Renato. Contribuição ao estudo clínico do pneumotórax artificial. In: **Archivos Rio Grandenses de Medicina**, Ano XI, agosto de 1932, n. 4, p. 25. Número especial sobre tuberculose. Biblioteca da Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

BARLÉU, Gaspar. **O Brasil holandês sob o Conde João Maurício de Nassau, 1647**. Tradutor: Cláudio Brandão. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. 432 p. – (Edições do Senado Federal; v. 43).

\_\_\_\_\_. **História do Brasil sob o governo de Maurício de Nassau, 1636-1644**. Tradutor do original, notas e prefácio de Blanche T. van Berckel; Ebeling Koning. Tradução do inglês Henry Widener – Recife: CEPE, 2018.

BASTOS, Michele Souza. **Arquitetura ausente**: o centro histórico de Pelotas, RS (1835 a 2011). Orientadora: Ester Judite Bendjouya Gutierrez. 2013. 1v.,180 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013. 2v.

BATISTAS, Carmem Lucia. **Os conceitos de apropriação**: contribuições à Ciência da Informação. Em questão, UFRGS. Porto Alegre, vol. 24, núm. 2, pp. 210-234, 2018. DOI: <https://doi.org/10.19132/1808-5245242.210-234>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4656/465655178012/html/#:~:text=Conforme%20o%20dicion%C3%A1rio%20etimol%C3%B3gico%2C%20o,301>). Acesso:16 mai. 2024.

BECKER, Ítala Irene Basile. O que Sobrou dos Índios Pré-Históricos do Rio Grande do Sul. In: **Pré-História do Rio Grande do Sul, Brasil**. 2ª Ed.. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Anchieta de Pesquisas, Documentos 5, 2006 [1991], 125-147.

BEDRIKOW, Rubens; CAMPOS, Gastão Wagner de S.. **A arte de equilibrar a doença e o sujeito**. Ponto de Vista: Revista da Associação Médica Brasileira, 2011, 57(6): 610-613. ©2011 Elsevier Editora Ltda.

BENTO, Cláudio Moreira. **Hipólito da Costa**: o gaúcho fundador da imprensa no Brasil. 1ª edição. Porto Alegre: Gênese, 2005.

BOLZAN, Greyci Backes; GUTIERREZ, Ester Judite B. **Avenidas, praças e área culturais urbanas de Pelotas**. RS. Programa Monumenta e as transformações no Centro Histórico. (2001 – 2012). XXII Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Pelotas, nov. 2013.

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciência Social** – A longa duração. (Annales – Économies, Sociétés, Civilisations, n. 4, out.-dez. 1958). Tradutora: Ana Maria de Almeida Camargo. Revista de História, v. XXX, n. 62, abr.-jun. 1965.

\_\_\_\_\_. In Revista Histórica Blog USP, 2020. Disponível em:  
<http://revhistoria.usp.br/blog/?p=114#:~:text=Finalmente%2C%20o%20%E2%80%9Ctempo%20longo%E2%80%9D,que%20custa%20a%20se%20modificar>  
 Acesso: 20 mai. 2023.

CABRAL, Dilma. **Físico-mor/Fiscatura-Mor do Reino, Estado e Domínios Ultramarinos**. Memória da Administração Pública Brasileira – MAPA. Ago. 2011, (atualizado ago. 2021) Disponível em:  
<http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/182-fisico-mor-fiscatura-mor-do-reino-estado-e-dominios-ultramarinos>  
 Acesso: 06 jun. 2024, n. 16.946.

CARDOSO, Sônia. **As mulheres nos almanaques de farmácias D'A Saúde da Mulher (1939-1951)**. Orientadora: Roselane Neckel. 2021. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

CASTRO; REZENDE FILHO; CURTI. “**Benoit Mure**”, 2013, p. XXXIII.

CERQUEIRA, Fábio Vergara; PEIXOTO, Luciana da S.; VIANA, Jorge Oliveira. **Projeto de Salvamento Arqueológico da Área Urbana de Pelotas: Praça Cel. Pedro Osório, da Casa 8 e Casa 2**. Cadernos do LEPAArq, Pelotas: Editora da UFPel, v. V, nº 9/10, ago./dez. 2008, 240-246.

CERQUEIRA, Fábio Vergara; PEIXOTO, Luciana da Silva; VIANA, Jorge Oliveira. **Acervo arqueológico da faiança fina da Casa 8 (residência do Conselheiro Francisco Antunes Maciel) – Pelotas/RS**. Cadernos do LEPAArq, Pelotas: Editora da UFPel, v. 1, n. 2, jul./dez., 2004.

CHALHOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina B.; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; SOBRINHO, Carlos Roberto G. (Org.) - **Artes e ofícios de curar no Brasil**. 2ª Reimpressão. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz N. **Formulario e Guia Medico**. 19 edição. Tomo I. Paris: R. Roger e F. Chernoviz, 1920. 1475 p.

\_\_\_\_\_. **Diccionario de Medicina Popular e das Sciencias Accessarios para uso das familias**. 6 edição. Volume Primeiro, A-F. Paris: R. Roger e F. Chernoviz, 1890. 1259 p.

\_\_\_\_\_. **Diccionario de Medicina Popular e das Sciencias Accessarios para uso das familias**. 6 edição. Volume Segundo, G-Z. Paris: R. Roger e F. Chernoviz, 1890. 1247 p.

CHILDE, V. Gordon. **Introdução à arqueologia**. Tradutor: Jorge Borges de Macedo. Dez. 1961. Publicações Europa-América Ltda, Lisboa, 1977.

COMPANY, Zeli Teresinha. **Os Salvadores das garras da morte: medicamentos populares, medicina humoral em Bom Jesus/RS (1898-1927)**. Orientador: Klaus Peter Kristian Hilbert. 2006. 257 f. Dissertação (Mestrado História na Área de Concentração das Sociedades Ibéricas e Americanas) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA – Aspectos históricos  
Disponível em: <https://www.cff.org.br/50anos/?pg=aspectoshistoricos>

CORREIRA JUNIOR, Maurício Torres. **Construção de um forno cadinho fixo de baixo custo para fundir metais não ferrosos**. Orientador: Vitor Pinheiro Ferreira. 2016. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas) – Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, 2016.

DALTOÉ, Guilherme. **Caetano Casaretto e a arquitetura residencial em Pelotas/RS: final do século XIX e início do XX**. UFPel. Dimensões, Pelotas, vol. 29, 2012, p. 392-409. ISSN: 2179-8869.

DAVID, Nicholas; KRAMER, Carol. **Teorizando a etnoarqueologia e a analogia**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 13-60, dezembro de 2002.

DEETZ, James. **American Historical Archeology: Methods and Results**. Science, Jan. 22, 1988, New Series, Vol. 239, No. 4838 (Jan. 22, 1988), pp. 362-367.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. 3. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1995.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Metodologia Científica**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1985.

DEVEIKIS, Claudio. **Carnival Glass em todo o mundo** – Companhia Fábrica de Vidros e Cristais do Brasil. Tradução e aprimoramento de imagens de arquivo de Glen e Stephen Thistlewood. Copyright © 2024 da G&S Thistlewood. Disponível em: <<https://www.carnivalglassworldwide.com/esberard-by-claudio-deveikis.html>>. Acesso: 14/02/2023.

DINIZ, Carlos Francisco Sica. **João Simões Lopes Neto**. Uma biografia. Porto Alegre: AGE-Universidade Católica de Pelotas, 2003.

EDLER, Flavio Coelho. **Boticas & Pharmacias** – uma história ilustrada da farmácia no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

\_\_\_\_\_. **A medicina acadêmica imperial e as ciências naturais**. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Ed. Access, 2001.

EDLER, Flavio Coelho; GUIMARÃES, Maria Regina C.. **Chernoviz e a medicina no Império**. Insight, Inteligência, s.d.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12ª edição. São Paulo: EDUSP, 2006.

FEIJÓ, Sabrina Soares R. **Caminho Pomerano de São Lourenço do Sul (RS): analisando suas fraquezas para desvendar ser potencial**. Orientador: Eber Pires Marzulo. 2013. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tecnologia em Desenvolvimento Rural – Plageder) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FERREIRA, Jean Samarone A.; SCHWARTZ, Losane Hartwig; SALAMONI, Goancarla. **A organização da agricultura familiar na localidade de Harmonia I – São Lourenço do Sul – RS**. Rio Claro, v. 33, n. 3, set./dez. 2008, 449-465.

FERREIRA, Luís Gomes. **Erário mineral**. (org.) Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. Mineiriana collection, 821 f. Clássicos series. ISBN 85-85930-41-1. Vol. 1 e 2. (Publicado em 1735 em Lisboa Ocidental na oficina de Manuel de Rodrigues documento dividido em 12 tratados).

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Tradutor: Roberto Machado. Rio de Janeiro, Forenzi-Universitária, 1977.

FROGERAIS, André. **História da produção industrial de óleo de fígado de bacalhau** – Referências no Catálogo do PCF de 1877, 2018. Disponível em: <https://fr.slideshare.net/Frogerais/huile-de-foie-de-morue>  
Acesso: 13 jun. 2023.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. Séries Princípios. 1. Ed. São Paulo: Ática, 1988. ISBN-10: 8508030800

\_\_\_\_\_. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.

GHENO, Diego Antônio; MACHADO, Neli Teresinha G. **Arqueologia Histórica** – Abordagens. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 58, p. 161-183, jan./jun. 2013. Editora UFPR.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo, Atlas, 2008. ISBN 978-85-224-5142-5.

GILL, Lorena Almeida. **Um mal de século: tuberculose, tuberculosos e políticos de saúde em Pelotas (RS) 1890-1930**. Tese de doutorado (PUCRS). Porto Alegre, 2004.

GODOI, Bernardo S; NOÉ, Sidnei V.. **A morte de Deus, o pai da horda primeva e o interdito**. Reversos, Belo Horizonte, ano 40, n. 75. Jun. 2018, 73-82.

GRILLO, Yuri Zivago Yung. **Arqueologia do Capitalismo em Pelotas**: Um Estudo da Cultura Material do Século XIX. Orientador: Cláudio Baptista Carle. 2020. 186 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia – Área de Concentração em Arqueologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

GUIMARÃES, Maria Regina C.. **Civilizando as Artes de Curar**: Chernoviz e os manuais de medicina popular do império. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. ISBN 978-85-7541-478-1.

\_\_\_\_\_. **Os manuais de medicina popular do Império e as doenças dos escravos**: o exemplo do “Chernoviz. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 11, n. 4, dez. 2008, 827-840.

\_\_\_\_\_. **Chernoviz e os manuais de medicina do Império**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, mai-ago. 2005, 501-514.

\_\_\_\_\_. **Civilizando as artes de curar**: Chernoviz e os Manuais de Medicina Popular no Império. Orientador: Flavio Coelho Edler. 2003. 102 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz) - FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2003.

GUTIERREZ, Ester Judite B. Ester Judite B. **Negros, charqueadas e olarias**: um estudo sobre o espaço pelotense. 2ª ed. Pelotas: Ed. Universitária UFPel, 2001.

HAHNEMANN, Samuel. **Exposição da doutrina homeopática, ou, Organon da Arte de Curar**. Tradutores: David Castro; Rezende Filho; Kamil Curi. 5 ed. São Paulo: GEHSP, Benoit Mure, 2013.

HANCHUCK, Alexandre Pereira; ALMEIDA, Rogério Miranda de. **Empédocles e a luta entre philiae neikos**. Hellenik-a, Curitiba, – Revista Cultural, v. e n. 4, p. 25-42, jan./dez. 2022.

HEGENBERG, Leonidas. **Relações entre médico, doença, paciente**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1998. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>.

HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. **Ciência, Civilização e Império nos Trópicos**. Rio de Janeiro: Ed. Access, 2001.

(Hahnemann, Prefácio 5ª edição, 1842. In: Castro; Rezende Filho; Curi. “**Benoit Mure**”, 2013, p. XXXIII).

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida**: Emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, n.37 (18), 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Departamento de Planejamento Governamental – Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão – RS (novembro de 2017, 24-25).

JONES, Olive. Glass bottle push-ups and pontil marks. In: **Historical Archaeology**. 1971, p. 62-73.

JONES, Olive; SULLIVAN, Catherine (org.). **The Parks Canada - GLASS GLOSSARY** - for the description of containers, tableware, flat glass, and closures. Quebec. Canadian Government Publishing Centre, 1989.

LAEMMERT, Eduardo. **Anuario Commercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo**. República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro: v. 2, Typographia E. & H. Laemmert, 1921.

LARA, Caroline de. **Agora sou outro!:** propagandas e educação sanitária nos almanaques de farmácia (1900-1945). Orientador: Niltonci Batista Chaves. Dissertação (Mestrado em História, Cultura e Identidades) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

LE GOFF, Jacques. Uma história dramática. In: Le Goff, Jacques. **As doenças têm história**. Lisboa: Terramar, 1985.

LEÓN, Zênia de. **Pontes**. Disponível em:  
<http://www.vivaucharque.com.br/cenarios/pontes.php>  
 Acessado em: Abril de 2023.

\_\_\_\_\_. **Viva o Charque** – A memória do Ciclo do Charque em Pelotas. A Ponte dos Dois Arcos. Artigo n. 32. 2016. Disponível em:  
<http://www.vivaucharque.com.br/interativo/artigo32>

LIMA, Nísia Trindade; SÁ, Dominichi Miranda; CASAZZA, Ingrid Fonseca; BRITO, Carolina Arouca G. **As ciências na formação do Brasil entre 1822 e 2022:** história e reflexões sobre o futuro. São Paulo: SciELO, (USP), May-Aug, 2022. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/ea/a/T48VYvCrM878DKLtqJ6yQRM/#as2-heading0>  
 Acesso em: 13 de junho de 2023.

LIMA, Paula Garcia. **Estudo da memória e do conceito de design através das peças gráficas e fotográficas do Parque Souza Soares (1900-1930)**. Orientadora: Francisca Ferreira Michelin, 2010, 256 f.. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

LIMA, Sergio Cruz. **Antonio Leivas Leite:** um homem à frente do seu tempo. Pelotas: Livraria Mundial, 2012.

LIMA, Tania Andrade. **Humores e odores:** ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. História, Ciência e Saúde – Manguinhos, Vol. II (3): 44-96, nov. 1995-fev. 1996.

LIMA, Tânia Andrade, et all. **A tralha doméstica em meados do século XIX**: reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro. Dédalo, S. Paulo, pub. avulsa, 1:205-230, 1989.

LOCKHART, Bill; SERR, Carol; SCHRIEVER, Beau; LINDSEY, Bill. **The Glass Factories and Bottles of Alexander and David H. Chambers**. First published on 6/20/2013; Last Modified 3/27/2021. (1-31). Disponível em: <https://sha.org/bottle/pdffiles/A&DHChambers.pdf>  
Acesso: 19 fev, 2023.

LOCKHART, Bill; SCHRIEVER, Beau; LINDSEY, Bill; SERR, Carol. **The Fahnestock Companies** - Drug Company Histories. Society for Historical Archaeology. 2015, p. 29-49. Disponível em: <https://sha.org/bottle/pdffiles/Fahnestock.pdf>  
Acesso: 19 fev, 2023. (Contributions from Ken Farnsworth, Jay Hawkins and Tod von Mechow).

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mário Osório (org.). **Dicionário de História de Pelotas**. 3ª ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/3466>  
Acesso: 18 jan. 2024.

LOPES, Antônio Carlos. Passado, presente e futuro. In: Lopes Antônio Carlos. **Tratado de clínica médica**. São Paulo: Editora Roca, 2009, p. 2-18.

LOPES, Aristeu; DILLMANN, Mauro; ALMEIDA, Guilherme. **Centenário do Álbum de Pelotas de 1922**: fotografias, memória e história. Tomo II. Porto Alegre: Casalettras, 2022.

LOPES NETO, João Simões. In: RUBIRA, Luís (Org.) **Almanaque do Bicentenário de Pelotas**. (Projeto LIC: Gaia Cultura Et Arte). v. 2: fac-símile da “Revista do 1º Centenário de Pelotas. Santa Maria/RS”, textos: PRO-CULTURA RS, Gráfica e Editora Palloti, 2014.

\_\_\_\_\_. In: RUBIRA, Luís (Org.) **Almanaque do Bicentenário de Pelotas**. (Projeto LIC: Gaia Cultura Et Arte). v. 1: fac-símile da “Revista do 1º Centenário de Pelotas. Santa Maria/RS”, textos: PRO-CULTURA RS, Gráfica e Editora Palloti, 2012.

LUZ, Madel. **Natural, racional, social**: razão médica e racionalidade moderna. Rio de Janeiro: Fiocruz, Edições Livres, 2019.

\_\_\_\_\_. **A arte de curar versus a ciência das doenças**: história social da homeopatia no Brasil. Porto Alegre: UNIDA, 2013.

\_\_\_\_\_. **A arte de curar versus a ciência das doenças**: história social da homeopatia no Brasil. São Paulo: Dynamis Editorial, 1996.

MACIEL, Alexandre Pereira. **Antigos Prédios e Novos Municípios**: Patrimônio Arquitetônico Urbano de Capão do Leão, Morro redondo Turuçu e Arroio do Padre - RS. Orientador: Ester J. B. Gutierrez. 2009. 292 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Orientador: Valberto Dircksen. 1993. 257 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993.

\_\_\_\_\_. **Pelotas século XIX**. Pelotas, Livraria Mundial, 1994.

MARCHI, Darlan de Mamann. **O Patrimônio antes do patrimônio em São Miguel das Missões**: dos jesuítas à UNESCO. Orientadora: Maria Leticia Mazzucchi Ferreira. 2018. 497 f. Tese (Doutorado Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

MARQUES, Teresa Cristina de N. **O voto feminino no Brasil**. 2ª edição. Brasília, Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019. Versão E-book. Disponível em: [livraria.camara.leg.br](http://livraria.camara.leg.br)  
Acesso em: 10 de maio de 2023.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. **Imprensa em Tempos de Império**. Ed. Contexto, 2ª ed. 2012.

MARTINS, Lilian Al-Chueyr P; SILVA, Paulo José C. da; MUTARELLI, Sandra Regina K.. **A teoria dos temperamentos**: do corpus hippocraticum ao século XIX. Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, 2008. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a14/martisilmuta01.pdf>

MARTINS, Roberto de Andrade. **Como Becquerel não descobriu a radioatividade**. Caderno Catarinense de Ensino de Física, Florianópolis, SC, v. 7, p. 27-45, 1990.

MEDEIROS, Aline da Silva. **Autoria científica do doutor Chernoviz entre a vulgarização da medicina e a formação profissional**: o caso do Dicionário de medicina popular, 1842-1890. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.25, n.1, jan.-mar. 2018, p. 33-49.

MEDVEDOVSKI, Nirce *et al.* **Avaliação das condições de conforto visual em edificação tombada como novo uso**: estudo de caso do Casarão 2. Pelotas/RS. 2017. EDITORA

MONQUELAT, Adão F.; PINTO, Guilherme. **Pelotas no tempo dos chafarizes**. Pelotas: Livraria Mundial, 2012.

MÜLLER, Dalila. **Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza**: Espaços de sociabilidades em Pelotas (1840-1870). Orientadora: Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos, 2010. 340 f.. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

MARICATTO, Isabella Khauam; MEOTTI, Bruna Disconzi, HILLAL, Stéphanie S.. **A Praça Coronel Pedro Osório em Pelotas – RS como espaço público construtor**

**de cidadania.** Arquitetura e Cidade: privilégios, conflitos e possibilidades, 9º Projeto 2019, Curitiba, out. 2019.

MEYER, Regina Maria Prospere. **Atributos da metrópole moderna.** São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 14, n. 4, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/i/2000.v14n4/>  
Acesso: 25 jan. 2024.

MOACYR, Pedro. **Contra o boato.** A Federação (RS). Porto Alegre, ano X, n. 40, 17 fev. 1893. Edição 00040, página 1/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/>  
Acesso: 21 fev. 2024.

NUNES, Etiane Carvalho. **Mostrai-vos denodadas, generosas, caritativas, verdadeiras riograndenses:** a participação de mulheres na campanha abolicionista de Pelotas e Rio Grande (1880- 1888). Orientador: Jonas Moreira Vargas. 2022. 145 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

NUNES, João Fernando Igansi (Org.) **Histográfica Pelotense.** Memória Gráfica de Pelotas: um século de design, de 189 a 1990.

Histográfica Pelotense. **Memória Gráfica de Pelotas:** um século de design, de 1890 a 1990: resultados parciais / Organizador: João Fernando Igansi Nunes – Pelotas: Ed. UFPel, 2016.

OLIVEIRA, Bruno Ferraz de. 2013. In: CORREIA JUNIOR, Maurício Torres. **Construção de um forno cadinho fixo de baixo custo para fundir metais não ferrosas.** Orientador: Vitor Pinheiro Ferreira. 2016. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas) – Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, 2016.

OSÓRIO, Fernando. Sangue e Alma do Rio Grande. Porto Alegre: Livraria Globo, 1937, 87. In MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul:** um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Orientador: Valberto Dirksen. 1993. 257 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993.

PARADEDA, Maria Regina. **Arquitetura da paisagem e modernidade:** Um estudo sobre representações e memória das Praças de Pelotas (1860–1930). Orientador: Maria Lúcia Bastos Kern. 2003. 349 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PEIXOTO, Luciana; CERQUEIRA, Fábio. **Arqueologia da saúde:** espaços e materialidade de práticas de saúde no RS do final do século XIX e início do século XX. In: NOGUEIRA, André L. L. et al (org.). Uma história brasileira das doenças. Vol. 12. 1ª ed. Belo Horizonte (MG): Fino Traço, 2023, p 63-105.

PEIXOTO, Luciana; CERQUEIRA, Fábio (2022, p. 99). In: Santos nos Documentos (blog), por Waldir Rueda. Disponível em:  
<http://santosnosdocumentos.blogspot.com/2011/03/peitoral-de-cambara-1908.html>  
 Acesso: 15 jun. 2023.

PEIXOTO, Luciana da S.; CERQUEIRA, Fábio, V.. **Patrimônio Arqueológico da Saúde**: registros materiais móveis e imóveis dos espaços e práticas da saúde. In: Gestão Integrada do Patrimônio Cultural – Humanidades, Sociedade, Saúde e Ambiente. Organizadores: Luíz Oosterbeek; Ingelore Scheunemann; Francisca F. Michelin; João Fernando I. Nunes. Mação: Instituto Terra e Memória, série ARKEOS, vol.52. 2022, 93-117.

PEIXOTO, Luciana da S.; CERQUEIRA, Fábio Vergara; VIANA, Jorge Oliveira. **Relatório de Salvamento e Acompanhamento Arqueológico nas Obras de Restauo da Casa da Banha**. Cadernos do LEPAArq, Pelotas: Editora da UFPel, V. VI, nº11/12, 2009, 147-175.

PEIXOTO, Luciana da S.; CERQUEIRA, Fábio Vergara. **Salvamento Arqueológico do Centro Histórico de Pelotas-RS/Brasil**. Rio Grande, Anais do V encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB/Sul. 20 a 23/11/2006, 2-22.

PEREIRA, Andreia; VILARIGUES, Márcia, COUTINHO, Inês. **Materiais de intervenção de conservação e restauro em vidro arqueológico** – uma revisão bibliográfica. *Conservar Património* 39 (2022) 96-113. <https://doi.org/10.14568/cp2020045> · ISSN 2182-9942. ARP · Associação Profissional de Conservadores-Restauradores de Portugal. Disponível em: <https://conservarpatrimonio.pt>  
 Acesso: 13 mai. 2024.

PERUCI, Amanda. **A primeira bibliografia médica do Rio de Janeiro (século XIX)**. *Revista Brasileira de História da Ciência – Documento*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 336 - 357 jan.-jun. 2023. ISSN 2176-3275.

\_\_\_\_\_. **A institucionalização da farmácia no brasil do século XIX**. Orientador: Jean Marcel Carvalho França. 2021. 293 f. Tese (Doutorado História das ciências) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2023.

\_\_\_\_\_. **Evolução, regulação e norma**: o sexto discurso histórico da farmácia brasileira no segundo reinado. *R. IHGB*, Rio de Janeiro, a. 181 (482):361-378, jan. abr. 2020.

\_\_\_\_\_. **Da bexiga à vacina**: a obra pedagógica de Manoel Joaquim Henriques de Paiva. *Khronos*. São Paulo, *Revista de História da Ciência*., Centro Interunidades de História da Ciência, nº 12, dezembro 2021.

PIMENTEL, Fortunato. In: VAROTO; SOARES, 1995, p. 50. ©2024. Disponível em: <https://www.rougetperez.com.br>  
 Acesso: 03 abr. 2024.

PÔRTO, Ângela. **O sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1019-27, out.-dez. 2006.

PUFAL, Diego de Leão. **Italianos no RS: os Genta.** In: Antigualhas, histórias e genealogia. Disponível em: <<http://pufal.blogspot.com/br/>> Acesso: 20 fev. 2024.

QUEVEDO, Éverton Reis. **Uma mão protetora que os desvie do abismo:** Sociedade Portuguesa de Beneficência de Porto Alegre e seu hospital (1854-1904). Orientador: Paulo Roberto Staudt Moreira. 2016. 231 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2016.

RAYNAL, Cecile. **Resenha da História da Farmácia,** 2011. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/pharm\\_0035-2349\\_2011\\_num\\_98\\_372\\_23385](https://www.persee.fr/doc/pharm_0035-2349_2011_num_98_372_23385) Acesso: 18 jun. 2023.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Archaeology – The Key Concepts.** Editado por Taylor & Francis e-Library, Londres & New York, 2005. ISBN 0-203-49109-2. E-book mestre ISBN.hn

RETZLAFF, Kevin. **Banqueiros e coronéis:** um estudo sobre as relações políticas e econômicas das elites locais e o Banco Pelotense (1906-1931). Orientador: Jonas Monteiro Vargas. 2020. 102 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

REZENDE, J. M. Dos Quatro Humores às Quatro Bases. In: **À sombra do plátano:** crônicas de história da medicina [online]. São Paulo: SciELO Livros. Editora Unifesp, 2009, pp. 49-53. História da Medicina series, vol. 2. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788561673635.0005>. Acesso em: 27 dez. 2022.

REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (org.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural.** Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbeta). ISBN 978-85-7334-279-6. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/58/revitalizacao> Acesso em: 25 de maio de 2023.

RIHA, Ortrun. Medicina dos humores e símbolos. In: Scientific American História 2: A ciência na Idade Média. São Paulo: Duetto Editorial, 2006, 52-57.

RODRIGUES, Angela Rosch. **Estudo do patrimônio industrial com uso fabril da cidade de São Paulo.** Orientadora: Mônica Junqueira de Camargo. 2011. 245 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ROSA, Estefânia Jaékel da. **Paisagens Negras:** Arqueologia da escravidão nas charqueadas de Pelotas (RS, Brasil). Orientador: Lúcio Menezes Ferreira. 2012. 199

f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Pelotas, 2012.

RUBERT, Rosane A. **Comunidades Negras Rurais do RS: um levantamento socioantropológico preliminar**. 1ª ed. Porto Alegre: IICA/RS-Rural, v. 1, 2005.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 34ª ed. Petrópolis, Vozes, 2007.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Tradução: Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil**. São Paulo, SP, Edusp, 1974.

SANTANA, Anelize Moreira. **A Circulação de Mercadorias no Contexto do Sistema Escravista: Uma Abordagem de Arqueologia Documental do Jornal Diário de Pelotas (1876-1888)**. Orientador: Lúcio Menezes Ferreira. 2015. 133 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

SANTOS, Alexandre da G. **Contentores de bebidas alcoólicas: Usos e significados na Porto Alegre oitocentista**. Orientador: Klaus P. K. Hilbert. 2005. 242 f. Dissertação (Mestrado em História – Área de concentração Arqueologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SANTOS, Beatriz Oliveira. **Construção e regulação do feminino no almanaque de farmácia d'A Saúde da Mulher (1930-1950)**. Orientadora: Idilva Maria Pires Germano. 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

SANTOS, Kevin Retzlaff dos. **Banqueiros e coronéis: um estudo sobre as relações políticas e econômicas das elites locais e o Banco Pelotense (1906-1931)**. Orientador: Jonas Monteiro Vargas. 2020. 102 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

SANTOS, Michelle Caroline Oliveira; MORAIS JÚNIOR, Geraldo Pereira. **Arqueometria**. Arqueologia e Pré-História. Disponível em: <https://arqueologiaeprehistoria.com/subareas-da-arqueologia/arqueometria/>  
Acesso: 23 ago. 2023.

SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério. (org.) **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. ISBN 978-85-7743-XXX-X

SCHNOOR, Eduardo. O resgate dos inventários como documentos príncipes para a história da saúde dos escravos. In: PORTO, Ângela (org.). **Doenças e escravidão: sistema de saúde e práticas terapêuticas**. Simpósio Temático. XII Encontro

Regional de História – ANPUH/Rio, 2006. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007.

SECRETARIA ESTADUAL DO MEIO AMBIENTE - SEMA. 2014. Disponível em: <<http://www.sema.rs.gov.br>>  
Acesso em: 11 de maio de 2023.

SILVA, Arthur Victória. **História do Capão do Leão**. 2006. Disponível em: <http://capaodoleao.blogspot.com/2006/08/>  
Acesso: 18 abr. 2023.

SOARES, José Alvarés de S.. **O Novo Medico ou a Medicina Simplifica ao alcance de toda gente**. 2ª edição brasileira – 1ª classe, Pelotas, 1908.

SOARES, José Alvarés de S.. **Auxilio Homœopathico ou Medico de casa**. 4ª edição, Pelotas: 1897.

SOARES, Paulo Roberto R. **Modernidade Urbana e Dominação da Natureza: O Saneamento de Pelotas nas Primeiras Décadas do Século XX**. In: História em Revista v. 7, n. 1 Pelotas: Núcleo de Documentação Histórica/UFPel, dez 2001, 65-01.

SOTRATTI, Marcelo Antônio. Revitalização. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (org.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6. Disponível em:  
<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/58/revitalizacao>  
Acesso em: 25 de maio de 2023.

SOUZA, Cássia Regina de S. Rodrigues de. **Aconselhando as mães: uma análise dos manuais de medicina doméstica através da Guia Médica das Mães de Família**. Orientadora: Kaori Kodama. 2018. 112 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2018.

SUERTEGARAY, Dirce Maria A.; FUJIMOTO, Nina Simone Vilaverde M.. Morfogênese do Relevo do Rio Grande do Sul. In: VERDUM, Roberto; BASSO, Luis Alberto; SUERTEGARAY, Dirce Maria A. (orgs). **Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação**. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 2004, 11-26.

SILVA, Wladimir T.; FILGUEIRAS, Carlos A. L.. **O vidro e sua importância na vida e na química**. SciELO - Scientific Electronic Library Online. Química Nova 46 (5) • Jun. 2023 • <<https://doi.org/10.21577/0100-4042.20230033>>  
Departamento de Química, Universidade Federal de Minas Gerais  
Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/qn/a/xsNGNZ7RcFzMwdTQh7xDjDh/#>  
Acesso: 22 mar. 2024.

TEIXEIRA, Luiz A.; PIMENTA, Tânia S.; HOCHMAN, Gilberto. **História da saúde no Brasil**. 1ª edição. São Paulo: Hucitec, 2018.

TOMAZELLI, Luiz José ; VILLWOCK, Jorge Alberto. O Cenozóico no Rio Grande do Sul: Geologia da Planície Costeira. In: HOLZ, Michael; DE ROS, Luiz Fernando (orgs.). **Geologia do Rio Grande do Sul**. Centro de Investigação do Gondwana – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2000, 375-406.

TRIARCA, Taíza Corrêa Schmidt. FENADOCE: **Cultivando e divulgando o patrimônio de Pelotas**. Orientadora: Mari Lucie da Silva Loreto. 2008. 97 f.. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural: Conservação de artefatos) - Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.

The Texas Almanac for 1870, and Emigrant's Guide to Texas. Disponível em:  
Disponível em: <https://texashistory.unt.edu/ark:/67531/metaph123775/m1/242/>  
Acesso: 25 mar. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Horto Didático de Plantas Medicinais do HU/CCS**. Florianópolis: 2019. Atualizado em 04 dez. 2023. Disponível em: <https://hortodidatico.ufsc.br/artemisia-chinesa/>  
Acesso: 03 mai. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Física Moderna**. Capítulo 5 - Raios-X. Raios Catódicos e Raios Lenard versus Raios-X. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/tex/fis142/fismod/mod02/index.html>  
Acesso: 12 mai. 2024.

VAROTO, Renato Luiz M.; SOARES, Leonor Almeida S. **Lendo Pelotas**. 3 ed. Pelotas, Ed. UFPel, 1997.

\_\_\_\_\_. **Lendo Pelotas**. 2 ed. rev. e ampl. Pelotas: Ed. da UFPel, 1995.

VERDUM, Roberto; BASSO, Luis Alberto; SUERTEGARAY, Dirce Maria A. (orgs). **Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação**. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 2004.

VIANA, Jorge Oliveira. **Restauração do Mercado Público Central, Pelotas/RS: uma necessária reflexão sobre a interdisciplinaridade**. Pixo - Revista de Arquitetura, cidade e contemporaneidade, Pelotas: n. 24, v. 7, verão de 2023, 2023, 80-91.

VIANA, Jorge Oliveira; PEIXOTO, Luciana da Silva. **Diagnóstico interventivo e prospecção arqueológica intensiva para a obra da adutora do Sistema de Abastecimento de Água ETA – São Gonçalo. Pelotas e Capão do Leão/RS**. Relatório parcial, Processo IPHAN nº 01512.001513/2013-53, 2015.

VOSS, Barbara. **Sexual Subjects: Identity and Taxonomy in Archaeological Research**. In: CASELLA, E. C; FOWLER, C. The Archaeology of Plural and Changing Identities: beyond identifications. New York: Kluwer Academic, 2005; pp. 55-78.

WEBER, Beatriz Teixeira. **Mito e ciência – construções e reconstruções**. História, Ciências, Saúde Manguinhos, Rio de Janeiro v.14, n.2, abr.-jun. 2007: 625-628.

\_\_\_\_\_. **Como convencer e curar:** a introdução da homeopatia no Rio Grande do Sul. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005.

\_\_\_\_\_. **Saúde pública e governos positivistas:** os limites da prática. Estudos Ibero-Americanos, 24(1), 131–148. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.1998.1.28210>

WITTER, Nikelen Acosta. **Males e epidemias:** sofredores, governantes e curadores no sul do Brasil (Rio Grande do Sul, século XIX ) 2007. 276 f.; il. Orientador: André Luiz Vieira de Campos. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2007.

\_\_\_\_\_. **Curar como arte e ofício:** contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura. Rio de Janeiro, Tempo, n. 19, 2005, 13-25.

WRIGHT, Arnold. **Impressões do Brasil no Seculo Vinte.** Lloyd's Greater Britain Publishing Company Ltd.. Jas Truscott & Filho Ltd., Londres, 1913.

ZANDONAI, Vanessa Mara; FERREIRA, Anderson Saccol. **O desafio do arquiteto frente as necessidades do restauro arquitetônico.** Xanxerê, Joaçaba (UNOESC), v. 2, 2017, 1-3.

ZANETTINI, Paulo Eduardo; CAMARGO, Paulo Fernando B. **Cacos e mais cacos de vidro:** o que fazer com eles? São Paulo: S. C. E., 1999.

## Internet

ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA – ANM. Copyright © 2024. Disponível em: <https://www.anm.org.br/luiz-francisco-bonjean/>  
Acesso: 12 jun. 2024.

AGÊNCIA DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA - ANVISA. Ministério da Saúde. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/acessoainformacao/perguntasfrequentes/farmacopeia/>  
Acesso: 17 mar. 2023.

Arquivo Nacional - MAPA – Memória da Administração Pública Brasileira. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/182-fisico-mor-fiscatura-mor-do-reino-estado-e-dominios-ultramarinos>.  
Acesso: 28 mai. 2023.

ASSOCIAÇÃO DO COMÉRCIO FARMACÊUTICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - ASCOFERJ, 2021. Disponível em: <https://ascoferj.com.br/>  
Acesso: 23 mai. 2024.

Arquivo Nacional - MAPA – Memória da Administração Pública Brasileira. Disponível em:

<http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/182-fisico-mor-fisicatura-mor-do-reino-estado-e-dominios-ultramarinos>.  
Acesso: 13 mai. 2024.

Biblioteca Digital Luso-Brasileira.  
Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/17584>  
Acesso: 13 mai. 2024.

Blueglass. Disponível em: < <https://www.blueglass.com.br/blog/espelho-bisotado>>.

CABRAL, Lisiê Kremer; CORDEIRO, José Henrique Carlucio; OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de. A casa da Rua Andrade Neves. Arquitetura e memórias. Minha Cidade, São Paulo, ano 23, n. 269.02, Vitruvius, dez. 2022.  
Disponível em :  
<https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/23.269/8673>  
Acesso: 19 abr. 2024.

CARLUCIO, Leite – Leiloeiro Público. Disponível em:  
<https://www.carlucioleite.com.br/peca.asp?ID=6866600>  
Acesso: 07 abr. 2024.

CARVALHO, Marselle Nobre de. História da farmácia no Brasil – Parte I. In: Blog Boticas & Farmácias, jan. 2011  
Disponível em:  
<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cat=91&dt=&cod=55194>  
Acesso: 15 mai. 2024.

COMPANHIA BRASILEIRA DE CRISTAL – CEBRACE. Jacareí, SP. Disponível em:  
<https://www.cebrace.com.br/area-tecnica/enciclopedia-do-vidro/a-historia-do-vidro>  
Acesso: 28 mar. 2024.

CONIS, Elena. As drogas ilícitas já foram chamadas de tônicos. Los Angeles Times. 29 out. 2007, PT. Disponível em:  
<https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2007-oct-29-he-esoterica29-story.html>  
Acesso: 28 mai. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA, 2011. Disponível em:  
<https://site.cff.org.br/>  
Acesso: 28 nov. 2023.

CONSELHO REGIONAL DE QUÍMICA – CRQ-IV (Org.) Vera Constantino. Instituto de Química da USP - Artigo produzido pela Assessoria de Comunicação do CRQ-IV. Publicado em 02/09/2022.  
Disponível em: <https://crqsp.org.br/2022-ano-internacional-do-vidro/>  
Acesso: 22 set. 2023.

CORDEIRO, Sandra Zorat. Plumeria rubra L.. 2019. Herbário Prof. Jorge Pedro Pereira Carauta – HUNI - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. © 2000-2024. Disponível em:  
<http://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/plumeria-rubra-l>

Acesso: 22 ago. 2023.

Diário Popular. Disponível em:

<https://www.diariopopular.com.br/opiniaio/um-pioneiro-na-producao-de-farmacos-150097/#:~:text=Por,%C3%A9poca.>

Acesso: 25 jan. 2023.

Faculdade de Medicina da Bahia. Disponível em:

<http://www.fameb.ufba.br/institucional/historico>

Acesso: 13 jun. 2023.

Glassmaking & Glassmakers. Glassmaking - Makers Marks. Disponível em:

<https://sha.org/bottle/glassmaking.htm>

Acesso: 05 ago. 2023.

Glassmaking & Glassmakers. Glassmaking - Fabricação de vidro - Marcas de fabricantes. Disponível em:

<https://sha.org/bottle/glassmaking.htm>

Acesso: 05 ago. 2023.

Horto Didático de Plantas Medicinais do HU/CCS, 2023. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em:

<https://hortodidatico.ufsc.br/artemisia-chinesa/>

Acesso: 13 jun. 2023.

INSTITUTO DE PESQUISAS ENERGÉTICAS E NUCLEAR – IPEN. 1845: Nascia Wilhelm Conrad Röntgen, descobridor do raio X. Disponível em:

[https://www.ipen.br/portal\\_por/portal/interna.php?secao\\_id=40&campo=11902#:~:text=Objeto%3A-](https://www.ipen.br/portal_por/portal/interna.php?secao_id=40&campo=11902#:~:text=Objeto%3A-)

Acesso: 9 mai. 2024.

JOHN F. HENRY, CURRAN & Co.. Catálogo de 1875. Disponível em:

[http://www.hairraisingstories.com/Products/ORIENTAL\\_HT.html](http://www.hairraisingstories.com/Products/ORIENTAL_HT.html)

Acesso: 30 jul. 2023.

Limédia Galeries. Bibliotecas de Nancy, P-FG-ES-04027. Disponível em:

<https://galeries.limedia.fr/ark:/31124/dh2b01jp1dg6gqb4/>

Acesso: 15 jul. 2023.

MEMÓRIA DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA – MAPA. Arquivo Nacional. Carta de licença da Fisicatura-Mor, 1824. Arquivo Nacional, Fundo Fisicatura-Mor, caixa 480, pac. 4. Disponível em:

<http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/182-fisico-mor-fisicatura-mor-do-reino-estado-e-dominios-ultramarinos>

Acesso: 7 mar. 2023.

Museu da vida – FIOCRUZ. Disponível em:

<https://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/noticias/2011-objeto-em-foco-aparelho-de-pneumotorax>

Acesso: 10 mai. 2024.

Olhares sobre Pelotas. Disponível em:

[https://www.facebook.com/Olharessobrepelotas?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/Olharessobrepelotas?locale=pt_BR)

Acesso: 27 de jan. 2024.

Paulino Netto A, Porto J, Santos OR. History of the National Academy of Medicine. *Acta Medica Misericordiae* 2004; 7 (1):7-10. Disponível em:

<http://www.actamedica.org.br/publico/noticia.php?codigo=290>

Acesso: 13 jun. 2023.

PERUCHI, Amanda. (FFLCH/USP). A Farmácia no Brasil do Século 19: Entre o Farmacêutico e o Medicamento Organização: Grupo de Pesquisa Khronos: História da Ciência, Epistemologia e Medicina. Mediador: Gildo Magalhães dos Santos (CHC e IEA/USP). Evento público. Evento com transmissão em: <http://www.iea.usp.br/aovivo>

PicClik. SIROP HENRY MURE - Bromure de potassium pharmacie publicite advert 1900. Disponível em:

<https://picclick.fr/SIROP-HENRY-MURE-Bromure-de-potassium-pharmacie-166510312759.html>

Acesso: 15 jul. 2023.

Porto Editora – lith no Dicionário infopédia de Inglês - Português [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2024-05-13 21:59:56]. Disponível em:

<https://www.infopedia.pt/dicionarios/ingles-portugues/lith>

Acesso: 13 mai. 2024.

Printi Blog. © 2024 - Printi - CNPJ 13.555.994/0001-54. Disponível em:

<https://www.printi.com.br/blog/aprenda-mais-sobre-tipografia>

Acesso: 24 jun. 2024.

SILVA, Arthur Victória. **História do Capão do Leão.**

Disponível em: <http://capaodoleao.blogspot.com/2006/08/>

Acesso: 18 abr. 2023.

Society for Historical Archaeology. **Glassmaking and Glassmakers Page.** Disponível em: <https://sha.org/bottle/glassmaking.htm>

Acesso: 28 out. 2023.

SOTRATTI, Marcelo Antonio. **Revitalização.** Verbete. Dicionário do Patrimônio Cultural – IPHAN. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/58/revitalizacao>

Acesso: 15 mar. 2022.

Tailor Brands. ©2024 Copyright Tailor Brands. Disponível em:

<https://www.tailorbrands.com/pt-br/blog/tipos-de-fontes#:~:text=Fontes%20serifadas&text=A%20palavra%20%E2%80%9Cserifa%E2%80%9D%20refere%2D,%C3%A0s%20letras%20como%20elementos%20decorativos.>

Acesso: 24 jun. 2024.

TOPVIEW – Grupo RIC.COM.BR. Disponível em: <https://topview.com.br/estilo/museu-do-doce-pelotas/>  
Acesso: 01 jul. 2024.

## **Jornais**

A Alvorada – Periodico, Literario, Noticioso e Critico. Jan., fev., mai., set., out., nov., dez., 1950. Acesso banco dados Biblioteca Pública Pelotense. Disponível em: <http://acervobibliotheca.com.br/pesquisa?page=17>  
Acesso: 02/09/2023.

A Alvorada – Periodico, Literario, Noticioso e Critico. Mar., abr., mai., jun., jul., ago., set., nov., dez., 1949. Acesso banco dados Biblioteca Pública Pelotense. Disponível em:  
<http://acervobibliotheca.com.br/pesquisa?page=17>  
Acesso: 02/09/2023.

A Alvorada – Periodico, Literario, Noticioso e Critico. Jan., fev., mar., 1948. Acesso banco dados Biblioteca Pública Pelotense. Disponível em:  
<http://acervobibliotheca.com.br/pesquisa?page=17>  
Acesso: 02/09/2023.

A Alvorada – Periodico, Literario, Noticioso e Critico. ANO XL. Jan., mar., abr., mai., ago., set., nov., dez., 1947. N. 38. p. 10  
p. 4 - Edição 00001 (1). Disponível em:  
<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=W00026&pasta=ano%20193&pesq=Unicum&pagfis=1358>  
Acesso: 02/09/2023.

A Alvorada – Periodico, Literario, Noticioso e Critico. ANO XXXVII de 5 maio 1944. N. 1  
p. 4 - Edição 00001 (1). Disponível em:  
<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=W00026&pasta=ano%20193&pesq=Unicum&pagfis=1358>  
Acesso: 03/04/2024.

A Alvorada – Periodico, Literario, Noticioso e Critico. Jan., fev., abr., mai., jun., ago., set., 1935. Acesso banco dados Biblioteca Pública Pelotense. Disponível em:  
<http://acervobibliotheca.com.br/pesquisa?page=17>  
Acesso: 03/09/2023.

A Alvorada – Periodico, Literario, Noticioso e Critico. Jan., fev., abr., mai., jul., ago., set., out., nov., dez., 1934. Acesso banco dados Biblioteca Pública Pelotense. Disponível em:  
<http://acervobibliotheca.com.br/pesquisa?page=17>  
Acesso: 03/09/2023.

A Alvorada – Periodico, Literario, Noticioso e Critico. Jan., abr., mai., jul., out., dez., 1933. Acesso banco dados Biblioteca Pública Pelotense. Disponível em:  
<http://acervobibliotheca.com.br/pesquisa?page=17>

Acesso: 03/09/2023.

A Alvorada – Periodico, Literario, Noticioso e Critico. Jan., abr., mai., dez., 1932. Acesso banco dados Biblioteca Pública Pelotense. Disponível em: <http://acervobibliotheca.com.br/pesquisa?page=17>  
Acesso: 03/09/2023.

A Alvorada – Periodico, Literario, Noticioso e Critico. Nov., dez., 1931. Acesso banco dados Biblioteca Pública Pelotense. Disponível em: <http://acervobibliotheca.com.br/pesquisa?page=17>  
Acesso: 03/09/2023.

A Alvorada – Periodico, Literario, Noticioso e Critico. ANO XXXVII de 19 mai. 1949. N. 1 p. 5 - Edição 00001 (1). Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=W00026&pasta=ano%20193&pesq=Unicum&pagfis=1358>  
Acesso: 03/04/2024.

A Alvorada – Periodico, Literario, Noticioso e Critico. ANO XL de 7 setembro 1947. N. 38. p. 10 p. 4 - Edição 00001 (1). Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=W00026&pasta=ano%20193&pesq=Unicum&pagfis=1358>  
Acesso: 02/09/2023.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - (Porto Alegre). Ano 1895\Edição 00102 (1). BNDigital.

A Federação (RS), Anno XI – Porto Alegre, 8 de maio de 1894, N. 105”. Edição 00105, página 2/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916. Consultado em 19 de fevereiro de 2024.

A Federação (RS), Anno XI – Porto Alegre, 8 de junho de 1894, N. 132”. Edição 00132, página 3/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916. Consultado em 19 de fevereiro de 2024.

A Federação (RS), Anno X – Porto Alegre, 25 de maio de 1893, N. 118”. Edição 00118, página 2/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916.  
Consultado em 14 de fevereiro de 2024.

Jornal A Federação (RS), Anno X – Porto Alegre, 17 de fevereiro de 1893, N. 40”. Edição 00040, página 1/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916. Consultado em 21 de fevereiro de 2024.

A Federação (RS), Anno X – Porto Alegre, 25 de maio de 1893, N. 118”. Edição 00118, página 2/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916.  
Consultado em 14 de fevereiro de 2024.

A Federação, A. Orgam do Partido Republicano (RS). Porto Alegre, Nº 148, 1892. p. 3 - Coluna – Junta Commercial.

A Federação, A. Orgam do Partido Republicano (RS). Porto Alegre, Nº 199, 1892. p. 3 – Coluna – Junta Commercial.

A Federação – Orgam do Partido Republicano (RS), Anno I”, do nº 48 ao nº 300, abrangendo o período de 28 de fevereiro a 30 de dezembro de 1884.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937 (Porto Alegre). Ano 1895\Edição 00102 (1). Hemeroteca Digital Brasileira - BNDigital.

A Provincia, Anno XIV - número 169 de 1º de agosto de 1891 – Recife. Pernambuco. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=128066\\_01&pagfis=7852&url=http://memoria.bn.br/docreader#](http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=128066_01&pagfis=7852&url=http://memoria.bn.br/docreader#)

A Republica – Segunda epocca Anno II, Num. 317. Estado do Pará-Belem-Domingo, 15 de Março de 1891, P. 6

#### Fontes primárias

Pesquisa no Diário Popular com os exemplares da Biblioteca Pública Pelotense:

Diário Popular 11/10/1891 – Biblioteca Pública Pelotense – Acervo.

Diário Popular 16/10/1891 – Biblioteca Pública Pelotense – Acervo.

Diário Popular 18/10/1891 – Biblioteca Pública Pelotense – Acervo.

Diário Popular, 24 out., 1891 – Biblioteca Pública Pelotense – Acervo.

Diário Popular 25/10/1891 – Biblioteca Pública Pelotense – Acervo.

Diário Popular, 05 nov., 1891 – Biblioteca Pública Pelotense – Acervo.

Diário Popular 31/01/1892 – Biblioteca Pública Pelotense – Acervo.

Diário Popular 09/02/1892 – Biblioteca Pública Pelotense – Acervo.

Diário Popular, 23, mar., 1892 – Biblioteca Pública Pelotense – Acervo.

Diário Popular 18/10/1892 – Biblioteca Pública Pelotense – Acervo.

Diário Popular, em 11 de novembro de 1892 – Biblioteca Pública Pelotense – Acervo.

Diário Popular 17/11/1892 – Biblioteca Pública Pelotense – Acervo.

Diário Popular 20/12/1892 – Biblioteca Pública Pelotense – Acervo.

Diário Popular 08/07/1893 – Biblioteca Pública Pelotense – Acervo.

Diário Popular 02/12/1893 – Biblioteca Pública Pelotense – Acervo.

Diário Popular 13/02/1894 – Biblioteca Pública Pelotense – Acervo.

Diário Popular 26/05/1895 – Biblioteca Pública Pelotense – Acervo.

Diário Popular 23/06/1895 – Biblioteca Pública Pelotense – Acervo.

Diário Popular 30/04/1920 - pág, 04 – Biblioteca Pública Pelotense – Acervo.

Diário Popular 1922 - 08/04/1922 – Biblioteca Pública Pelotense – Acervo.

Jornal do Commercio (RJ), Anno 115 – Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1941, N. 17”. Edição 00016, página 10/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916. Consultado em 18 de fevereiro de 2024.

Jornal do Commercio (RJ), Anno 86 – Rio de Janeiro, 24 de maio de 1912, N. 144”. Edição 00XXX, página 13/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916. Consultado em 15 de fevereiro de 2024.

Jornal do Commercio (RJ), Anno 87 – Rio de Janeiro, 20 de maio de 1913, N. 139”. Edição 00XXX, página 19/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916. Consultado em 15 de fevereiro de 2024.

Jornal do Commercio (RJ), Anno 90 – Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1916, N. 228”. Edição 00XXX, página 7/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916. Consultado em 15 de fevereiro de 2024.

Jornal do Commercio (RJ), Anno 90 – Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1916, N. 264”. Edição 00264, página 14/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916. Consultado em 16 de fevereiro de 2024.

Jornal do Commercio (RJ), Anno 93 – Rio de Janeiro, 9 de maio de 1919, N. 127”. Edição 00127, página 19/republicado pela Biblioteca Nacional-Hemeroteca Digital Brasileira. 20 de setembro de 1916. Consultado em 15 de fevereiro de 2024.

Jornal do Commercio, Anno XVI, 28 de dezembro de 1841, N. 334).

### **Pedriódicos**

Revista Hygia – Acervo do Museu da História de Medicina do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Revista Mensal Popular de Medicina e Educação Sanitária – ano IV, Porto Alegre, 1930.

Revista Hygia: Revista Mensal Popular de Medicina e Educação Sanitaria – 1931 Anno IV, Ns. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12.

Almanach de Pelotas. Propaganda - Informações Uteis – Variedades. Direcção de FERREIRA & C. Offic. Typ. do Diario Popular, Pelotas. 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1922. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense.

Almanach de Pelotas. Propaganda - Informações Uteis – Variedades. Direcção de Florentino Paradedda. Typ. do Diario Popular, Pelotas. 1922, 1923, 1924, 1925, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930, 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1936. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense.

Almanach de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. IV Ano. Direcção de Ferreira & C. Pelotas: Officinas Typographicas do Diário Popular, 1916. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense.

Almanak Laemmert. Anuario & Commercial, industrial Agrícola, Profissional e Administrativo da República dos Estados Unidos do Brasil para 1921. São Paulo, 77º, v. 2.

Almanaque do Bicentenário de Pelotas. In: RUBIRA, Luís (org.). (Projeto LIC: Gaia Cultura & Arte). v. 2: Arte e Cultura. Textos de Pesquisadores e Imagens da Cidade. – Santa Maria/RS: PRÓ-CULTURA-RS. Gráfica e Editora Pallotti, 2014. p.: il. ISBN: 978-85-66303-01-8

Almanaque do Bicentenário de Pelotas. In: RUBIRA, Luís (org.) (Projeto LIC: Gaia Cultura Et Arte). v. 1: fac-símile da “Revista do 1º Centenário de Pelotas, 1912, João Simões Lopes Neto”, textos: PRO-CULTURA RS, Gráfica e Editora Palloti, 2012.

Boletim Informativo da Associação Comercial de Pelotas. Exportação pelo Porto de Pelotas de 16 a 22 do corrente. Out., 1937.

### **Bibliografia consultada**

AKERMAN, Mauro. **Introdução ao Vidro e sua Produção**. Escola do Vidro, 2013.

ALBUQUERQUE, Marcos. **Arqueologia Histórica, Arquitetura e Restauração**. Recife (UFPE), Clio Arqueologia, v.1, n. 8, 1992, 131-152.

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Nova Cultural, 1995.

ÁVILA, Cristiane Bartz de; RIBEIRO, Maria de Fátima Bento; RIBEIRO, Ângela Mara Bento. **História e Memórias: Traços de Territórios Negros em Pelotas/RS**. In: RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade. V. 04, ed. especial, artigo nº 776, fev., 2018.  
AZEVEDO,

BASILE, Marcelo O. N. O Império Brasileiro: Panorama Político. In: LINHARES, Maria Yedda (org.). **História Geral do Brasil** – 9 ed. – Rio de Janeiro: Campus, 1990.

BOSENBECKER, Patricia. **Uma colônia cercada de estâncias: a inserção de imigrantes alemães na colônia São Lourenço/RS (1857-1877)**. Pelotas: ed. UFPel, 2020. ISBN: 978-65-86440-20-1.

COMPANY, Zeli Teresinha. **Procurando bem todo mundo tem pereba: práticas e recursos de cura a partir da cultura material na Porto Alegre do século XIX (1815-1898)**. Orientador: Klaus Peter Kristian Hilbert. 2011. 284 f. Tese (Doutorado em História na Área de Concentração das Sociedades Ibéricas e Americanas) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

CONCEIÇÃO, Josuan Ávial da; CARVALHO, Magnólia dos Santos; RAMOS, Shana Monte Pereira; VIEIRA, Sidney Gonçalves. **Espaço e tempo na formação urbana de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7256771-Espaco-e-tempo-na-formacao-urbana-de-pelotas-rio-grande-do-sul-brasil.html>  
Acesso em: 11 de maio de 2023.

COUTINHO, Inês; ALVES, Luís Cerqueira; FERREIRA, Manuela. **Vidros de S. João de Tarouca: um enquadramento e as análises arqueométricas**. Revista Portuguesa de Arqueologia – volume 24 | 2021 | pp. 175–192.

DANTAS, F. **Caminhos de aprendizagem em medicina**. Med Online: Revista Virtual de Medicina. 1998;1(4). Disponível em: [http://www.medonline.com.br/med\\_ed/med4/caminhos.htm](http://www.medonline.com.br/med_ed/med4/caminhos.htm)  
Acesso em: 05 de junho de 2023.

DEETZ, James. In *Small Things Forgotten: The Archaeology of Early American Life*. Nova York: Anchor Press, 1977.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia científica**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2015.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia científica**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1985.

DUTRA, Francis A. **The practice of medicine in early modern Portugal**. In: KATZ, Israel J. (Ed.) *Libraries, history, diplomacy and the performing arts*, p. 159.

FAUSTO, Boris; 1994: 263-264. *Apud* VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Giampaolo. **História do Brasil**. São Paulo: Scipione, 1997, 306.

FREUD, Sigmundo S. **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico (1912-1914)**. Tradutor: Paulo César de Souza. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB].

GILL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2008.

GODOI, Bernardo Sollar; NOÉ, Sidnei Vilmar. **A morte de Deus, o pai da horda primeva e o interdito**. Reversos, Belo Horizonte, ano 40, n. 75. Jan/Jun. 2018, 73-82.

GOMES, Laurentino. **1889: Como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da Monarquia e a Proclamação da República no Brasil**. São Paulo: Globo, 2013.

GUTIERREZ, Ester Judite B.. **Barro e Sangue**: mão de obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777/1888). Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 2004.

INGOLD, Tim. **Evolução e vida social**. Tradutor: Adail Sobral. Petrópolis: Vozes, 2019.

LOCKHART, Bill, *et all*. **Manufacturer's Marks and Other Logos on Glass Containers**: New Mexico. Nottle Researck Group., 2014.

REVERBEL, Carlos. **Um capitão da Guarda Nacional**. Caxias do Sul: EDUCS, 1981.

RIBEIRO, Guilherme. **Espaço e técnica como estruturas do cotidiano**: capítulos Braudelianos da história do pensamento geográfico. Investigaciones Geográficas, Boletín del Instituto de Geografía, Universidad Nacional Autónoma de México. México, ISSN 0188-4611, Núm. 74, 2011, p. 58-73.

RIHA, Ortrun. Medicina dos humores e símbolos. In: Scientific American História 2: **A ciência na Idade Média**. São Paulo: Duetto Editorial, 2006, 52-57.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 34ª ed. Petrópolis, Vozes, 2007.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Tradutor: Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SKIDMORE, Thomas E.. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)**. Tradutor: Ismênia Tunes Dantas. 9ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SYMANSKI, Luis Cláudio Pereira. **Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

\_\_\_\_\_. **Grupos Domésticos e Comportamento de Consumo em Porto Alegre no Século XIX**: O Solar Lopo Gonçalves. Orientador: Arno Alvarez Kern, 1997. 232 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

TOMAZELLI, Luiz José ; VILLWOCK, Jorge Alberto. O Cenozóico no Rio Grande do Sul: Geologia da Planície Costeira. In: HOLZ, M.; DE ROS, L. F. (Eds.). **Geologia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CIGO/UFRGS, 2000, 375-406.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Giampaolo. **História do Brasil**. São Paulo: Scipione, 1997.

VIEIRA, Paola; SANTOS, Josiel dos; PAGANI, Hélen Bernardo; CAMPOS, Juliano Bitencourt. **Levantamento preliminar de bens de interesse histórico cultural de municípios situados ao norte do Lago Guaíba/RS**. Tubarão, Revista Memorare, v. 3, n. 3, set./dez., 2016, 202-226.

WEBER, Beatriz Teixeira. **Igreja, Homeopatia, Saúde: O olhar de João Pedro Gay no Rio Grande do Sul no século XIX**. ANPUH – XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2007.

LOCKHART, Bill, *et al.* **Mapa do site histórico de identificação e informações de garrafas de vidro**. Disponível em: <https://sha.org/bottle/websitemap.htm>  
Acesso: 18 fev. 2023.

LOCKHART, Bill, *et al.* **Manufacturer's Marks and Other Logos on Glass Containers: New Mexico**. Disponível em: <https://sha.org/bottle/websitemap.htm>  
Acesso: 18 fev. 2023.

## **Anexo**

## Anexo A – Quadro de atributos usados

<b>Denominação funcional</b>	Contentores de medicamentos			
<b>Morfologia do objeto</b>	Garrafa	Frasco	Pote	
<b>Atributos morfológicos</b>	Acabamento, Pescoço			
	Acabamento, Pescoço, Ombro			
	Acabamento, Pescoço, Ombro, Corpo			
	Base: se estende até o calcanhar, que é a borda curva onde a base vira para cima para formar o corpo.			
	Base, Corpo			
	Corpo - “Corpo Horizontal”: seção transversal horizontal do corpo; localizado em algum lugar entre a base e os ombros (ou seja, não inclui a seção transversal do pescoço).			
	Corpo, Base			
	Objeto Completo			
	Ombro			
	Ombro, Corpo			
	Ombro, Corpo, Base			
	Pescoço			
	Pescoço, Ombro			
	Pescoço, Ombro, Corpo			
Pescoço, Ombro, Corpo, Base				
<b>Forma do objeto</b>	Cilíndrico	Retangular	Oitavada	Oval (seção transversal do corpo)
	Quadrado	Sextavada	Não identificado	Circular (vedação)
<b>Flexão da forma (corpo)</b>	Cônico	Convexa	Abobadada	Sem - plano
<b>Coloração</b>	Amarelo: Qualquer faixa de amarelos claros a médios			
	Âmbar: marrom dourado médio			
	Ametista: roxo muito claro			
	Aqua: Azul esverdeado claro			
	Azul: Geralmente um azul cobalto profundo			
	Branco: Opaco, às vezes chamado de “vidro de leite”			
	Cinza/esfumado: de um tom cinza claro a um tom escuro, quase preto			

	Incolor: ou Transparente			
	Marrom: Inclui vidro moderno marrom escuro; não confunda com vidro âmbar, que é mais vermelho e de cor mais clara			
	Preta			
	Roxa			
	Verde-água			
	Verde-sálvia			
	Verde-escuro			
	Verde-oliva			
	Não identificável: Muito queimado, patinado ou alterado de outra forma para que a cor do vidro seja determinada			
<b>Dimensões da peça (cm)</b>	Altura	Largura	Comprimento	∅
<b>Tipo de vedação</b>	Chapinha metálica	Rolha	Tampa de borracha	
	Metálica rosqueada	Rolha de vidro	Vidro rosqueado (tampa)	
<b>Procedência</b>	Nacional	Estrangeira		
<b>Inscrição do produto</b>	Sim (reproduzir)	Não		
<b>Alterações pós deposicionais</b>	Sim (descrever)	Não		
<b>Integridade</b>	<50%	>50%		
<b>Reconstituição de forma</b>	Sim	Não		
<b>Fotografia</b>	Nomear			